

**UNIVERSIDADE DO ALGARVE**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

**FORMAÇÃO DE ADULTOS: ÉTICA E MORAL DOS COSTUMES**

**Interpretação a partir do estudo da obra “Fundamentação da Metafísica dos  
Costumes” de I. Kant, nos alunos do Ensino Recorrente**

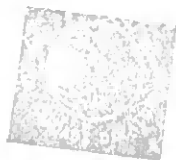
**Dissertação para a obtenção do grau de mestre em Ciências da Educação:  
Especialização em Educação e Formação de Adultos**

**Júlia Maria Brito Lourenço Marcos Viçoso Ferreira**



**FARO**

**2006**



**UNIVERSIDADE DO ALGARVE**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

**FORMAÇÃO DE ADULTOS: ÉTICA E MORAL DOS COSTUMES**

**Interpretação a partir do estudo da obra “Fundamentação da Metafísica dos  
Costumes” de I. Kant, nos alunos do Ensino Recorrente**

**Dissertação para a obtenção do grau de mestre em Ciências da Educação:  
Especialização em Educação e Formação de Adultos**

**Júlia Maria Brito Lourenço Marcos Viçoso Ferreira**

**FARO**

**2006**

3526T.

\*  
21 06 06 66377

274.7  
FER\* F07

1

**Júlia Maria Brito Lourenço Marcos Viçoso Ferreira**

**Departamento: Ciências da Educação**

**Orientadora: Professora Doutora Teresa Pires Carreira**

**Data: 13-02-2006**

**Título da Dissertação:**

**FORMAÇÃO DE ADULTOS: ÉTICA E MORAL DOS COSTUMES**

**Interpretação a partir do estudo da obra “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” de I. Kant, nos alunos do Ensino Recorrente”**

**Júri:**

**Professor Doutor Fernando Ribeiro Gonçalves**

**Professora Doutora Teresa Pires Carreira**

**Professor Doutor João Dias das Neves**

## DECLARAÇÃO:

Para os devidos efeitos, declaro que esta Dissertação, da qual sou autora, intitulada “FORMAÇÃO DE ADULTOS: ÉTICA E MORAL DOS COSTUMES - Interpretação a partir do estudo da obra “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” de I. Kant, nos alunos do Ensino Recorrente”, é original.

Júlia Maria Brito Lourenço Marcos Viçoso Ferreira.

**Júlia Maria Brito Lourenço Marcos Viçoso Ferreira**

...Toda a verdade filosófica é uma verdade existencial, a mais demonstrável e a de menor fundamento, porque o fundamento está na sua indemonstrabilidade primeira, aí onde os “princípios” são isso mesmo – princípios-base sem outras bases, fundamentação primeira e indemonstrável.

Vergílio Ferreira (1983:408).

...Duas coisas enchem o ânimo de admiração e veneração sempre novas e crescentes, quanto mais frequentemente e com maior assiduidade delas se ocupa a reflexão: *o céu estrelado sobre mim e a lei moral em mim*. Não as hei-de procurar e simplesmente presumir a ambas como envoltas em obscuridades ou no transcendente, fora do meu horizonte; vejo-as perante mim e religo-as imediatamente com a consciência da minha existência.

Kant (1985b:183).

...O verdadeiro “Mestre” é, em primeiro lugar, *mestre de si mesmo*, guiando o processo educativo como a sua própria vida, encaminhando-o responsabilmente para o caminho da liberdade e da autonomia, valorizando as diferenças e a alteridade de cada um.

Carreira e Bastos (2003:51).

## **Agradecimentos:**

A todos aqueles que directa ou indirectamente estiveram ao meu lado, dando-me apoio e incentivando-me para que este estudo tivesse sido concluído.

À Professora Doutora Teresa Pires Carreira pela amizade, apoio, disponibilidade, confiança e partilha de ideias estimulantes, depositadas durante a realização deste trabalho.

Às minhas colegas de Mestrado pela comunicação, amizade, disponibilidade, troca de ideias e de material bibliográfico.

A todos os alunos e professores que colaboraram e se disponibilizaram a participar neste estudo.

Ao Conselho Executivo da Escola Secundária Tomás Cabreira, onde lecciono, as facilidades concedidas para a execução deste trabalho.

À Fátima Vargues, pela ajuda prestada na tradução do resumo.

À Maria Eugénia de Jesus, pelo apoio e disponibilidade preciosos no processamento e lançamento dos dados no programa SPSS, e também ao longo de todo o trabalho.

À Dilénia, sem a qual eu não teria tido conhecimento do Mestrado.

A todas as minhas amigas, pela paciência com que me ouviram e acompanharam durante todo este tempo.

Ao meu marido, pelo acompanhamento, ajuda e apoio.

Aos meus filhos, Daniela e Adriano, pois foram eles que mais sentiram a minha ausência e falta de atenção.

## RESUMO:

A disciplina de Filosofia no Ensino Recorrente pretende ser, nas suas unidades finais, uma abordagem a obras de filósofos de três épocas determinadas, cujo estudo contempla a formação e a reflexão crítica. Mas a Filosofia não é apenas uma disciplina de cariz teórico e reflexivo, sendo determinante que essas capacidades que se aprendem e interiorizam, possam reflectir-se no comportamento e na acção real de cada pessoa. Assim se torna determinante nesta disciplina específica, que as aprendizagens teóricas possam transparecer na prática e assim alicerçar a conduta moral de cada indivíduo.

No Ensino Recorrente nocturno terminal, é estudada a obra de Immanuel Kant, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Sendo essa uma obra de cariz moral e ético, porventura de aplicação política, considerámos interessante verificar a aplicabilidade dos conteúdos da mesma, na vida e na acção prática de cada aluno adulto. Foi nossa intenção analisar se os conceitos da obra podiam ser transpostos para a realidade actual e se os alunos, ao estudarem a obra, os aplicam na sua vida prática e nas experiências de todos os dias. Pretendíamos verificar se existia ou não actualidade e necessidade nos referidos conceitos e se os mesmos podiam ser aplicados na vida de cada aluno.

Assim, de acordo com as finalidades da pesquisa, utilizámos instrumentos de recolha de dados (entrevistas a professores, questionário e questões abertas aplicados aos alunos) para diagnosticar a capacidade de aplicação da mesma à realidade prática dos alunos que a estudam, sendo esses, alunos adultos de escolas secundárias no Algarve.

**Palavras-chave:** educação de adultos, formação, filosofia, ética, moral, interacção-acção.

## ABSTRACT:

Philosophy for adult education tends to be, in its final chapters, a study of the philosophers' works during three distinct periods, and this study aims at the formation and development of a critical viewpoint. But Philosophy is not only a theoretical and reflexive subject, it is important that those capacities are learnt and interiorized so that they may be noticed in the individual's behaviour and actions. It is necessary for this specific subject, that the theoretical content be put in practice so to build upon the moral conduct of each individual.

For evening adult classes, one studies the works of Immanuel Kant, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. It is a moral and ethical work, also of political character, we consider it interesting to view the applicability of these contents in the lives and practical actions of each adult student. It was our intention to analyse if the terms could be transported to today's reality and if the students, through their personal study of the ideological terms, do put them in practise in their lives and in the daily actions. We meant to verify if these terms were updated and necessary and if they had practical application for the students.

In accordance with the aims of the investigation, we used instruments to gather data (interviews to teachers, questionnaires and open questions to students) to diagnose its applicability capacity to reality of the students that study it, those students are from the secondary school of the Algarve.

**Key words:** adult education, formation, philosophy, ethics, moral, interaction-action.

## ÍNDICE GERAL

Índice de Quadros .....	xii
Índice de Anexos .....	xiii

INTRODUÇÃO .....	1
------------------	---

### **PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

#### **CAPÍTULO I – EMERGÊNCIA E JUSTIFICAÇÃO DO ESTUDO**

1.1. Formulação do problema .....	9
1.2. Delimitação do problema .....	13
1.3. Objectivos do estudo .....	18
1.4. Importância do estudo .....	21

#### **CAPÍTULO 2 – CONCEPÇÕES IMPLÍCITAS - A “FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES” E A EDUCAÇÃO DE ADULTOS**

2.1. Complexidade dos conceitos estudados .....	24
2.2. Moral e Ética – diferenças e similaridades .....	29
2.3. A Lei Moral: o fundamento da acção prática – conceitos extraídos da obra .....	32
2.4. Educação de Adultos, moral e ética .....	36

## **CAPÍTULO 3 – A ÉTICA DE KANT E A ÉTICA ACTUAL**

3.1 – Ensino e aprendizagem da Filosofia na idade adulta .....	40
3.2 – A importância do ensino e aprendizagem da Filosofia na sociedade actual	42
3.3 – Da ética kantiana à ética actual .....	45
3.4 – Para uma ética do futuro - concepções implícitas .....	52

## **PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO**

### **CAPÍTULO 4 – PROCESSOS METODOLÓGICOS DO ESTUDO EMPÍRICO**

4.1. Enquadramento metodológico do estudo e objectivos .....	57
4.2. Universo do estudo empírico .....	59
4.3. Hipóteses em estudo .....	59
4.4. Variáveis em estudo .....	60
4.5. Os instrumentos: construção, descrição e validação .....	61
4.5.1. Procedimentos metodológicos .....	62
4.5.2. População e amostra .....	63
4.5.3.1. As entrevistas exploratórias aos professores .....	65
4.5.3.2. O Pré-Questionário .....	68
4.5.3.3. A construção do questionário .....	69
4.5.3.4. A aplicação do questionário .....	73

4.5.3.5. As questões abertas de tratamento qualitativo .....	74
4.6. Recolha, codificação e tratamento dos dados .....	76
4.6.1. Os dados quantitativos .....	77
4.6.2. Os dados referentes às questões de tratamento qualitativo .....	78

## **CAPÍTULO 5 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

5.1. Aplicação e discussão das entrevistas exploratórias aos professores e tratamento dos dados obtidos .....	80
5.2. Os temas presentes nas entrevistas exploratórias .....	82
5.2.1. Experiência na análise e estudo da obra .....	83
5.2.2. Educação de Adultos e estudo da obra .....	84
5.2.3. Estratégias na educação de adultos .....	88
5.2.4. Interesse dos alunos no estudo da obra .....	93
5.2.5. Reacção aos conceitos encontrados na obra (dificuldade ou facilidade na sua apreensão) .....	95
5.2.6. Apreensão que os alunos fazem da intenção e fundamentos da obra .....	97
5.2.7. Moral e ética para os alunos .....	99
5.2.8. Aplicação e interesse dos conceitos da obra na actualidade .....	102
5.3. Análise e discussão dos assuntos apresentados aos alunos nas questões de índole qualitativa .....	105
5.3.1. O primeiro momento: aplicação de questões abertas antes do estudo da obra .....	105
5.3.1.1. As respostas à primeira questão – as categorias encontradas .....	106

5.3.1.2. A multiplicidade de perspectivas do conceito “Ética” por parte dos alunos .....	114
5.3.1.3. Os exemplos de situações éticas dados pelos alunos antes do estudo da obra .....	115
5.3.1.4. As respostas à segunda questão – as categorias encontradas.....	117
5.3.2. O segundo momento: as questões abertas aplicadas durante o estudo da obra .....	126
5.3.2.1. As respostas à primeira questão .....	127
5.3.2.2. As respostas à segunda questão .....	137
5.3.2.2.1. É possível estabelecer correspondência entre a obra e a actualidade .....	137
5.3.2.2.2. Não é possível estabelecer correspondência entre a obra e a actualidade .....	139
5.3.2.2.3. Pode haver uma certa viabilidade entre a obra e a actualidade, embora muito difícil de reconhecer .....	141
5.3.3. O terceiro momento: as questões posteriores ao estudo da obra .....	141
5.3.3.1. As respostas à primeira questão .....	143
5.3.3.2. As respostas à segunda questão .....	147
5.4. Aplicação do questionário e recolha dos dados .....	151
5.4.1. Codificação e tratamento dos dados .....	152
5.4.2. Análise da pergunta aberta do questionário (questão número 12) .....	160

## **CAPÍTULO 6 – ANÁLISE DESCRITIVA E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS**

6.1. Descrição da análise e da consistência dos resultados .....	162
6.2 – Importância e limitações do estudo .....	163
6.3 – Implicações do estudo .....	164
6.4 – Sugestões para investigações futuras .....	164
6.5 – Considerações finais .....	164

<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	166
---------------------------	-----

<b>ANEXOS</b> .....	1 a 61
---------------------	--------

## ÍNDICE DE QUADROS

<b>QUADRO:</b>	<b>Página:</b>
1. Características dos participantes nas entrevistas exploratórias	67
2. Intenções e objectivos das questões de tratamento qualitativo	76

## ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO 1 - Guião da Entrevista aos Professores .....	2
ANEXO 2 - Questionário aplicado aos Alunos .....	5
ANEXO 3 a - Questões a aplicar aos alunos antes do estudo da obra “FMC” .....	11
ANEXO 3 b - Questões a aplicar aos alunos durante o estudo da obra “FMC” .....	12
ANEXO 3 c - Questões a aplicar aos alunos após o estudo da obra “FMC” .....	13
ANEXO 4 - Relação entre os conceitos presentes na “FMC” e a problematização apresentada pelos professores entrevistados .....	14
ANEXO 5a - Respostas dadas pelos alunos antes do estudo da obra: 1ª Questão – definição de Ética .....	19
ANEXO 5b - Respostas dadas pelos alunos antes do estudo da obra: 1ª Questão – exemplo de comportamentos éticos .....	23
ANEXO 5c - Respostas dadas pelos alunos antes do estudo da obra: - 2ª Questão: definição de Moral .....	26
ANEXO 6a - Respostas dadas pelos alunos durante o estudo da obra: a 1ª Questão ...	31
ANEXO 6b - Respostas dadas pelos alunos durante o estudo da obra: a 2ª Questão ...	36
ANEXO 7a - Respostas dadas pelos alunos após o estudo da obra: a 1ª Questão .....	41
ANEXO 7b - Respostas dadas pelos alunos após o estudo da obra: a 2ª Questão .....	44
ANEXO 8 - Dados referentes aos resultados do Inquérito por questionário aplicados aos alunos: as Tabelas .....	48
ANEXO 9 - Categorias encontradas nas respostas obtidas à questão aberta do questionário (a questão nº 12) .....	58

## INTRODUÇÃO

... A educação é permanente não porque certa linha ideológica ou certa posição política ou certo interesse económico o exijam. A educação é permanente na razão, de um lado da finitude do ser humano, de outro, da consciência que ele tem da sua finitude. Mais ainda, pelo facto de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza “não apenas saber que vivia mas saber que sabia e, assim, saber que podia saber mais (Freire, 1993:20).

A Educação de Adultos apresenta-se como uma prioridade e uma necessidade, fundando-se em objectivos que interligam a experiência e o conhecimento de vida com as aprendizagens posteriores. Através dela, enquadram-se comportamentos e preocupações, numa síntese totalizadora e abrangente. Tal processo permanece sempre incompleto, levando o indivíduo a acumular e a intercalar cada vez mais conhecimentos, apenas terminando com a sua própria vida.

Como realça Paulo Freire, a educação deve ser permanente, porque a vida humana é uma procura constante de aperfeiçoamento e de melhoria que, contudo, nunca se atingem, devido à finitude e aos condicionalismos, que fazem de cada pessoa um ser limitado ao tempo e à época em que vive. Os condicionalismos podem ser ultrapassados, mas não a finitude, pois essa permanece como qualidade intrínseca de qualquer ser vivo. É graças a uma atitude aberta, crítica e abrangente perante o saber e o conhecimento, que se ultrapassam as limitações culturais, económicas e também a ignorância, as discriminações e os preconceitos.

É nossa convicção que a Educação de Adultos deve ser uma componente presente em qualquer sociedade democrática. Graças a ela, as pessoas tornam-se realmente pessoas,

adquirem consciência plena do seu valor e das suas realizações, adquirem competências e lutam por elas. Não é só a educação formal e a não formal que se tornam importantes neste contexto, mas é também a educação informal que ganha importância e peso, porque se estabelece tendo em conta as experiências e as vivências das pessoas e também o que estas fizeram de livre escolha, acentuando assim os seus valores e preferências, motivações e interesses.

Para que haja Educação de Adultos em moldes acessíveis para todos, torna-se necessário construir políticas eficazes para tal efeito, que possam efectivamente proteger e motivar os aprendentes e lhes permitam um acesso pleno e integrado ao saber. Em tal processo, não devem ser esquecidos os saberes anteriores dessas pessoas e que são decorrentes da vida e das “experiências feitas”. Tais conhecimentos<sup>1</sup> têm muita importância no modo como aprendem, nas motivações que posteriormente revelam, podendo ser impulsionadores de futuras aprendizagens.

Já Kant, na época do Iluminismo, considerava o Homem apenas como pessoa quando este era capaz de realizar acções morais, definindo-as como resultantes de um imperativo categórico “*Age como se a máxima da tua acção se devesse tornar, pela tua vontade, em lei universal da natureza*” (1995a:59). A Educação fazia parte dessa capacidade humana, pois só através do acesso a ela, o homem podia reconhecer em si a acção moralmente responsável que era convertida em lei universal e o tornava num ser digno, numa pessoa. Só através da Educação, podia o Homem tornar-se autenticamente uma pessoa, ser o dono dos seus actos e das suas decisões, ver-se responsável pelo seu comportamento e pelas suas atitudes; só através dela, ele se conseguia desligar dos laços e das dependências que o escravizavam e tornavam dependente dos outros.

---

<sup>1</sup> A este propósito, apresenta Silvestre: “(...) cada vez mais, a (in)formação e a transmissão de saberes se dão e actualizam em muitas outras instâncias, com as quais a escola, se não atentar noutras formas de educação e formação, dificilmente poderá competir” (2003:47).

A Declaração de Hamburgo (1997) torna essa necessidade indispensável e cada vez mais urgente, numa sociedade em transformação e em mutação permanente como é a nossa:

... Os objectivos da educação (...) dos adultos, considerada como um processo que decorre durante toda a vida, consistem em desenvolver a autonomia e o sentido de responsabilidade das pessoas e das comunidades, em reforçar a capacidade de fazer face às transformações da economia, da cultura e da sociedade no seu conjunto, em promover a coexistência, a tolerância e a participação consciente e criativa dos cidadãos na sua comunidade (...) permitir que as pessoas e as comunidades assumam o controlo do seu destino e da sociedade para enfrentarem os desafios do futuro (§ 5:16).

Se a Educação de Adultos se apresenta como uma necessidade tão absoluta quanto imperativa e inadiável, tem a disciplina de Filosofia um papel único e predominante neste processo. A dimensão crítica, interrogativa, questionadora e sempre incompleta de que a actividade filosófica se reveste, é determinante no processo de construção e desenvolvimento de qualquer ser humano. Ao mesmo tempo, a Filosofia permite o desenvolvimento de capacidades cognitivas fundamentais, tais como as de análise, de síntese e de crítica, tão necessárias a qualquer reflexão sobre a realidade e a dimensão problematizadora da vida humana.

É referente a uma das obra de Kant e à sua aprendizagem na idade adulta, a “Fundamentação da Metafísica dos Costumes”<sup>2</sup>, que se pretende desenvolver este trabalho. Essa obra é estudada no Ensino Recorrente, na disciplina de Filosofia, por alunos adultos com o objectivo de terminar a 9ª unidade e aceder à 10ª. Só através da conclusão da 10ª unidade é que os alunos terminam o décimo segundo ano.

Um dos objectivos que se pretende com este estudo, é o de verificar se o conhecimento da obra, embora sendo de cariz obrigatório, permite (ou não) alterar os comportamentos, as atitudes, distinguir e apresentar outras formas de ver a realidade,

---

<sup>2</sup> Devido ao facto de a obra fundamental de questionamento neste estudo ser a *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, sempre que nos referirmos à mesma, utilizaremos as iniciais do seu título: FMC.

valorizar a importância dos conceitos apresentados pelo autor e transplantá-los para a actualidade. Sendo os alunos adultos, os sujeitos visados com esta análise, pretende-se saber em que medida as suas vidas e os seus comportamentos podem ser ou não alterados com o estudo e a aquisição dos conteúdos da obra. Pretende-se aqui analisar e desenvolver a ideia da possibilidade de alteração dos comportamentos e de fundamentação de novas aprendizagens, com base no estudo da referida obra<sup>3</sup>.

Existirá alteração de atitudes, será possível a modificação das posturas perante a ética e a moral, após a leitura e o estudo da obra? O que muda nas pessoas que a estudam? Será possível verificar alguma alteração nos comportamentos dessas pessoas?

Ao estudar um autor do século XVIII, o aluno conseguirá desvincular-se do contexto temporal em que ela foi escrita e projectar na actualidade as problemáticas apresentadas? Apesar da época deste autor ser diferente, não será o seu conteúdo eternamente actual? Será ou não pertinente falar em ética e em comportamento moral, independentemente da altura em que uma obra foi escrita?

Numa ocasião em que tanto se fala da necessidade em rever noções éticas, em alicerçar atitudes de respeito para com os outros e para com a natureza, num tempo em que os valores éticos se assumem como urgentes e indissociavelmente relacionados com os aspectos da cidadania e do comportamento prático de cada indivíduo, que actualidade pode ter uma obra cuja conteúdo enraíza no comportamento desejável do ser humano e na procura de universalidade desse mesmo comportamento?

Se a Ética está presente em qualquer época e em qualquer contexto, também se encontra articulada com a Educação. A Ética e a Educação entroncam-se, enraízam

---

<sup>3</sup> Mesmo que tais alterações não possam ser visíveis devido à óbvia dificuldade da ocorrência de tais modificações. Ainda assim, a possibilidade de os alunos reflectirem sobre tal possibilidade e de a obra e os seus conceitos poderem efectivamente exercer um repensar de atitudes e de valores, é já determinante neste nosso estudo.

uma na outra, dão-se as mãos no sentido da melhoria e da transformação das pessoas em seres humanos melhores e mais conscientes<sup>4</sup>. Assim sendo, nesta relação entre ética e educação, o que é mais importante para a formação dos alunos? Que apreensão da Ética é que os alunos adultos podem encontrar no estudo ou na reflexão acerca deste autor? São estas e outras, todas relacionadas com a mesma problemática e temática, as questões a que pretendemos responder com este trabalho.

A reflexão e o estudo que merecem os aspectos educacionais dizem respeito às Ciências da Educação, onde este Mestrado se encontra integrado. A importância das Ciências da Educação no estudo, desenvolvimento, aplicação e reflexão acerca da educação é um campo em expansão, cuja necessidade é inquestionável. Referindo Carreira & Tomé: *“C’est à mesure que la question éducative est devenue plus complexe et plus importante pour le développement des peuples, qu’un nouveau champ scientifique s’est construit, celui des sciences d’éducation”* (1998:134).

Com esta tentativa de aproximar a obra de um autor do século XVIII à noção de humanidade em geral, a qual diz respeito a qualquer época e por isso mesmo é intemporal, tem-se a noção das limitações sempre presentes e das dificuldades que se podem interpor entre os objectivos que se pretendem e a sua concretização.

O ser humano constrói-se e complementa-se na realidade das acções concretas do dia-a-dia e do presente, mas também na vida prática e na reflexão moral e ética que o podem definir e ajudar a explicar. Nessa construção permanente e contínua, tudo fica sempre por acabar, por definir, por construir. Também a educação e a formação são

---

<sup>4</sup> “(...) a dignidade do profissional encontra-se totalmente ligada à sua consciência e comportamento deontológicos, os quais, e esse é o fulcro do argumento, enformarão directamente a consciência e o comportamento científico e pedagógico. Um docente mais ético será, certamente, um melhor cientista e um melhor pedagogo” (Cunha, 1996:91).

projectos e desafios sempre incompletos, sempre insuficientes, face à imensidão do que fica por estudar, por aprender e por interiorizar.

Como refere Jaspers (1987) a Filosofia é uma caminhada constante, mas sempre incompleta, uma procura que não acaba, um avanço que jamais se encerra ou se delimita por completo. Desta forma, procuramos neste trabalho, articular Educação, Formação, Filosofia, Ética e Moral com o ser humano, que é a sua razão de ser e a justificação da sua procura<sup>5</sup>.

O ponto de partida destas reflexões acerca da actualidade e da necessidade da ética e da moral consiste nas considerações obtidas acerca do estudo e da análise da obra “Fundamentação da Metafísica dos Costumes”<sup>6</sup> (FMC).

Embora a totalidade da obra e da filosofia do seu autor, Immanuel Kant, seja muito mais vasta e complexa do que aqui se apresenta<sup>7</sup>, neste estudo, só se pretende desenvolver a repercussão dos aspectos morais e éticos, bem como a sua provável actualidade, a partir do estudo de uma das suas obras.

---

<sup>5</sup> A articulação entre estes conceitos está sempre presente no ser humano e na vida. Como é do ser humano que parte sempre essa necessidade, a de criar e de rever conceitos éticos, de construir formas de viver melhor e de se relacionar com os outros, consideramos indispensável a relação e a articulação entre estes conceitos.

<sup>6</sup> A primeira edição desta obra, na sua versão original, foi publicada no ano de 1785. Citando Brito (1994:10): “Durante a vida do seu autor, o livro teve mais três edições (1786, 1792 e 1797)”.

<sup>7</sup> É nossa intenção que este estudo seja acerca da influência desta obra (FMC) e deste autor (Kant) na educação dos alunos, quiçá nos seus comportamentos e atitudes. Não pretendemos desenvolver aspectos da filosofia ou de outras obras do autor que não estejam relacionados com os aspectos éticos e morais que aqui são tratados.

### **Plano do Trabalho:**

O trabalho aqui apresentado irá desenvolver-se em duas partes, sendo uma teórica e a outra empírica. Cada uma das partes é constituída por três capítulos, estando os mesmos, geralmente, subdivididos em subcapítulos.

Na primeira parte, respeitante ao enquadramento teórico e conceptual da nossa investigação, começamos por fazer uma formulação do problema e uma delimitação do mesmo, e por definir os objectivos e a importância do estudo (Capítulo 1).

No segundo e terceiro capítulos, procuramos levar a cabo uma tentativa de clarificação conceptual, de acordo com a revisão da literatura, em relação às características, funções e origem das concepções implícitas e procuramos fazer uma síntese de algumas influências teóricas da obra de Kant. Definimos ainda a relação entre a obra “FMC”<sup>8</sup> e a importância da moral e da ética no ser humano, realçando a importância desses conceitos na Educação e na Formação de Adultos. Considerámos importante relacionar a ética e a moral com a actualidade e frisámos a importância desses conceitos no panorama do pensamento actual<sup>9</sup>.

Na segunda parte do nosso trabalho, e concretamente no capítulo quarto, descrevemos de forma pormenorizada os diversos aspectos metodológicos que adoptámos para a nossa investigação empírica. Detalhamos os passos percorridos, as opções e questões centrais formuladas, relacionando-as com os objectivos centrais deste trabalho. Descrevemos a amostra, as variáveis em estudo, a criação dos diversos instrumentos da

---

<sup>8</sup> Segundo Brito (1994), considerando-se a divisão da obra de Kant em dois períodos, o pré-crítico e o crítico, esta obra (FMC) foi a primeira que o autor publicou, de uma forma sistemática sobre ética, no período crítico.

<sup>9</sup> Embora a ética e a moral de Kant incidam sobre o indivíduo, o ser racional, considerámos que seria interessante relacionar com a abordagem actual (sobretudo em Singer e Rachels) que articula tais conceitos com outras formas de vida que não apenas as humanas e também com o ambiente em geral.

nossa investigação, para obter e estudar as concepções dos alunos sobre o estudo da obra, a sua actualidade, a sua possível relação com a alteração dos comportamentos, a importância da ética e a provável aplicabilidade da ética e da moral na vida concreta de cada um deles.

No capítulo quinto, apresentamos as diferentes análises realizadas, nomeadamente os resultados qualitativos e quantitativos. Apresentamos os resultados obtidos, analisamos e interpretamos os dados recolhidos, discutindo-os e comparando-os. Dada a multiplicidade e riqueza dos dados recolhidos e a importância de que os mesmos se revestem, optámos por apresentar uma grande parte deles em anexos, devidamente numerados.

Por fim, no capítulo sexto, apresentamos as principais conclusões e as possíveis interpretações dos dados, referimos algumas limitações e contradições dos objectos em estudo, bem como as perspectivas para futuras investigações.

Se a Filosofia não se esgota em conceitos ou teorias, enriquecendo-se sempre a partir de novas problematizações e interpretações, da mesma forma julgamos que este estudo pode abrir perspectivas para outras investigações e sugerir diversas e múltiplas formas de tratar e de desenvolver os assuntos aqui focados<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Se a Filosofia e o ser humano são interrogação e problematização permanente, se a vida humana é incompleta, pois a cada momento se corrige e altera, também este estudo e estas reflexões encerram em si as mesmas limitações e condicionalismos.

## **PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

### **CAPÍTULO I – EMERGÊNCIA E JUSTIFICAÇÃO DO ESTUDO**

#### **1.1. Formulação do problema**

...Há (...) um imperativo que, sem se basear como condição em qualquer outra intenção a atingir por um certo comportamento, ordena imediatamente este comportamento. Este imperativo é **categórico**. Não se relaciona com a matéria da acção e com o que dela deve resultar, mas com a forma e o princípio de que ela mesma deriva; (...) Este imperativo pode-se chamar o imperativo **da moralidade** (Kant, 1995a:52).

Muitos dos temas da Filosofia são eternamente actuais, sendo reformulados e reactualizados através do tempo e das situações concretas da história e das condicionantes que lhe andam associadas. A Ética e a Moral são temas constantes em qualquer tempo e em qualquer espaço<sup>11</sup>. Se são diferentes as circunstâncias peculiares da vida das pessoas, as condições técnicas e os conhecimentos científicos, não o é assim tanto a natureza humana, a qual permanece, na sua essência, sempre tão semelhante, atravessando épocas, ultrapassando lutas e sobrevivendo a conflitos, numa eterna busca de melhoria, de continuidade e de superação. Também a educação é sempre actual, tão urgente e premente, que, qualquer reflexão sobre a sua necessidade, se articula intrinsecamente com a sua execução na prática e na acção.

---

<sup>11</sup> Podemos encontrar essa preocupação em qualquer análise da história da ética. Marques (2000:7) refere a necessidade da sua “Breve História da Ética Ocidental” da seguinte forma: “O livro pode interessar a todas as pessoas com curiosidade intelectual sobre os direitos humanos, as diferentes experiências éticas e as várias propostas acerca do que é a vida boa. Embora este livro não possa dar respostas para todos esses problemas, talvez ajude a dar a conhecer um passado e um presente muito ricos em propostas éticas”.

Ligar os conceitos de Moral e de Ética à Educação, torna-se tão indispensável como imperioso e absoluto, seja em que época for. As Ciências da Educação revestem-se também dessa dimensão, tão abrangente como actual, de se relacionarem e articularem com todos os outros campos aqui apresentados, cruzando-os com o papel do professor<sup>12</sup>. O facto de se tratar de Educação de Adultos, reforça a necessidade e a actualidade em aceder ao conhecimento, à formação e à informação. A Educação de Adultos revela esse aspecto tão urgente como indispensável da educação actual: apresentando-se como um processo que nunca termina, como um fio que jamais se esgota, mas se retoma sempre noutras aprendizagens, em continuidade, ao longo da existência.

A escolha deste tema deveu-se a essa actualidade, mas também à necessidade de repensar a Ética em algumas das suas variantes, como uma constante dos seres humanos, devendo estar presente em todos eles, tornando-se cada vez mais essencial e premente, em qualquer sociedade. Não é possível hoje ignorar a necessidade da Ética, apresentada nas suas múltiplas facetas, extensível a tantas áreas da realidade, tornando-se cada vez mais presentes, afirmando-se cada vez mais imperiosas e urgentes<sup>13</sup>.

A actualidade dos temas tratados na obra “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” é permanente, ainda que diferentes sejam os espaços em que as pessoas se movem, como diverso é o contexto emergente dos problemas e das situações existenciais. Ainda assim, são a Ética e a Moral elementos constantes e presentes em qualquer agrupamento humano, em qualquer sociedade. Se a linguagem da obra pode parecer hermética, antiquada ou quase indecifrável para certos alunos – a ajuizar pelas

---

<sup>12</sup> A este propósito citamos Carreira e Bastos: “O professor actual é um educador-instrutor-formador, a quem se lhe pede tudo: que tenha em mente a via profissional, mas que não esqueça os valores sociais, culturais e éticos” (2003:52).

<sup>13</sup> Actualmente as componentes ligadas à ética estendem-se a múltiplos campos da realidade, revelando a sua indispensabilidade e essencialidade, articulando-se, quer aos aspectos profissionais e deontológicos, quer à vida humana em geral.

respostas recebidas através de alguns dos inquéritos aplicados – não o é a temática apresentada para a grande maioria desses mesmos alunos, coincidindo todos na reflexão acerca da necessidade da ética e da moral, em qualquer sociedade.

No Diário da República, II Série, Colectânea de Legislação ANEFA (2002 – Actualização:115-120) onde se apresenta a “Análise da revisão curricular do ensino secundário”, é referida como determinante a necessidade de melhorar a aprendizagem, de articular nos alunos a necessidade de integrar a realidade e a vida nos conhecimentos, de desenvolver competências que possam ser articuladas e enquadradas na realidade.

Sendo a Ética uma necessidade e uma realidade, resultante da vivência dos indivíduos em sociedade, e dela decorrendo a existência de regras fundamentais a serem seguidas e repensadas por todos, o estudo desta obra reveste-se de grande importância. As características dos conceitos filosóficos nela apresentados dão-lhe actualidade, tornam-na essencial, mesmo imprescindível e necessária para a formação de qualquer indivíduo adulto.

Verificar qual é o nível de apreensão obtido pelos alunos que a estudam, bem como as aprendizagens (ou não) que daí resultam, apreender a sua possível correspondência na vida prática e na acção concreta de cada um deles, é o motivo desta investigação. A intenção é a de saber em que medida o estudo da obra de um filósofo de uma outra época, pode ser determinante e actual num curso terminal do ensino secundário. Tal estudo por parte dos alunos, corresponderá a uma etapa determinante para a passagem ao estágio seguinte, o último, a unidade 10<sup>14</sup>, e também à conclusão do Ensino Secundário<sup>15</sup>. Pretende-se verificar em que sentido pode tal estudo interferir com o

---

<sup>14</sup> Na unidade 10 do Ensino Recorrente antigo, é estudada a obra de Nietzsche, “A Origem da Tragédia”.

<sup>15</sup> Considera-se neste processo do Ensino Recorrente, que o Ensino Secundário fica terminado com a aprovação em exame, em momentos diferenciados, das três obras de autores de três épocas diferentes:

comportamento ou com as atitudes, com a capacidade crítica de cada aluno adulto e assim afectar (ou não) a conseqüente tomada de posição ou alteração de comportamentos.

O próprio Kant, além de filósofo, também foi um brilhante pedagogo durante toda a sua existência. Como refere Philonenko<sup>16</sup> in Kant (1996, 8ª edição:10, 11), o problema do ensino foi colocado por Kant no sentido da incoerência entre o conteúdo do que era estudado e as reais capacidades do aluno: seria inútil ensinar conteúdos e matérias que os alunos não conseguissem apreender, ou por não terem as capacidades desenvolvidas nesse sentido, ou por não terem ainda idade para entender e assimilar tais conteúdos. Por isso, a Filosofia era, para Kant, uma ocupação para a idade adulta, para quando essas capacidades de a assimilar e de reflectir sobre ela fossem plenas e completas, tornando-se também o próprio aluno capaz de filosofar.

Santos refere que, em Kant, a aprendizagem da Filosofia na idade adulta é uma “revisão da razão”, cujos requisitos são a existência prévia de “matéria, experiência, reflexão acumulada.” (1988:172). Assim, a idade adulta era para Kant a única capaz de tornar as pessoas capazes de assimilar e de reflectir acerca das experiências de vida, integrando-as no pensamento filosófico pessoal<sup>17</sup>.

Também a educação é um trabalho de construção permanente. Neste caso concreto, na educação de adultos, a especificidade do público obriga o professor a reformular estratégias e a refazer posturas, procurando rentabilizar os recursos e articular os saberes, numa dinâmica correlacional plena e constante<sup>18</sup>.

---

“Fédon” de Platão (Antiguidade), “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” de Kant (Época Moderna) e “A Origem da Tragédia” de Nietzsche (Época Contemporânea).

<sup>16</sup> Este autor (Alexis Philonenko) foi responsável pela introdução, tradução e notas da reedição da obra de Kant, *Reflexions sur l'Éducation* (1996, 8ª edição), constante na bibliografia.

<sup>17</sup> Ainda citando Santos, a propósito de Kant: “A verdade filosófica não está feita nem dada em parte alguma. Cada qual a extrai da sua própria razão” (1988:172).

<sup>18</sup> O saber apresenta-se repleto de múltiplas possibilidades e é infinitamente variável. Como apresenta Malglaive: “Tal como a linguagem e, mais ainda, tal como o ser humano que lhe é constitutivo, o saber é

Neste caminhar ininterrupto e eternamente incompleto, é determinante o papel do professor, dos alunos, dos conteúdos, da experiência anterior, dos valores<sup>19</sup> e dos conceitos em intercâmbio e partilha. Como afirma Canário (1999:138): “Mas se a escola é um lugar onde alunos e professores aprendem, (...) é também o lugar onde essa aprendizagem é recíproca e interactiva”.

## **1.2. Delimitação do problema**

*...L'ethique des vérités ne se propose, ni de soumettre le monde au règne abstrait d'un Droit, ni de lutter contre un Mal extérieur et radical. Elle tente au contraire, par sa fidélité propre aux vérités, de parer au Mal – dont elle a reconnu qu'il est l'envers, ou la face d'ombre, de ces vérités (Badiou, 1993:79).*

A disciplina de Filosofia tem relevância em qualquer nível de ensino, dado o seu carácter único de capacidade reflexiva e interrogativa. No entanto, essa relevância torna-se peculiar no equivalente ao 12º ano do Ensino Recorrente, o ano *terminal*, em que se destina a um público adulto e tem por objecto a análise de obras de filósofos de três épocas diversas: Platão na Antiguidade, Kant na Época Moderna e Nietzsche na Época Contemporânea. Dos três autores estudados no terceiro e último ano (Unidades 8, 9 e 10) escolhemos Kant e a unidade 9, devido à implicação e modernidade de alguns dos conceitos da obra na actualidade e também na vida prática de cada aluno.

A leitura e apreensão de uma obra exige uma capacidade crítica de análise e de reflexão acerca dos conceitos implicados na mesma: pois é através dela que se torna

---

infinito, multiforme, sem contorno discernível. Se é saber para o pensamento, torna-se saber-fazer para a acção” (1995:37).

<sup>19</sup> Sendo estes conceitos indissociáveis, conforme se apresenta em Carreira e Tomé: “L’histoire de l’éducation est une histoire de valeurs (...) Mais les valeurs éducatives fondamentales résistent aux temps et interpellent les nouveaux savoirs” (1998:135).

possível o filosofar, a reflexão e a produção pessoal e individual acerca do tema, dos conteúdos implicados e dos conceitos dela decorrentes<sup>20</sup>.

Kant também advertia que não se podia ensinar a Filosofia mas sim a filosofar. Como se esse esforço da razão tivesse de ser uma conquista de cada qual na sua vida, no seu crescimento, amadurecimento e desenvolvimento pessoal, na sua própria construção, no confronto com os outros e com as experiências de vida. Ao filosofar, cada um interiorizava e desenvolvia essa capacidade única, tão humana e essencial. Ao filosofar, cada ser humano, cada pessoa, construía pensamentos e ideias, *fazia* filosofia, exercia na prática a sua capacidade pessoal. Por isso, mais importante do que aprender filosofia, se apresenta para o filósofo a capacidade de filosofar, de reflectir, de questionar, de interrogar. Nesse percurso, cada indivíduo teria consciência de que cada interrogação não passa de uma parte da caminhada, pois jamais se chega ao fim desse caminho, tudo fica incompleto, tudo fica sempre por fazer. Ainda assim, valendo a pena realizar tal percurso.

A obra de Kant, FMC, apresenta uma temática e uma intenção peculiares: a Moral e a Ética são aqui temas fulcrais, no sentido da apreensão de uma moral universal fundamental da vivência comum, que assenta no respeito pelos outros, na ênfase dada à responsabilidade e à actuação moral, na preocupação em assegurar a universalidade e a dignidade da acção humana. Esta dimensão ética e moral completa a intenção teórica da filosofia do autor. Como refere Dekens:

... A hipótese que nos vai guiar ao longo desta travessia da filosofia moral de Kant pode ser formulada assim: a moral kantiana é uma reflexão sobre a consciência da lei, do mesmo modo que a sua filosofia teórica é uma reflexão sobre a ciência. Em ambos os casos, o ponto de partida não é questionado, sendo ciência e consciência moral consideradas um facto evidente que se vai tratar de elaborar, e não de legitimar (2003:95).

---

<sup>20</sup> Assim sendo, a inserção desta obra como obrigatória na disciplina de Filosofia do Ensino Recorrente vai ao encontro das intenções de Kant, de só estudar filosofia na idade adulta, devido a essa maturidade e capacidade de articulação e de reflexão só se manifestarem em pleno nessa altura.

Ainda que dois séculos se tenham passado após a morte do seu autor, a actualidade da obra e a sua intenção ética e moral continuam marcantes, sendo fundantes e inspiradoras de novas éticas e de outras posturas diante da realidade<sup>21</sup>.

Na Formação de Adultos de uma sociedade presente e futura, impõe-se a necessidade de reflexão e de respeito pelos outros, onde a importância da autonomia pessoal, a reformulação do pensamento e da prática ética, se tornam cada vez mais necessárias e urgentes. Nesta fundamentação da ética, cada pessoa constrói e constrói-se, fazendo-se e refazendo-se, ligando-se e religando-se com os outros, seus iguais, e também com a natureza, seu fundamento e base.

Kant foi profundamente influenciado pelas questões da sua época, pela Revolução Francesa e pelo Iluminismo, assim como pelas filosofias existentes na altura e pelas questões deixadas por elas em aberto. É a vertente da influência da Revolução Francesa muito marcante na apresentação da obra, na sua necessidade em atribuir os Direitos Humanos a todos os seres pensantes, em os desenvolver e alicerçar, numa conjunção ética para a melhoria das sociedades e dos indivíduos, enquanto pessoas dignas e conscientes. Essa aplicação dos Direitos Humanos estava então ligada ao encantamento e ao entusiasmo nas potencialidades do ser humano, que se acreditava poder ser transformado e melhorado, graças ao acesso à educação<sup>22</sup>.

A simpatia que Kant sentia pelos ideais da Revolução Francesa e pela sua repercussão na construção de um homem novo, era muito notória e influenciou toda a sua obra. Conforme apresenta Reis (1990), a Revolução Francesa era para Kant uma novidade que dava pela primeira vez ao homem, a possibilidade de este se encontrar a

---

<sup>21</sup> Racheis apresenta assim a teoria de Kant relativamente à atitude certa a tomar perante os outros: “O nosso dever é seguir regras que podemos de forma consistente desejar que sejam leis universais – isto é, regras que estaríamos na disposição de ver seguidas por todas as pessoas em todas as circunstâncias” (2004:247).

<sup>22</sup> Essa é uma marca do carácter idealista da época (Revolução Francesa, Iluminismo) e da filosofia do autor.

si próprio e de se desenvolver, tornando-se capaz de se autonomizar pelas suas próprias decisões. Ela era uma tomada de consciência, uma ascensão à liberdade e também à responsabilidade que todo o estado livre comporta.

Para Kant, a Revolução Francesa era uma forma de pôr em prática o desenvolvimento do ser humano enquanto pessoa e de o encaminhar no sentido da liberdade e do exercício da mesma. Ainda segundo Reis, citando as palavras de Kant: “(...) não se pode **amadurecer** para a liberdade se não se foi posto previamente em liberdade (é preciso ser livre para se poder servir-se utilmente das suas forças na liberdade)” (1990:25). A aprendizagem da liberdade era algo que o filósofo considerava fundamental, sem a qual, não se poderia atingir a mesma<sup>23</sup>. Nessa aprendizagem, poderiam cometer-se erros, mas esses faziam parte do amadurecimento indispensável a qualquer aprendizagem. Só exercendo a liberdade de facto, se podia aprender a ser livre, reforçava Kant, mantendo a sua crença nos valores da Revolução Francesa e na necessidade de cada homem realizar em si próprio esse percurso, numa caminhada de aprendizagem, tão pessoal quanto intransmissível.

Como era um filósofo idealista, Kant considerava possível a existência de uma sociedade em que todos os indivíduos realizassem em pleno essa aprendizagem da liberdade e da moralidade, reflectindo-a no comportamento ético face aos outros. Mesmo que tal projecto não passasse de mera esperança de um mundo melhor, pois a sua viabilidade dependia dos homens:

...Se existe um dever e ao mesmo tempo uma esperança fundada de tornar efectivo o estado de um direito público, ainda que apenas numa aproximação que progride até ao infinito, / então a *paz perpétua*, que se segue aos até agora falsamente chamados tratados de paz (...) não é uma ideia vazia, mas uma tarefa que, pouco a pouco resolvida, se aproxima constantemente do seu fim (porque é de esperar que os

---

<sup>23</sup> Com efeito, para Kant, tal como para outros entusiastas dos ideais de liberdade da Revolução Francesa, a prática da liberdade seria uma condição indispensável para que o homem conseguisse fazer bom uso dessa liberdade. Caso a liberdade não fosse experimentada – e jamais o havia sido antes de forma tão total e completa – não poderia o homem saber administrá-la correctamente.

tempos em que se produzem iguais progressos se tornem cada vez mais curtos) (Kant, 1995b:171).

Daí a importância da comunicabilidade da obra FMC e da interiorização dos conceitos nela presentes. O sentido da obra era o de a moral poder ser extensível a todos os seres racionais, o de clarificar e de dar a conhecer as capacidades morais de cada um. Essa intenção apresenta-se logo no início, no prefácio da mesma: “*A presente Fundamentação nada mais é, porém, do que a busca e fixação do princípio supremo da moralidade, o que constitui só por si no seu propósito uma tarefa completa e bem distinta de qualquer outra investigação moral*” (Kant, 1995a:19).

Se nessa época, a preocupação moral se estabelecia relativamente aos outros e à sociedade em geral, impõe-se hoje essa mesma responsabilidade ainda e sempre em relação aos outros, mas também face à natureza, às questões ecológicas e aos recursos naturais, a respeito dos quais somos todos responsáveis.

A ética aplica-se hoje em dia a muitas outras áreas, tão pertinentes como os Direitos Humanos e o relacionamento entre pessoas ou entre estados. As questões ambientais e a necessidade de ver o planeta como um todo que precisa de ser protegido e cuidado da extrema degradação e devastação com que tem sido tratado, são questões urgentes e fundamentais para a ética actual<sup>24</sup>.

...O século XXI vê-se agora a braços com a tarefa de desenvolver uma forma adequada de governação desse mundo único. É um desafio moral e intelectual assustador, mas não se pode voltar-lhe as costas. O futuro do mundo depende da forma como o enfrentarmos (Singer, 2004:269).

---

<sup>24</sup> Não nos podemos esquecer dos problemas ambientais da nossa época que não existiam na altura de Kant e que reequacionam de uma forma imperativa e total, a necessidade, tanto da reflexão como da acção éticas.

### 1.3. Objectivos do estudo

Este estudo tem por objectivo investigar qual é o impacto do estudo da obra FMC nos alunos do Ensino Recorrente. Sendo esses alunos adultos, pretende-se auscultar a importância e a dimensão da apreensão da obra e dos conceitos nela apresentados, para cada um deles. Pretende-se analisar em que medida a análise e o estudo da FMC pode contribuir para a educação e a formação de cada um deles, no sentido de uma tomada de consciência da importância da ética na época actual<sup>25</sup>.

... embora Kant procure minorar a **tensão natureza/escola**, há uma certa aceitação da inevitabilidade da mesma. Para Kant, como para todos os pedagogos do Iluminismo, o esforço é um dado indiscutível no contexto pedagógico. O homem é o ser que progressivamente adquire a sua humanidade, e fá-lo através da educação, processo inevitavelmente doloroso, posto que vá ao encontro da natureza humana e não contra ela. É pela educação que o homem vive plenamente a capacidade racional com que virtualmente foi dotado (Marnoto, 1º vol, 1989:187,188).

Na medida em que esta obra é de carácter obrigatório, pretende-se saber: em primeiro lugar, se o seu estudo por parte dos alunos inquiridos, não passa de uma memorização e repetição dos conceitos do autor, em ordem a uma classificação positiva em situação de exame; em segundo, se esse mesmo estudo pode ser possibilitador de uma transformação real dos alunos em questão, dando-lhes a conhecer a necessidade de repensar acerca dos conceitos estudados, permitindo-lhes aplicá-los e integrá-los na vida corrente e nas experiências do dia-a-dia.

Se assim for, e realmente se constatar a existência de alterações provocadas pelo contacto com a obra, interessa questioná-las e analisá-las. Mas pode tal não suceder, e o impacto provocado pelo estudo da obra não passar de uma lembrança, talvez pouco

---

<sup>25</sup> Ao fazer a ponte entre as duas épocas, pretende-se dar a conhecer aos alunos a possibilidade de integrar os mesmos conceitos em ambas e revelar características da natureza humana, as quais nos parecem ser eternas, tais como a necessidade de articular a ética e a moral na existência e na actuação das pessoas, a resposta à questão “como viver?” e a procura de um mundo melhor, mais justo e mais equilibrado.

motivadora ou mesmo aborrecida, para grande parte dos alunos. Mesmo assim, será interessante constatar a reflexão que os mesmos podem fazer acerca da importância da Ética – afinal, um conceito tão determinante em Kant e cada vez mais necessário na época actual.

Também é importante para nós, saber o que pensam os alunos adultos da ética, e que importância lhe dão (ou não dão) na época em que vivem. Sendo esses alunos obrigados a estudar uma obra e um autor que fazem parte do *curriculum* mas que eles não escolheram, parece-nos determinante auscultar em que medida pode haver influências ou efeitos provocados por tais estudos e leituras.

Por essas razões, e sendo a Ética um tema cada vez mais urgente e necessário, parece-nos pertinente relacionar a temática da Ética e da Moral em Kant com a relação ao outro, à sociedade, à responsabilidade social e à construção de cada indivíduo enquanto pessoa.

Estando a época em que vivemos tão cheia de problemas e de conflitos, relacionados com a devastação do meio ambiente e os problemas ecológicos, parece-nos premente relacionar a temática da Ética e da Moral actuais, com a Natureza e com a responsabilidade ambiental.

Alguns autores, que actualmente reflectem acerca da Ética, (Singer, Rachels) relacionam-na cada vez mais com os direitos dos animais, determinando a injustiça presente na consideração da superioridade humana relativamente aos animais de outras espécies:

... ao nível de princípios morais práticos, seria melhor rejeitar pura e simplesmente a morte provocada de animais para a alimentação, a não ser que se tenha de fazê-lo para sobreviver. Matar animais para a alimentação leva-nos a concebê-los como objectos que podemos utilizar a nosso bel-prazer. A sua vida pouco conta comparada com os nossos simples desejos (Singer, 2002, 2ª ed:153).

Também a questão da importância da ética para a educação do ambiente e da gestão equilibrada dos recursos é hoje de uma importância fulcral. Alguns autores referem Hans Jonas, um filósofo do século XX, cuja reflexão a esse nível é muito importante. Jonas propõe a necessidade de repensar a ética no sentido da preservação e da manutenção equilibrada entre o homem e o ambiente<sup>26</sup>. Desde a Revolução Industrial que o homem não tem feito outra coisa que não seja destruir e devastar o meio ambiente em prol de mais lucro, riquezas e da satisfação dos seus interesses pessoais. É urgente que também este aspecto seja abarcado pela Ética, pois ele é tão determinante como indispensável à manutenção da vida.

Outros temas decorrentes da leitura e do estudo da obra (FMC) e do seu autor, também podem ser marcantes na época actual e tornar-se significativos para os alunos: liberdade, racionalidade, personalidade, lei moral, entre outros, podem ser conceitos enriquecedores e marcantes.

Por fim, consideramos determinante a forma como uma obra sobre ética e moral pode provocar impacto nos alunos adultos. Tal facto poderá levar à constatação da formação do indivíduo como uma constante ao longo da vida, em articulação com o próprio sujeito e a sua especificidade de se desenvolver e de aprender, esbatendo diferenças e anulando preconceitos. Tal enunciado, o da formação ao longo da vida, vai ao encontro do disposto na V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos:

... A educação de adultos pode configurar a identidade e dar significado à vida. Aprender ao longo da vida significa repensar os conteúdos, de modo a reflectirem factores como a idade, a igualdade entre homens e mulheres, as incapacidades, a língua, a cultura e as disparidades económicas (1997:15).

---

<sup>26</sup> Fernandes, M. apresenta, a propósito, o seguinte: “Jonas coloca implicitamente o problema das relações entre a ética e a educação ao pôr a tónica nas relações entre o comportamento humano e as consequências deste para o meio envolvente no que se refere aos contributos da educação para a promoção da dignidade humana” (2004:22).

#### 1.4. Importância do estudo

A importância deste estudo prende-se com a sua imensa actualidade. Ao viver em sociedade, ao habitar comunidades sujeitas a regras e a normas, sendo limitados ao direito vigente e à aplicação das leis em cada época e cultura, torna-se determinante a articulação entre a legalidade e a moralidade. Assim nos surgem a moral e a ética dando-se as mãos em necessidade e imposição<sup>27</sup>.

Acerca da moralidade, afirmava Kant:

... Tem de se velar pela *moralização*. O homem não deve estar apto pura e simplesmente para todos os fins, mas deve também ser dotado de consciência, de molde a eleger de preferência apenas bons fins. Fins bons são aqueles que são necessariamente aprovados por cada homem e que podem ser simultaneamente os fins de cada qual (2003b:21).

Verificar o impacto da FMC nos alunos adultos que a estudam como obrigatória, analisar as implicações do contacto de uma obra de tal dimensão com os comportamentos éticos e os pensamentos morais de pessoas que vivem no século XXI, torna-se um desafio e um projecto, tão actuais como constantes e renovados. Também hoje, sobretudo hoje, é importante definir e redefinir os contornos da Ética e da Moral, aplicando-os e alargando-os, tornando-os parte da educação, assimilando-os enquanto instrumentos possibilitadores de uma melhor vivência em sociedade, mas também integrando-os como uma postura crítica face aos fundamentalismos e intolerâncias de qualquer forma e espécie.

---

<sup>27</sup> Também Kant relaciona a Filosofia e o Direito nos estudos: “Metafísica dos Costumes” e “A Paz Perpétua e outros opúsculos”. No primeiro desses estudos, afirma assim a interligação entre ética e direito: “Estas leis da liberdade, diferentemente das leis da natureza, chamam-se *morais*. Se afectam apenas acções meramente externas e a sua conformidade com a lei, dizem-se *jurídicas*; mas se exigem também que elas próprias (as leis) devam ser os fundamentos de determinação das acções, então são *éticas*; e diz-se: que a coincidência com as primeiras é a *legalidade*, a coincidência com as segundas, a *moralidade* da acção” (Parte I; 2004:18).

Como pretendia Kant<sup>28</sup>, só através da educação pode o indivíduo ascender à liberdade, tornando-se pessoa, assumindo um compromisso ético face aos outros e face à natureza de que também faz parte. Só através da educação e de uma consciencialização ética e moral, tão fundamental quanto integrante, é que cada um de nós pode realizar-se nos seus direitos fundamentais, não se esquecendo de se assegurar de que também os outros têm acesso ao mesmo que ele, numa sociedade democrática e responsável: “O homem deve desenvolver primeiro as suas disposições para o bem (...) Tornar-se melhor, cultivar-se e, quando se é mau, produzir em si a moralidade, isso é tarefa do homem” (Kant, 2003b:15).

A procura de articulação entre a realidade vivida pelo homem e decorrente das condições específicas da sua existência e a idealidade de um universo onde a moralidade e a ética fossem a norma (decorrentes unicamente da vontade de cada indivíduo) pode ser, ainda hoje, um desafio e uma possibilidade, mesmo sabendo-se da irreabilidade de tal percurso.

Esse projecto prende-se com o homem e com a ética e a moralidade, mas também se interliga sempre com a Filosofia e a Educação. Se para Kant, a tarefa da Filosofia era muito mais crítica e mais lúcida do que a do direito e dos juristas, com justiça podemos, ainda hoje, afirmar o mesmo. Parafraseando Dekens, podemos considerar a importância maior de que a Filosofia se reveste como capacidade reflexiva e indutora de acção:

...A filosofia deve (...) assumir o seu estatuto crítico e problemático, compensando as insuficiências do direito e procurando melhorar as leis que os juristas se contentam em aplicar (...). A filosofia tem, então, o papel de restabelecer o equilíbrio, contrabalançando a tentação do jurista – fazer sobressair a espada sobre a balança – por meio de um esforço inverso, recriando, assim, as condições de um direito justo (2003:221).

---

<sup>28</sup> Acerca da importância de que se revestia a educação no pensamento de Kant, encontramos o seguinte em Laia: “A educação tem um importante papel no pensamento filosófico de Kant, especialmente naquele que se refere à antropologia e à ética, dimensões que fundamentam a filosofia da educação do nosso autor, e sem as quais esta não pode ser devidamente entendida” (2004:132).

Todos estes aspectos são actuais e determinantes para um melhor funcionamento da sociedade e para uma relação mais equilibrada entre cada ser humano e os outros. Se é fundamental articular a ética, a moral, a educação e a sociedade, é bem certo que neste campo específico em que nos debruçamos, a educação de adultos, tal relação deve ser prioritária e constante.

No caso específico da educação de adultos, o público a quem se dirige o processo educativo, detém já experiências de vida e motivações muito diversificadas, abrangendo uma heterogeneidade de situações<sup>29</sup>. Desta especificidade decorre uma maior acuidade no processo de transmissão, de análise e de integração dos conhecimentos.

Desta forma se articulam os conceitos que determinam a importância e a fundamentação do nosso estudo: em articulação e interdependência recíprocas e dinâmicas.

---

<sup>29</sup> Acerca deste assunto, podemos citar Malglaive: “Terminada a sua formação inicial, os adultos recorrem a novos períodos de formação em função das exigências explícitas da sua acção social e profissional. Esta acção não é (...) apenas o ponto de chegada do processo de formação de adultos: ela é também o seu ponto de partida, e a duplicação da articulação assim realizada contribui para tornar a sua lógica mais presente e mais exigente” (1995:106).

## **CAPÍTULO 2 – CONCEPÇÕES IMPLÍCITAS - A “FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES” E A EDUCAÇÃO DE ADULTOS**

### **2.1. Complexidade dos conceitos estudados**

...Dado este conceito da ética, “Por que razão devo agir moralmente?” é uma pergunta a que pode responder adequadamente qualquer pessoa que inquirir se deve agir apenas em bases que seriam aceitáveis do ponto de vista universal. Afinal de contas, é possível agir – e algumas pessoas fazem-no - sem pensar senão nos nossos interesses pessoais. A pergunta pede razões para ir além do interesse pessoal na acção e para agir apenas com base em juízos que estamos dispostos a prescrever universalmente (Singer, 2002, 2ª ed:343).

As questões estudadas são extremamente complexas, embora necessárias e inevitáveis. Elas resultam da actuação de cada indivíduo, também ele tão complexo quanto imprevisível e surpreendente. Estas questões relacionam-se com a relação de cada ser humano com os outros seres e com a natureza, com a consciência moral, com a forma como o pensamento ético determina a acção de cada qual face aos outros. Elas estão subjacentes a todas as formas de existência em comunidade<sup>30</sup>.

A vida social implica referência aos conceitos éticos e morais e a sua efectiva aplicação no dia-a-dia, no trato com os outros, na educação. Curiosamente, a concepção que Kant tinha da educação e do ensino da Filosofia era, também ela, já bastante inovadora:

...E assim Kant propõe-nos um programa de aprendizagem que é uma verdadeira revolução copernicana da pedagogia, pois obedece ao ritmo do aluno e não ao do professor, começando com juízos de experiência, com o treino da sensibilidade e passando posteriormente para juízos concretos, até desembocar finalmente em juízos abstractos (Marnoto, vol. 1, 1989:189).

---

<sup>30</sup> Dada a extrema actualidade dos conceitos tratados, é importante reforçar que, também para grande parte dos alunos envolvidos neste estudo, a conclusão foi essa, a da necessidade constante de articulação da ética e da moral com a realidade concreta das pessoas, quaisquer que sejam a época e o contexto em que ocorram.

Na obra “*Leçons d'éthique*” (1997:407), Kant distingue as diversas idades do indivíduo, desde a infância àquela que era então considerada como a idade adulta, os dezasseis anos: “*La seizième année marque le seuil de cette maturité. A partir de cet âge, la nécessité d'imposer une discipline au jeune homme disparaît.*” A partir dessa idade, considera Kant, já o ser humano tem o uso pleno de todas as suas capacidades, podendo ser responsável, ter conhecimento e uso dos seus direitos e deveres, respeitando-se a si próprio e aos outros. A partir da idade adulta, seriam a ética e a moral auto-aprendizagens necessárias e pertinentes para que tal responsabilização fosse completa, concisa e realizável.

Não esquecemos que este é um estudo sobre a educação de adultos. É deles, dos adultos, que se trata aqui, da sua formação (neste caso específico, num contexto formal<sup>31</sup>, que é o da escola, na qual pretendem obter um diploma). Podemos considerar que nessa aprendizagem da Filosofia que cada aluno adulto empreende, se interligam a própria auto-formação e os conceitos, os quais vão ser objecto da avaliação por parte do professor. Sendo cada aluno um ser dinâmico, constituído ele próprio por um feixe de motivações e de experiências anteriores, de interesses e de conhecimentos, o modo como vai reagir às novas aprendizagens será sempre em função desse todo articulado que são os seus conhecimentos e experiências anteriores (educação informal<sup>32</sup>).

É um facto que a Educação de Adultos, em qualquer nível de ensino, tem de ter sempre em conta esta especificidade das pessoas que vai formar, as suas experiências prévias, as motivações e perspectivas que apresentam, bem como integrar de uma forma favorável e articulada esses saberes anteriores com os que lhes vão ser

---

<sup>31</sup> Segundo a definição de Canário: “Um nível *formal* de que o protótipo é o ensino dispensado pela escola com base na assimetria professor aluno, na estruturação prévia de programas e horários, na existência de processos avaliativos e de certificação” (1999:80).

<sup>32</sup> Ainda de acordo com a definição de Canário: “(...) um nível *informal* que corresponde a todas as situações potencialmente educativas, mesmo que não conscientes, nem intencionais, por parte dos destinatários, correspondendo a situações pouco ou nada estruturadas e organizadas” (1999:80).

acrescentados. Malglaive (1995) apresenta a influência das “actividades mentais” ou comportamentos cognitivos sobre os “comportamentos observáveis”, reforçando o carácter inseparável de ambos os campos, sendo interligados que contribuem para a formação do sujeito que aprende, que conhece e se desenvolve a partir desses saberes.

Quer a necessidade de validar competências já adquiridas como a de obter certificação e formação nos mais variados níveis estão presentes neste processo de educação de adultos, tendo sempre em conta as experiências anteriores e o modo como estas contribuíram para modelar cada indivíduo como um ser total. Tais intenções vêm de encontro ao disposto no § 2 da Declaração de Hamburgo: “Aprender ao longo da vida significa repensar os conteúdos, de modo a reflectirem factores como a idade, a igualdade entre homens e mulheres, as incapacidades, a língua, a cultura e as disparidades económicas” (1997:15).

Na “Agenda para o Futuro” integrada nos trabalhos de Hamburgo (1997), no tema 10 “Fomentar a cooperação e a solidariedade internacionais” (§ 50 a 53), esboça-se a necessidade de articular a dimensão ética com os direitos humanos, bem como o reconhecimento dos direitos de aprender ao longo da vida para todas as pessoas, promovendo e valorizando as oportunidades e acentua-se: “*A cooperação e a solidariedade internacionais devem reforçar um novo conceito da educação de adultos que seja (...) para abarcar todos os aspectos da vida, e (...) para incluir todas as áreas de actividade cultural, social e económica*” (§ 50:57). O mesmo documento refere a importância dos Direitos Humanos e do seu reconhecimento e aplicação, em todo esse processo. Da análise deste documento, podemos retirar uma leitura relativa à importância dos Direitos Humanos e do acesso de todos à Educação de Adultos. Esta preocupação com a democratização e com a participação efectiva dos adultos nos seus próprios processos de auto-formação, como combate a qualquer tipo de discriminação,

deve estar presente em qualquer política de educação e inspira-se no mesmo documento, onde se estabelece a necessidade de lutar contra preconceitos e situações de exclusão. Para que tal seja possível, sugerem-se medidas, tais como: aumentar a participação das pessoas, procurar motivá-las para os seus interesses, aproveitar as suas experiências na construção de uma aprendizagem plena e responsável que se pretende que decorra pela vida, melhorando-a e construindo-a. Com esta visão abrangente dos saberes, deixa de haver dicotomia entre aspectos tão presentes quanto necessários ao conhecimento e à aprendizagem, tornando-os assim complementares<sup>33</sup>.

As intenções e as aprendizagens informais estão subjacentes aos projectos, quer eles sejam formais ou não formais, enriquecendo-os e valorizando-os com os contributos multicolores de cada indivíduo, de cada grupo, de cada etnia. Segundo Silvestre (2003), é a dinâmica da época presente, onde as notícias e os saberes se ultrapassam em sucessão contínua e “estonteante” que deveria determinar a importância dessa articulação entre educação formal e informal.

O modo como esses saberes são aceites e valorizados ou não, pelas épocas e pelas culturas é que difere, devendo a época actual ser caracterizada pela constatação e divulgação da sua importância, como é apresentado nos trabalhos de Hamburgo.

Sendo a caminhada de cada ser humano, em busca da sua auto-aprendizagem e auto-formação, constante e sempre incompleta, também a educação se deve reformular e avançar sempre. Ainda segundo a “Agenda para o Futuro”, integrada nos trabalhos de Hamburgo (1997), num mundo tão dinâmico e em mudança como o nosso, é

---

<sup>33</sup> A preocupação em assegurar os direitos fundamentais dos indivíduos e ter em conta as diversas especificidades que constituem as pessoas, aproveitando esse contexto cultural para as levar a aceder às diversas oportunidades que se vão criando em cada país, está presente nos trabalhos de Hamburgo e pretende ser uma constante efectiva nas políticas dos diversos países. No entanto, lutar contra os preconceitos e assegurar que as minorias étnicas e os imigrantes tenham tanto acesso como a restante população às oportunidades de educação e formação, não é fácil. Trata-se de um campo em desenvolvimento e construção.

imperativo que os temas ligados à Educação e à Formação de Adultos (as duas já se confundem cada vez mais) sejam cada vez mais presentes e emergentes, numa necessidade urgente de exorcizar preconceitos e quaisquer outras formas de marginalizar pessoas.

O professor de alunos adultos terá de ter em conta a especificidade do público a quem se dirige, dialogando e debatendo, interrogando e propondo ideias, abrindo portas e apresentando perspectivas:

...Para levar a bom termo as especificações teóricas que formatam os currícula de Educação de Adultos, o formador de adultos tem de incorporar em si a vertente interrogativa, já que a programação é o cerne pesado da Educação de Adultos (Nogueira, 1996:215).

A Filosofia tem sempre essa vertente de interrogação, de questionamento e de incompletude. Daí que esse acto (o de educar adultos) relacionando o processo de uma disciplina, cuja especificidade é tão própria, com temas tão abrangentes e actuais como a ética e a moral, seja uma junção altamente complexa e, por isso mesmo, motivadora e apaixonante.

Estes conceitos encontram-se profundamente articulados, num todo múltiplo e complexo que é também a base da construção do próprio indivíduo: educação de adultos, auto-formação, ética e moral, ensino da filosofia, educação formal e informal e aprendizagem permanente.

## **2.2. Moral e Ética – diferenças e similaridades**

...Muitos autores tendem a distinguir a ética da moral. Embora sem grande base etimológica, no entanto, do ponto de vista filosófico, teológico e pedagógico, a distinção é importante. Em geral, a tendência consiste em considerar a ética como exprimindo os princípios universais mais abstractos, a visão, enquanto a moral se refere às normas concretas, muitas vezes até expressas em códigos. Seguindo esta tendência, e para efeitos do presente argumento, podia então dizer que a moral é a *incarnação da ética na cultura*; ou, de uma forma mais pessimista, é a *contaminação da ética pela cultura* <sup>34</sup>(Cunha, 1996:18).

A distinção entre Ética e Moral pode ser perspectivada no sentido de se considerar a primeira como uma reflexão mais abrangente e filosófica acerca das normas, enquanto a segunda seria um conjunto de regras definidas e delimitadas, constituindo assim, as normas propriamente ditas de uma determinada cultura.

Para Deckens (2003:115), a linha que separa a ética da moral é muito ténue, considerando que a distinção entre os dois conceitos “resulta de um acordo de interpretação destinado a separar dois modos de conceber o papel da filosofia moral”. Segundo o mesmo autor, a ética seria “uma reflexão sobre os meios de alcançar um fim visado”, um objectivo prático, ligado aos condicionalismos e à vivência de um momento determinado. Diversamente, o autor considera a moral como “a investigação das normas universais da acção”. Enquanto uma, a ética, seria a aplicação vivencial do bem agir numa determinada situação, a outra, a moral seria um conjunto universal de princípios e de regras, já definidas anteriormente.

Outro autor, Tugendhat, considera a diferença entre os conceitos como residindo principalmente: na dimensão filosófica existente na ética que, por isso, a torna muito mais abrangente; e a rigidez presente na moral, que pode ser maior ou menor, dependendo sempre do rigor ou da flexibilidade dos códigos existentes:

---

<sup>34</sup> Adaptado por nós.

“Uma outra definição terminológica possível do termo “ético” é, diferenciando-o do moral, compreendê-lo como a reflexão filosófica sobre a “moral”. Foi neste sentido que eu entendi o termo no título destas lições, e é neste sentido que o empregarei” (2003, 5ª edição:39).

No Dicionário de Filosofia, Blackburn apresenta assim a definição de ética: “(do gr. *ethos*, carácter) Estudo dos conceitos envolvidos no raciocínio prático: o bem, a acção correcta, o dever, a obrigação, a virtude, a liberdade, a racionalidade, a escolha” (1997:145).

Ainda segundo Blackburn, o conceito de moral entende-se assim:

...Embora a moral das pessoas e a sua ética acabem por ser a mesma coisa, há um emprego do termo que restringe a moral aos sistemas como o de Kant, baseado em noções como o dever, a obrigação e princípios de conduta, reservando a ética para a perspectiva mais aristotélica<sup>35</sup> do raciocínio prático, baseada na noção de virtude e que, de modo geral, evita a separação das considerações “morais” de outras considerações práticas (1997:288).

Este aspecto da Ética como reflexão pessoal, como atenção dada por cada indivíduo ao comportamento e ao cuidado com as suas acções, é referido por Weston:

... a ética pede para pensarmos cuidadosamente, até mesmo sobre sentimentos que podem ser muito fortes. A ética pede para vivermos *atentamente*: preocuparmo-nos com o modo como agimos e até mesmo como sentimos (2002:16).

Em Kant, os termos apresentam-se de forma quase similar, sendo referido como um comportamento ético desejável para o ser humano, aquele que se revela conforme com a moralidade<sup>36</sup>. A Ética e a Moral são a base fundante da dimensão prática da razão

---

<sup>35</sup> A Ética de Aristóteles prende-se mais com o aspecto da virtude como ligada à felicidade. Em Blackburn, encontramos, a esse respeito, o seguinte: “(...) O paradigma da ética da virtude é geralmente a obra de Aristóteles (especialmente a *Ética a Nicómaco*), embora se possam introduzir outras virtudes que ele não admitia.(...) isto faz com que Aristóteles, para quem o conceito de *eudaimonia* era fundamental, seja apenas um precursor impuro da ética da virtude” (1997:145); mais adiante, na mesma obra, com o mesmo autor, o conceito *eudaimonia* é associado a felicidade (1997:147); no próprio Aristóteles, encontramos “A felicidade como o bem supremo que pode ser obtido através da acção humana” (2004:17).

<sup>36</sup> Sendo a moralidade extraída de conceitos à priori, universais e necessários dos seres racionais, e sendo eles conducentes ao viver ético desejável.

humana, aquela que, segundo o autor (1995a) domina e exerce o primado sobre a dimensão teórica. No entender de Kant, para que o homem se possa realizar plenamente, tem de respeitar a lei moral, e para que isso possa suceder, tem também de pôr de parte os impulsos empíricos, afastar-se deles, procurar ajustar a sua acção a uma possível universalidade, ultrapassar-se permanentemente a si próprio e à sua contingência:

... A Ética não concilia a não ser à custa da negação, da supressão, da aniquilação de um dos planos em que considera que o homem se divide: o homem terreno, o homem passional, o homem empírico: Toda a Moral assenta numa sobrevalorização do elemento racional do homem. A humanidade é reduzida às dimensões da racionalidade e à razão tudo o mais é sacrificado. Este aspecto é levado ao extremo na ética kantiana (Barbosa, *et al.* 2º vol. 1980:83, 84).

A obra de Kant, FMC, pretende ser uma aproximação aos conceitos universais de moralidade, os quais, segundo o autor, estavam presentes em todos os seres racionais. Essa aproximação foi feita pelo autor através da análise dos comportamentos humanos vulgares, de forma a distinguir-se o que parece ser moral mas não o é, da moralidade universal que o filósofo nos pretende dar a conhecer. Para Kant, esta constatação da moralidade em cada ser humano é reveladora da possibilidade que cada Homem tem de se transformar através da acção prática, agindo de um modo moral. Como é apresentado por Dekens:

(...) no espírito de Kant, estes dois aspectos são indissociáveis: mostrar porque é que a consciência moral é um dado inexplicável contribui para lhe proporcionar um efeito máximo no agir humano. Esta vocação concreta da moral kantiana, a sua preocupação de influenciar, de facto, o comportamento do homem, aparece desde os *Fundamentos da Metafísica dos Costumes* (2003:105).

Segundo Dekens, ao analisar a intenção de Kant, pode considerar-se que esta moralidade não é acrescentada através da filosofia. O que se pretende é que cada Homem se aperceba da sua moralidade com a clareza e o discernimento que têm de o levar a distingui-la de todas as outras formas de comportamento.

Para Kant, os conceitos de “moral” e de “ética” confundem-se. Se por “moral” se entende o acesso e reconhecimento de cada ser ao cumprimento da lei moral, que se expressa através do “imperativo categórico” e do “dever”, numa universalidade que parte do próprio indivíduo que se reconhece enquanto “querer”, enquanto dotado de uma “boa vontade”. Por “ética” entende-se, no sentido kantiano, este assumir da moralidade, esta dimensão da acção humana que se projecta em torno de uma universalidade que em si mesma reconhece e que é fundadora dessa capacidade de ser ético. Essa ética expressa-se da seguinte forma, segundo as próprias palavras de Kant: “*Age como se a máxima da tua acção se devesse tornar, pela tua vontade, em lei universal da natureza*” (1995a:59).

Kant pretendia que a lei moral fosse universal e intemporal. Sendo uma forma vazia, poderia ser aplicada em qualquer situação e contexto, desde que o homem conseguisse reconhecê-la e a pudesse distinguir de outras formas de agir que não fossem as morais, por dependerem de impulsos empíricos e de interesses egoístas.

### **2.3. A Lei Moral: o fundamento da acção prática – conceitos extraídos da obra**

Segundo Kant, a apreensão dos conteúdos sobre a moralidade era essencial à constituição do homem enquanto pessoa. Essa formação do ser humano, essa passagem de racional vulgar para a capacidade e o exercício da moralidade, tornava-se o fundamento e o objectivo da obra:

...É assim, pois, que a *razão humana vulgar*, impelida por motivos propriamente práticos e não por qualquer necessidade de especulação (...), se vê levada a sair do seu círculo e a dar um passo para dentro do campo da *filosofia prática* (Kant, 1995a:38).

Cada ser humano dotado de racionalidade deveria poder reconhecer em si próprio essa moralidade. Tal capacidade é que o levaria a agir eticamente e a desligar-se dos requisitos empíricos, pois esses desviavam-no da moralidade e da possibilidade de se tornar pessoa<sup>37</sup>. Só nessa dimensão prática, a da moralidade, só nela, o indivíduo se poderia realizar e reconhecer as capacidades que tinha em si próprio, *a priori*<sup>38</sup>. De seguida, Kant acrescenta: “Aí encontra ela informações e instruções claras sobre a fonte do seu princípio, // sobre a sua verdadeira determinação em oposição às máximas que se apoiam sobre a necessidade e a inclinação” (1995a:38).

Esse reconhecimento da dimensão fulcral da lei moral para Kant, é apresentado em Soromenho-Marques:

... Para Kant, a verdadeira dignidade do homem encontrava-se no domínio prático da razão. Só nele a humanidade reencontrava a sua autonomia e a sua dignidade. Através da razão prática, o homem surge, não exclusivamente como um ordenador do mundo físico, mas como portador de uma vontade capaz de *construir* neste mundo a sua ordem, a partir dos ditames e das leis inteiramente imanentes (...) a existência de uma esfera moral, radicalmente independente do campo da experiência, significava para Kant o único sustentáculo sério de que a nossa condição de homens nos prometia algo mais do que o perecimento entre as coisas mundanas (1994:79).

Para Kant, a auto-destinação<sup>39</sup> do homem é feita através da moralidade e ela representa a causa mais nobre e autêntica de que se pode revestir a natureza humana: ela é a condição da realização plena do ser humano que se constrói e projecta, em permanência e autenticidade.

...Todo o ser que não pode agir senão *sob a ideia da liberdade*, é por isso mesmo, em sentido prático, verdadeiramente livre, quer dizer, para ele valem todas as leis que estão inseparavelmente ligadas à liberdade, exactamente como se a sua vontade fosse definida como livre em si mesma e de modo válido na filosofia teórica (Kant, 1995a:95).

---

<sup>37</sup> Kant insistia nesse ponto: a moralidade não poderia advir de intenções ou inclinações empíricas e a lei moral tinha de ser a livre e firme expressão de um ser racional e autónomo, que só através dela se podia realizar e auto-destinar enquanto pessoa.

<sup>38</sup> “A PRIORI (...). Conceitos ou conhecimentos que não são derivados da experiência, provenientes unicamente do pensamento” (Reis, 1º vol.1990:16).

<sup>39</sup> Auto-destinação era, para Kant, tornar-se pessoa, ser capaz de agir de forma moral, de acordo com a lei moral e assim cumprir a destinação humana de uma forma autónoma e livre.

Kant considerava que não existia liberdade sem responsabilidade. Cada ser humano ao agir devia contemplar o outro, os outros, assegurando-se do efeito que tais acções podiam provocar, certificando-se do respeito e da dignidade que devia tanto aos outros, como a si próprio.

A obra FMC propõe-se um caminho prático, um conhecimento resultante da acção livre e responsável de cada ser que se constrói em sociedade, com os outros. A lei moral é determinada *a priori*<sup>40</sup> pelo próprio indivíduo e não pode ser originada de outro modo qualquer. Pois se fosse orientada desde o exterior como uma regra de comportamento essencial a todos, ainda que legislada dessa forma, não poderia ser moral. Também por essa razão, a moral de Kant é autónoma. É o próprio indivíduo que pode orientar a sua moralidade, construindo-se nesse decorrer, fazendo-se a si próprio, sendo ele mesmo com os outros, nessa busca de racionalidade que em si mesma contempla, quer a liberdade, quer a responsabilidade.

Mas a liberdade é uma ideia da razão, não é uma coisa concreta<sup>41</sup>: “(...) a liberdade é apenas uma *ideia* da razão cuja realidade objectiva é em si duvidosa (...)” (Kant, 1995a:106). Se o homem pode apreender essa liberdade que não passa de uma ideia, através da acção prática e moral, não a pode jamais vivenciar como se fosse concreta e objectiva. Esta importância dada às ideias, coloca Kant como autor de uma filosofia transcendental, onde as mais determinantes são as ideias do domínio metafísico que não se podem conhecer. Apenas se podem apreender, enquanto ideias.

A liberdade é que dá ao homem a capacidade de agir moralmente. Para Kant, ser livre é ser responsável, porque só é livre aquele que escolhe agir moralmente, de forma

---

<sup>40</sup> Ver nota de rodapé nº 38.

<sup>41</sup> Tal como as outras ideias da razão (Deus, imortalidade da alma e universo na sua totalidade), também a liberdade não podia ser objecto de um conhecimento sensível, devido às limitações da razão humana na sua vertente teórica, embora nada obstasse à sua aproximação em termos de acção livre e responsável, por parte de um ser autónomo e moral.

autónoma. Ser livre também é escolher a lei moral, tornando-se assim o ser humano mais ético e mais responsável:

...A lei moral é a lei que o homem, enquanto ser racional e livre, descobre em si mesmo como correspondendo à sua natureza. É uma lei que se impõe por si mesma a todo o ser racional. É uma lei intrínseca da razão. Por ela, o homem revela-se a si próprio como pertencendo a um mundo superior – o mundo supra-sensível, o mundo inteligível (Barbosa *et al.* 1º vol. 1980:102).

Segundo Barbosa e outros (1980), este aspecto da lei moral determina a sua nobreza e importância na filosofia kantiana, como uma forma idealista de analisar a acção humana. Ao agir de acordo com a lei moral, o homem ultrapassa-se a si mesmo, aproxima-se da dimensão inteligível. Nesse trabalho de elevação moral, o homem melhora-se e torna-se pessoa. Só essa acção ética e moral<sup>42</sup> é que dá ao homem uma verdadeira dignidade: só a acção segundo a lei moral pode conduzir a uma verdadeira realização do ser humano e a uma plena concretização das suas capacidades.

Segundo Deleuze, acerca da Lei Moral:

...só a lei moral determina o ser racional como fim em si, visto que constitui um objectivo final no uso da liberdade, mas ao mesmo tempo determina-o como fim último da natureza sensível, porquanto ela nos ordena que realizemos o supra-sensível unindo a felicidade universal à moralidade. (...) O interesse especulativo só encontra fins na natureza porque, mais profundamente, o interesse prático implica o ser racional como fim em si e também como fim último desta própria natureza sensível (2000:50, 51).

O fundamento da Lei Moral é pois, o da própria moralidade, da acção moral baseada na acção prática, na ética, no agir de todos os dias. A acção prática tornava-se a expressão da dimensão prática da razão humana, da filosofia prática: era prática porque se ligava ao comportamento moral, à actuação ética. Segundo Kant, essa capacidade da razão distinguia-se da outra, a dimensão teórica – a que dizia respeito à capacidade de

---

<sup>42</sup> Pois sendo o homem um ser empírico e sujeito a inclinações, tinha de estar em alerta permanente no sentido de não se deixar cair nelas, para tal recorrendo à sua dimensão racional e à sua capacidade mais elevada de ser moral e ético: “Combater esses impulsos e *inclinações* é o grande desafio que se coloca ao homem. E este só pode vencê-los subordinando a sua *vontade* aos ditames da *razão*. Só desta forma pode o ser humano aspirar à *moralidade*”: (Laia, 2004:133).

conhecer e que era limitada, pois não podíamos conhecer as coisas em si mesmas, mas tão só como elas nos apareciam aos sentidos e eram depois integradas nas formas puras do entendimento. Quanto à dimensão prática, a da acção moral e ética, essa não tinha limites, pois o homem poderia aproximar-se infinitamente desse universo inteligível através do seu agir e do cumprimento da lei moral: só assim, ele se poderia constituir como um ser autenticamente livre<sup>43</sup>. Ainda assim, se na dimensão teórica, o homem pode conhecer (mesmo que tal conhecimento se resuma aos fenómenos), na dimensão prática, é só a acção (moral) que o comanda.

#### **2.4. Educação de Adultos, moral e ética**

... A frase feita, “todos aprendem com todos”, tem aqui particular incidência. É o elemento de auto-estima para o adulto que passa a ser protagonista do seu próprio processo de aprendizagem, deixando de ser instrumento passivo do mesmo. Ao sentir-se útil, obtém mais autosegurança. (...) Para o adulto, o mais importante poderá ser o *aprender a aprender* e o *aprender a ser* (...) Por isso, o ensino tem de ser activo, dialogal e participativo (Nogueira, 1996:214).

Neste processo de educação de adultos, a atitude dinâmica do ser que conhece e que se descobre num processo permanente de auto-formação, é essencial e indispensável.

A população que foi objecto de análise neste estudo era constituída por pessoas adultas, que procuravam a educação e a formação como uma forma complementar às suas outras actividades, entre as quais as profissionais. Neste processo de educação e formação, a obra FMC surgiu como essencial e obrigatória, no conjunto dos módulos da disciplina de Filosofia.

---

<sup>43</sup> “O uso especulativo da razão, *com respeito à natureza*, conduz à absoluta necessidade de qualquer causa suprema *do mundo*; o uso prático da razão, *com respeito à liberdade*, conduz também a uma necessidade absoluta, mas somente *das leis das acções* de um ser racional como tal”: Kant (1995a:116).

Embora o contexto deste ensino que aqui se enuncia (o Ensino Secundário Recorrente) seja considerado formal, porque resulta num diploma e numa apresentação real de novas habilitações para os alunos, a verdade é que o contexto informal de cada aluno é tido sempre em conta em qualquer situação, pois não se pode dissociar daquilo que as pessoas são na sua totalidade e complexidade<sup>44</sup>. Neste sentido, o nosso estudo é muito mais abrangente e ultrapassa os portões da escola, pois se dirige ao todo que as pessoas são, à síntese dialéctica entre o que se aprende na escola e o que se recolheu da vida. Ao fazê-lo, vamos de encontro ao proposto nos trabalhos de Hamburgo (1997), pretendendo por “Educação de Adultos” designar tudo quanto contribua para o enriquecimento pessoal e quanto possa melhorar cada ser humano e torná-lo mais apto e feliz numa sociedade cada vez mais competitiva.

Vem nesse sentido, o de ter em conta tudo quanto ocorre na vida das pessoas, a afirmação:

(...) a aprendizagem (...) não se pode restringir às estruturas educativas, pois ocorre também de maneira informal e até incidental, em diversos “contextos educadores” – que são afinal os vários espaços e situações de vida das pessoas: a casa/família, o trabalho, as instituições, os grupos de pertença... a sociedade em geral (Melo *et al*, 2002:71).

A esse respeito, já o Livro Branco da Comissão Europeia reconhecia que “a educação e a formação têm como função essencial a integração social e o desenvolvimento individual, através da partilha de valores comuns, da transmissão de um património cultural e da aprendizagem da autonomia” (1995:18). O mesmo documento salientava a necessidade da empregabilidade, da formação e do reconhecimento de competências para poder assegurar a preocupação em adequar e

---

<sup>44</sup> A este respeito, citamos Silvestre: “(...) a educação/formação permanente e ao longo da vida dizem respeito a cada um de nós, não só como alvos dessa educação/formação mas também como participantes activos nelas. É com base nesta dupla dimensão que nos é possível afirmar que, na actual sociedade, o conceito de educação formal, respeitante a um dado período de tempo, já não tem lugar por si só (...)” (2003:59).

enquadrar as experiências vividas com a necessidade de obter um diploma, um certificado que permitisse às pessoas comprovar habilitações. Esta atitude está muito justamente relacionada com a política actual de reconhecer que a vida das pessoas é rica de aprendizagens que devem ser merecedoras de um comprovativo que se apresente como tal.

Tal riqueza apresenta-se nesta mescla entre os estudos formais e os não formais. Ela completa-se nas aprendizagens da vida e das pessoas<sup>45</sup>. Por tais razões, este estudo acerca da ética e da moral que enraíza no estudo de uma obra (FMC) nas salas de aula em contexto nocturno, ultrapassa em muito tais aprendizagens formais. Também Canário, na mesma linha de ideias, afirma que “(...) numa perspectiva de educação permanente, os processos de aprendizagem aparecem, sobretudo, com a estruturação articulada de diferentes momentos experienciais do sujeito que permitem formalizar saberes implícitos e não sistematizados” (1999:109).

Ainda a este respeito, propõe Silvestre que façamos da educação e da escola “um caminho do qual não se vislumbra o ponto de chegada e cujo destino nunca terá fim, a não ser com o fim da vida” (2003:263). É que a educação e a formação são constantes e dinâmicas, como o são o ser humano e o mundo onde se esboça a sua actuação. A Ética e a Moral surgem como elementos indissociáveis deste elo, pois estão presentes e são determinantes no funcionamento e no decorrer de qualquer sociedade. Daí resulta a necessidade de as articular com a educação, sendo a sua formulação ao longo da vida, o campo fértil para o seu desenvolvimento e maturação.

---

<sup>45</sup> Ainda segundo Silvestre: “(...) pensamos que a educação/formação integral do homem não acontece nem se aprende só na escola/sistema escolar (educação formal). Vai-se processando na e ao longo da vida de uma forma permanente (através da educação não formal e educação informal). (...) está com as próprias pessoas e surge das interacções destas com o meio, com as situações vividas e todas as aprendizagens que se fazem” (2003:48).

Também o professor, no seu trabalho com os adultos, deverá ter em conta todos esses pressupostos, aliando a ética à educação<sup>46</sup> de uma forma harmoniosa e equilibrada. No nosso caso específico, tal relação com a ética está também presente nos conteúdos da disciplina, nomeadamente nesta obra (FMC) deste autor (Kant). Por tais razões, no nosso caso, tais conceitos encontram-se relacionados e articulados.

---

<sup>46</sup> Podemos, a este respeito, citar Cunha: “(...) a atitude que vem dignificar o professor não é, certamente o hábito conformista de adesão a normas éticas pré-estabelecidas. O que a sociedade portuguesa necessita, o que a reforma educativa exige são professores que em todas as situações sirvam a causa da educação e que neste compromisso básico se regem intransigentemente pela sua consciência ética, subordinando os seus interesses ao bem comum dos seus alunos” (1996:99).

## **CAPÍTULO 3 – A ÉTICA DE KANT E A ÉTICA ACTUAL**

### **3.1 – Ensino e aprendizagem da Filosofia na idade adulta**

...Assim, para **aprender** também Filosofia, antes de mais, teria de existir realmente uma (...) o autor filosófico que serve de base para a instrução deve ser considerado, não como modelo do juízo mas simplesmente como uma oportunidade para cada qual pronunciar um juízo sobre ele, ou mesmo contra ele (Kant cit. em Marnoto, vol. 1, 1989:200).

Para Kant, a Filosofia não se ensina, aprende-se, numa conquista pessoal e sempre presente de cada ser humano em tornar-se pessoa, em viver num mundo em que as questões filosóficas se tornam emergentes e prementes, numa necessidade constante de reformulação e de alteração: “O adolescente que saiu da instrução escolar estava habituado a **aprender**. Agora, ele pensa que vai **aprender filosofia**, o que é, porém, impossível, porque agora ele tem de **aprender a filosofar**” (Kant cit. em Marnoto, vol. 1, 1989:200).

Em momento algum se pode esquecer a natureza das questões filosóficas e a especificidade da sua essência. Pois estas, residindo no perguntar, nunca se encontram constituídas nem completas, assentando muito mais na atitude de interrogação do que nas respostas acabadas. O próprio Kant, afirmava que

(...) não se pode aprender nenhuma filosofia; pois onde está ela? Quem a possui? Por que caracteres se pode conhecer? Pode-se apenas aprender a filosofar, isto é, a exercer o talento da razão na aplicação dos seus princípios gerais em certas tentativas que se apresentam, mas sempre com a reserva do direito que a razão tem de procurar esses próprios princípios nas suas fontes e confirmá-los ou rejeitá-los (1985a:661).

É esta atitude do autor perante o conhecimento, encarando a reflexão como uma descoberta pessoal e uma aprendizagem única, feita por cada um, que revela o essencial

da filosofia, ainda hoje. É mais importante descobrir o que é a filosofia através do filosofar e da atitude reflexiva, do que repetir teorias e autores, como se fossem dogmas.

É nessa descoberta de cada aluno se encontrar na filosofia e de, através dela, se questionar, num trabalho permanente de reflexão e auto-conhecimento, que reside, ainda hoje, o essencial do ensino da filosofia. Também é isso que a torna única e insubstituível<sup>47</sup>.

É verdade que a Filosofia não se ensina. Pois ela apresenta-se em cada ser humano como uma necessidade de se pensar, de se questionar, de interrogar o mundo e os outros, na procura constante e incompleta do sentido de si e de quanto o rodeia ou é significativo para ele. Se a Filosofia não se ensina, é possível contudo desenvolvê-la em cada pessoa, numa procura constante de aperfeiçoamento e conhecimento pessoal. Segundo a máxima socrática “Conhece-te a ti próprio” é em cada um que cabe a descoberta dessa dimensão, numa conquista pessoal de auto-aprendizagem que nunca termina mas se perpetua ao longo da vida, em múltiplas e novas formas de apreensão do real.

Na mesma linha de ideias, segundo Kant<sup>48</sup>, só na idade adulta se torna possível desenvolver com potencialidades tal capacidade de filosofar, devido à necessidade de amadurecimento intelectual e de acumulação de experiências que tal acto encerra.

Não são tais características, obstáculos que se interponham ao interesse ou à importância de que a Filosofia se pode revestir, quer para o aluno, quer para o professor. Tais atributos fazem dela uma disciplina única, especial e pessoal, onde a reflexão tem um papel primordial, levando cada sujeito à auto-descoberta, tão motivadora quanto essencial.

---

<sup>47</sup> Também foi nossa intenção, com este estudo, realçar esse aspecto, que nos parece determinante e fulcral, o da articulação entre os conceitos presentes na obra e a actualidade.

<sup>48</sup> Como já foi referido no Capítulo 1: ponto 1.1.

Outro aspecto essencial da Filosofia é a sua comunicabilidade. Segundo Jaspers: “Na comunicação a filosofia alcança a sua finalidade, o fundamento e o sentido último de todos os fins” (1987:25). Esta capacidade de comunicação e de argumentação, essencial à Filosofia, é também um elemento vital nas aulas: é pela comunicação que o professor transmite, sugere, questiona, interroga. Também a comunicação é a forma de o aluno participar, reflectir, formar pensamentos, debater ideias e questionar<sup>49</sup>.

### **3.2 – A importância do ensino e aprendizagem da Filosofia na sociedade actual**

...A filosofia é das poucas disciplinas curriculares que aceita a **problematização** no interior de si mesma, que considera essencial pôr-se em causa. É que toma um ou outro rumo consoante a resposta dada a essa questão (Marnoto, 1989, 1º vol:56).

Essa capacidade de problematização, acima apresentada, faz parte da natureza da Filosofia, da sua essência questionadora, da sua insatisfação com o que já se sabe, buscando sempre outros rumos e outros campos. A Filosofia é parte integrante do ser humano, deriva do pensamento e da procura constante pelas respostas que, caso sejam encontradas, suscitam sempre novas questões, em permanente construção e desenvolvimento.

O questionamento filosófico assume-se como único face a outras matérias, dado o papel globalizante e totalizador da disciplina, muito mais de interrogação e de atitude de vida do que de respostas dadas. Também a existência e os meandros de cada ser humano se caracterizam dessa forma, acumulando mais perguntas e inquietações do que certezas acabadas. Desse contexto, decorre o papel insubstituível que tem a mesma

---

<sup>49</sup> São múltiplos e variados os temas da Filosofia. Neste caso, o do nosso estudo específico, houve a intenção de estabelecer a comunicação com alunos adultos, relacionando ética, moral e educação com a filosofia de um autor e a época actual.

na construção e formação de cada aluno, e também na necessidade de reflectir acerca da Ética e da Moral.

A Ética e a Moral são temas sempre actuais, resultantes dos imperativos de viver em sociedade com os outros seres humanos, de respeitar regras e normas de comportamento, de procurar nessa aprendizagem constante, uma forma de viver e de se relacionar melhor com os outros. O papel do professor é fulcral nessa procura. Dadas as características da disciplina de Filosofia e o seu papel único na formação, interrogação, questionamento e procura de sentido para a existência humana, torna-se essencial coadunar esse papel – o do professor de Filosofia – com o outro – o de relacionar a existência dos alunos, de cada aluno, com a Moral e a Ética, articulando as opções e as escolhas pessoais no sentido de uma melhor convivência entre todos.

Deve o professor ser sensível a esta especificidade da Filosofia e à unicidade de cada aluno que se lhe apresenta, levando-o a considerar a Filosofia como uma atitude fundamental para analisar a realidade e as suas inquietações em permanente auto-construção, ajudando-o a superar dúvidas e a conhecer-se melhor.

À medida que o ser humano se descobre na Filosofia, consegue também estabelecer entre si próprio, a realidade e os outros, um espírito de convivência e de respeito moral e ético, tanto mais forte quanto mais capaz estiver ele próprio de estabelecer tal ponte. A atitude do professor é determinante neste processo, tão fundamental porque dela pode partir de modo irremediável o ódio ou o amor que o aluno vai consagrar à disciplina; tarefa gigantesca que se afigura ao professor de Filosofia, tão desafiadora quanto estimulante, já que esta disciplina, na sua dimensão interrogativa e existencial, tanto se presta a ser um meio de resposta a situações problemáticas, como uma alternativa do sujeito pensante face à vida, à tragédia e à morte que não sabe como explicar.

O professor será assim um modelador de seres éticos e morais que constituirão uma sociedade futura que se pretende sempre mais justa, humana, tolerante e compreensiva. A interrogação e a inquietação fazem parte do ser humano e nessa constatação pode e deve haver lugar para a criatividade e atitude positiva diante do que se desconhece. Essa atitude simples e aberta ao mistério e ao insondável da existência, apresenta-se na aceitação da inevitabilidade da vida e da morte, na valorização das aprendizagens e no enriquecimento pessoal através da procura constante de conhecimento e melhoria de si próprio e dos outros num clima de empatia e resiliência, como também nos diz Vergílio Ferreira:

... o maior mistério está em nós. Agimos, pensamos, emocionamo-nos, mas há o insondável de nós onde tudo tem a sua origem. Não o sabemos. (...) Somos movidos pelo ininteligível que está atrás do nosso ser e que é o próprio estar vivo para haver agir e pensar e o mais. Que é que está nesse estar vivo, para ser o que é em acção e pensamento e o resto? Jamais o saberemos. Todo o homem tem em si um segredo inviolável (1992:223).

O ser humano é inacabado, procurando em cada situação e em cada dia, melhorar e transformar-se em aprendizagem contínua e auto-conhecimento permanente. A intenção de valorizar os aspectos positivos de cada um, numa aprendizagem constante e permanente, na convivência com os outros, na melhoria dos aspectos positivos, no limar dos negativos, constitui um dos objectivos da disciplina de Filosofia.

No caso concreto do professor de Filosofia, esse desempenho coaduna-se com a própria disciplina, entronca-se nela, enraíza na necessidade humana de questionar o real e a existência, no pensar e no agir tornados capacidade de se melhorar continuamente em processo sempre incompleto. Também o professor, no seu trabalho de despertar os alunos para o pensamento, a interrogação e a acção ética, aprende e partilha desse processo, tornando-se ele próprio mais capaz e reflexivo, possibilitando-lhe tais experiências uma melhor actuação da sua parte e uma capacidade maior de

acompanhar outros alunos nesse processo em articulação e aprendizagem contínuas e permanentes.

Com a insistência na temática da Ética, pretende-se a constatação de uma necessidade vital para o ser humano, a da vivência com os outros, que se cruza irremediavelmente com a Filosofia e a pessoa permanentemente em construção de cada um, seja aluno, professor, formador ou outro elemento interveniente da comunidade educativa.

Interligando a educação com a ética, pretende-se melhorar esse ser humano tão inacabado quanto autónomo, dando-lhe os meios para a sua afirmação e resolução em capacidade criativa e forte, tornando-o capaz de ultrapassar adversidades, resolver problemas, caminhar em permanente auto-construção e cooperação com os outros, sem perder o encanto pela existência nem a capacidade de se deslumbrar com a beleza e a magia da vida e dos sentimentos. Este é um projecto e uma construção permanente para o presente e para o futuro: como o ser humano é incompleto e se reconstrói em situação num processo infundável, também a ética se apresenta como uma necessidade e um imperativo em nome de uma sociedade melhor e de pessoas que se pretendem mais realizadas e felizes.

### **3.3 – Da ética kantiana à ética actual**

...Numa primeira aproximação podemos distinguir três sentidos da palavra “cultura”, que correspondem às três disposições fundamentais do homem. À disposição para a animalidade, manifestação do homem como ser vivo, corresponde sob a sua forma perfeita a habilidade e o domínio sobre a natureza; à disposição para a humanidade, como ser não apenas vivo mas também racional, corresponde a disciplina enquanto resultado jurídico-político dessa natureza dupla; por fim, à personalidade, isto é, à capacidade de responsabilidade, corresponde a mais elevada forma de cultura, a moralidade (Dekens, 2003:189).

Só a terceira dimensão permitiria realizar plenamente o homem na sua moralidade, diz-nos Kant. As duas primeiras não passam de intervalos preparatórios da verdadeira natureza humana<sup>50</sup>.

Como é apresentado em Barbosa e outros (1980, 1º e 2º volumes), se a intenção de Kant em responder às questões acerca do conhecimento é importante, a questão da acção prática do homem, da moralidade, ainda o é muito mais. Pois na dimensão prática da filosofia kantiana, “é o seu destino<sup>51</sup> como pessoa – como **ser moral** – que está em causa” (1980, 1º vol:100).

Para Kant, ser racional equivalia a ser capaz de pensar, de elaborar raciocínios e de viver de acordo com eles; mas só com a terceira dimensão, a mais difícil e por essa razão, a mais interessante de todas, a *personalidade*, é que o ser humano se tornava digno e capaz de se reconhecer como um ser moral. Nessa capacidade de cumprir completamente a lei moral, o homem seria livre e capaz de cumprir a sua função essencial, que era a de ser um ser moral:

...É muito significativo que o nosso filósofo conceba o homem como um **destino**, isto é, como um ser que tem de **fazer-se a si mesmo**. É igualmente significativo que o termo final desse processo de auto-formação humana seja entendido como **personalização**, isto é, como um assenhorear-se completamente de tudo o que faz, ser autónomo, numa palavra, inteiramente livre (Barbosa *et al*, 1º vol. 1980:101).

Essa dignidade do ser que se auto-destina e constrói, tornando-se moral com base em imperativos próprios, querendo ser mais do que racional, construindo-se numa boa vontade, é a dimensão mais importante para Kant, porque é a única que reflecte em pleno a essência do homem. Tal dimensão é também a razão de ser da intenção de Kant

---

<sup>50</sup> Para Kant, os seres humanos podiam atingir três dimensões, considerando-se a última como a mais elevada, porque é determinante da conduta moral. A primeira dimensão a que o homem chegaria era a *animalidade*, e esse conceito estava relacionado com os aspectos biológicos e as questões relacionados ao lado instintivo e mortal de cada ser e pouco interesse tinham para além da manutenção da existência mecânica; a segunda dimensão era a *racionalidade*, e essa era a mais frequente a que os seres humanos conseguiam chegar. Só a terceira, a *personalidade*, era a livre expressão de um ser autónomo e moral.

<sup>51</sup> Esta noção de destino refere-se ao homem.

relativamente à moral e à ética e também da obra (FMC) que abordamos como principal neste estudo. É que a auto-destinação humana era tão fulcral na filosofia kantiana e na dimensão prática da razão humana, que todas as outras formas de estar e de ser no mundo, teriam obrigatoriamente de convergir para ela, como estrela central e ofuscante. Nesse projecto do ser humano em permanente construção, enraizava a essência e o fundamento de tudo quanto o homem ainda tinha potencialidade de ser.<sup>52</sup>

Mas o Homem, como ser empírico, defrontava-se constantemente com os apelos sensíveis, com as inclinações:

...Para Kant, o homem está constantemente a ser colocado à prova no sentido de ter de escolher entre as suas inclinações e o cumprimento do dever. (...) Qual é o conteúdo da Lei Moral? Como é que eu tomo consciência dela? Tomo consciência da Lei Moral quando faço a mim próprio a seguinte pergunta: posso universalizar a minha resposta? (Marques, 2000:125).

É hoje tão urgente reflectir acerca da melhor actuação ética como o era na época de Kant. A problemática continua a ser a mesma, apesar das diferenças de espaço e de tempo e dos temas emergentes que na nossa época se tornaram imperiosos<sup>53</sup>.

Sendo os conceitos kantianos inerentes às características e influências da sua época, a ética apresentada na obra refere-se sempre ao relacionamento entre seres humanos. Como Rachels destaca (2004:189), na mesma linha de pensamento da época, também Kant considerava que os seres humanos tinham um lugar superior relativamente aos outros seres vivos, devido à sua racionalidade e dignidade. Por isso, a ética de Kant assentava na dignidade dada aos seres humanos e que os tornava diferentes de todos os outros seres existentes.

---

<sup>52</sup> Conforme Kant refere na FMC (1995a:47): “Tudo na natureza age segundo leis. Só um ser racional tem a capacidade de agir *segundo a representação das leis*, isto é, segundo princípios, ou: só ele tem uma *vontade*. Como para derivar as acções das leis é necessária a *razão*, a vontade não é outra coisa senão *razão prática*”.

<sup>53</sup> Ainda de acordo com os princípios enunciados por Hans Jonas, citando Fernandes: “A ética, enquanto disciplina que pretende reflectir sobre o agir humano, chama-o à responsabilidade de responder pelas suas acções e pelas projecções que as mesmas podem ter no futuro” (2004:27).

Mas a ética actual tem outras vertentes, para além do indivíduo na sua dimensão social, face aos outros. Dada a importância crescente da problemática ligada às preocupações com o ambiente e a associação dos direitos humanos aos direitos de outras espécies existentes não humanas, a ética da época presente torna-se uma extensão da ética de Kant a outras preocupações e a outras problemáticas, entretanto surgidas e agudizadas, tornadas já essenciais e prementes:

... um sistema ético completo, válido e plausível terá de saber ter em conta quer as relações entre humanos, quer os animais enquanto indivíduos, quer o ambiente. Terá de ter em conta a consideração moral assente nos interesses e desejos, bem como outras vias valorizadoras das entidades do mundo vivo, como as que assentam na valorização da complexidade, da raridade ou da diversidade. Essa ética completa terá de saber consolidar-se através do estabelecimento das hierarquias que se impuserem, para conseguir ser uma ética prática e aplicável (Rosa, 2003:71,72).

Esta linha orientadora da ética actual pretende abranger, de uma forma organizada e articulada, a totalidade dos seres vivos e a natureza, da qual todos fazemos parte. Ainda de acordo com Rosa: “Uma Ética verdadeira e completa conduzirá à aliança da valorização moral do ambiente, dos humanos e de outros animais” (2003:72).

Deveria ser assim a Ética do futuro: abrangente e respeitadora de todas as formas de vida, pretendendo ser um caminho, uma possibilidade, porventura a única, inteligente e viável, em meio de tanta confusão e atropelo de direitos e desrespeito de regras essenciais. Talvez também esta ética seja inviável e idealista, impossível de exercer devido à necessidade que a maior parte dos seres humanos têm de agir, orientados apenas pelos seus próprios interesses e inclinações, corrompendo os objectivos de todos os outros, em nome das suas próprias pretensões<sup>54</sup>.

---

<sup>54</sup> Ainda segundo Fernandes, relativamente ao princípio da responsabilidade de Hans Jonas, encontramos: “(...) sendo a escola o lugar privilegiado das aprendizagens formais, também caberá a esta mesma escola a responsabilidade de fomentar valores, promover atitudes e comportamentos consentâneos com os desafios que a actual (des)ordem internacional lança a toda a comunidade humana. A economia já impôs a globalização no que se refere a padrões de consumo, a ideia que lançamos é a de reflectir em que medida a educação e o pensamento reflexivo não terão a força necessária para suplantar o utilitarismo e alguns integristas que grassam à escala planetária?” (2004:29).

Talvez estes projectos de uma Ética para o futuro, construída e determinada já a partir deste presente, não passem de projectos idealistas, tão idealistas como a filosofia do autor. Ainda assim, eles são importantes, pois revelam uma disposição da humanidade para o bem, mesmo que essa não passe de uma disposição quimérica:

... A Ética, em contraste com a cultura, *é a articulação racional do bem*. Não do gosto, das inclinações, do prazer, mas do bem. Não é que a dinâmica ética esteja sempre em contradição com as inclinações; este, aliás, é um erro cometido por muitas pessoas que pensam que só é bem aquilo que custa. Mas é uma dinâmica diferente, e uma não pode reduzir-se à outra (...) (Cunha, 1996:17).

A Ética de Kant apresenta-se como uma ética formal e universal. A lei moral consiste numa forma à qual se pode aplicar qualquer conteúdo referente a qualquer época e cultura. Trata-se de uma ética universal; para ele, todos os homens encontravam em si próprios a moralidade, impelidos pelo Imperativo Categórico. A lei moral refere-se a um comportamento universalizável, aplicável a qualquer ser humano em qualquer situação específica, referente à atitude a ter para com os outros seres humanos, vendo-os sempre “como fins e nunca como meios”. Hoje em dia, tal atitude continua actual e necessária. A ética de Kant é uma importante lição de vida, uma mensagem fundamental a reter em qualquer época e sociedade, em qualquer contexto e cultura. A importância deste tipo de ética também reside na noção de indivíduo que aqui é proposto: é o homem que aspira a tornar-se pessoa, cumpridor, moral, ser responsável, cuja acção se apresenta capaz de se tornar universalizável.

Rachels (2004) apresenta esta distinção kantiana entre fins e meios, reforçando o papel da dignidade nesse processo: seria pelo facto de o ser humano a ter inerente à sua condição de racionalidade, que a sua acção só seria considerada moral, caso tratasse os outros como fins e nunca como meios. O que Rachels interpreta em Kant é a necessidade de ser racional para exercer a moralidade. Um ser racional era aquele que era responsável, e assim sendo, também era livre e capaz de exercer a sua moralidade:

...o próprio Kant insistiria em que, se os criminosos não são agentes responsáveis, não faz sentido indignarmo-nos com o seu comportamento e “puni-los” por causa dele. Mas na medida em que sejam encarados como pessoas responsáveis, sem desculpas, que simplesmente escolheram violar os direitos dos outros sem qualquer motivo racionalmente aceitável, o retributivismo kantiano continuará a ter um grande poder persuasivo (2004:202).

Esta ética de Kant foi sujeita a críticas, dada a impossibilidade da sua execução total, devido ao seu rigor. Kant foi acusado de rigorismo ético, devido a esta faceta da sua lei moral, que dividia o homem, que o levava a agir desapaixonadamente, a pôr de parte tudo quanto fossem inclinações empíricas.

Mas também aqui, neste projecto de ética para o futuro, podem ser aplicadas as palavras de Kant (FMC) relativamente à possibilidade de não cumprimento da moralidade; pois mesmo que não existisse em parte alguma, um ser capaz de agir de acordo com a lei moral, na sua universalidade e necessidade; mesmo que não houvesse a possibilidade, ainda que remota, da existência de um tal ser, mesmo assim, a lei moral continuaria a ter viabilidade e possibilidade, mesmo não passando de um ideal. Kant afirmava que, ainda que não houvesse homem algum capaz de exercer a lei moral na prática, ainda assim a mesma não perdia a sua validade, interesse e pertinência:

...mesmo que nunca tenha havido acções que tivessem jornado de tais fontes // puras, a questão não é agora de saber se isto ou aquilo acontece, mas sim que a razão por si mesma e independentemente de todos os fenómenos ordena o que deve acontecer; de forma que acções, de que o mundo até agora talvez não deu nenhum exemplo, de cuja possibilidade poderá duvidar até aquele que tudo funda na experiência, podem ser irremittentemente ordenadas pela razão (...) (1995a:41).

Em seguida, Kant reforça essa ideia, através de um exemplo que ilustra que, mesmo que não houvesse homem cuja acção se pudesse considerar moral, ainda assim, a lei moral seria *a priori* em si, tão universal e vazia de conteúdo: “(...) a pura lealdade na amizade não pode exigir-se menos de todo o homem pelo facto de até agora talvez não ter existido nenhum amigo leal, porque este dever, como dever em geral, anteriormente

a toda a experiência, reside na ideia de uma razão que determina a vontade por motivos *a priori*” (1995a:41).

Nietzsche critica em Kant a idealidade, a moral como estando desligada das coisas sensíveis, tornando-se tão intransponível e distante, como impossível e irreal. Segundo Nietzsche, um tal afastamento das coisas terrenas e sensíveis levava o homem à crueldade:

...É nesta esfera que têm origem os conceitos morais “falta”, “consciência”, “dever”, “santidade do dever”. Estas ideias, como tudo o que é grande sobre a terra, foram regadas com sangue. E não poderíamos dizer que este mundo nunca perdeu de todo certo cheiro a sangue e a tormentos? (ainda o imperativo categórico do velho Kant se ressentia de crueldade...) (1976, 3<sup>a</sup>ed:58).

A moralidade de Kant, para além de impossível e antagónica à natureza humana, era para Nietzsche indutora de comportamentos agressivos e violentos pela auto-repressão que provocava no próprio indivíduo. Para Nietzsche, a libertação do homem passava pela recusa de peias, de limitações, quaisquer que elas fossem: “Ao criticar o modelo kantiano – edificado sobre o carácter imperativo e incondicionado da lei moral – Nietzsche fá-lo, precisamente, em nome da libertação do homem relativamente às tutelas e cadeias que o separam de uma plena e total responsabilidade no comando da sua própria existência” (Soromenho-Marques: 1994:86).

Também Tugendhat (2003, 5<sup>a</sup> edição) critica Kant, na análise exaustiva que faz das duas primeiras secções da “Fundamentação da Metafísica dos Costumes”. A dicotomia criada por Kant entre ser sensível e razão, a oposição marcante entre as inclinações e a moralidade pode ser demasiado grande, tão intransponível que qualquer tentativa para cumprir o imperativo da moralidade esbarra com essa impossibilidade. O mesmo autor analisa algumas críticas feitas a Kant pelos seus contemporâneos e considera-as pertinentes:

...O que os críticos contemporâneos censuraram na concepção kantiana, sobretudo Schiller e então também o jovem Hegel, é que Kant teria dividido a natureza humana em duas partes, e isto não é apenas um problema filosófico, mas significa, visto moralmente, que não é mais o homem como um todo que age moralmente. Se eu ajo apenas assim, porque me é ordenado, então ainda sou eu de todo, este ser afectivo, quem age? (2003, 5ª edição:117).

Arendt (2000, 2º vol:271) apresenta uma reflexão acerca da contradição e incompatibilidade entre o “progresso” e “a noção kantiana de dignidade do homem”:  
“No próprio Kant há esta contradição: o Progresso Infinito é a lei da espécie humana; ao mesmo tempo a dignidade do homem exige que ele seja visto, cada homem singular... na sua particularidade, reflectindo como tal, mas sem qualquer comparação e independentemente do tempo, a humanidade em geral”.

### **3.4 – Para uma ética do futuro - concepções implícitas**

Qual a actualidade da lei moral no século XXI? Qual o interesse de uma ética que se baseia numa filosofia e numa concepção de vida de um filósofo que morreu há duzentos anos, influenciado pelo Iluminismo e pelos ideais da Revolução Francesa?

A lei moral é formal, o que significa que pode ser aplicada em qualquer época e a conteúdos diversos, sem perder a sua validade. Como refere Dupuy:

...Não é a busca de um valor com um determinado conteúdo (fidelidade, veracidade) que faz a vontade boa, mas a concordância da sua máxima com a forma de universalidade. O formalismo implica o rigorismo, quer dizer, a recusa em atribuir um valor moral às acções determinadas por outros móveis que não o respeito da lei interior e comandadas pelas inclinações da sensibilidade (1987:45).

Hoje, tal como na época de Kant, a moral e a ética são determinantes e fundamentais para orientar a acção das pessoas. Como é referido por Brito (1994), se a realidade

actual não nos permite sermos kantianos, pelas diferenças abissais de espaço e de tempo, determinando condições outras para a acção e actuação humanas, ainda assim temos muito que aprender com este autor. A noção kantiana de homem e de dignidade, a sua concepção de moralidade e de ética podem ser lições de vida e ensinamentos tão válidos hoje como em qualquer outra época.

...Hoje não é possível ser kantiano. O contexto filosófico, social e político não é o mesmo. Os condicionalismos são outros, somos diferentes a ajuizar. Vemos as coisas com olhos diferentes e não captamos os mesmos matizes. Isto não significa que Kant não tenha nada para nos ensinar. O modo como ele fala do homem, o lugar que lhe deu e a dignidade que lhe reconheceu, o absoluto do valor moral e o considerar que ele é o valor supremo, são dados com os quais nos teremos que confrontar e teremos muito a descobrir na meditação da obra kantiana (Brito, 1994:90, 91).

Se é impossível ser hoje kantiano na prática da existência real e concreta de cada ser, a formulação ética será ainda e sempre, válida e indispensável, enunciada a todos os níveis. Como já se apresentou nos pontos anteriores, a actualidade é muito densa em problemas e esses são decorrentes da acção e dos modos de vida humanos, os quais pressupõem tantas vezes o lucro a qualquer preço, a corrupção, a invasão e a violação dos direitos fundamentais do outro.

A validade da ética não se mede pela sua não efectivação na realidade, ou pela impossibilidade de transformar em ser o dever-ser. A validade da ética torna-se uma necessidade e um imperativo neste mundo actual. Esta ética de hoje é extensível ao outro ser, humano, mas também ao ser animal, ainda e sempre relativamente à natureza e ao ambiente, sem os quais não podemos verdadeiramente aspirar a um futuro que seja justo, ou sequer, a um futuro possível.

Se é impossível hoje ser kantiano, também é impossível ser hoje – e em qualquer outra época, anterior ou posterior – cumpridor de uma ética que respeite os outros seres vivos e o ambiente de uma forma responsável, sendo sempre, como Kant pretendia, a

liberdade o reverso da responsabilidade, não podendo ser uma sem a outra. Mas se é impossível tal coisa, não quer dizer que não deva ser proposta como um ideal, uma possibilidade, um projecto ou um caminho que desponta, sempre em aberto, e sempre viável. Conforme Kant pretendia, mesmo não havendo quem não pudesse efectivamente ser moral no sentido da coincidência completa entre o ser e o dever ser, mesmo assim, a mesma moral não perderia importância nem pertinência.

Pois a Ética é o fundamento de qualquer época e da vivência real entre as pessoas, sendo a nossa, mais do que qualquer outra que a antecedeu, ainda mais permeável a tal necessidade. Dessa vivência e actuação ética que hoje podemos ter, depende o próprio futuro do planeta e da humanidade.

A Educação para a Ética é uma necessidade e deve ser uma constante, dados os aspectos já focados. Singer (2004) apresenta como urgente a constatação das preocupações ambientais, por parte dos estados, no sentido da globalização ao nível do planeta. Mas essas questões passam por interesses políticos e económicos que se sobrepõem e abalam quaisquer modelos éticos que se possam apresentar. Ainda assim, nesse remar contra a maré, Singer apresenta-nos a ideia da educação e da informação das pessoas nesse sentido, como as condições de base para a mudança. Porque essa mudança é urgente e ela passa pela alteração das mentalidades, pela interiorização ética, pela consciencialização da visão do planeta como um todo, ultrapassando barreiras, interesses particulares e guerrilhas, quer internas, quer externas.

Essa educação ética seria uma abrangência das necessidades e dos cuidados necessários, da sua aplicação a todos os níveis de actuação, com base numa atitude consciente, livre e responsável. Em suma, de uma atitude moral. Apesar de tudo, estes conceitos não andam longe dos que Kant apresentava, há mais de duzentos anos, sem

sonhar então, como viriam a ser destrutivas e ameaçadoras as implicações ambientais dois séculos volvidos:

...O facto de haver acções humanas aparentemente inofensivas e triviais que podem afectar pessoas de países distantes está agora a começar a ser importante para a soberania dos países individuais (Singer, 2004:48,49).

Para Singer, os problemas da ética actual são tão globais e avassaladores que nos afectam a todos, sem excepção. As transformações que se deram a partir da Revolução Industrial determinaram um mundo alterado, um planeta doente, onde os recursos se foram esgotando em nome de uma sede desenfreada de poder e de lucro, tão contrária à moralidade preconizada por Kant, como se pertencesse a um mundo diferente. A necessidade de repensar a ética ainda hoje, com tanta urgência como necessidade, resulta deste percurso da humanidade que tem resultado em efeitos cada vez mais catastróficos e assustadores<sup>55</sup>.

A Ética é tão essencial, seja em que época for, que a questão da sua necessidade se desfaz diante da observação da situação actual das pessoas, dos estados e do ambiente. Esta necessidade de repensar a Ética, ajustando-a a uma melhor forma de agir sem lesar, ou de agir sem perturbar os outros, tem de ser uma constante.

Hoje em dia, as questões ambientais são tão determinantes e essenciais, que elas próprias, determinam uma nova postura ética. Ainda segundo Singer, a questão já não se deve colocar ao nível restrito das fronteiras e das políticas dos países, porque todos somos responsáveis, pois em questões ambientais, não há fronteiras nem limites. No que respeita às questões do ambiente, aquilo que fazemos numa determinada parte do mundo pode ter repercussões noutra, assentando tais ideias numa concepção tão

---

<sup>55</sup> Podemos, a este respeito, meditar nas palavras de Singer: “Tudo isto obriga a pensar de forma diferente acerca da ética. O nosso sistema de valores desenvolveu-se em circunstâncias nas quais a atmosfera, como os oceanos, parecia um recurso ilimitado e as responsabilidades e os danos eram geralmente claros e bem definidos (...) Agora, os problemas gémeos do buraco de ozono e da alteração climática revelaram novas formas bizarras de matar pessoas” (2004:48).

simples como óbvia, a de que o planeta é uma totalidade, e os desastres ambientais são um mal para todos, repercutindo-se em áreas distantes, causando efeito noutros lugares.

A ética de Kant, estabelecida a partir da atitude de um ser humano para com todos os outros, continua ainda hoje, a ser relevante no espaço da convivência, do direito, da governação e da política. Mas eis que outra ética emerge (Singer, Rachels, Jonas), tão actual quanto necessária e urgente: se o ambiente não for visto como algo a proteger, se nas suas atitudes diárias, os homens persistirem na sede de devastação e destruição do mesmo em busca do lucro e do sucesso fácil, se nada for feito para proteger essa fragilidade da qual tudo resulta, no futuro pouco ou nada restará<sup>56</sup>. Esta dimensão da ética como extensível de cada indivíduo para todos os outros, relativamente aos seres vivos e ao meio físico, torna-se essencial para a Filosofia e para a Educação do presente e do futuro. Também se trata de uma atitude urgente de reflexão e de acção, propondo novos estilos de vida e outras formas de repensar a existência<sup>57</sup>.

Talvez esta ética do futuro se torne mais humana e mais próxima do dever e do respeito para com os outros, já preconizados por Kant. Ou talvez ela não passe de uma ideia vazia, de um ideal ou de uma quimera. Ainda assim, pensá-la já é determinante como atitude a ter e a desenvolver:

...Toda a Ética, enquanto tentativa de fundamentação duma *ordem humana*, pressupõe um determinado conceito não só do que significa a *ordem*, como ainda do que significa o *humano*. Os projectos éticos ou os projectos de fundamentação da Ética dependerão (...) da diferente concepção de *ordem* e de *humano* que lhes estiver na base (Barbosa *et al.* 1980, vol. II: 81).

---

<sup>56</sup> Tal noção da importância entre a moralidade, a ética e a natureza, encontra-se bem presente em debates e conferências actuais: “O tema da continuidade histórica da moralidade – a moralidade como um momento evolutivo na história geral da odisséia terrestre e considerada como realidade dinâmica, de tal forma que a sua evolução vai no sentido de um alargamento progressivo da esfera dos seres morais até culminar num estado de maioridade, em que o universo de consideração moral englobará os animais, as plantas, os solos, as águas, o ar” (Varandas, 2003:109).

<sup>57</sup> “Jonas apela a uma ética de infinita responsabilidade e infinita não-reciprocidade (...). Tem a geração actual o direito de destruir o habitat das gerações futuras e de criar uma ordem capaz de comprometer a sua alteridade fazendo perigar a existência do ser? A resposta de Jonas é claramente negativa. A geração actual, detentora de direitos e deveres, tem a missão de cuidar do ser, mesmo que essa missão a obrigue a fazer sacrifícios (...) Liberdade e responsabilidade são prerrogativas do ser que o valoram em relação a nada” (Fernandes, 2004:31).

## **PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO**

### **CAPÍTULO 4 – PROCESSOS METODOLÓGICOS DO ESTUDO EMPÍRICO**

#### **4.1. Enquadramento metodológico do estudo e objectivos**

Neste capítulo descreve-se a metodologia que foi utilizada no decurso da investigação, bem como os instrumentos produzidos e desenvolvidos para a mesma. Procura-se apresentar com a maior fidelidade possível as diversas fases do projecto de investigação e a sua crescente complexidade.

Propomo-nos um estudo essencialmente com características das metodologias qualitativas<sup>58</sup>, apesar de se recorrer a alguns aspectos de natureza quantitativa<sup>59</sup>. Será feito um estudo através de questionários e entrevistas a pessoas que tiveram contacto com a obra (professores e alunos) e que acedam responder a questões de desenvolvimento sobre o impacto do estudo da mesma nas suas vidas e acerca da importância da ética na época actual – e que trataremos de forma qualitativa. Será também aplicado um inquérito a cada um dos alunos após o estudo da obra, sendo as questões do mesmo, predominantemente de natureza quantitativa.

O presente estudo enquadra-se no âmbito da apreensão dos conceitos da obra de Immanuel Kant, FMC, por parte de alunos adultos que frequentam as aulas do Ensino

---

<sup>58</sup> A análise qualitativa será feita a partir dos dados recolhidos através de entrevistas exploratórias aos professores e de questões colocadas aos alunos em grupos de duas, em três momentos diferenciados.

<sup>59</sup> A análise quantitativa será feita a partir dos dados recolhidos através do inquérito com questões fechadas, apresentado aos alunos após a conclusão da unidade 9.

Recorrente. A obra é estudada na unidade 9 da disciplina de Filosofia, a penúltima das 10 unidades que totalizam uma equivalência ao 12º ano de escolaridade.

Parece-nos pertinente e actual, a análise desta temática que relaciona a educação de adultos com a Ética e os Costumes. Por um lado, apresenta-se determinante a problemática da educação de adultos ao nível da disciplina de Filosofia, a qual reúne características diferentes de qualquer outra – na dimensão interrogativa e problematizadora, no questionamento, na capacidade crítica e criativa, na análise e na reflexão. Por outro lado, o estudo da obra de um autor do século XVIII e a análise dos seus possíveis efeitos nas pessoas que o analisam e investigam, pode apresentar-se como o reflexo da capacidade que têm os autores de outras épocas de influenciar e de afectar as pessoas que os lêem, ainda que muitos anos se tenham passado e o contexto no qual se viva hoje, seja muito diferente.

A intenção deste estudo é a de mostrar que, se mudam os contextos, não se altera assim tanto a natureza humana, a qual permanece semelhante na sua essência. O estudo pretende verificar se os conceitos apresentados na obra têm alguma actualidade e pertinência para os alunos que os estudam. Pretende-se também analisar a importância da ética na vida concreta de cada aluno e se cada um deles lhe reconhece importância.

Os **objectivos da investigação** foram delimitados do seguinte modo:

- Estudar o impacto do estudo da obra FMC nos alunos do Ensino Recorrente;
- Relacionar a temática da obra com a Educação e Formação de Adultos;
- Verificar a compreensão dos conceitos presentes na obra e na intenção do autor e a sua possível influência na vida concreta de cada aluno;
- Questionar as mudanças sofridas pelos alunos através do estudo e apreensão da obra;

- Relacionar a temática da Ética e da Moral em Kant com a relação ao outro, à sociedade, à responsabilidade social e à construção de cada indivíduo enquanto pessoa;
- Relacionar a temática da Ética e da Moral actual com a Natureza e a responsabilidade ambiental.

#### **4.2. Universo do estudo empírico**

O trabalho de investigação foi levado a cabo no ensino secundário – Ensino Recorrente, em Escolas Secundárias, no Algarve.

A escolha deste campo de investigação deveu-se, em primeiro lugar, ao facto da proponente ser professora de Filosofia, estando a leccionar este mesmo nível de ensino – Recorrente terminal nocturno antigo - no presente ano lectivo (2004/2005), o mesmo em que realizou o presente estudo, de forma a contactar, de forma mais próxima, com a obra e com os alunos. Pretendia-se recolher impressões dos alunos relativamente à obra e ao seu autor, bem como fazer a auscultação das principais dificuldades encontradas no estudo da mesma.

Para o efeito desta investigação, foram elaborados instrumentos específicos: pré-questionário, questionário e questões de tratamento qualitativo.

#### **4.3. Hipóteses em estudo**

(...) uma *hipótese* é uma expectativa sobre acontecimentos, baseada nas generalizações de uma relação que se assume como tal, entre determinadas variáveis. As hipóteses são abstractas e estão relacionadas com as teorias e os conceitos, enquanto as observações, que se utilizam para testar essas hipóteses, são específicas e baseadas em factos (Tuckman, 1994, 4ª ed.:97).

Apresenta-se uma formulação hipotética que vai ser estudada; esta investigação pretende confirmar (ou não) o que pode ser considerado senso comum (a influência do estudo da obra no comportamento ético dos alunos e as tentativas de aproximação do tema principal com a época actual). Pretende-se saber em que medida a ética e a moral de Kant podem influenciar (ou mesmo alterar) os comportamentos e as atitudes.

Na aplicação do inquérito, pretendíamos auscultar se essa possibilidade existe; formulámos questões (quase todas fechadas), onde inquirimos quais os efeitos da leitura da obra (FMC) e do contacto da filosofia do autor sobre os alunos e, se em tais conceitos, existe para eles alguma actualidade.

Nas questões de tratamento qualitativo, a liberdade que foi dada aos alunos para desenvolverem livremente os temas pedidos, levou-os a relacionar a ética e a moral com variados e múltiplos assuntos.

Na aplicação das questões de tratamento qualitativo, constituiu uma vantagem conhecermos os sujeitos a investigar: uma vez que conhecemos bem os alunos das duas turmas (sujeitos), facilmente pudemos ter uma atitude de escuta, de empatia e de abertura que facilitou a descodificação dos seus discursos.

#### **4.4. Variáveis em estudo**

Neste estudo, apresentam-se as seguintes variáveis:

Variáveis dependentes – Alteração do comportamento ético após o estudo da obra, constatação da importância da ética na actualidade, comparação entre os temas da obra e os da actualidade;

Variável independente – Estudo da obra (FMC).

Após termos definido as hipóteses, o próximo passo será o de recolher os dados.

Relativamente ao tema apresentado, como se trata de relacionar as componentes “alteração do comportamento ético após o estudo da obra”, “constatação da importância da ética na actualidade”, “comparação entre os temas da obra e os da actualidade”; com “estudo da obra”, é possível situá-lo nas “Variáveis Sistémicas” apresentadas em Gonçalves, F.R. (1993), *A Observação da Relação Educativa no Processo Ensino-Partilha-Aprendizagem*:

“Exo-Sistema – A cultura familiar, a cultura do grupo extra-escola e a cultura regional enquanto determinantes do sucesso do professor e do sucesso do aluno” (1993:46, fig.6e).

Esta variável pode condicionar os resultados apresentados pelos alunos.

#### **4.5. Os instrumentos: construção, descrição e validação**

...Os investigadores usam os questionários e as entrevistas para transformar em dados a informação directamente comunicada por uma pessoa (ou sujeito). Ao possibilitar o acesso ao que está “dentro da cabeça de uma pessoa”, estes processos tornam possível medir o que uma pessoa sabe (informação ou conhecimento), o que gosta e não gosta (valores e preferências) e o que pensa (atitudes e crenças) (Tuckman, 1994, 4ª ed.:307).

De início, procedeu-se à realização de entrevistas exploratórias a professores de Filosofia que tivessem tido experiência em anos anteriores no contacto com a obra (FMC) e com os alunos adultos. Pretendia-se recolher ideias e conceitos, de forma a conceber os instrumentos para aplicar aos alunos.

Como procedimento de recolha de dados quantitativos, optou-se pelo Questionário (Anexo 2), com um conteúdo de facto e uma forma fechada e aberta aplicado aos sujeitos pelo professor da disciplina, tendo este sido preenchido numa sala de aula. Este foi anónimo, tendo em vista conseguir uma maior sinceridade por parte dos alunos. Ficámos, deste modo, na posse dos indicadores respeitantes às variáveis em estudo. O Questionário inclui, também, um texto no qual se explica o porquê da sua elaboração, qual a sua finalidade, o nosso objectivo e algumas indicações para o seu correcto preenchimento.

Para além do inquérito, foram concebidas e aplicadas as questões de tratamento qualitativo (Anexos 3a, 3b e 3c), visando os conceitos relativos à obra estudada (a moral e a ética), no sentido de levar os alunos a desenvolver ideias e a expressar livremente o que pensam desses assuntos. Considerou-se que o tratamento qualitativo a dar a essas respostas seria uma forma de completar as informações recolhidas através do processo do inquérito, permitindo assim uma análise muito mais completa e uma perspectiva muito mais ampla do estudo a realizar.

#### **4.5.1. Procedimentos metodológicos**

Considerou-se que seria vantajoso pedir a participação dos alunos que frequentaram a unidade 9 no ano lectivo de 2004/05 na escola onde a investigadora é professora de Filosofia.

A população do Ensino Recorrente é flutuante, passando a maior parte dos alunos, neste processo terminal, por três professores diferentes ao longo do mesmo ano lectivo, devido à mudança de unidades. Estando a investigadora a leccionar a unidade 9 (a penúltima, como já se referiu), no ano lectivo referido, a mesma considerou que em

cada período lectivo receberia alguns alunos novos, os quais terminariam esse estudo em cerca de dois, três meses, sendo seguidamente substituídos por outros.

Assim sendo, procurou-se aproveitar essa população, apresentando-se a cada novo aluno, antes do início do estudo da obra e do contacto com a filosofia do autor, um conjunto de duas questões de desenvolvimento, para tratar de forma qualitativa (Anexo 3a);

Ao longo das cerca de oito a dez semanas que habitualmente constituem o tempo de estudo e de análise da obra, foi pedido aos alunos que respondessem a mais duas questões (Anexo 3b);

Após o estudo da obra, a realização do exame e o respectivo aproveitamento, pedimos aos alunos que respondessem às últimas duas questões (Anexo 3c) e também ao questionário definitivo (Anexo 2).

O anexo 2 diz respeito às questões de tratamento quantitativo.

Os anexos 3a, 3b e 3c dizem respeito às questões de tratamento qualitativo.

#### **4.5.2. População e amostra**

Numa primeira fase, entre Maio e Julho de 2004, foi a população que respondeu ao questionário constituída por 41 alunos que frequentavam diferentes estabelecimentos de ensino no Algarve; na segunda fase, a recolha incidiu sobre os alunos da investigadora, tendo decorrido ao longo do ano lectivo de 2004/05 (entre Setembro de 2004 e finais de Junho de 2005). A maior parte desses alunos que preencheram os inquéritos na segunda fase, também responderam às questões de tratamento qualitativo. Pretendeu-se assim, aproveitar ao máximo a população existente, tendo em conta a

influência dos conceitos presentes na obra para os alunos (principalmente a ética e a moral), procurando que eles os articulassem com a época em que vivem. No total, recolhemos 76 inquéritos.

Assim, a população que respondeu às questões de desenvolvimento (Anexos 3a, 3b e 3c) foi constituída pelos alunos do Ensino Recorrente que frequentaram a unidade 9 na escola onde a investigadora lecciona. Dessa forma, a amostra representa a totalidade dos alunos encontrados e não é aleatória. O procedimento era o de ter efectivamente aqueles alunos nas aulas do ensino nocturno ao longo do ano lectivo 2004/05.

A população visada com este estudo era constituída por alunos adultos (com mais de 18 anos), que frequentassem no Ensino Recorrente a unidade 9 da disciplina de Filosofia. Procurou-se estender a aplicação do inquérito ao maior número possível de indivíduos e neste caso, a amostra pretendeu ser a totalidade dos indivíduos encontrados que reunissem as condições requeridas: fossem adultos, que tivessem obtido aproveitamento no exame da unidade 9 e se prestassem ao que lhes era solicitado.

Recolhemos 54 opiniões relativamente às primeiras questões colocadas (antes do estudo da obra – questões: Anexo 3a; respostas: Anexos 5a, 5b e 5c), 42 respeitantes ao segundo grupo de questões (durante o estudo da obra – questões: Anexo 3b; respostas: Anexos 6a e 6b) e 35 referentes ao último conjunto de questões (após o estudo da obra – questões: Anexo 3c; respostas: Anexos 7a e 7b). A diminuição do número de sujeitos respondentes deveu-se às características dos alunos deste grau de ensino (não haver regime de faltas e alguns deles só aparecerem nas aulas de vez em quando) e ao facto de outros terem perdido as folhas de tratamento qualitativo, ou terem-se esquecido delas, ou após terem feito o exame não terem voltado às aulas. Por todas essas razões, o número de sujeitos encontrado foi o possível e o disponível, tendo o nosso trabalho

empírico sido baseado nas respostas dadas, quer ao inquérito, quer às questões de tratamento qualitativo.

#### **4.5.3.1. As entrevistas exploratórias aos professores**

O primeiro passo da investigação foi a realização das entrevistas. Ao fazê-las, tivemos a intenção de levantar aspectos que pudessem melhorar a nossa investigação, de procurar boas informações, neste caso, de saber a opinião dos professores sobre o assunto em causa, auscultando os pormenores relativos à sua experiência profissional. Os professores entrevistados foram aqui encarados como interlocutores. A entrevista foi semi-directiva, uma vez que era por nós fixado o tema, mas os respondentes desenvolveram livremente o seu raciocínio, acrescentando ideias e exemplos, por eles considerados enriquecedores para os assuntos em causa: “Refere-se mais ou menos directamente ao tema imposto pelo investigador, e não àquilo de que o interlocutor deseja falar (...) o seu objectivo está ligado aos objectivos da investigação (...)” (Quivy e Campenhoudt, 1998, 2ª ed.:74).

Cada um dos interlocutores era estimulado a falar livremente acerca dos assuntos inquiridos, podendo e devendo desenvolver os aspectos relacionados com a pedagogia aplicável a alunos adultos, ao estudo e à interpretação da obra, aos pormenores relacionados com a apreensão dos alunos e as dificuldades encontradas.

Foram realizadas cinco entrevistas exploratórias, dirigidas a professores de Filosofia que já tivessem tido a experiência docente relativa ao autor e à sua obra, e que estivessem conscientes da importância dessa problemática ao nível do Ensino Recorrente. Se alguns dos entrevistados já tinham tido contacto com a obra ao nível do

Ensino Recorrente Nocturno, outros já a tinham leccionado no ensino diurno. É importante referir que esta obra, a FMC, fazia parte das que eram escolhidas na maior parte das escolas para representar a época moderna no 12ºano do ensino diurno.

Todos os interlocutores se prestaram com agrado a responder às questões e com cada um deles foi marcado um dia e uma hora para a entrevista. O material utilizado foi um gravador, pedindo-se e obtendo-se da parte de todos eles a autorização para o utilizar.

O contexto em que decorreram as entrevistas foi em ambiente agradável e calmo, havendo a preocupação de não ocorrerem interferências no decorrer das mesmas. Dos cinco professores entrevistados, um era do sexo masculino e quatro eram do sexo feminino. As entrevistas decorreram numa sala anexa à sala dos directores de turma, na escola secundária, com a excepção de uma delas, que decorreu na sala de estar da casa da entrevistada. As idades dos entrevistados eram compreendidas entre os trinta e dois e os cinquenta e cinco anos.

As entrevistas decorreram entre Março e Abril de 2004, tendo sido todos os dados registados em fita magnética. O tempo total de duração das entrevistas foi variável, tendo três delas durado cerca de trinta e cinco minutos e as outras duas, cerca de quarenta e cinco minutos. O registo magnético de cada entrevista foi transcrito na sua totalidade. Posteriormente, a investigadora entregou a cada um dos participantes uma cópia da respectiva transcrição, para que fossem avaliados alguns aspectos que pudessem ser considerados menos claros e os entrevistados fizessem as alterações que considerassem necessárias. Mas todos eles consideraram que a transcrição estava fiel ao que tinha sido dito.

**Quadro 1:**  
**Características dos participantes nas entrevistas exploratórias**

Participantes	Idade	Sexo	Anos de Docência	Anos a leccionar o Ensino Recorrente	Anos a leccionar a obra: "Fundamentação da Metafísica dos Costumes"
Sujeito A	32 anos	M	8 anos	1 ano	1 ano
Sujeito B	42 anos	F	18 anos	13 anos	8 anos
Sujeito C	51 anos	F	25 anos	1 ano	1 ano (Ensino Recorrente) 6 anos (Ensino Regular)
Sujeito D	55 anos	F	27 anos	1 ano	1 ano (Ensino Recorrente) 7 anos (Ensino Regular)
Sujeito E	34 anos	F	10 anos	5 anos	2 anos

Conforme se apresenta no Guião da Entrevista (Anexo 1), os objectivos da mesma eram os seguintes:

- Conhecer dados pessoais do(a) entrevistado(a).
- Conhecer a diversidade de contextos profissionais onde decorreu a experiência de tratamento da obra, quer no Ensino Secundário (12º ano) quer no Ensino Recorrente.
- Compreender qual é o processo de Ensino-Aprendizagem que os professores utilizam com os alunos adultos.
- Apreender as diferenças na apreensão e análise da obra por parte dos alunos (jovens – Ensino Secundário) e dos adultos (Ensino Recorrente).
- Encontrar e identificar as dificuldades mais frequentes na análise e tratamento da obra.
- Enquadrar a diferenciação dessas dificuldades entre os alunos jovens e adultos.
- Através da análise da experiência profissional de cada um dos entrevistados, desenvolver os conceitos mais significativos no percurso da obra.
- Enumerar as dificuldades encontradas na exploração dos conceitos.

- Relacionar a Moral e a Ética kantiana com a actualidade.
- Apresentar e salientar a dimensão actual da Ética.
- Salientar a importância da mensagem principal presente na obra.
- Verificar se houve mudanças de percepção provocadas pela leitura e análise da obra (em professores e alunos).
- Recolher informação não prevista ou não solicitada ao longo da entrevista e que seja considerada importante pelo entrevistado.

Como já foi referido, os sujeitos entrevistados eram professores de Filosofia, com alguma experiência no Ensino Recorrente e na análise da obra em questão. Foi-lhes pedido (pela investigadora) que falassem livremente acerca dos temas em questão, da relação entre a ética e a moral de Kant e a actualidade, da pertinência da obra (FMC), das dificuldades apresentadas e da reacção dos alunos ao estudo e apreensão do mesmo. Segundo os entrevistados, essas reacções dos alunos oscilaram entre as dificuldades extremas e a impossibilidade de apreensão dos conceitos, até à sua plena adequação na actualidade.

Com estas entrevistas, pretendia-se analisar comparativamente as experiências dos professores, relacionando-as com os conceitos emergentes da filosofia prática de Kant.

#### **4.5.3.2. O Pré-Questionário**

O Pré-Questionário representou a formulação anterior à elaboração do Inquérito. Submeteram-se 15 alunos à sua análise, foram pedidas sugestões de alterações. Esses alunos que preencheram os pré-questionários eram alunos do Ensino Secundário Recorrente no ano lectivo de 2003/04, que frequentaram a mesma escola onde a autora

deste trabalho é professora. Todos eles tinham terminado com aproveitamento o estudo da unidade 9, com base na obra de Kant (FMC).

As alterações que foram propostas eram mínimas e a versão definitiva tornou-se muito semelhante à prévia. Era pedido aos alunos que referissem algumas sugestões para as alterações a fazer ao questionário. A maior parte deles não respondeu a esse pedido, dois sugeriram ligeiras alterações na forma:

“tentar uniformizar a técnica das respostas às questões para mais facilmente responder” (Sujeito 5); “as notas estão pouco claras” (Sujeito 6).

Um outro aluno salientou a vantagem da disposição das questões tal como se encontrava:

“Penso que a organização das perguntas e a estrutura do teste estão óptimas, não tenho nenhuma alteração a propor” (Sujeito 12).

#### **4.5.3.3. A construção do questionário**

Os conceitos, as dimensões, os componentes e os indicadores (apresentados na obra estudada) que foram tidos em conta no questionário, bem como os que se apresentam nas questões abertas formuladas aos alunos, estão conforme o apresentado na mapa conceptual do Plano de Dissertação.

A partir do **conceito-base** “Diferenças processuais de Ensino-Aprendizagem entre adultos e jovens”, pretende-se desenvolver as seguintes **dimensões**:

**Educação e Formação de Adultos.**

**Ensino Recorrente.**

**Influência da leitura da obra (FMC).**

**Efeitos da interpretação da obra.**

**Aplicações dos conceitos presentes na obra à situação concreta de cada aluno adulto.**

**Mudança de percepções provocadas pela leitura da obra.**

Dessas dimensões apresentadas, fazem parte os seguintes componentes, todos eles presentes na obra e sujeitos a reflexão, desenvolvimento e questionamento através dos alunos, pretendendo-se a sua possível articulação e relação com a época presente, sobretudo através da importância dos conceitos-base da obra, a Ética e a Moral:

**Ética**

**Moral**

**Lei Moral**

**Liberdade**

**Responsabilidade**

**Comportamento Social**

Da influência dessas componentes, pretende-se retirar uma outra, ainda não presente na obra do autor, mas decorrente da sua leitura e do seu estudo, e também da inevitável articulação e actualidade dos temas tratados:

**Do respeito pelos outros ao respeito pela natureza.**

A partir da análise das componentes, derivam-se os indicadores, também eles presentes na temática do autor, mas sempre tendo em conta a sua correlação com a época actual e as questões emergentes neste “aqui” e “agora” em que os alunos se situam:

**Articulação entre Ética kantiana e Ética actual.**

**Da universalidade de uma Lei Moral.**

**Da Lei Moral como forma desprovida de conteúdo empírico.**

**Relação entre Liberdade e Responsabilidade.**

**Dimensão responsável, única e peculiar de ser pessoa.**

Após as ligeiras alterações propostas, a versão definitiva do questionário ficou completa (Anexo 2). O mesmo foi construído para ser aplicado aos alunos, apenas quando estes tivessem feito exame da unidade 9 e obtido aproveitamento no mesmo.

Os objectivos do questionário prendiam-se com a necessidade de auscultar os efeitos da obra nos alunos e a efectiva apreensão dos conceitos nela apresentados.

Considerou-se importante iniciar o mesmo com uma observação acerca do estudo em causa e das intenções pretendidas com o mesmo. No início do questionário, além dos agradecimentos a quem se prestou a colaborar, apresenta-se a explicação acerca da investigação e dos propósitos a atingir com a mesma: “O presente questionário destina-se à validação de um modelo de análise referente a uma investigação sobre o efeito do estudo da obra de Immanuel Kant “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” na moral e no comportamento ético dos alunos a realizar no âmbito do mestrado em Ciências da Educação - Educação e Formação de Adultos.”

Adiante se acrescenta a intenção de auscultar alunos adultos acerca do assunto em causa, pede-se que não sejam deixados espaços em branco e que as respostas sejam sinceras e claras, assegura-se a confidencialidade dos dados transmitidos.

Na primeira parte do questionário, são pedidos em respostas fechadas, os dados pessoais do aluno respondente: sexo, idade e situação profissional. Na possibilidade de o aluno ser trabalhador estudante, apresenta-se uma resposta aberta, de forma a contemplar a descrição do trabalho ou profissão realizado pelo mesmo.

A segunda parte do questionário destina-se às questões fechadas acerca do estudo da obra (FMC): pede-se que o aluno descreva a forma como tomou contacto com a filosofia de Kant, apresentando-se diversas modalidades, todas fechadas, terminando

com uma aberta, que contempla outra forma de o aluno ter tomado contacto com a obra do autor, diversa das apresentadas.

Na questão seguinte, pede-se ao aluno que refira os “Motivos que levaram ao estudo da obra (FMC), seguindo-se as diversas possibilidades em resposta fechada e apresentando-se a última em aberto, tal como a anterior.

A terceira questão procura saber se houve “Mudança do comportamento ético devido ao estudo da obra”, sendo o modelo de resposta semelhante ao das questões anteriores, pretendendo-se saber quais foram os motivos que podem ter possibilitado essa mudança.

A quarta questão incide sobre a linguagem utilizada na obra e as dificuldades que se podem apresentar para os alunos. Também nesta questão eram contempladas diversas hipóteses.

A quinta questão pretendia saber quais os conceitos que o aluno considerava mais importantes no estudo da obra, apresentando-se os mesmos de seguida, sendo medidos em escala de um a cinco.

A sexta questão também incidia sobre os conceitos da obra, a sua importância, facilidade ou dificuldade, utilidade ou aplicação moral.

A sétima questão incidia sobre a ética, a sua importância, actualidade e articulação (ou não) com a época presente.

A oitava questão destinava-se à apreensão das maiores dificuldades sentidas na análise e estudo da obra.

A nona questão incidia sobre a actualidade (ou não) dos conceitos presentes na obra, apresentando-se de seguida a enumeração dos mais comuns. Considerou-se que seria pertinente apresentar esses conceitos e recolher dos alunos a informação acerca dos mesmos. Esses conceitos eram os seguintes: **autonomia da vontade, boa vontade,**

**dignidade da pessoa humana, ética e Moral, felicidade, ideia de Deus, imperativo Categórico, lei Moral, liberdade, projecto de cada ser humano para se tornar pessoa, responsabilidade e universalidade da lei moral.**

Quer a décima quer a décima primeira questões, pediam que fossem ordenadas as afirmações que eram apresentadas de seguida (e que se relacionavam com a obra estudada), por prioridades, sendo a primeira, aquela com a qual mais se identificavam e assim sucessivamente até ao número oito (no caso da questão dez) e ao número doze (no caso da questão onze).

A décima questão pretendia saber quais os efeitos (se os havia) nos alunos, provocados pelos estudo e pela análise da obra.

A décima primeira questão questionava directamente os alunos acerca do impacto da obra sobre eles.

Finalmente, a última questão era aberta e pedia aos alunos: “Se pudesse definir a obra “Fundamentação da Metafísica dos Costumes”, o que diria?” Alguns deles não responderam a esta questão, o que é pena, uma vez que, das respostas obtidas se pode concluir muito do que foi apreendido (ou não), com gosto (ou não) acerca do autor e da sua obra.

#### **4.5.3.4. A aplicação do questionário**

O questionário foi sendo aplicado ao longo de vários períodos lectivos, desde Maio de 2004 até Julho de 2005, tendo em conta o seguinte: que o mesmo só podia ser apresentado aos alunos após terem os mesmos concluído o estudo da unidade 9, se possível com aproveitamento no exame; dadas as características do ensino recorrente que permitem fazer as unidades em qualquer altura, dentro do período de tempo

correspondente às actividades lectivas, os alunos surgem em diversos momentos; ao longo do mesmo período lectivo, podiam surgir vários alunos para preencher os inquéritos.

A maior parte das questões do questionário era de resposta fechada, exigindo assim um tratamento quantitativo das respostas obtidas. Mesmo assim, algumas das respostas fechadas contemplavam hipóteses em aberto, no final, às quais poucos ou nenhuns alunos responderam (II parte: questão 1.5., 1.10., 2.10., 3.8., 4.8., 5.11. e 6.13.). Além destas, havia outras duas que eram claramente abertas: a questão 3: “*Se trabalha, em que área exerce a sua profissão?*” e a questão 12: “*Se pudesse definir a obra “Fundamentação da Metafísica dos Costumes”, o que diria?*”

Relativamente à questão 3, alguns dos alunos não responderam, por estarem desempregados ou por se tratar de estudantes a tempo inteiro. Daqueles que declararam exercer uma profissão, apresentamos em anexo uma tabela com os resultados (Tabela 2 - Anexo 8).

Relativamente à questão 12 “*Se pudesse definir a obra “Fundamentação da Metafísica dos Costumes”, o que diria?*”, 6 sujeitos não responderam.

Dos sujeitos que responderam à questão 12, e que constituíram a maior parte dos sujeitos inquiridos, as respostas encontram-se no Anexo 9. Considerámos vantajoso agrupar as respostas por categorias, atribuídas conforme as características que os referidos alunos encontravam na obra.

#### **4.5.3.5. As questões abertas de tratamento qualitativo**

“A palavra “população” deve, portanto, ser aqui entendida no seu sentido mais lato: o conjunto de elementos constituintes de um todo” (Quivy e Campenhoudt, 1998, 2ª ed.:169).

Relativamente às questões de natureza qualitativa, a população que respondeu às mesmas, foi constituída por todos os alunos que ao longo do ano lectivo 2004/2005 estudaram a unidade 9 na escola secundária onde a investigadora lecciona.

Considerou-se que seria muito útil auscultar o parecer dos alunos acerca da obra, sendo-lhes pedido que respondessem livremente às questões que incidiam sobretudo nos temas da moral e da ética. Através das respostas obtidas às primeiras questões, a investigadora apercebeu-se que seria interessante explorar essa temática, solicitando aos alunos outras respostas em outros momentos do estudo da obra.

Assim, surgiu a ideia de repartir as questões de tratamento qualitativo em três momentos: antes do estudo da obra, durante o seu estudo e após a sua conclusão. Cada conjunto era constituído por duas questões que se prestavam a respostas abertas e a um desenvolvimento e tratamento livres acerca do tema. Pretendia-se auscultar o tipo de evolução sofrida ao longo das semanas (ou meses) em que durava o estudo da mesma.

Uma parte dos alunos que responderam ao primeiro conjunto de questões – 54 sujeitos - (Anexos 3a, 5a e 5b) também responderam ao segundo – 42 sujeitos - (Anexos 3b, 6a e 6b) e ao terceiro grupos – 35 sujeitos - (Anexos 3c, 7a e 7b). A redução verificada no número de alunos respondentes desde as primeiras às últimas questões, deveu-se ao seguinte: alguns dos alunos que responderam à primeira folha acabaram por não responder às outras porque desapareceram, nunca mais foram às aulas, tendo provavelmente desistido ou resolvido adiar para o ano seguinte a conclusão do ensino secundário. Era pedido aos alunos que colocassem o nome em cada uma das folhas de resposta, com a intenção de verificar se cada um deles respondia a todas elas.

Cada uma das folhas iniciava-se com uma recomendação aos alunos acerca dos objectivos do estudo. Era referido o facto de não haver qualquer intenção de os avaliar,

pedindo-se a cada um deles que escrevesse tudo o que se lembrasse acerca dos assuntos pedidos. Terminava-se com os agradecimentos pela colaboração.

**Quadro 2:**  
**Intenções e objectivos das questões de tratamento qualitativo**

Momentos de inquirição	Questões	Objectivos
<b>Questões anteriores ao estudo da obra</b>	1 – O que entende por Ética? Dê exemplos.  2 – O que é para si a moral?	Verificar e apreender a noção de ética e de moral antes do contacto com a filosofia do autor e com os conceitos da obra.  Apreender o que significam estes conceitos para as pessoas no dia-a-dia.  Comparar os exemplos apresentados e verificar em que contexto os conceitos são aplicados.
<b>Questões colocadas durante o estudo da obra</b>	1 – Qual lhe parece ser a importância da Ética na época actual? Dê exemplos e justifique bem a sua resposta.  2- Acha possível estabelecer uma comparação entre a obra que está a estudar, a “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” e a moral e a ética da época em que vive? Porquê?	Verificar se já houve mudança na postura e na consciencialização dos conceitos, devido ao contacto com a filosofia do autor e com o estudo da obra.  Comparar o modelo de ética apresentado pelo aluno com a ética de Kant.  Comparar as respostas dos vários sujeitos de investigação.
<b>Questões posteriores ao estudo da obra</b>	1- Que contributos da obra “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” lhe parecem mais marcantes na actualidade?  2 – Acha que o estudo da obra “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” pode ter alguns reflexos no seu comportamento ético e moral? Se sim, quais lhe parecem ser esses reflexos?	Verificar se a obra e os seus conceitos tem algum impacto no comportamento dos alunos.  Constatar a actualidade (ou não) da obra e dos seus conceitos.

#### 4.6. Recolha, codificação e tratamento dos dados

Os alunos do ensino recorrente nocturno vão terminando unidades, iniciando outras, num regime temporal completamente diverso do sistema aplicado com os alunos do ensino diurno. Eles vão aparecendo ao longo do tempo, havendo épocas em que o

número de elementos é maior, diminuindo sempre à medida que o ano lectivo se aproxima do termo. A unidade 9 é intermédia pois representa uma passagem para a última, e só com aprovação na décima unidade, os alunos podem obter a habilitação do décimo segundo ano. Numa situação normal de aproveitamento do tempo disponível, um aluno frequentá-la-ia sobretudo durante o segundo período, reservando-se o primeiro para a unidade anterior e o terceiro para a última. Mas nem sempre é assim, porque alguns deles reprovam em certas unidades, têm ritmos próprios que os fazem desaparecer durante semanas e atrasar o percurso e grande parte deles acumula a escola com o trabalho.

Por essas razões, a recolha de dados não se fez de forma uniforme, através da distribuição dos inquéritos e das questões de tratamento qualitativo, sendo todos os alunos contactados em épocas similares, por tal coisa ser impossível num sistema de ensino como o Recorrente Nocturno. A recolha dos dados totais foi sendo feita ao longo de quinze meses (desde Maio de 2004 a Julho de 2005) e à medida em que era possível encontrar os alunos.

#### **4.6.1. Os dados quantitativos**

Os dados resultantes da aplicação dos inquéritos foram tratados através do programa SPSS (as tabelas apresentam-se no Anexo 8 e contêm os resultados quantitativos – em percentagens – respeitantes às respostas fechadas do inquérito), sendo os resultados obtidos comentados no capítulo 5.

Considerou-se que esta forma de tratar quantitativamente os dados é eficaz e rápida, permitindo uma análise geral e numérica dos resultados apresentados. A apresentação em tabelas possibilita a apreensão e a comparação dos resultados obtidos.

#### **4.6.2. Os dados referentes às questões de tratamento qualitativo**

As questões de natureza qualitativa permitiram-nos analisar ao longo de três momentos (antes do estudo da “Fundamentação”, ao longo deste e após o mesmo) a tradução e articulação com a actualidade dos conceitos da ética e da moral. A sua intenção era de fazer uma ponte entre a obra do autor (um filósofo do século XVIII) e a actualidade, mostrando as interdependências, as similaridades e a presença dos mesmos conceitos em ambas as épocas. Através da análise das respostas dadas pelos alunos, concluímos que, apesar da diversidade e da multiplicidade de opiniões encontradas, conceitos como a ética e a moral são intemporais e estão presentes (ou deveriam estar) na humanidade, em qualquer época ou cultura.

No ano lectivo de 2004/2005, a autora deste estudo leccionou uma turma do Ensino Recorrente, apenas na unidade 9. Os seus alunos, tendo concluído com êxito a unidade 8 com outro professor, iniciaram depois o estudo da obra (FMC) e da filosofia de Kant, decorrendo o mesmo durante cerca de oito a dez semanas.

No início dessas aulas, antes de se inteirarem do teor da obra e da filosofia do autor, foi solicitado aos alunos que respondessem a duas questões: “*O que entende por Ética? Dê exemplos*” e “*O que é para si a moral?*” (Anexo 3a).

Ao longo do percurso de leitura e análise da obra, surgiam mais duas questões em que se pedia aos alunos que respondessem, sempre desenvolvendo o que lhes parecesse mais adequado, reforçando que tais questões nada tinham a ver com o processo de avaliação: “*Qual lhe parece ser a importância da Ética na época actual? Dê exemplos e justifique bem a sua resposta*” e “*Acha possível estabelecer uma comparação entre a obra que está a estudar, a “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” e a moral e a ética da época em que vive? Porquê?*” (Anexo 3b).

Após a conclusão da leitura e do estudo da obra, depois de terem feito exame e tendo o resultado do mesmo sido positivo, era pedido aos alunos que respondessem às duas últimas questões: “*Que contributos da obra “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” lhe parecem marcantes na actualidade?*” e “*Acha que o estudo da obra “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” pode ter alguns reflexos no seu comportamento ético e moral? Se sim, quais lhe parecem ser esses reflexos?*” (Anexo 3c).

Para além das respostas às questões de tratamento qualitativo, foi também pedido a cada aluno que concluiu com êxito a unidade 9, que respondesse ao inquérito por questionário.

Após cada grupo de alunos ter concluído com aproveitamento a unidade 9 e passado para a seguinte com outro professor, iniciava-se o estudo da mesma, já com outros alunos, recém-saídos da unidade anterior. Ao longo do ano lectivo (2004/05) e com uma média de 8 a 10 semanas por cada grupo<sup>60</sup>, com exames, aulas de revisões e interrupções lectivas, estabeleceu-se contacto com cerca de três grupos.

No que se refere à análise das questões de desenvolvimento aplicadas aos alunos antes, durante a após o estudo da obra, conforme a descrição que fizemos anteriormente, seguimos Bardin (1977) até criar unidades de significação para poder apresentar os resultados. Integrámos em categorias os mesmos e comentámos as respostas no Capítulo 5.

---

<sup>60</sup> Por vezes, até mesmo 12 ou mais semanas. É muito variável o tempo que pode durar a apresentação e análise da obra, chegando ao momento em que os alunos se sentem preparados para fazer o exame. Neste caso, o ensino é muito individualizado, pois nem todos têm o mesmo ritmo e o momento do exame não pode ser o mesmo para todos eles.

## **CAPÍTULO 5 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

### **5.1. Aplicação e discussão das entrevistas exploratórias aos professores e tratamento dos dados obtidos**

...Nem todo o texto é tido em consideração. Não se trata pois de um método exaustivo, pelo menos em relação ao conteúdo do texto. Apenas uma dimensão, a das atitudes, é tida em consideração, e por consequência, só os enunciados que exprimem uma avaliação, são submetidos à análise. A primeira operação consiste portanto, em extrair da mensagem as proposições que respondem a este critério (Bardin, 1995:156).

Foram realizadas cinco entrevistas exploratórias a professores, cuja experiência ao nível do Ensino Recorrente e ensino da obra, pudessem contribuir para a elaboração das perguntas do inquérito e ser inspiradores das questões de tratamento qualitativo. As respostas obtidas foram múltiplas e diversas, sendo também diversificadas as estratégias utilizadas para o tratamento e a explicitação dos conceitos fundamentais. Dessas respostas recolhemos a riqueza e a diversidade e reflectimos acerca da criatividade e dos recursos apresentados pelos professores no decorrer das suas actividades lectivas.

Cada entrevistado<sup>61</sup> deu o contributo acerca da sua experiência docente ao nível do ensino de adultos e do estudo da obra FMC. Sendo cada professor uma pessoa com características próprias e únicas, e sendo também essa uma característica determinante da filosofia, a pluralidade de opiniões e de ideias, tornando-se o filosofar numa caminhada pessoal de cada um, que se descobre e encontra, ao nível da reflexão pessoal

---

<sup>61</sup> As letras entre parêntesis nas citações referem-se à ordem atribuída aos sujeitos inquiridos. Optou-se pela ordem alfabética, porque se considerou a mais adequada.

e crítica, não poderíamos deixar de considerar a diversidade das respostas obtidas como uma riqueza.

Também a educação é um acto comunicacional, determinante e fundamental para assegurar a concretização e o êxito dos alunos. Todos estes aspectos estão interligados e são fundamentais no mesmo processo: educação, comunicação, filosofia, idade adulta, conceitos e apreensão da obra.

Algumas das reflexões e das experiências relatadas são comuns aos sujeitos inquiridos, pois todos eles as referem; noutros casos, acerca do mesmo assunto, cada um deles desenvolve a sua própria reflexão pessoal, crítica, específica e única.

Agrupámos o contributo dos entrevistados em temas que se apresentam nos pontos seguintes. Neles encontrámos tantas participações e exemplos dados pelos professores respondentes, que nos pareceu importante referi-los e reflectir acerca deles. Dessa reflexão, poderemos obter novos dados para que a prática docente na disciplina de Filosofia e no caso específico da análise desta obra e da filosofia deste autor, sejam mais esclarecedoras. Também nos parece muito útil e interessante a análise das estratégias utilizadas pelos professores no desenvolvimento do tema da obra e da filosofia do autor, bem como a forma articulada entre os conceitos e os exemplos da actualidade dados por eles. Essa diversidade parece-nos ser muito rica e criativa, podendo ser impulsionadora de uma postura crítica e reflexiva, que deve ser a do professor de Filosofia.

Dessa análise, concluímos também que a Filosofia é tão viva e tão articulada com a existência e a análise crítica de cada pessoa, que podemos afirmar assim a sua necessidade e imperatividade como constantes e como presentes, seja em que contexto cultural e em que época for.

## **5.2. Os temas presentes nas entrevistas exploratórias**

Após a análise do material recolhido através das entrevistas, considerámos a presença de oito grandes temas que são comuns às respostas dos entrevistados e vão de encontro ao que era proposto no guião: *Experiência na análise e estudo da obra, Educação de Adultos e estudo da obra, Estratégias na educação de adultos, Interesse dos alunos no estudo da obra, Reacção aos conceitos encontrados na obra (dificuldade ou facilidade na sua apreensão), Apreensão que os alunos fazem da intenção e fundamentos da obra, Moral e ética para os alunos e Aplicação e interesse dos conceitos da obra na actualidade.*

A análise que fizemos do conteúdo das entrevistas levou-nos a estes temas, embora alguns deles estejam muito próximos uns dos outros e a fronteira que os separa seja quase indefinida. Por isso, quando adequamos uma frase a um dos temas, em alguns casos, tal classificação poderia ser aplicada a outros.

Dada a multiplicidade e a riqueza das respostas obtidas, optámos por apresentar em anexo (Anexo 4) a aplicação dos conceitos éticos de Kant em exemplos da actualidade e a problematização e o questionamento dos assuntos, dados pelos professores entrevistados. Elaborámos uma tabela onde os mesmos figuram, após os termos agrupado em categorias.<sup>62</sup> Realça-se que tais exemplos e a sua relação com a filosofia kantiana resultam, na maior parte dos casos, da capacidade criativa de cada professor. Neste subcapítulo, apresentam-se apenas os fragmentos mais significativos para a análise em causa.

---

<sup>62</sup> De acordo com os exemplos e as problematizações feitos pelos professores nas entrevistas, considerámos as seguintes categorias: *Imperativo Categórico, Meios e Fins, Ser Pessoa, Iluminismo, Paz Perpétua, Valores, Justiça e Solidariedade, Fenómeno e Númeno, Liberdade e Lei Moral, Dilemas Éticos, Responsabilidade, Dever, Relação entre a Filosofia de Kant e a Filosofia do Direito e Deus, Alma e Liberdade: Ideias da Razão* (Anexo 4).

### **5.2.1. Experiência na análise e estudo da obra**

Conforme já referimos, do tratamento das entrevistas, recolhemos dados que podemos analisar comparativamente e agrupar em temas comuns. Relativamente ao assunto “*Experiência na análise e estudo da obra*”, foi encontrada uma heterogeneidade de situações. Importante é frisar que a mesma obra que é estudada na unidade 9 do Ensino Recorrente, a FMC de Kant, também pode ser escolhida num leque de várias opções possíveis no 12º ano diurno, como representativa da Idade Moderna. Alguns dos professores inquiridos tinham pouca experiência com o Ensino Recorrente, mas já tinham trabalhado a obra e a filosofia do autor no 12º do ensino diurno. Essas referências são aqui apresentadas, também elas contribuindo para a riqueza e a diversidade das experiências.

Essa complementaridade de saberes é referida pelo sujeito A, salientando o trabalho com o Ensino Recorrente:

“Tenho um ano de experiência na Fuzeta em 89-2000 e este ano, não tenho mais” (SA).

O mesmo sujeito apresenta o trabalho realizado anteriormente com alunos do décimo segundo ano diurno:

“Tive um ano só” (SA).

A experiência parece ter sido gratificante, pois acrescentou ainda:

“Foi já alguns anos mas ainda me lembro da experiência que tive e foi uma experiência boa porque eram alunos muito trabalhadores e muito inteligentes” (SA).

Uma situação semelhante de experiências complementares na prática da obra, é também referida pelo sujeito C:

“Um ano no ensino recorrente e seis anos no ensino regular...12º ano (...) 12º ano diurno... foram seis anos no Alentejo” (SC).

Acerca do tempo de experiência com a obra, outros dos professores entrevistados apresentam já alguns anos no trabalho com a mesma:

“oito anos”(SB); “Eu já lecciono esta obra há alguns anos, desde que cheguei cá (...) sete anos” (SD); “Há uns quatro, cinco anos que tenho o ensino recorrente” (SE).

Outro dos sujeitos inquiridos também referiu ter pouca experiência no estudo da obra:

“É para aí a segunda vez que dou esta obra” (SE).

### **5.2.2. Educação de Adultos e estudo da obra**

No que concerne ao tema específico que relaciona “*Educação de Adultos e estudo da obra*”, as respostas dos professores foram muito interessantes, pois referem alguma motivação por parte dos alunos adultos, a qual pode resultar de factores como a idade e a experiência de vida:

“(...) muitos deles são muito motivados porque querem concluir as unidades para fazer o exame nacional e candidatarem-se ao ensino superior. Estão muito motivados para isso, alguns, mas que estão, estão” (SA).

Outro factor apresentado como positivo para os alunos adultos, quando comparados com os do ensino diurno, é a capacidade crítica e a maturidade para entender o teor da obra:

“Relativamente a Kant (...) os alunos que eu tinha do 12º diurno, eram trabalhadores mas faltava-lhes um bocadinho de crítica (...) Eram alunos que sabiam muito mas não passavam daquilo, conseguiam explicar a obra tal e qual (...) de uma maneira geral, queriam estudar, passar (...) ter boas notas, não estavam muito sensibilizados para a problemática da obra e (...), para a importância que podia ter para eles o conhecimento de uma obra deste tipo. Não tinham muito interesse” (SA).

A mesma situação de maturidade na apreensão do texto e da filosofia do autor por parte dos alunos adultos é também referida por outro dos entrevistados:

“(...) trabalhei com a Fundamentação e aqui eram pessoas adultas, (...) e eram capazes de discutir o texto e não o achavam tão hermético, pesado, (...) difícil, em termos (...) de hermenêutica tinham realmente as suas dificuldades mas que superavam, com o auxílio do professor (...) e estabeleciam diálogos muito interessantes a propósito (...) do texto kantiano” (SC).

Algumas explicações possíveis para esse facto, o das diferenças na apreensão dos conceitos e das dificuldades na compreensão da obra entre os alunos jovens do ensino diurno e os alunos adultos do ensino recorrente, são apresentadas pelos professores:

“(...) há uma diferença muito grande, não sei se é só por causa do contexto cultural (...) mas senti mais ao nível de maturidade (...) as vivências das pessoas, o facto de serem mais velhas ou mais novas diferencia (...) a abordagem e a maneira de interpretar o texto, o próprio diálogo que se estabelece com a obra é completamente diferente” (SC).

Ainda a referência à experiência de vida e à maturidade dos alunos como uma mais-valia para a compreensão do texto do autor e das suas intenções, pode ser tida em linha de conta:

“Os alunos do recorrente nocturno (...) tinham uma noção de responsabilidade e de vida em sociedade que lhes permitia de facto integrar os conceitos kantianos na vida de uma forma mais consistente... tinham uma noção de vida e de dever (...) uma concepção de dever, a moral do dever” (SC).

O facto de haver entre os alunos do Ensino Recorrente uma maioria de pessoas mais velhas pode contribuir para um maior interesse e participação dos mesmos:

“Eram tudo pessoas com 35 anos e quase todos com filhos e vidas organizadas, a nível familiar, havia excepções (...), também tinha alunos de dezoito, de dezanove, mas a maioria realmente tinha mais de trinta e cinco anos” (SC).

Essa disponibilidade para o saber e a maturidade para a apreensão dos fundamentos da obra, vendo-a como muito mais do que uma obra filosófica de leitura obrigatória, considerando que a mesma pode possibilitar a aplicação e utilização dos conceitos na vida prática, é sugerida por outro dos entrevistados:

“Quando eles percebem que (...) Kant nos vai falar de um caminho que é um caminho para nos tornarmos melhores em muitos pontos de vista, melhores na interacção com os outros, melhores na compreensão da nossa própria interioridade, melhores porque realmente pretendemos ser modelos em termos de acção que conseguem entender que a obra possa ter significado para eles e a partir daí começam a ter alguma disponibilidade, alguma abertura intelectual” (SD).

Algum entusiasmo surgido a partir do estudo da obra é também referido por outro dos entrevistados:

“(...) este entusiasmo (...) eu este ano tenho alunos muito pouco entusiasmados com a obra, no ano passado tive alunos muito entusiasmados, tinha alunos do seminário que eram excepcionais, não só esses, mas esses (...) eram alunos muito bons e que deram uma grande motivação também aos outros na leitura da obra, este ano sou eu que tento criar esses momentos de grande entusiasmo e eles de facto não aderem com a mesma motivação” (SD).

É importante referir que qualquer caminhada na filosofia é sempre uma atitude pessoal e voluntária, tendo tal disposição de partir dos alunos. Se houver imposição, já não resulta:

“(...) essa descoberta da interioridade plena é sempre uma conquista (...) que se faz em termos pessoais num investimento que é nosso (...) que é pessoal. O que (...) Kant nos quer dizer, é que nós temos condições para fazer esse caminho” (SD).

Como em todos os outros aspectos da educação, nem tudo é fácil ou passível de ser contornado com ligeireza, seja em que idade for. Por vezes, surgem dificuldades e limitações que impedem os alunos de apreender a filosofia do autor e de aceitar os conceitos presentes na obra. Noutros casos, as dificuldades podem mesmo ser incontornáveis e impossíveis de superar:

“(...) não quer dizer que não tenham igualmente dificuldades. O simples facto de estarem no recorrente já é sintoma de alguma coisa (...) é sintoma que se calhar passaram pelo ensino diurno e não conseguiram. E eles também associam o recorrente a um certo facilitismo” (SE).

O mesmo professor aponta ainda algumas hipóteses possíveis que ajudam a compreender tais dificuldades:

“(...) é possível o entrave destes alunos já venha de trás... (...) eu não sei o percurso destes alunos, não sei se passaram no ensino diurno ou não, se já chumbaram antes ou não (...) estou-me a lembrar agora de um aluno que me disse que já tinha tentado fazer de dia e não tinha conseguido, por isso é que está a fazer à noite, porque de dia (...) era impossível, e já fez o exame quatro vezes e eu (...) já lhe disse (...) eu não sei se é impossível mas estou a ver que o caso é muito complicado e já vem do ano passado, do recorrente, do outro professor, (...) e também já tinha tentado fazer com ele e também não tinha conseguido. (...) há estes casos graves...” (SE).

Nem sempre a obra e os conceitos que a integram são bem recebidos, nem os exemplos dados pelo professor são totalmente assimilados pelos alunos. As dificuldades que vão surgindo são referidas como barreiras e obstáculos de alguma

monta, mas podem ser incontornáveis para alguns alunos que não conseguem fazer a unidade. O aproveitamento fraco da maior parte dos alunos é aqui referido por um dos entrevistados:

“(...) quase sempre muito fraco, com as devidas excepções (...). (...) são pessoas cujo discurso é sempre, oh, mas para que é que eu quero, oh, professora mas isto é tão difícil, tão difícil, é preciso estudar tanto, eu não tenho tempo para estudar e só quero o nove e meio, o nove e meio para passar (...) o discurso deles é sempre este” (SE).

Talvez o absentismo de alguns alunos, resultante da inexistência de faltas neste modelo de ensino, seja, em parte, responsável pelos casos de insucesso. Se os alunos não vão às aulas, se assistem a um número muito limitado das mesmas, se apenas aparecem quando desejam marcar um exame, os resultados obtidos não poderão ser brilhantes, nem a apreensão dos conteúdos da obra poderá ser feita na sua totalidade:

“(...) Depois aparecem para fazer o exame. De vez em quando aparece um, não sei muito bem de onde é que vem, e depois nunca mais aparece, e depois desaparece... e depois aparece outro. De vez em quando aparece um aí que pergunta o que é para ler, o que é para trabalhar, se há algum material de apoio, aparece e depois desaparece. Na realidade, são alunos que não vêm, não vêm às aulas” (SE).

Ainda acerca do absentismo de alguns alunos, o mesmo entrevistado considera:

“Não sei se são impossíveis de localizar, há uma lista com os alunos que estão matriculados (...) mas depois a lista que existe e os que aparecem, são duas coisas diferentes” (SE).

Sendo os interesses dos alunos tão diferentes, desse facto resultará um comportamento também diverso. Se alguns alunos se empenham mais porque desejam fazer o exame nacional para obter uma boa nota que lhes permita a entrada na universidade, tal aspiração poderá não se apresentar noutros tantos, que decidam apenas completar o décimo segundo ano, sem quaisquer outras pretensões, e para quem a nota final é indiferente e apenas desejam que seja positiva:

“(...) a maior parte deles não vai fazer o exame nacional (...) tenho pessoas que o único objectivo que têm ao fazer o ensino recorrente é (...) progredir um bocadinho mais na carreira onde estão ou ter uma promoção (...) só terem o décimo segundo para poderem ter uma vida melhor, coisas deste tipo, mas não são alunos que têm... eu só

tive dois ou três alunos que têm como objectivo fazer o exame de equivalência à faculdade, ir para a faculdade, seguir estudos...”(SE).

### **5.2.3. Estratégias na educação de adultos**

Relativamente às estratégias utilizadas pelos entrevistados na educação de adultos, e mais concretamente na passagem da mensagem da obra e do autor, salientam-se alguns passos tomados, por eles considerados indispensáveis.

Em primeiro lugar, considera-se fundamental iniciar os alunos no estudo e na sensibilização da filosofia do autor, integrando-a na época:

“(...) Tudo, a compreensão de todo o pensamento de Kant bem enquadrado, desde o Kant enquadrado no Iluminismo ao homem que vê as tropas de Napoleão entrar na sua cidade e é aí que se inspira, no conceito de liberdade que é o conceito central de Kant (...) se não se enquadra a Fundamentação da Metafísica dos Costumes no pensamento e no contexto político, histórico, cultural do século dezoito, o aluno não pode perceber a Fundamentação da Metafísica dos Costumes” (SB).

A integração do contexto histórico específico da obra e do seu autor, por forma a que o aluno fique a entender a especificidade do que vai estudar, é determinante nesse processo de introdução à filosofia:

“Eu (...) dou a obra toda, a Fundamentação toda, no sentido da integração do pensamento kantiano, em duas aulas” (SB).

Tantas outras abordagens são sempre possíveis e viáveis, dependendo do professor, das mensagens que deseja transmitir e da população específica dos alunos a quem se destina:

“(...) começo por fazer uma pequena introdução histórica ao Kant, falo um bocadinho da vida dele, das características dele enquanto pessoa, situo a obra num contexto mais geral do tempo em que foi produzida para (...) passar à análise da obra, das três secções. Começamos por ver o Prefácio, os conceitos envolvidos no prefácio, depois passamos para a primeira secção (...) lemos algumas páginas nas aulas, vamos comentando, vamos definindo conceitos e é esta a metodologia relativamente à segunda e à terceira secção” (SE).

Sendo, em geral, os alunos adultos, pessoas com características diferentes das de outros alunos mais jovens, pretende-se especificar qual é o tipo de estratégias que foram desenvolvidas e aplicadas pelos professores entrevistados.

A actualização é fundamental em Educação, pois o professor que não se actualiza, que não reavalia constantemente a sua actuação, que não procura conhecer as novas formas de tratar os mesmos assuntos perante públicos sempre diversos, não desenvolve nem amplia os seus conhecimentos. Tal factor é determinante numa disciplina como a Filosofia, com toda a carga interrogativa e problematizadora que encerra. Neste caso, é referida a intemporalidade da obra filosófica:

“(...) tenho procurado (...) e eu própria também me tenho actualizado em relação à leitura de Kant e tenho (...) procurado mostrar que a obra de Kant, sendo uma obra com o cariz à partida muito teórico e intelectual, exactamente porque o Kant pretendeu que ela fosse uma obra das condições formais da moralidade e não (...) das condições de aplicação, tenho procurado sempre mostrar-lhes que esta preocupação filosófica com o sentido do homem e do seu percurso existencial era fundamental no tempo de Kant como era fundamental no tempo de Platão, como continua a ser fundamental no nosso tempo” (SD).

Acerca do processo de transmissão dos conteúdos e dos conceitos é referida a utilização de material de apoio, as sínteses elaboradas pelo professor, e a actualização constante:

“É preciso é conseguir lá chegar (...) fazer passar a mensagem aos alunos e... eu não tenho fórmulas para isso, a minha estratégia é, (...) a minha linguagem, o meu conhecimento do autor, o material onde me apoio, a obra e o material deles, estou a usar as edições sebentas e estou a usar o manual da Areal Editores, não uso mais material com eles, nem trabalho com acetatos nem projector de imagens (...) uso o quadro, uso os esquemas, analiso os textos, faço tópicos de síntese (...) e digo-lhes” (SA).

Outro entrevistado respondeu adequar as técnicas ao modelo de processamento já existente no curso:

“(...) tenho as técnicas que já estão pressupostas no próprio espírito do Ensino Recorrente por unidades capitalizáveis (...)” (SB).

O modelo central na estrutura do curso é a existência de unidades capitalizáveis, facto único, que apenas sucede neste modelo de ensino:

“(...) se o Ensino Recorrente capitaliza unidades, e durante o dia isso não acontece, eles não capitalizam unidades (...) estão sujeitos a uma avaliação em três momentos, uma avaliação quantitativa basicamente, no Ensino Recorrente, eles são avaliados por unidades (...)” (SB).

Temos em conta que esta unidade, que aqui é apreciada, é a número nove de uma série de dez, na disciplina de Filosofia. Em cada uma delas, cada aluno progride nos conhecimentos e na capacidade crítica:

“em Filosofia há dez unidades onde eles têm dez momentos de avaliação que correspondem a dez exames escritos...” (SB).

Sendo cada aluno uma pessoa única e diferente de todas as outras, com uma história pessoal e motivações específicas, com ritmos e tipos de rendimento diversos, não se pode generalizar o modelo de ensino a adoptar, considerando que as mesmas técnicas poderão não ser viáveis para todos os casos. É o professor que tem de atender às especificidades de cada aluno, ajudando-o e orientando-o, respeitando os seus ritmos e as suas limitações e dificuldades:

“(...) à partida, (...) tem de se definir estratégias diferentes, (...) cada um tem o seu ritmo de trabalho, uns precisam de mais orientação do professor, outros estão em auto-formação, outros é misto, fazem auto-formação e têm o apoio do professor de uma forma mais pontual” (SB).

Relativamente à preparação dos alunos para o exame, após a leitura e a análise da obra na sua totalidade, uma estratégia possível é a de treinar a realização de testes formativos. Tal estratégia permite a cada aluno ter contacto com o tipo de questões e poder adequar melhor a linguagem filosófica através do treino dos testes:

“(...) dou um teste formativo, que é um exame que já saiu noutra turma ou anteriormente, dou um teste formativo, eles realizam o teste formativo e corrigimos antes do exame” (SB).

Não esquecendo que uma das características do Ensino Recorrente é a possibilidade de agrupar alunos de várias unidades em simultâneo na mesma sala de aulas, torna-se fundamental a criação de estratégias específicas que possam responder a essa necessidade:

“Essas técnicas, (...) a mesa redonda, por unidades (...) se a pessoa tem duas unidades na mesma sala tem que dar aulas expositivas, tem que dar orientações de trabalho muito definidas, porque eles estão completamente perdidos, do género (...) agora este parágrafo, eu quero que vejam, façam assim, concluam estas ideias, (...) e trabalhar com eles ao lado” (SB).

Por vezes, surgem problemas que os professores procuram ultrapassar, na medida das suas possibilidades e também dos interesses e motivações dos alunos. Há muitos alunos que têm dificuldades na leitura e apreensão da obra, devido à linguagem utilizada<sup>63</sup>:

“(...) eles não compreendem a linguagem da Fundamentação da Metafísica dos Costumes. Por vários motivos (...) uns já deixaram de estudar há muitos anos (...) não lêem nada interessante, perderam a capacidade de compreender uma linguagem que é diferente da linguagem que se utiliza no quotidiano, não se utiliza a linguagem de Kant no quotidiano” (SB).

Essas dificuldades podem ser resultantes de outros factores, tais como a incapacidade de apreensão de uma linguagem e de conceitos que eles consideram de outra época:

“(...) como desenvolveram uma leitura muito dialogada, muito confrontada com a realidade do momento” (SC).

Mas os professores apresentam exemplos que utilizam nas aulas, e com os quais confrontam os conceitos presentes na obra. É possível que tais exemplos despertem nos alunos a necessidade de reflectir acerca dos temas éticos e morais, que são os apresentados, e a sua aplicação efectiva, independentemente da época:

“(...) eu falo-lhes muitas vezes por exemplo, no Nirvana (...) relaciono muito isso com as filosofias orientais, com a meditação transcendental que (...) procura (...) levar o homem a atingir a plenitude pela interioridade, pelos caminhos da interioridade” (SD).

A falta de actualidade da obra, referida por alguns, pode ser contornada com o recurso a exemplos práticos<sup>64</sup>, os quais podem confirmar a possibilidade de adequação dos conceitos. O que se pretende é mostrar que esta obra de Kant pode ser intemporal e que a sua mensagem pode ser reconhecida e assimilada pelos alunos que a estudam:

---

<sup>63</sup> Neste sentido, será interessante confrontar as dificuldades que os alunos têm na adaptação à linguagem, com a Tabela 8 do Anexo 8 (referente aos resultados do inquérito na questão relativa à clareza utilizada na obra).

<sup>64</sup> Alguns desses exemplos dados pelos professores entrevistados encontram-se no Anexo 4.

“(…) costume sempre utilizar analogias, explicar-lhes que (…) a Metafísica dos Costumes é (…)comparativamente, para eles compreenderem o que são os princípios e o que são as formas, dizer-lhes que (…) é como se fosse uma gramática da moral em que a gente estabelece regras mas não coloca lá conteúdos. Quando nós dizemos que uma frase correcta implica que o sujeito e o predicado estejam de acordo, não dizemos qual é o sujeito nem qual é o predicado, dizemos só que eles têm de estar de acordo, tal como quando dizemos que nós em termos lógicos não podemos afirmar uma coisa e negá-la logo a seguir, estamos a entrar em contradição, não temos de dizer qual é a coisa que afirmámos nem qual é a coisa que negámos (…) é isso que tentamos fazer, é estabelecer formas com um carácter tão necessário, tão universal, tão autónomo que não estejam dependentes de nenhuma situação contingente e que por isso possam ser padrões para a humanidade em todo o tempo e em todo o espaço e em todo e qualquer contexto” (SD).

Se não se entender os conceitos e o vocabulário do autor, dificilmente se perceberá a obra e as suas intenções. O mesmo professor apresenta ainda a necessidade de dar aos alunos a possibilidade de compreender os conceitos para depois reflectir acerca deles:

“(…) esta articulação é aquilo que eles têm de saber depois fazer. Não costumo ter dificuldades em relação aos conceitos (…) utilizo (…) exemplos para eles perceberem, vários exemplos para conseguirem fazer essa aplicação (…) é mais difícil eles depois fazerem dissertações estruturadas sobre as coisas, os conceitos até acabam por ser mais fáceis (…) desde que eles entendam a integração dos conceitos, a partir do momento em que eles percebem que estes conceitos (…) constituem o tal roteiro, o tal guião, acabam por encontrar o sentido desse guião” (SD).

O que aqui se pretende é transmitir a filosofia de um autor de uma outra época, dando aos alunos a possibilidade de partilhar as palavras e as ideias do filósofo através da leitura da obra, integrando esse trabalho numa perspectiva interrogativa, autónoma e problematizadora, como é sempre o caso da Filosofia. Esse trabalho de hermenêutica do texto filosófico que é exigido aos alunos deve ser repartido em fases de trabalho, desde o mais simples ao mais complexo:

“(…) Eles têm de passar pela palavra primeiro, compreensão da palavra, da frase, depois o conceito e depois ainda o plano do pensamento (…) o pensamento e o conceito filosófico (…) três etapas (...): a palavra, o texto, em si, o texto pelo texto, o que é que diz, o que é que isto pode ser, o que é que isto significa (…) A seguir, o conceito, (…) o que isto significa em termos do sentido, depois o conceito filosófico” (SB).

As surpresas inesperadas podem surgir e ser indiciadoras de aspectos positivos, quer na apreensão dos conceitos e dos conteúdos, quer na aprendizagem, ou na aplicação

desses conhecimentos em etapas futuras. Um dos entrevistados apresentou este facto curioso e digno de nota:

“Eu já estou a estudar esta obra desde o dia 12 de Fevereiro, precisamente desde o dia do bicentenário da morte dele. É uma coincidência engraçada, apresentei a obra e a vida de Kant no dia 12 de Fevereiro de 2004, precisamente duzentos anos depois da morte dele, é um dado engraçado, e só hoje é que vou começar a analisar o prefácio” (SA).

#### **5.2.4. Interesse dos alunos no estudo da obra**

Relativamente a este assunto, o do interesse dos alunos no estudo da obra, as respostas obtidas são diversas e contraditórias. Segundo os professores entrevistados, há alunos que revelam muitas dificuldades nessa apreensão, provavelmente resultantes de uma preparação anterior deficiente, de falta de hábitos de leitura ou de terem estado sem estudar durante muito tempo.

“(...) quem é que vai parar à Filosofia, vamos ver qual é o público, quais são os estudantes: são alunos do dia que desistem do dia e passam para a noite e como fizeram o décimo e o décimo primeiro de Filosofia (...)” (SB).

A falta de hábitos de trabalho continuado e de empenho sistemático são obstáculos que se encontram nalguns alunos. A inexistência de um método de estudo por parte de muitos deles pode ser a condição da incapacidade de obter resultados positivos:

“Se eles viessem com os trabalhos de casa, se eles tivessem (...) outra cultura da forma como devem estar na escola, talvez as coisas fossem um bocadinho diferentes, mas alunos para quem as disciplinas de uma maneira geral são meios para atingir os fins, as coisas tornam-se um bocadinho menos aliciantes” (SA).

Outros alunos revelam desinteresse completo e são eles próprios que consideram as dificuldades como obstáculos quase intransponíveis, recusando-se a procurar ultrapassá-las:

“(...) já tive na sala de aula expressões deste tipo, que seca, aí professor, isto é tão difícil, aí professor, que coisa tão complicada, não percebo nada disto, comentários deste tipo” (SA).

Muitas vezes referido, é o facto de grande parte dos alunos ver o estudo desta obra como coisa intermédia, como mera passagem a um fim necessário. Não lhes interessam conteúdos ou aprendizagens muito densos ou profundos, pois a Filosofia é para eles apenas mais uma disciplina em que é preciso obter aproveitamento, nada mais importando:

“O que eu quero referir nestes alunos é que esta obra é um ponto de passagem, é uma etapa para um fim. (...) eles têm de a fazer para passar adiante mas ainda entendem a disciplina um facto complicado” (SA).

Outras vezes, a intenção é a de obter bons resultados, tendo em vista a entrada na universidade. Nalguns desses casos, também não interessa aos alunos o conteúdo da obra ou as intenções filosóficas do autor, pois o que eles pretendem é ter bons resultados para passar à unidade seguinte e repetir o mesmo comportamento:

“Eles parece que estão ali por obrigação porque sabem que faz parte do programa e têm de o concluir, sobretudo porque precisam de ter boas notas, de ter boas médias.(...) Eles estão mais a trabalhar para a nota do que a trabalhar para aprender. Foi o que recolhi da minha experiência, tento tudo o que é possível fazer para que eles tenham algum gosto pela obra, pela disciplina, pela matéria, mas fico com a ideia de que depois da obra ser dada, passado algum tempo pouco ou nada vai ficar” (SA).

As respostas revelam uma grande heterogeneidade, traduzindo a multiplicidade e diversidade dos alunos e dos seus interesses. Se é um facto que se encontram alunos com dificuldades e resistências relativamente à disciplina e aos seus conceitos, há outros que manifestam muito interesse:

“Eles conseguem entusiasmar-se com a obra quando percebem que (...) a obra pode fazer sentido em termos pessoais e em termos de compreensão da realidade em que eles estão inseridos” (SD).

Os professores entrevistados que já tiveram experiência com a mesma obra no décimo segundo ano do ensino diurno não conseguem evitar as inevitáveis comparações:

“Em relação aos alunos que eu tive do 12º de dia (...) lembro-me que eles tinham algum interesse pessoal na obra que estavam a estudar” (SA).

A incapacidade de apreender a obra, relacionando-a com a época presente, a impossibilidade de alguns alunos encontrarem paralelo entre as suas acções diárias do século vinte e um e as que são referidas por Kant, pode ser um obstáculo, levando à desmotivação e ao desinteresse:

“(...) eles entendem uma obra difícil, tão abstracta, tão profunda, tão filosófica sobre assuntos para os quais não estão motivados nem sequer conseguem ter um visão muito clara da relação entre a obra e os assuntos quotidianos” (SA);

“ Entendiam o texto de uma forma muito hermética, achavam que aquilo era realmente um discurso um tanto ou quanto louco, afastado da realidade e não conseguiam encontrar realmente ligação entre o pensamento kantiano e a maneira como a vida se desenvolve e se desenrola e as relações humanas, a maneira como elas se estabelecem, tudo aquilo era para eles muito estranho” (SC).

#### **5.2.5. Reacção aos conceitos encontrados na obra (dificuldade ou facilidade na sua apreensão)**

Este ponto relaciona-se com os anteriores. A diversidade e mesmo oposição entre as respostas obtidas pelos professores relativamente a este assunto, revelam, por um lado, alguma dificuldade na apreensão, por parte dos alunos, de conceitos que se referem a uma realidade diferente da que eles conhecem. Por outro lado, torna-se patente a ausência de hábitos de leitura por parte de muitos deles, o que torna ainda mais difícil a apreensão dos conceitos da obra.

Tais dificuldades podem estender-se também aos conceitos relacionados com a filosofia de Kant e a sua época, que são necessários para a compreensão do contexto do autor:

“(...) a dificuldade que eles terão em entender o que é o Iluminismo, o que é o racionalismo de Leibniz, o que é o empirismo de Hume, e isto tudo são conceitos fundamentais para que eles se consigam inserir dentro da obra, para que consigam perceber qual a finalidade da obra e quais as situações concretas, históricas, filosóficas da vida de Kant e do projecto de Kant que estão na base da obra que estamos a analisar” (SA).

A dificuldade pode centrar-se na linguagem e na impressão de inacessibilidade dos temas estudados<sup>65</sup> para os alunos adultos que, tendo até então, uma outra concepção da escola e da aprendizagem, reagem negativamente:

“(...) a certa altura os alunos questionavam-se um bocadinho sobre Kant e questionavam-se até que ponto é que era possível compreender conteúdos tão abstractos, tão rebuscados como são os conteúdos filosóficos de Kant” (SA).

As dificuldades de apreensão da obra por parte dos alunos estão ligadas à linguagem utilizada pelo autor e nalguns casos podem ser quase intransponíveis:

“Têm muitas, muitas, muitas dificuldades, porque a linguagem, eles não percebem a linguagem” (SB).

Tais impedimentos são limitativos e condicionadores da aprendizagem e podem conduzir a incapacidades gerais na apreensão do todo que é a obra:

“Se eles à partida, não percebem já a linguagem (...) como é que eles vão chegar ao conceito?” (SB).

A linguagem utilizada pelo autor na obra e que era a expressão da sua época e do seu contexto, pode mesmo parecer difícil aos olhos de muitos alunos. Mas é ao professor, mais uma vez, que cabe a função de descodificar os conceitos fundamentais e mostrar que, por detrás dessa aparente dificuldade, se encontram conceitos e ideias tão viáveis numa sociedade como noutra:

“se eles já não percebem bem a linguagem dos avós (...) nesta altura em que estamos, se já esqueceram (...) a maior parte dos conceitos regionais, já não usam essas expressões, imagina uma linguagem que é muito elaborada (...) que eles não têm acesso, eles não usam essa linguagem, não está nos meios de comunicação esse tipo de linguagem em que aparecem escritos os livros (...) nomeadamente a Fundamentação, é impossível...” (SB).

Se os alunos percebem os conceitos e se recusam a aceitar a linguagem, considerando-a ainda inacessível e praticamente intransponível, a leitura da obra pode revelar-se uma tarefa tão árdua e fatigante como impossível de se realizar na totalidade:

---

<sup>65</sup> Mais uma vez se remete para a análise das tabelas do Anexo 8 (Tabela 8: acerca da clareza da linguagem utilizada na obra; Tabelas 9 e 10: conceitos mais relevantes e importância dada aos mesmos) referentes aos resultados do inquérito aplicado aos alunos acerca destes temas e que pode ser esclarecedora.

“dizem, professora, nós percebemos tudo, a explicação, os nossos diálogos foram muito bons, compreendemos, mas aqui (...) a linguagem não tem nada a ver com isso, (...) isto aqui é hermético, nós temos que ler cinco linhas do parágrafo (...) quase explorar isso de uma forma intensa para tirar um conceito...” (SB).

A necessidade de contextualizar é parte do trabalho do professor. Cabe-lhe a ele mostrar que as formas de escrita se relacionam com as épocas, mas que os conteúdos, esses, podem sempre ajustar-se a outras realidades:

“Era assim que se escrevia no século dezoito... uma escrita metódica, (...) precisavam de muita escrita para explicar o conceito” (SB).

Da parte do professor de Filosofia, contudo, a atitude mantém-se: é a de esclarecer, informar e propor pistas e estratégias diversas:

“Eles têm de ter estas noções senão não compreendem a obra, não sabem para que ela serve, qual o sentido, a finalidade e a utilidade da obra” (SA).

Mas a heterogeneidade deste público adulto é tão grande, que outras atitudes são sempre possíveis. Essas revelam-se como surpresas agradáveis para o professor, confirmando assim, que o seu empenho não é em vão, nem a obra do filósofo pode passar incólume:

“(...) falei com um aluno que me veio fazer algumas perguntas (...) sobre a primeira secção, se não me engano era já sobre a boa vontade e o dever (...) isto já é o início da primeira secção. Eu perguntei, já começou a ler a obra e ele respondeu, já, já fui adiantando” (SA).

#### **5.2.6. Apreensão que os alunos fazem da intenção e fundamentos da obra<sup>66</sup>**

Este item entronca-se com os objectivos da nossa investigação. Desejamos saber que influência pode uma obra como a “FMC” exercer sobre as pessoas adultas, que tipo de comportamento pode ela suscitar e qual o efeito que provoca. Queremos verificar se o seu estudo e apreensão se deve unicamente à necessidade de obter aprovação num

---

<sup>66</sup> Volta-se a frisar que a análise das tabelas do Anexo 8 (Tabelas 9 e 10: conceitos mais relevantes e importância dada aos mesmos) podem ser esclarecedoras do assunto aqui apresentado, bem como completar algumas ideias.

exame para passar rapidamente à fase seguinte ou se, a intenção principal da obra, a apresentação e a proposta de moralidade por parte de um sujeito que se pretende livre e autónomo, não são transmitidas em vão.

Essa intenção da obra é apreendida por alguns alunos que se apercebem da diferença entre esta e as outras obras já existentes acerca do mesmo tema:

“(...) Já sabem que a “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” não é um código moral, não é um conjunto de leis nem um conjunto de regras e fiquei com a sensação de que perceberam que a moral de Kant tenta ser o mais possível e é, vazia de conteúdos empíricos” (SA).

Ainda assim, é sempre preciso referenciar e aplicar os exemplos concretos. Cabe ao professor esse papel, o de encontrar exemplos que se possam coadunar e articulá-los de uma forma feliz com os conceitos existentes na obra<sup>67</sup>:

“tem é que estar sempre, sempre a recorrer aos exemplos concretos.” (SA); “O que eles ainda não perceberam muito bem (...) é o que é o conteúdo empírico da lei moral. (...) para eles a Lei Moral é empírica, eles julgam moralmente qualquer acto segundo critérios empíricos” (SA); “relacionamos com exemplos do quotidiano” (SB); “(...) em relação ao quotidiano como é que me posiciono, o que é que eu vejo, acções banais... que se fazem, e todas as acções têm valor ético (...)” (SB); “Depois é que passamos para os conceitos, de conceito para conceito filosófico e então é que vamos à obra... aí estamos prontos para ir à obra e aí eles vão à obra muito facilmente. Aquilo tem paragrafozinhos (...) tudo estruturado por parágrafos, e aí eu selecciono os parágrafos que acho que devem ser lidos e aprofundados e faço a selecção do que eu acho que realmente é uma redundância (...)” (SB).

A intenção de que os alunos possam interiorizar e aplicar estes conhecimentos em aprendizagens posteriores, faz parte do processo dialógico e discursivo da Filosofia. Os exemplos da actualidade podem contribuir para reforçar esse processo, tornando-o muito mais fácil e acessível:

“(...) Quando é a acção por dever, a acção conforme o dever tem de dar exemplos concretos, o imperativo categórico também tem de dar exemplos concretos... não se pode trabalhar só no domínio abstracto, eles não vão lá” (SA); “Falei de formalismo da ética e dos objectivos da ética kantiana (...) já apresentei o objectivo principal da obra, o de determinar o princípio supremo da moralidade, determinar os fundamentos a priori da moralidade... fiquei com a ideia que eles terão compreendido mais ou menos” (SA).

---

<sup>67</sup> Como anteriormente foi referido, alguns exemplos significativos retirados da totalidade dos que foram apresentados pelos professores entrevistados, constam no Anexo 4.

Alguns alunos resistem ainda à possibilidade de compreensão e assimilação de conceitos que lhes parecem quase inverosímeis e impossíveis:

“Eles achavam que Kant era completamente desajustado, completamente louco, que estava completamente fora da realidade (...)” (SC).

A atitude filosófica também implica um distanciamento relativamente ao senso comum e uma atitude de tolerância e de aceitação de outras realidades. Tal tarefa torna-se demasiado complexa quando os alunos resistem a aceitar outras formas de ver a realidade:

“Essa relutância pode assumir nalguns casos (...) eu tentava contextualizar (...) e (...) dar-lhes a ideia e inclusivamente integrar o Kant terá sido uma espécie de uma contextualização própria, vésperas da Revolução Francesa, a influência da Revolução Francesa, aquele ideal da Revolução Francesa, da igualdade, e a razão, o enquadramento para a igualdade entre os homens (...) definir e situar a igualdade entre os homens na época. Procurava fazer isso e eles consideravam (...) que (...) em termos de luta política, em termos de necessidade (...) imperativa de uma classe e de uma determinada época, posicionar relativamente ao poder e à luta que se gerava e que fazia sentido no pensamento do Kant (...) para a vida deles achavam que era uma coisa (...) aberrante a aplicação dos conceitos kantianos no mundo actual do ponto de vista deles (...) era uma coisa completamente desajustada, que não fazia sentido(...) achavam uma utopia (...)” (SC).

### **5.2.7. Moral e ética para os alunos**

Esta temática terá uma incidência muito mais abrangente nas respostas de tratamento qualitativo dadas pelos alunos antes, durante e após o estudo da obra<sup>68</sup>. Será nessas respostas que se encontrarão as diversas perspectivas dadas pelos alunos acerca destes conceitos.

Neste caso do tratamento das entrevistas aos professores, pretende-se saber como pensam eles (os professores) que os alunos perspectivam a moral e a ética. Dada a

---

<sup>68</sup> Remetemos para os Anexos (3a, 5a, 5b e 5c - antes do estudo da obra); (3b, 6a e 6b - durante o estudo da obra) e (3c, 7a e 7b - após o estudo da obra): questões colocadas e respostas obtidas.

diversidade e heterogeneidade dos alunos adultos, bem como de todas as pessoas em geral, temos de ter em conta que as respostas obtidas são sempre o resultado de um contexto, que noutras circunstâncias poderia ser outro. Foram estas as respostas obtidas, mas poderiam ter sido outras, fossem outras as pessoas inquiridas e outras tivessem também sido as suas experiências.

Algumas das respostas realçam a moral para os alunos, como estando ligada aos conteúdos empíricos do dia-a-dia:

“a moral deles é moral do senso comum” (SA); “Só. É uma moral em que (...) há temporalidade (...) há época, situações concretas, é uma moral de conteúdo empírico” (SA).

Relativamente à aplicação concreta dos conceitos presentes na obra, a maioria dos entrevistados refere a impossibilidade de verificar tal coisa na vida do dia-a-dia:

“(...) não sei se na turma do 12º de dia que eu tive consegui fazê-los evoluir um bocadinho moralmente com o estudo da obra, não sei se consegui se não, não tive elementos para poder compreender isso” (SA); “com estes não sei... pode ser que sim (...) é difícil, e é difícil (...) encontrar comportamentos observáveis que nos possam indiciar isso” (SA).

A diferença entre o ideal e o real também é apresentada e reforçada como uma impossibilidade de tornar concretos os sonhos. São vários os sujeitos que a referem:

“(...) uma das coisas que eles dizem sempre (...) é que a ética que o Kant propõe é uma ética utópica. Utópica, não no sentido de entender utopia como aquilo que nunca pode ser realizado (...) é uma ética possível mas dificilmente nós, seres humanos (...) conseguimos agir sempre com essa intenção moral de, como ele diz, de toda a acção deve ser sempre como um fim em si mesmo. (...) nós agimos na maior parte das vezes, como diz Kant, para alcançar um objectivo qualquer” (SB); “(...) havia uma coisa que eu achava (...) que os despertava um bocadinho, que era a ideia da vontade desinteressada, (...) a vontade boa, aquela que eles achavam que era utopia, (...) era utopia mas era qualquer coisa que talvez fosse boa para a humanidade se fosse possível (...) desenvolver vontades desinteressadas.(...)” (SC); “(...) Eles conseguem(...) encaixar, mas sempre questionando se será assim ou não. A perspectiva é mais ou menos esta, ok, eu vou, até compreendo o que Kant diz, se é isto que querem que eu diga, eu digo, mas não concordo nada com isto, ok? É essa a perspectiva” (SE).

Mesmo assim, a possibilidade de convergência entre os conceitos e a intenção do autor pode ser conseguida através da comparação entre os sistemas sociais (da época de

Kant e da actual), através da noção de humanidade de uma época para a outra (e que não difere assim tanto...) e através da constatação das situações concretas que exigem intervenção ética e uma postura reflexiva:

“Eu acho que pode ser transposto para a época actual e acho que eles perceberam isso...” (SA); “(...) eu faço muito a aproximação de Kant aos sistemas democráticos e à mentalidade democrática que se vai espalhando aos poucos pelo mundo com maior ou menor perfeição” (SA); “(...) o ideal democrático e os princípios da democracia estão a espalhar-se e há muitos países que sucessivamente vão mudando de regimes autocráticos para regimes democráticos (...) todas as décadas acontece novos países mudarem o sistema e Kant é uma das pessoas, um dos filósofos responsáveis por isso. O facto da obra dele ter tido o impacto que teve talvez no meio académico da filosofia (...) terá tido mais impacto do que o próprio iluminismo (...) nós vemos hoje a aplicação prática das propostas da “Paz Perpétua”, vimos que até já resultou” (SA).

A preocupação de Kant com a Paz Perpétua e com a organização dos homens e das sociedades, no sentido de uma procura e realização ética e moral, na aspiração pelo Bem comum, dá-lhe actualidade e pertinência. Tal noção deve ser sempre apresentada pelo professor de Filosofia aos alunos, de forma a reforçar tal correspondência:

“(...) disse isso aos alunos: as Nações Unidas já evitaram guerras e já outras que não se conseguiram evitar mas conseguiram acabar se calhar mais cedo, conseguiram salvar vidas, conseguiram contribuir para a paz no mundo” (SA); “ Kant conseguiu mostrar filosoficamente que a paz no mundo é possível. (...) nunca me esqueço disto quando dou Kant e digo isto aos alunos na tentativa de lhes dar um abanão e de os fazer pensar um bocado” (SA); “ Digo muitas vezes assim “há muita gente que diz que a paz não é possível, mas aqueles que dizem que a paz não é possível são pessoas que têm interesse em que a paz não seja possível: interesse económico, interesse político, seja lá qual for, mas é preciso sensibilizar as pessoas para acreditar na paz e Kant é uma arma para isso” (SA).

Nesse trabalho de apresentação da filosofia do autor, mostrando a importância desse projecto, tão filosófico quanto humanitário, político e educacional, não se deve o professor perder em considerações pessoais e próprias, procurando sempre a objectividade possível, como refere um dos professores entrevistados:

“(...) tento mostrar Kant numa perspectiva crítica, não numa perspectiva crítica de dar as minhas opiniões mas numa perspectiva de problematizar os conteúdos de Kant numa relação com conteúdos concretos de interesse relevante” (SA).

### **5.2.8. Aplicação e interesse dos conceitos da obra na actualidade**

A Filosofia é viva e dialógica. Os conceitos que estão presentes na obra podem e devem ser sempre transplantados para a realidade do presente e dos alunos concretos, e esse é o papel do professor de Filosofia: tornar vivos esses conceitos, mostrar a aplicabilidade prática da ética e da moral:

“(...) peguei num exemplo do atentado de Madrid e na altura até nem estava muito bem informado sobre o atentado e dei o exemplo das mochilas e dos comboios... (...) imaginei que as mochilas estivessem nos carris e que (...) algum engraçadinho andava por lá a passear e de repente viu as mochilas e resolveu atirá-las por ali fora (...) viu a mochila e por brincadeira atirou-a e a mochila explodiu antes de chegar o comboio. (...) aquela pessoa salvou uma série de vidas mas essa pessoa não é um herói... eles perceberam a ideia mas não sei se conseguiram ligar este exemplo à moral de Kant (...) é um valor moral das nossas acções, porque o valor moral das nossas acções segundo Kant é independente dos conteúdos empíricos, é pura e simples imperativo, é o sentimento do dever, é a boa vontade, mas eles ainda não percebem isto porque isto parece muito naquela ideia do que vale é a intenção, é um bocado parecido, e a ideia do que vale é a intenção é uma ideia cozinhada porque as pessoas querem é coisas concretas, é factos, é consequências... e eles foram preparados para a vida nesta mentalidade e (...) é natural que tenham uma certa dificuldade naquilo que na cabeça deles é voltar para trás, é perceber que o que vale é a intenção (...) quando falamos em intenção estamos a referir-nos já a toda a toda a estrutura que Kant explica e eles têm dificuldade nisso ...” (SA).

Esse trabalho de relacionar os conceitos e a filosofia do autor com a actualidade, de interpretar fragmentos da nossa realidade à luz da filosofia kantiana, mostrando assim a sua presença em todos os aspectos da vida humana, pode ser muito produtivo e revelar-se de diversas formas:

“(...) uma vez lembrei-me de um discurso de Mário Soares sobre o estado no mundo actual em que a dada altura ele referiu-se às várias guerras, aos interesses económicos, políticos de positividade duvidosa e ele (...) formula esta questão assim “onde está o imperativo categórico?” (...) achei esta intervenção de Mário Soares muito curiosa e (...) falo dela aos alunos, é uma forma de, através de pequenos exemplos, fazermos ter a noção da actualidade do pensamento de Kant e da influência que esse pensamento exerceu no mundo que temos hoje e naquilo que nós somos hoje enquanto indivíduos, enquanto sociedade, as nossas mentalidades, os nossos costumes (...) é uma obra muito interessante” (SA).

E não é assim tão difícil fazê-lo: está nas mãos e na imaginação do professor, a possibilidade de recorrer a todos os exemplos de que se pode lembrar, para dar aos alunos essa dimensão de actualidade:

“(…) projectar a obra para os valores da actualidade (...) é um desafio interessante que devemos fazer e devemos (...) fazer ver aos alunos que a obra é actual, que a obra também reflecte o nosso tempo e que se pode reflectir acerca do nosso tempo pegando nos conteúdos desta obra (SA).

Essa actualidade revela-se também nos contornos da linguagem a utilizar, na aplicação de palavras que possam substituir os exemplos de Kant, sem que os conceitos percam a força inicial:

“(…) em vez de pegar no merceeiro<sup>69</sup> porque a figura do merceeiro já não existe (...) actualizo com exemplos (...) o facto de colocar o cinto. (...) duas pessoas entram num carro, ambas colocam o cinto, mas será que ambas as acções têm um valor moral do ponto de vista kantiano? (...) ambas colocaram o cinto de segurança, mas do ponto de vista de Kant, terá o mesmo sentido? É isso que distinguimos (...) vamos logo à acção do Kant, que isso é que é o fundamental porque implica a liberdade (...) um indivíduo colocou o cinto para não pagar multa, outro indivíduo colocou o cinto para preservar a sua vida. (...) temos logo aqui dois valores completamente diferentes (...) mas que vão provocar a mesma acção” (SB).

O trabalho do professor pode ser visto como um caminho, um percurso para um determinado objectivo, sabendo de antemão, que, para o realizar, é preciso passar por sucessivos lugares. O meio de chegar ao objectivo pretendido é constituído por múltiplas parcelas, as quais, todas somadas, desembocarão no percurso final:

“(…) ainda não encontraram mas (...) estou confiante que vão encontrar, e a maneira como (...) pretendo lá chegar através de exemplos concretos, simples, mas de exemplos concretos seleccionados” (SA).

A conversão dos conceitos kantianos em exemplos actuais, a comparação entre uns e outros, e a constatação de que, afinal, a ética e a moral se encontram em toda a parte e

---

<sup>69</sup> A figura do merceeiro é utilizada em Kant na FMC para distinguir a acção de acordo com o dever (conforme com a legalidade) e a acção por dever (conforme com a moralidade): “(...) É (...) conforme ao dever que o merceeiro não suba os preços ao comprador inexperiente, e, quando o movimento do negócio é grande, o comerciante esperto também não faz semelhante coisa, mas mantém um preço fixo geral para toda a gente, de forma que uma criança pode comprar em sua casa tão bem como qualquer outra pessoa. (...) mas isso ainda não é o bastante para acreditar que o comerciante tenha assim procedido por dever e princípios de honradez (...). A acção não foi (...) praticada nem por dever nem por inclinação imediata, mas somente com intenção egoísta” (1995a:27).

são essenciais em todas as épocas, é uma tarefa que encanta o professor e pode dar à Filosofia a eterna dimensão dialógica e existencial que a caracteriza sempre:

“(...) a máxima universal parte da intenção, tudo é intenção, porque é que tu fazes isso, não interessa o que tu fazes, o que interessa é a intenção com que fazes, isso é maravilhoso no dia a dia em termos de ética, de educação para a cidadania de adultos ou de jovens (...) continua a ser a filosofia, a ética de Kant é preciosa (...) preciosa” (SB).

Que podemos dizer relativamente às vantagens em estudar este autor e não outro? Por que razão a inserção desta obra de cariz obrigatório numa modalidade de ensino de adultos? A resposta é dada de forma espontânea por um dos professores entrevistados:

“(...) é sempre benéfico para um aluno estudar Kant, fi-lo compreender enquanto impulso para desenvolvimento do raciocínio abstracto (...) nunca é tarde para aprender e seja lá qual for a altura em que se aprenda Kant, o Kant pode ser um contributo para o desenvolvimento da inteligência, para o desenvolvimento das competências ao nível do raciocínio abstracto... e também (...) para o aperfeiçoamento do espírito crítico, para que consigam ter opiniões mais sólidas, mais fundamentadas, mais sofisticadas acerca dos mais diversos assuntos” (SA).

O exercício crítico e reflexivo que a leitura do autor permite, torna esta obra realmente indispensável, mesmo que muitos alunos não se cheguem a aperceber dessa necessidade. Encontramos na FMC a articulação entre uma ética e uma moral que dignificam o homem, entroncadas com as noções de autonomia e de liberdade, já precursoras de uma Revolução Francesa. Mas também encontramos nela, a possibilidade de desenvolver estruturas e capacidades mentais, de hermenêutica e de capacidade crítica e reflexiva do pensar. A obra também serve para educar para a Ética e para a Moral, pois pretende dar a quem a lê a possibilidade de se realizar como pessoa e assim, contribuir para uma sociedade melhor e mais justa. Por todas essas razões, as palavras do autor tornam-se vivas e presentes, sendo transmitidas e interpretadas num sentido filosófico, que se deseja sempre como um exercício renovado e único (assentando tais possibilidades na educação, neste caso, na educação de adultos).

### **5.3. Análise e discussão dos assuntos apresentados nas questões de índole qualitativa**

Com as respostas às questões de natureza qualitativa, pretendíamos apreender o modo como os alunos captavam os conceitos essenciais da obra e os podiam (ou não) relacionar com a actualidade.

Sabendo-se que os alunos do Ensino Recorrente constituem um público “flutuante”, pois a sua permanência na sala de aula do mesmo professor depende do tempo de estudo da obra em questão e da sua aprovação em situação de exame, cada um destes alunos esteve cerca de oito a doze semanas a estudar a obra antes de ser submetido à prova de exame. Assim sendo, a recolha dos dados qualitativos foi ocorrendo ao longo do ano lectivo de 2004/05, entre Outubro de 2004 e Julho de 2005. Como essas questões eram colocadas em três momentos (antes do estudo da obra, durante o seu estudo e após a sua conclusão) nem todos eles responderam a todos os conjuntos de questões. Alguns alunos responderam às primeiras, ou às primeiras e às segundas e depois não voltaram mais, ou porque desistiram ou porque se esqueceram de entregar a última ou as últimas respostas às questões e então já não foi possível localizá-los.

#### **5.3.1. O primeiro momento: aplicação de questões abertas antes do estudo da obra**

A resposta a estas questões foi solicitada aos alunos do Ensino Recorrente, antes de haver qualquer contacto, por parte dos mesmos, com a obra ou com a filosofia de Kant. Na altura em que responderam a estas questões, todos os alunos eram recém-chegados da unidade anterior, referente ao estudo do Fédon de Platão, em cujo exame tinham

obtido aproveitamento. O objectivo destas questões era o de recolher as opiniões dos alunos que ainda não estivessem alteradas pelo vocabulário e pela filosofia do autor.

As questões apresentadas eram duas: “1 – *O que entende por Ética? Dê exemplos.*” e “2 – *O que é para si a moral?*”, podendo cada uma delas ser decomposta, sobretudo a primeira, conforme com a especificação e apresentação de exemplos, por parte dos alunos. Os conceitos pedidos eram relativamente simples, estando presentes no dia-a-dia e no senso comum dos alunos e por essa razão, a resposta não constituiu problema para qualquer deles. Todos<sup>70</sup> se prestaram a responder ao que era inquirido, sem questionar os conteúdos interrogados.

É curiosa a análise comparativa das respostas obtidas, sobretudo ao nível da diversidade das perspectivas encontradas e dos exemplos apresentados.

#### **5.3.1.1. As respostas à primeira questão – as categorias encontradas**

As respostas à primeira questão “1 – *O que entende por Ética? Dê exemplos.*” foram decompostas em duas, sendo a primeira destinada a esclarecer o que pensavam os alunos do conceito “*Ética*” (Anexo 5a) e a segunda destinada aos exemplos (Anexo 5b).

Relativamente à definição do conceito de ética por parte dos alunos, encontramos uma pluralidade de respostas diferentes, algumas delas interligadas e complementares entre si. A distribuição das respostas pelos temas que, de alguma forma, representam um meio de as categorizar, não significa que essas respostas apenas contenham esses elementos que as fazem pertencer a um grupo e não a outro. Muitas das respostas dadas pelos alunos, quer a esta, quer às outras questões, englobam a relação entre a ética e

---

<sup>70</sup> Conforme já foi referido, foram 54 os sujeitos que responderam às questões, nesta fase.

mais de uma categoria. A divisão que aqui se fez é apenas uma de entre as muitas possibilidades, pois a riqueza da análise e a pluralidade das interpretações possíveis não se esgota apenas numa forma de a apreender. Pareceu-nos que seria útil fazer desta forma a distribuição dos assuntos referidos pelos alunos, embora tenhamos consciência das limitações encontradas e do muito que fica sempre por dizer.

### **Ética enquanto comportamento**

Neste caso, a intenção que os alunos tiveram de relacionar a ética com o comportamento, prendeu-se com a concepção corrente no senso comum de interligação dos dois conceitos. É de referir que todos estes alunos, nalguma altura das suas vidas, já teriam frequentado o décimo ano e a disciplina de Filosofia, onde os valores éticos fazem parte do programa. É muito possível que esta relação entre os conceitos apresentados tenha a ver com esses conhecimentos anteriores.

O comportamento ético é visto por alguns dos alunos como um imperativo social que atravessa épocas e acontecimentos:

“A Ética relaciona-se com os comportamentos que ao longo dos tempos vão sendo impostos pela sociedade” (Sujeito 9); “A ética é o nosso comportamento em sociedade (...)” (Sujeito 14); “Comportamento social que respeita um determinado conjunto de regras” (Sujeito 46).

Neste caso, a ética seria mais uma opção pessoal e individual do que uma directriz que servisse para todos:

“A Ética é um comportamento e uma atitude de vida que cada indivíduo adopta, quer na sua profissão, quer na sua vida pessoal” (Sujeito 7).

Outras vezes, a definição de ética sugere a adaptação das pessoas a determinadas situações, a aquisição de um “saber-viver” em conformidade com as circunstâncias:

“A Ética é um comportamento que deve ser adaptado pelas pessoas (...)” (Sujeito 13); “Ética é uma ciência que servirá para aplicar no quotidiano (...) no nosso dia-a-dia” (Sujeito 48).

A ideia de relacionar a ética com a possibilidade de escolha do ser humano perante a multiplicidade de situações com que se depara, diferencia-se da perspectiva moral, que é vista muito mais como uma obrigação do que como uma reflexão:

“A ética é uma reflexão sobre a forma como o homem se relaciona com o mundo, sendo, ao contrário da moral (que se impõem como uma obrigação) uma escolha (...) pode-se afirmar que a ética é a reflexão sobre o comportamento humano” (Sujeito 43).

Para outros sujeitos, a generalidade dos comportamentos éticos apresenta-se igual para todos, como se fosse um conjunto de princípios ou leis reguladores dos comportamentos:

“A ética é como se fosse uma “conduta” que deve ser respeitada por todos. (...) pode englobar uma série de princípios que ao serem violados podem ser acusados de falta de ética, ou respeito, perante outras pessoas, atitudes...” (Sujeito 12); “A Ética tem a ver como cada pessoa (grupo) rege a sua maneira de intervir e/ou actuar, seja na vida pessoal ou profissional. É como que um conjunto de regras que as pessoas devem seguir para não ferir susceptibilidades, serem verdadeiras e profissionais, além de respeitadores (...) também se estende a outras profissões e situações da sociedade (...)” (Sujeito 15).

A complementaridade entre a necessidade da ética nas acções diárias e uma certa capacidade individual para apreender os seus conteúdos, à medida dos interesses ou das necessidades pessoais está presente nesta afirmação:

“A ética de cada um de nós está bem presente em quase todos os actos do nosso dia-a-dia (...) A ética faz bastante falta quando queremos persuadir os outros (...) convencendo-os com actos e palavras...(...) nesta vida, para se conseguir algo é necessário muita ética, é tudo uma questão de ética” (Sujeito 21).

A accitação da necessidade da ética nas mais diversas circunstâncias é realçada pelos comportamentos a ter ou pelo juízo acerca dos comportamentos dos outros:

“(...) Ética é aquilo que distinguimos o bem do mal, o comportamento correcto do incorrecto, será aquilo pelo qual regemos e nosso comportamento. (...) Ética (...) é o fundamento para que o Homem fundamenta e legitima a sua conduta, na convivência entre as pessoas na sociedade” (Sujeito 35);“(...) ética é um conjunto criado pelo homem a fim de “avaliar” as atitudes das pessoas com quem convivemos em sociedade. Para que não haja conflitos, somos obrigados a cumprir normas e somos julgados se não agimos segundo os valores formados pela sociedade. A Ética surge para que possamos respeitar os outros e ser respeitados” (Sujeito 53).

Em todos estes sujeitos surge uma tónica comum: a ética poder ser considerada como uma forma de directriz que orienta as pessoas para a correcção moral ou para o comportamento mais desejável. A ética seria essa orientação moral que daria às pessoas o conhecimento para um determinado comportamento. Embora nenhum dos sujeitos o enuncie claramente, encontra-se implícita associação entre “ética” e “saber-viver”:

“Ética é algo que seguimos, um modelo que para nós é o mais acertado, segundo a nossa perspectiva está perante o olhar da sociedade (...)” (Sujeito 34); “(...) ética é o que regula os comportamentos do ser humano” (Sujeito 54); “Ética é a forma correcta de agirmos com os outros. Há certas atitudes, que por vezes temos, que são julgadas pelos outros como falta de ética” (Sujeito 45).

Da análise destas afirmações, concluímos que a ética enquanto comportamento: pode ser considerada como um conjunto de regras já estabelecidas e que regem o comportamento das pessoas; tais princípios normativos servem para determinar o funcionamento das sociedades; que a ética está sempre presente na vida das pessoas.

### **Ética como a reflexão acerca dos valores**

Também neste caso, é provável que a articulação espontânea dada pelos alunos e que relaciona a ética com os valores, se deva aos conhecimentos comuns acerca do assunto. O conjunto dos valores enunciados pela ética parece ser determinado pelo indivíduo e pelas suas opiniões e opções próprias:

“Entendo por Ética, os valores que cada pessoa dá às acções que pratica (...)” (Sujeito 24).

Encontramos a definição da ética como sendo um conjunto de valores já estabelecidos pela sociedade e que, se não são impostos e considerados como obrigatórios, são quase isso, pois apresentam-se como certos e apodicticamente correctos:

“Ética é a conduta da via certa que todo o ser humano deve tomar. Valores que à partida são adquiridos como certos, que nos ajudam a viver em sociedade, só assim será possível viver em comunidade (...)” (Sujeito 25); “Ética são as acções que praticamos no nosso dia-a-dia em função dos valores “impostos” pela sociedade!”

(Sujeito 27); Ética (...) é um conjunto de regras e ideias, as quais são definidas por um certo conjunto de personalidades” (Sujeito 28).

Na afirmação que a seguir se apresenta, encontramos uma certa contradição: se por um lado se apresenta a ética como um conjunto de valores duradouros e gerais, iguais para todos, por outro, é referida a diversidade de culturas, bem como a diversidade das pessoas, como aspectos que contribuem para uma certa variação de critérios:

“Ética é um conjunto de valores aplicados em determinados aspectos sociais, pelos quais todas as pessoas se regem. Esses valores podem variar por pessoa e por cultura. (...) São (...) regras que o indivíduo aprende ao longo da vida” (Sujeito 29).

Para alguns indivíduos, a aplicação dos valores éticos encontra-se em estreita relação com a aceitação dos mesmos no seio do grupo. Conhecer as regras já existentes e adaptar-se a elas, adequando dessa forma todo o comportamento, torna-se condição indispensável do saber-viver:

“(...) entendo Ética como sendo um conjunto de valores aplicados em certas áreas sociais tornando-as viáveis para serem correctamente aplicadas, tornando-se assim um conjunto de regras que nos fazem inserir num grupo (...) a sociedade. As características desse grupo passam por cultura, costumes” (Sujeito 30).

Neste caso, procura-se o equilíbrio entre as normas partilhadas pelo grupo de que se faz parte e os desejos individuais:

“Ao eleger um ou mais valores que nos servem de guia em todas as situações que a vida me impõe, devo encontrar uma ética coerente que responda às minhas exigências, pois não posso tomar decisões de ânimo leve” (Sujeito 50).

A relação da consciência com os valores e com a ética revela uma associação entre liberdade e responsabilidade pessoal:

“(...) entendo por ética que as pessoas têm de alcançar os seus valores e ser morais tendo consciência dos seus actos” (Sujeito 51).

### **Ética como a definição esclarecedora entre o certo e o errado**

A dicotomia entre o bem e o mal, tão presente nos conceitos morais e éticos, apresenta-se como um reconhecimento geral que resulta do conhecimento que cada

indivíduo tem das regras de conduta que lhe são exigidas e que são largamente praticadas na sociedade em que vive:

“Ética (...) significa ter respeito pelas regras de “bom comportamento” que gerem determinado grupo ou sociedade, devendo para isso os indivíduos que dele fazem parte ter condutas que não prejudiquem os funcionamento do grupo, ou individual, de acordo com o que está estabelecido, como objectivo do bom funcionamento do mesmo (...)” (Sujeito 4); “Ética (...) assemelha-se a respeito, ao cumprimento de certas e determinadas normas e ter consciência que as devemos respeitar” (Sujeito 6); “Aquilo que segundo determinada sociedade se encontra correcto” (Sujeito 39); “Por Ética, entendo que seja tudo o que esteja de acordo com todos os parâmetros do bem comum. Tudo o que seja de boa conduta” (Sujeito 44).

Outras vezes, essa distinção é individual e resulta da análise e apreensão pessoais de cada um:

“Ética é um estado de espírito, que cada indivíduo possui e que tem como finalidade humana distinguir o bem do mal. A Ética dá-nos uma percepção de distinção entre o bem e o mal, para assim podermos agir em harmonia para com estas duas realidades” (Sujeito 52).

Desta análise, concluímos que a ética: se relaciona com o Bem, considerado enquanto tal, pela generalidade dos indivíduos de uma comunidade; representa uma capacidade de reflexão acerca desse Bem; leva à acção.

### **Ética como um conjunto de princípios morais**

Nalguns casos, parece haver uma indistinção entre os conceitos de ética e moral. Ambos se apresentam como necessários para alicerçar a conduta das pessoas, sendo quase impossível delimitá-los e diferenciá-los:

“A ética é um conjunto de princípios morais pelos quais o indivíduo se rege na sua vida pessoal ou profissional. São os costumes, os deveres do Homem, a ética trata da ambivalência entre o bem e o mal” (Sujeito 3).

A apreensão dos princípios e regras de comportamento pode definir a ética como um “termómetro” adequado aos mesmos e que permita regulá-los e organizá-los. Mas neste caso, a ética apresenta-se como a lei, sendo a moral a possibilidade da sua execução:

“(...) ética é o que poderemos designar como um “instrumento” que controla a nossa conduta, os nossos actos, os nossos deveres (...). (...) “julgar” os actos descritos no parágrafo anterior de forma a tentar induzir-nos a fazer o que será mais correcto,

independentemente de ser bom ou mau, como que uma lei a ser cumprida pela nossa moralidade” (Sujeito 38).

Aqui apresenta-se a ética como um conjunto de regras comuns que, contudo, são questionáveis. Tal situação parece advir da actualidade ou das características da época presente:

“A Ética é a ciência dos costumes. Ela é igual para todos. A Ética nos dias de hoje é muitas vezes questionada (...)” (Sujeito 36).

Algumas respostas denunciam confusão entre os conceitos pedidos, e implicitamente referem uma miscelânea de termos, nem sempre apropriados:

“Ética é o carácter, o modo de ser, que os humanos adquirem ao longo da vida. A ética tem a ver com hábitos e costumes que resultam na nossa personalidade, nos nossos actos singulares, concretos, que pautam a nossa vida. A ética é a ciência da moral” (Sujeito 55).

Essa confusão é clara nestes sujeitos, como se a moral e a ética fossem a mesma coisa<sup>71</sup>:

“Ética (...) significa uma série de princípios morais, presentes em cada pessoa, que as leva (...) a pensar ou agir partindo dos mesmos” (Sujeito 32); “Ética é a ciência da moral; é a moral do ser humano; A Ética de cada um de nós é a moral, seguimos e respeitamos” (Sujeito 33); “(...) a ética está (...) ligada à moral (...) são os princípios morais com que vivemos e conduzimos a nossa vida pessoal, profissional (...). A ética permite-nos determinar a finalidade da vida e a maneira como podemos alcançar essa finalidade fazendo uso de juízos de valor que nos permitem distinguir o bem do mal” (Sujeito 5).

A articulação entre a moral, a ética e a filosofia, encontra-se presente nas frases seguintes e estabelece uma quase indistinção entre os conceitos:

“A Ética é a parte da Filosofia que trata da moral. A forma de constatar se algo é correcto e aceite pelos outros” (Sujeito 42); “É uma reflexão sobre a moral. Procura definir os princípios pelos quais o ser humano deve orientar a sua vida” (Sujeito 50); “(...) a ética é agir de acordo com alguns princípios e valores morais. (...) a ética e a moral em certos aspectos se interligam” (Sujeito 57).

Neste caso, a moral é vista como um conjunto de directrizes de comportamento. Mas o julgamento acerca desse comportamento já pertenceria ao campo da ética:

---

<sup>71</sup> Mais afirmações dadas pelos alunos acerca da interligação entre a ética e a moral, encontram-se no Anexo 5a.

“(...) o problema do que fazer numa determinada situação é um problema moral, enquanto o julgar essa acção como bem ou mal, torna-se num problema ético, onde se elabora uma reflexão sobre a natureza do bem e do mal, do valor da consciência moral (...)” (Sujeito 43).

### **Articulação e indistinção entre conceitos éticos e religiosos**

A confusão entre os conceitos éticos e os religiosos deve resultar da noção corrente no senso comum. Nesta apreensão da ética, é determinante a forma como os comportamentos assim apresentados são vistos, muito mais como a expressão de uma força sobrenatural ou transcendente, do que da vontade livre e autónoma dos homens e das sociedades:

(...) a ética é o conjunto das regras que Deus coloca no coração de cada um de nós, para que sempre houvesse maneira de nos respeitarmos uns aos outros, salvaguardando que com o nosso livre arbítrio tivéssemos a faculdade de escolher o que fazer daí que as possamos impor a nós ou não” (Sujeito 1); “Entendo a Ética como sendo algo que nos rege (...) que nos controla, permitindo que ao fazer algo não entremos em conflito com as leis materiais a que todos estamos ligados” (Sujeito 2).

### **Relação entre a Ética e os conceitos inatos**

Outra concepção comum no senso comum é a referência aos comportamentos gerais das pessoas nas sociedades e nas diversas épocas, não como aprendidos, mas como inatos, sendo a sua origem confusamente relacionada com a natureza humana:

“A ética é um conjunto de leis que é em nós inato (...) nós já nascemos com estas leis são como que uma herança que os nossos progenitores nos deram logo à nascença. Prosseguirá ao longo do crescimento (...)” (Sujeito 1).

A resposta seguinte é confusa, revelando contradição na apresentação dos conceitos. Se, por um lado, se apresenta a ética como pessoal, divergindo de indivíduo para indivíduo, por outro, também é referido um certo inatismo, como se esses comportamentos, sendo pessoais, também fossem gerais:

“Entendo que Ética se relaciona com os comportamentos dos sujeitos em que se difere de pessoa para pessoa, da qual nasce com o indivíduo e se desenvolve ao longo da vida (...)” (Sujeito 22).

### **Articulação entre a Ética e o Trabalho**

As respostas que relacionam a ética com o trabalho apresentam praticamente a ligação necessária entre os conceitos como um código deontológico. Alguns destes alunos são trabalhadores estudantes, tendo (ou devendo ter) já algum conhecimento acerca das regras exigidas e dos comportamentos permitidos ou interditos nessas diversas funções:

“(...) Ética está relacionada com a forma de agir e com a forma como trabalhamos. Nos nossos trabalhos pedem-nos para ser eticamente correctos (...) Ética é um conjunto de valores, deveres, leis que cada cidadão deve conhecer e praticar sempre. A Ética é-nos exigida de uma forma profissional” (Sujeito 17); “Conjunto de regras ou valores que numa determinada profissão devem existir, para que moralmente essas profissões sejam consideradas ou levadas em conta (...)” (Sujeito 26).

A relação entre a ética, o trabalho e o rigor do cumprimento do que é considerado correcto, estabelece também a necessidade da imparcialidade:

“No local de trabalho, dever-se-á seguir a ética estabelecida. (...) não aceitar ofertas de fornecedores, de modo a não criar situações de favorecimentos” (Sujeito 46).

### **Ética como a base do funcionamento da sociedade**

Decorrente da sabedoria e das regras acerca do comportamento adequado a cada situação, da observação do funcionamento da sociedade e das suas diversas instituições, surge a reflexão que os interliga com a ética:

“Ética é um “factor” existente na sociedade, (...) que abrange a nossa vida pessoal e profissional. A ética está ligada ao facto de não abusarmos e utilizarmos os outros para nosso proveito (...)” (Sujeito 8); “A palavra Ética é extremamente importante para uma sociedade, para se “sobreviver”/ viver nela. Ética é o mesmo que saber o que está correcto” (Sujeito 10).

#### **5.3.1.2. A multiplicidade de perspectivas do conceito “Ética” por parte dos alunos**

Nem sempre a ética consegue ser definida para os alunos como uma coisa concreta e clara. Nestes casos, existe uma pluralidade de interpretações que nem os próprios

alunos sabem explicar, como se essa indistinção resultasse também de uma confusão entre os valores, não havendo grande possibilidade de distinguir o bem do mal, pois um pode ser transformado no outro. Esta relatividade dos conceitos pode ter origem numa multiplicidade de perspectivas, nas mudanças constantes do mundo em que vivemos ou numa certa confusão ou dificuldade de expressão, por parte destes alunos respondentes:

“Todos nós agimos, pensamos e nos comportamos de maneiras diferentes e a ética é um conjunto composto pelas (...) acções que realizamos no dia-a-dia. Cada um tem a sua própria ética independentemente do nós acharmos correcta mas para outros ser completamente o oposto” (Sujeito 11); “Ética é uma palavra que é dita em vários contextos (...)” (Sujeito 16); “Ética é uma coisa relativa (...) depende muito da maneira de ver de cada um. O que para uns fazer uma certa coisa é bom, para outros é má. (...) também tem a ver com o conjunto de costumes de cada um, a educação de cada um. (...) com uma série de acções ao nível humano e não só. A ética é também uma maneira de avaliar o que está certo e o que está errado” (Sujeito 18).

### **5.3.1.3. Os exemplos de situações éticas dados pelos alunos antes do estudo da obra**

Relativamente à segunda parte da primeira questão, o pedido de exemplos éticos, nem todos os sujeitos responderam. Alguns deles limitaram-se a expor a sua definição pessoal de ética, não acrescentando os exemplos que eram solicitados na segunda parte da questão.

Acerca dos exemplos dados, estes foram múltiplos e variados. Enquanto alguns se inspiram no senso comum ou na divulgação dada pelos meios de comunicação, outros confundem a ética e a moral, revelando indistinção entre os dois conceitos (uma constante que tem vindo a manifestar-se, como encontramos no ponto 5.3.1.2.:

“É quase como que uma ciência da moral” (Sujeito 5).

Muito citada é a referência à ética profissional e à necessidade de aplicar esses conceitos no trabalho e na profissão:

“É o exemplo dos médicos, advogados, juizes, professores (...) Todas estas profissões têm bases, por onde cada indivíduo se deve reger e tentar não ter um grande desvio (...), todos eles têm bases éticas em cada profissão que devem seguir” (Sujeito 7); “(...) é (...) ético ajudar os outros. (...) os médicos, advogados, juizes, professores... (...) têm como base, para além da sua personalidade, o que aprenderam e o que juraram defender (...) um médico consoante os casos mais ou menos graves, tem que actuar segundo as bases sob as quais foi educado e o que para si acha que é importante, também para os outros” (Sujeito 8).

O conhecimento das regras deontológicas das diversas profissões por parte de alguns alunos, leva-os a exemplificar a necessidade que esses profissionais têm em assegurar o sigilo e o respeito pelos outros:

“Um exemplo de ética é o caso de uma pessoa que vai a um psicólogo tratar de uma determinada situação e o psicólogo tem como ética deontológica não revelar a história deste ou qualquer paciente” (Sujeito 12); “(...) nas carreiras que cada pessoa segue, cada pessoa tem a sua ética profissional” (Sujeito 24); “Por exemplo, na minha profissão (auxiliar de acção educativa – creche e jardim de infância), não seria eticamente correcto se comentasse com pessoas alheias à sala ou mesmo à instituição, algo acerca de uma criança com problemas de qualquer tipo (...)” (Sujeito 57).

A própria experiência destes alunos adultos é aqui apresentada para exemplificar a necessidade de cumprir regras éticas no exercício de uma profissão:

“(...) no meu trabalho não me é permitido discutir ou agredir algum “cliente”. E nem posso tratar alguém de forma diferente tenho que ser imparcial” (Sujeito 17).

Outro exemplo é o da relação entre a ética e o avanço científico:

“(...) a Ética impede alguns cientistas de elaborarem experiências ou certas experiências com seres humanos” (Sujeito 23).

Neste caso, a exemplificação é reforçada:

“(...) se é ético fazer clonagem ou não. A ciência apesar de ser neutra pode ser mal utilizada, pois, o cientista pode ser ético ou não” (Sujeito 36).

Dada a multiplicidade das respostas e dos exemplos apresentados pelos alunos e devido à impossibilidade de aqui as expormos todas, sob pena de tornar fastidiosa e demasiado longa a nossa análise, apresentam-se as restantes em anexo (Anexo 5b), agrupadas por categorias.

#### **5.3.1.4. As respostas à segunda questão – as categorias encontradas**

Relativamente à segunda questão desta primeira etapa de inquirição, que interrogava acerca da moral, alguns alunos não a distinguiram da ética, denotando uma certa confusão entre os dois conceitos. Tal indistinção encontra-se ainda muito presente, também ao nível do senso comum. Como já a havíamos encontrado nas respostas dadas à primeira questão, concluímos que a mesma se encontra na sequência dos raciocínios anteriores.

Também aqui encontramos categorias comuns no modo como o conceito foi explicado e nas alusões aos conhecimentos já existentes e já assimilados. Podemos ainda assinalar aqueles alunos que distinguem a moral da ética, encontrando-lhe diferenças.

As afirmações restantes encontram-se em anexo (Anexo 5c), também elas, repartidas por categorias.

#### **Moral e Liberdade**

“A moral (...) é como que um conjunto de princípios e normas comportamentais que tendem a “guiar” as relações entre indivíduos numa sociedade, procurando alcançar a harmonia entre eles, de um modo consciente e livre, garantindo (...) uma certa ordem social. (...) a moral estabelece deveres, leis e normas que os membros de uma sociedade são obrigados a ter em conta nas suas acções” (Sujeito 43).

A ideia é a de relacionar a moral com a liberdade, mostrando que, apesar de a moral ser um conjunto de regras que são exigidas aos indivíduos, a sua aplicação resulta da liberdade e da consciência das pessoas, o que implica associar a liberdade à obrigatoriedade.

#### **Moral e comportamento correcto**

Nestas respostas encontramos a associação entre a moral e o comportamento considerado correcto:

“A moral é o que leva o ser humano a agir de boa vontade e correctamente” (Sujeito 45); “Para mim, moral é tudo aquilo que nós consideramos correcto, é moral” (Sujeito 44). “A moral gere o comportamento, o que devemos fazer, seguindo normas e códigos que orientam a nossa vida. (...) consiste num princípio de querer ser um ser sociável e pertencer a uma sociedade, seguindo normas e códigos” (Sujeito 55).

Este comportamento correcto que aqui é apontado pelos sujeitos respondentes, parece ser o da sociedade que dita as normas e as regras. Ao sujeito cabe decidir e agir em conformidade com tais princípios.

Na mesma sequência, encontramos a moral como associada ao comportamento a ter perante os outros:

“É o comportamento que uma pessoa tem perante outra” (Sujeito 39).

Para outro sujeito, parece haver a necessidade de reforçar as ideias e os conceitos, embora as mesmas não sejam expressas da forma mais clara possível. Nesta resposta predominam a indistinção e a confusão, como se a moral fosse um conjunto de regras (inatas?), mas a sua aplicação correspondesse a uma certa evolução da humanidade:

“A moral (...) estabelece uma racionalidade de ideias, as quais relatam o que eu penso e como pretendo agir consoante os problemas abrangidos pela vida (...) a moral é o lado escondido de cada sujeito sobre a sua maneira de pensar em relação a tudo e todos, mostra-nos assim um caminho para a evolução” (Sujeito 37).

### **Diferenças e semelhanças entre Moral e Ética**

Como já havia ocorrido aquando da definição da ética, também nas respostas à moral, aparece-nos uma ligação entre ambos os conceitos. Na maior parte dos casos, não se encontram grandes diferenças, pois para estes sujeitos, moral e ética estão muito próximas:

“(...) a moral acaba por estar ligada com a Ética. É saber distinguir o que está certo e o que está errado, num determinado sítio, ou mesmo época ou mesmo géneros (...)” (Sujeito 10); “A moral é (...) parecida com a ética. (...) é moralmente correcto ajudar as pessoas que necessitem de ajuda. (...) ajudar um idoso a atravessar a estrada, ajudar o vizinho (...)” (Sujeito 14); “A moral é (um) conjunto de normas e opiniões éticas de um indivíduo que se segue(m) por serem consideradas normais perante a sociedade” (Sujeito 34); “(...) No fundo, a moral e a ética estão juntas” (Sujeito 21).

Noutros casos, há diferenças entre ambas, sendo aqui a moral considerada como superior relativamente à ética:

“Moral (...) é um conceito formado a fim de definir, tal como a ética, se são correctas ou não as acções que tomamos. (...) a Moral, ao contrário da Ética, é formada pelo próprio indivíduo que se auto-avalia, a fim de se sentir bem consigo próprio, conscientemente e de se julgar com o intuito de se afirmar como pessoa; sentindo-se realizado, caso as suas acções sejam correctas (boas)” (Sujeito 53); “A moral visa como a ética o bem-estar do outro (...) ao contrário, da ética, a moral implica que sejamos dignos ou não. Podemos ser éticos e não dignos, (...) um médico pode negar-se a colaborar com o processo da eutanásia num doente, mas no entanto levar uma vida devassa. (...) a moral é superior à ética no sentido em que implica com o nosso comportamento se é correcto ou não. A moral é um conceito imutável e muito íntimo porque a moral quando posta em prática influencia tratos e desejos mais íntimos” (Sujeito 1).

E é ainda o mesmo sujeito que realça ainda, fazendo sobressair a importância da moral nos comportamentos a ter relativamente aos outros:

“(...) a moral induz-nos com sentimentos mais profundos a tratar os outros da melhor maneira possível” (Sujeito 1).

### **Moral e subjectividade, ou como uma forma de consciência individual**

Encontramos em alguns dos alunos (9 sujeitos), a apreensão da moral como um estado interior do indivíduo, praticamente introspectivo, que dependeria de cada um e dos seus julgamentos pessoais e subjectivos acerca das coisas. Nestes sujeitos encontramos esse elo comum. É como se a moral, para eles, fosse a interpretação que cada um faz livremente das normas e dos códigos de comportamento existentes, sem haver muita preocupação em seguir um determinado formato. Embora para estes alunos, os conceitos de ética e de moral se confundam, apresenta-se uma forma (ainda que quase indistinta) de referir a moral como uma “coisa” pessoal e subjectiva, quase como se fosse um sentimento. Para todos eles, a moral:

“(...) diz respeito a cada um de nós. Todos temos em nós próprios algo que nos diga se aquilo que fazemos é correcto, se nos vai beneficiar ou prejudicar, ao mesmo tempo que nos mostra se não estamos a entrar em conflito com outros interesses de outros indivíduos” (Sujeito 2); “O que importa é a nossa moral e agimos conforme essa lei, seja qual for o resultado da nossa acção. A moral varia de indivíduo para indivíduo visto que cada pessoa tem os seus ideais e valores, a moral baseia-se no respeito, no

senso comum” (Sujeito 6); “(...) a conotação que cada pessoa dá a determinada acção (se agiu bem ou mal), são estes conceitos que cada pessoa desenvolve que rege a vida de cada um” (Sujeito 24); “(...) uma escolha individual, sobre a qual cada um de nós aplica sobre os costumes sociais. (...) o indivíduo aplica os seus próprios valores pessoais aos valores sociais. Fazendo a sua própria escolha. O Homem não se pode reger apenas por valores sociais, mas tomando decisões sobre esses mesmos valores” (Sujeito 29); “A moral (...) é algo que eu já tinha captado desde (a) nascença. A moral já existe em cada um de nós, só que nem todos conseguem viver com as “regras” da moral (...)” (Sujeito 31); “(...) a moral, são as acções que praticamos (...) de acordo com a nossa própria razão. (...) a moral é individual, cada um tem a sua noção (certo ou errado) do bem, daí as acções serem ou não moralmente correctas. A moral são as nossas próprias leis” (Sujeito 27); “A moral (...) é sermos pessoas, sabermos e termos consciência dos nossos actos e atitudes. Nós somos seres humanos e temos os nossos comportamentos que devemos ultrapassar” (Sujeito 51); “(...), desde que a pessoa aja correctamente, não para ficar bem perante os outros, mas sim consigo própria, está a agir moralmente. (...) dou o exemplo da minha profissão<sup>72</sup>, se uma criança não quer comer, desde que não seja por doença (...) vou tentar que ela coma, não por ser a minha função, mas sim para o bem dessa criança, para a sua saúde. É dar sem pensar no retorno (...) se a criança adoecer, possa ser sancionada por não tentar que ela se alimente” (Sujeito 57).

A moral aparece associada ao esforço e ao trabalho de cada um no sentido do seu próprio desenvolvimento:

“Atingir os nossos objectivos através do nosso esforço e dedicação” (Sujeito 9).

### **A moral tendo em vista a universalidade dos comportamentos**

Contrariamente à versão dos alunos anteriores que consideravam a moral como uma questão pessoal, outros (2 sujeitos) pensam de forma oposta. Para estes alunos, a moral tem de ser um conjunto de regras universais que possam ser válidas para todos:

“A moral é um conjunto de normas de conduta que devem ser absolutas e universalmente válidas. É agir não só como eu quero, e essa acção me vai dar prazer, mas pensar e agir de maneira universal, como ficam os outros depois da minha acção, o que vai acontecer depois de eu agir” (Sujeito 50); “A moral (...) é um princípio segundo o qual devemos agir, respeitando a lei” (Sujeito 48).

---

<sup>72</sup> A profissão desempenhada por esta aluna era a de auxiliar num infantário.

### **Moral e relatividade dos conceitos**

Nestes casos, a moral, a relatividade dos conceitos e dos costumes e a opinião pessoal de cada um acerca dos mesmos assuntos, é articulada num todo confuso e praticamente incoerente, onde os conceitos aparecem articulados, quase de forma contraditória:

“(...) trata-se de um conjunto de princípios, normas ou juízos, instituídos em nós próprios (...) de pessoa para pessoa existem inúmeros princípios morais que nos fazem agir uns diferentes dos outros” (Sujeito 38); “É como uma teoria do bem e do mal, que depende dos nossos costumes e opiniões, crenças (...). Reagimos às pessoas e à sociedade (...) a nossa atitude vai obedecer à nossa definição de moral, pois será a sua doutrina de vida. O dever moral prevalece sobre outros, pois a nossa consciência assim o dita. (...) a moral segue as regras da ética, (...) a moral de cada indivíduo respeita a sua própria ética de vida. Agimos desinteressadamente, sem respeitar as leis do que para os outros é bom ou mau” (Sujeito 5).

### **Moral como a dicotomia entre o Bem e o Mal<sup>73</sup>**

Para muitos dos sujeitos respondentes, falar em moral é falar na distinção entre o bem e o mal. Tal dicotomia deve-se provavelmente a noções decorrentes do senso comum ou à educação assente numa perspectiva religiosa. Algumas respostas referem a consciência como o elo responsável pela distinção entre as boas e as más acções:

“A moral é a distinção entre o bem e o mal. Os nossos sentimentos, intenções, acções estão todos dotados de uma moral, essa moral pode ser positiva ou (...) negativa, mas tem de ser sempre analisada no contexto onde se insere (...) sociedade, cultura, religião ou qualquer outro tipo de crenças (...)” (Sujeito 3); “(...) a moral é a dedução que cada indivíduo faz do termo correcto ou incorrecto do Bem e do Mal, do Bom do Mau (...) o conhecimento da verdade com o qual nos deparamos no dia-a-dia” (Sujeito 22); “Moral é uma escolha entre o bem e o mal, em que se tenta separar o que devemos e não devemos fazer, executando o mais positivo” (Sujeito 30); “Moral (...) orienta a acção humana quando se está indeciso entre o bem e o mal” (Sujeito 54); “A moral é a possibilidade que possuímos para distinguir o bem do mal” (Sujeito 42).

A moral é vista como se fosse inata, pois esse conhecimento das normas é apresentado como um conceito individual que estabelecerá essa dicotomia entre o bem e o mal, cuja aceitação dependerá de cada um:

“Conceito individual de comportamento social e pessoal. Todos nascemos com moral, temos noção do certo e do errado, do bem e do mal. Durante a vida, só temos de

---

<sup>73</sup> Encontramos outras afirmações dos alunos respondentes acerca do mesmo assunto, no Anexo 5c.

seguir o que a moral (interior) nos transmite. Há quem a siga e há quem não a siga, o que também nos atribui a nossa individualização e socialização” (Sujeito 46).

### **Moral e Educação<sup>74</sup>**

Nas afirmações seguintes, a moral relaciona-se com a educação, pois apresenta-se como um conjunto de normas e princípios que são recebidos (através da cultura, da sociedade?) e que permitem às pessoas mover-se relativamente ao que se considera ou não como correcto. Nestes casos, a moral já não é um conjunto de conceitos inatos ou pessoais, mas é o produto de uma sociedade organizada no espaço e no tempo e que estabeleceu determinado conjunto de normas e de regras para que os restantes elementos sigam:

“A moral (...) é o produto de um conjunto de informações exteriores que o indivíduo recebe, como educação, que lhe é transmitido pela sociedade onde vive e que (...) com as informações recebidas geneticamente, irá condicionar o seu comportamento. A moral é o “comportamento correcto” que todos esperam que o indivíduo tenha mediante determinada situação (...) é o que é socialmente considerado correcto. (...) diz-se que “agiu com moral” ou “não tens moral para falar...” (Sujeito 4); “A moral (...) é algo que nos é ensinado logo de criança, (...) são regras básicas que nos são inculcadas para não ultrapassarmos a barreira do outro indivíduo, (...) cada indivíduo defende algo e nós temos que saber que quando a nossa liberdade termina é sinal que a liberdade da outra pessoa começa e cada pessoa tem um ponto de vista do que é a moral” (Sujeito 7); “A moral constitui um conjunto de princípios que foram adquiridos ao longo da juventude. (...) é como se de uma peça fundamental se tratasse para as pessoas (...) as pessoas sem moral são aquelas que não têm princípios, carácter, acabando por serem rotuladas de más pessoas, que não se regem por qualquer princípio de vida, contrariando as ditas “normais” com princípios, moral, costumes. A moral é um dos valores que mais alto se eleva nos Homens acabando por ser um travão para muitas atitudes, comportamentos” (Sujeito 12).

Nesta articulação entre a moral e a educação, os valores apresentam-se como princípios orientadores e normativos das condutas. Também eles são impostos ou inculcados desde cedo nos indivíduos. A moral surge como um reforço dos comportamentos, recebida pela educação.

“A Moral são valores impostos pela sociedade, ou família, e quando alguém não segue estes valores, são criticados pelo resto da sociedade e alguém diz (...) “não tem

---

<sup>74</sup> Encontramos mais afirmações dos alunos respondentes acerca do assunto, no Anexo 5c.

moral nenhuma” (Sujeito 16); “A moral são os valores que me são ensinados pelos nossos pais, sociedade, religião (...) temos dentro de nós e (...) nos condiciona, nos faz agir de determinada forma (...) está relacionada com a nossa consciência. Com a forma como estamos em sociedade e como nos relacionamos com os outros” (Sujeito 17).

A interligação entre a moral e a educação, sendo essa mesma educação, revestida dos mais diversos aspectos valorativos, apresenta-se nas afirmações do sujeito seguinte. Subsiste alguma confusão, pois o mesmo sujeito que interliga a moral com as regras da sociedade em que vive, também a pressupõe como algo que

“está sempre presente no indivíduo” (Sujeito 52).

A afirmação termina com a associação da moral ao comportamento que deve estar correcto:

“(...) é um conjunto de valores que um indivíduo vai adquirindo ao longo da sua vida através de uma educação, tanto social como religiosa. (...) a moral está sempre presente no indivíduo (...) estes conjuntos de valores que se vão adquirindo, reflectem-se em todos os aspectos da vida do indivíduo; (...) no aspecto afectivo, no social, como no religioso. (...) A moral dá-nos através de uma educação correcta a noção do que é o mais correcto fazer ou agir (neste caso, o bem) (...)” (Sujeito 52).

### **Moral e Religião**

Encontra-se em algumas pessoas uma forte associação entre a moral e a religião<sup>75</sup>, como se o conjunto das regras morais fosse quase sempre constituído por preceitos que também são religiosos. Para os alunos que responderam a esta questão, associando ambos os conceitos, tal articulação parece ser muito forte.

“A moral é o que (...) é designado como o bom comportamento, do ponto de vista da maior parte das pessoas e (...) do ponto de vista que (...) nos foi inculcado pela Igreja. (...) a moral é algo que nos é “dado” na infância, consoante a educação de cada um de nós e que nos é dada pelos nossos pais e avós e outras pessoas que nos rodeiam; com o passar do tempo (...) é também alterado pela nossa maneira de ser e das nossas experiências. (...) antigamente, costumava dizer-se “defender ou praticar a moral e os bons costumes” (...) hoje em dia já não abrange os mesmos pontos de vista” (Sujeito 8); “A moral tem um carácter religioso, que também transmite valores correctos para a comunhão dos seres humanos” (Sujeito 25).

---

<sup>75</sup> No caso da ética já havia ocorrido tal associação à Religião.

### **Moral e Confiança**

Ao fazer a associação entre “ter moral” e “ter confiança”, os alunos relacionam os conceitos com expressões utilizadas através do senso comum, de que eles revelam um bom conhecimento, como se pode verificar através dos exemplos apresentados.

Esta forma de entender a moral estabelece-se como um modo de ter confiança – em si próprio, nas suas capacidades, nos outros e na sociedade, no funcionamento das instituições. Essa confiança estende-se aos mais diversos e múltiplos campos, dando ao indivíduo a possibilidade de se sentir à vontade em todas as circunstâncias<sup>76</sup>:

“(…) pessoas que dominam determinados assuntos e têm confiança na sua sabedoria e ou capacidade. (...) um jogador de futebol quando está muito motivado, diz-se que “está cheio de moral (...)” (Sujeito 15); “A moral (...) é uma coisa que o ser humano precisa para se reforçar, para ficar mais seguro de si e usa a moral em casos desfavorecidos e sente-se mais seguro, com mais fé quando a emprega (...)” (Sujeito 18); “(...) também entendo a moral como poder no sentido em que uma pessoa que tem lutado, batalhado para ter alguma coisa e tem, do que outra que tem tudo num estalar de dedos. A primeira (...) tem moral<sup>77</sup> para falar como adquiriu as coisas do que a outra. Tem o poder na palavra. (...) uma pessoa que em toda a sua vida fez coisas menos boas não tem moral para criticar quem o fez bem/mal” (Sujeito 10).

### **Moral e experiência de vida:**

Encontramos uma similaridade entre a moral e a aprendizagem de vida, o enriquecimento e o conhecimento que são dados através das vivências dos sujeitos. A moral aproxima-se de uma sabedoria que permitiria aos indivíduos a inter-ajuda, quando colocados em situações semelhantes às dos outros:

“Moral é algo que se adquire ao longo do tempo (...). Ao passarmos por diversas situações, vamos adquirindo conhecimento relativamente a essas mesmas situações. Estando (...) moralmente capacitados para aconselhar outros que estejam a passar por problemas ou situações semelhantes” (Sujeito 19); “Moral é quando uma pessoa passa por um problema e outra pessoa passa pelo mesmo problema, a pessoa que já passou por isso mais cedo tem moral de falar do problema e explicar como acontece algo ou se acontece algo de errado no seu problema; têm também moral de dizer que correu mal

---

<sup>76</sup> Os textos dos alunos, muito mais desenvolvidos, encontram-se no Anexo 5c.

<sup>77</sup> Esta definição de moral tem muito a ver com uma concepção corrente no senso comum em que a palavra é associada à capacidade que se tem – ou não – para fazer determinadas coisas. Aqui aparece essa confusão, pois o aluno apresenta duas definições de moral: a que se confunde com a ética e a outra, a do senso comum, a capacidade ou determinação para agir de uma determinada forma.

alguma coisa (...) pode explicar o que acontece porque já passou por alguma coisa semelhante” (Sujeito 20).

### **Moral e Valores<sup>78</sup>**

Como já havia sucedido relativamente à questão acerca do que os alunos pensavam da ética, também neste caso, é clara e evidente a interligação entre a moral e os valores. A moral pode ser vista como um conjunto de valores-base de uma sociedade. Neste caso, ela seria o alicerce de qualquer comunidade:

“Conjunto de valores (...) que servem de base às pessoas para se inserirem numa determinada comunidade, onde imperam determinados valores morais que ajudam a que os indivíduos dessa sociedade ou comunidade se interliguem, pois têm algo em comum. (...) São valores que nos vão sendo inculcados, desde que nascemos até morrermos” (Sujeito 26).

### **Moral e regras de conduta**

Para estes alunos, a ideia da moral como um conjunto de preceitos e regras de conduta que todos deveriam seguir, é uma constante. Se em alguns deles, tais preceitos resultam das diversas fontes exteriores, para outros, o aspecto inato desses comportamentos, é muito acentuado:

“A moral é a união de vários princípios, estes princípios poderão vir de várias fontes. Estas fontes podem ser a Religião, sociedade, educação e experiência” (Sujeito 28); “(...) Viver com moral (...) é (...) não fazer as coisas que fazem mal aos outros, viver de um modo sincero, evitando cometer os erros (...)” (Sujeito 31<sup>79</sup>); “(...) a moral poderá ter dois significados. (...) poderá ser a ciência do Espírito (...), o contrário a tudo o que corresponde ao sensível. (...), pode significar um acto bom ou “bem visto” perante a sociedade e contrário assim, com actos imorais (que serão os mesmos bons ou mesmo maus recusados talvez politicamente e religiosamente)” (Sujeito 32).

A moral é vista como a ciência da conduta e dos comportamentos:

“Moral é a ciência dos costumes ou dos deveres; é o conjunto das nossas faculdades morais; é de acordo com a moral que o ser humano desempenha os bons costumes” (Sujeito 33); “(...) moral são um conjunto de normas, deveres, princípios que vigoram na sociedade e que são, ou deveriam ser, aceites pelos membros constituintes dessa

---

<sup>78</sup> Também neste caso, os textos muito mais desenvolvidos, juntamente com os de outros alunos, encontram-se no Anexo 5c.

<sup>79</sup> O texto completo do aluno encontra-se no anexo 5c, no ponto respeitante à Moral como uma conquista pessoal.

mesma sociedade.(...) A moral é (...) marcada por obrigações, proibições por que devemos pautar o nosso dia-a-dia, a nossa vivência em sociedade” (Sujeito 35);“A moral é aquilo que visa os hábitos e regras da boa conduta de uma sociedade (...)” (Sujeito 36); “A moral são as normas estipuladas, padrões instituídos pelos códigos sociais ou morais que resultam do bem-estar ou mal estar de todos no grupo. É um conjunto de crenças de uma comunidade sobre o modo como se deve viver a vida, o que se deve fazer, o que é bom e incorrecto, sob o ponto de vista social” (Sujeito 49).

### **5.3.2. O segundo momento: as questões abertas aplicadas durante o estudo da obra**

Ao longo do estudo da obra, foram colocadas mais duas questões aos mesmos alunos.<sup>80</sup> A intenção era a de encontrar alguma articulação entre os conceitos presentes na obra e na filosofia do autor e a actualidade<sup>81</sup>.

As questões eram as seguintes: **“1- Qual lhe parece ser a importância da ética na época actual? Dê exemplos e justifique bem a sua resposta.”** e **“2- Acha possível estabelecer uma comparação entre a obra que está a estudar, a “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” e a moral e a ética da época em que vive? Porquê?”**

As respostas obtidas revelaram já alguns conhecimentos por parte de muitos alunos (e esses conhecimentos não existiam ainda nas respostas anteriores) assim como uma certa capacidade crítica e reflexiva. Interessante também é verificar a utilização dos conceitos do autor, por parte de alguns alunos, o que se deve naturalmente a um progresso no conhecimento dos mesmos.

---

<sup>80</sup> Nesta segunda fase da inquirição, conseguimos recolher 42 opiniões (na 1ª fase havíamos recolhido 54).

<sup>81</sup> Nessa altura, já todos os alunos tinham conhecimento da filosofia do autor, a qual tinha sido apresentada, pela professora, nas primeiras aulas.

### **5.3.2.1. As respostas à primeira questão**

Considerámos que, também neste segundo momento de inquirição, seria interessante agrupar algumas respostas em categorias, as quais estão relacionadas com a aplicação da ética no mundo actual, segundo as respostas dos alunos. Dada a multiplicidade de respostas obtidas, apresentamos aqui apenas algumas delas, ou extractos das mesmas, figurando as restantes e os textos completos em anexo<sup>82</sup> (Anexo 6a). As respostas obtidas revelam-nos que a maior parte dos alunos<sup>83</sup> considera a ética como importante, e mesmo fundamental e indispensável.

#### **Ética como inexistente**

“Qual ética? Aquele esquecido e amaldiçoado tesouro que entrou há muito em corrosão (...)” (Sujeito 47).

Neste caso, a linguagem parece ser de um hermetismo poético ou caótico, não se entendendo muito bem o que pretende o aluno transmitir com as palavras que emprega. Seja qual for a sua intenção, o que mais ressalta é a preocupação em mostrar a inexistência da ética na época actual, tendo-se a mesma perdido, devido às acções dos homens, ou por jamais ter sequer existido.

Os alunos procuram exemplos no seu dia-a-dia e no conhecimento da realidade em que actuam. Nesse decorrer, salienta-se a dificuldade ou a quase impossibilidade de encontrar algum elo entre um comportamento ético que seria desejável e a actualidade:

“(...) existe alguma ligação, mas essa ligação é muito fraca (...) Kant dizia que nós tínhamos uma vontade de agir própria e de livre espontaneidade, para ajudar o próximo e para se sentir bem consigo próprio. (...) Hoje em dia a nossa sociedade torna-se mais egoísta a este ponto (...)” (Sujeito 37).

---

<sup>82</sup> Nalguns destes casos, optou-se por apresentar aqui apenas fragmentos das respostas dos alunos e o respectivo comentário, por parte da investigadora. Em anexo, vai o resto dos textos, na maior parte deles, já sem a parte que aqui figura.

<sup>83</sup> Conforme as respostas dadas pelos alunos a esta questão e que são aqui apresentadas, só os que não sabem (2 sujeitos) se a ética é ou não importante e aqueles que consideraram a sua inexistência (3 sujeitos) é que se pronunciaram negativamente em relação à importância da ética na época actual. Os restantes sujeitos consideraram a sua extrema importância, como se apresenta na análise das categorias encontradas relativamente a esta questão.

Para este aluno, o que se verifica na actualidade não é um comportamento ético, seja ele qual for, mas sim o seu contrário:

“Acho que se pode fazer uma comparação em relação à época em que vive mas num sentido contrário. A obra defende a moral e a ética no bom sentido, a obra fala-nos de acções puras (...) o que vemos na sociedade (...) é o contrário (...) as pessoas já não confiam umas nas outras, já não há respeito pelos seres humanos, as acções feitas raramente são feitas sem ter um objectivo por detrás” (Sujeito 18).

Encontramos nestas respostas um grande desencanto perante a época actual e as pessoas.

### **Não sabem**

Dois dos alunos interrogados (Sujeito 48) e (Sujeito 29) não responderam a esta questão, embora tenham desenvolvido a resposta à seguinte. Tal facto pode dever-se ao desconhecimento do que era pedido, como é afirmado pelos próprios, mas pode também atribuir-se a uma certa falta de vontade ou mesmo inércia em desenvolver os assuntos pedidos.

### **Ética e princípios que sejam uniformes para todos**

A preocupação destes alunos é a de encontrar na ética um conjunto de princípios que não estejam sujeitos à flutuação das opiniões e dos interesses, de uma atitude consensual e comum de regras:

“A Ética procura definir os princípios pelos quais o ser humano deve orientar a sua vida. (...) a ética caiu num relativismo” (Sujeito 50).

Ainda segundo este sujeito, a única forma de evitar tal relativismo em que, segundo ele, caiu a ética, será através de um processo de uniformização de comportamentos.

Se a importância da ética é aqui apresentada e reforçada, tal deve-se, no entender do aluno seguinte, às exigências da sua necessidade perante uma sociedade de valores flutuantes, que se definem mais pelos interesses do momento, do que pela sua real efectividade:

“A ética, mais do que nunca, é importante.(...) deve-se não só ao aumento do egoísmo pessoal, ao materialismo, como também à situação social actual, à falta de emprego e às condições precárias” (Sujeito 46).

A actualidade da ética presente na obra pode ser importante porque é intemporal, mesmo que ela jamais se concretize na totalidade, como o aluno seguinte faz questão de frisar:

“(...) a base da moral e da ética são muito idênticas tanto na obra como hoje em dia, e são fundamentadas pelo idealismo da declaração dos Direitos Humanos, mas a época é totalmente diferente(...) Hoje em dia a ética é aplicada e falada em tudo, deixou de ser um idealismo como era na época de Kant (...) todos nós sabemos que a sociedade nunca irá funcionar de uma forma completa (...)” (Sujeito 24).

### **Ética e Valores**

Realça-se o papel da ética, no sentido de enunciar os valores que possam ser válidos, que se possam estabelecer e tornar melhores as pessoas e os relacionamentos entre elas:

“A ética na época actual, a importância é de sermos pessoas boas (...)” (Sujeito 51).

Tal característica da ética, a de definir e apresentar valores, torna-a mesmo fundamental em todos os campos da existência. Ela é o elo que permite distinguir os comportamentos e as atitudes:

“(...) permite que haja reflexão sobre os actos humanos para podermos determinar o fundamento que nos permita valorizá-los em termos correctos ou incorrectos (...)” (Sujeito 49); “A ética possui uma grande importância (...). Seja em que época for, seremos sempre obrigados a fazer juízos de valores e a distinguir o bem do mal em variadas acções que cometemos na nossa vida” (Sujeito 42).

A importância dos valores éticos associados ao desempenho de uma profissão, o cumprimento da ética como código deontológico que todas as profissões devem seguir, é a mensagem deste aluno:

“(...) a ética ao nível de uma profissão como a do médico, este tem que apresentar respeito perante os doentes e os colegas, tem de haver bom senso nas decisões e na aparência transmitida, tal como os resultados das suas acções, garante-lhe que seja bem visto aos olhos do povo. Tal como esta profissão todas as outras devem seguir a ética” (Sujeito 33).

### **Ética e discriminação**

A ética, sendo um conjunto de princípios acerca do comportamento humano, também pode ser uma forma de respeitar os outros e de recusar os comportamentos preconceituosos e discriminatórios. Assim, ela poderá funcionar como mentora de atitudes mais tolerantes, mais humanas e mais racionais:

“(...) a ética é muito importante na época actual (...) ajuda a relacionarmo-nos uns com os outros, a convivermos em sociedade, respeitando-nos mutuamente (...), o facto de ser discriminada por determinada característica física estereotipada (cor da pele, cor do cabelo, estrutura física (...)) – essa pessoa vai sentir-se “à parte” e poderá ter complexos que não deveriam existir por causa de uma acção eticamente incorrecta” (Sujeito 53).

### **Ética e oportunismo**

Foram muitos os sujeitos que referiram a época actual como marcada, ou pela ausência total de princípios éticos, ou pela invocação dos mesmos, mas desenquadrados das suas verdadeiras características. A ética aparece associada a um certo oportunismo e aproveitamento das circunstâncias por parte das pessoas que a invocam. Mais uma vez, os alunos recorrem aos exemplos da actualidade, às notícias dos *mass media*, à informação geral acerca do que se passa no mundo:

“(...) a ética hoje em dia só é posta em prática quando “dá jeito” (...)” (Sujeito 1); “Hoje em dia o mundo é corrupto. O poder económico e político influencia muitas vezes a noção de ética (...)” (Sujeito 29).

Os alunos reconhecem a falta de ética e a obrigação moral da sua existência:

“A ética (...) deve estar presente na nossa sociedade e (...) muitas vezes é ignorada por fins capitalistas/monetários, por sede de poder (...)” (Sujeito 6); “Na época actual a ética é bastante importante para toda a sociedade (...)” (Sujeito 21).

Também aqui, o panorama de um futuro sem justiça nem moral, por não haver ética, é apresentado como uma possibilidade.

Se a ética deveria ser imparcial e neutra, de facto tal não acontece. A parcialidade relativa aos assuntos éticos pode ficar a dever-se às características humanas ou ao

sentimentalismo. Quando se conhece o próximo e a relação com ele é de proximidade afectiva, o comportamento ético é diferente daquele que se tem com quem não se conhece. Para o aluno aqui referido, tal imparcialidade não acontece de facto, embora devesse<sup>84</sup>:

“(...) Se todos nós pensássemos no próximo (...) nunca teria havido tantas guerras e tantas intrigas, (...) eu ajo pensando no próximo que amo e fazendo tudo do melhor (...) para ele e nunca pensando no próximo desconhecido (...) ignorando-o por completo(...)” (Sujeito 37).

Este aluno questiona a parcialidade que apresentamos relativamente às pessoas que nos são próximas e a (quase) indiferença com que olhamos os outros que não conhecemos.

Associar a ética e a sua necessidade com a competitividade extrema e o oportunismo manifestado por muitos, é uma leitura possível para este sujeito:

“Actualmente a ética é (...) muito importante (...) vivemos numa era de competitividade muito grande (...)” (Sujeito 54).

A ausência de ética pode ser um instrumento de dois gumes; ao ignorá-la, o indivíduo pode encontrar soluções para os seus problemas, mas esse comportamento desumano dá origem a injustiças. Além disso, ao agir dessa forma, o homem estará a tratar os outros como meios e não como fins<sup>85</sup>.

Para outro aluno, a ética é eterna e intemporal e a sua necessidade manifesta-se em todas as áreas da existência humana como um fio permanente e irreversível. A alusão às inclinações sensíveis, fonte de actuação e de motivação das acções dos sujeitos humanos, denota já um conhecimento da obra e do empenho de Kant em diferenciar as

---

<sup>84</sup> O que nos leva a estabelecer um paralelo com a FMC de Kant, a qual, na altura da resposta a esta questão, já era, ao menos, parcialmente estudada pelo aluno. Também Kant nos refere, acerca da moralidade e do cumprimento da lei moral, que o mesmo não acontece, embora devesse acontecer (Kant, 1995a:41).

<sup>85</sup> A propósito de meios e fins, encontramos já na 1ª secção da FMC a referência: “Uma acção praticada por dever tem o seu valor moral, não no propósito que com ela se quer atingir, mas na máxima que a determina (...)” (Kant, 1995a: 30).

acções morais das que são norteadas por inclinações<sup>86</sup>. Quanto à alusão feita pelo aluno relativamente à extensão da ética a outros seres vivos que não exclusivamente os racionais, deve-se sem dúvida à informação e sensibilização actuais relativamente ao assunto referido:

“(...) o indivíduo, dado que é afectado por inclinações de todo o tipo (positivas e negativas) tem de se reger por uma conduta que permita que nos respeitemos e que nos permita vivermos como sociedade (...)” (Sujeito 3).

É ainda o mesmo aluno quem apresenta os exemplos da nossa época e que denotam a falta de ética num universo actual:

“Políticos que mentem na tentativa de chegar ao poder”, “No mercado de trabalho beneficia-se o amigo e não o mais bem preparado para o desempenho das funções”, “Países em que crianças são exploradas no mercado de trabalho”, “Escravidura” (Sujeito 3).

O texto desse aluno termina com uma mensagem acerca da abrangência da ética aos seres não racionais e ao ambiente:

“Não estou de acordo com a opinião de Kant em relação a só os seres racionais serem considerados como fins, pondo de lado os animais e o ambiente. Nesse aspecto não se enquadra com a época actual” (Sujeito 3).

A dificuldade de pôr em prática as intenções de Kant também é referida. É que alguns alunos consideram impossível comparar o idealismo da época do nosso filósofo com a época presente, assegurando a incapacidade que as pessoas têm em assumir comportamentos sem haver outras intenções a orientá-las:

“(...)em parte sim (...) alguns dos princípios são muito parecidos simplesmente é quase impossível pôr em prática da forma como Kant expõe os seus princípios. Na época em que vivemos é muito raro fazermos algo sem segundas intenções e sem usar um meio para atingir aquele fim” (Sujeito 23).

---

<sup>86</sup> Embora a totalidade da obra “FMC” insista na separação completa entre inclinações sensíveis e moralidade, talvez seja útil referirmos a seguinte passagem: “Tudo portanto o que é empírico é, como acrescento ao princípio da moralidade, não só inútil mas também altamente prejudicial à própria pureza dos costumes; pois o que constitui o valor particular de uma vontade absolutamente boa, valor superior a todo o preço, é que o princípio da acção seja livre de todas as influências de motivos contingentes que só a experiência pode fornecer” (2002a:65). Ainda acerca das inclinações, ver nota 37.

Para este aluno, é uma pena que se percam valores essenciais ao homem (da humanidade, da dignidade, do respeito pelo outro) e que ele considera que estão presentes na obra. Tal facto pode dever-se aos valores negativos que enformam os mesmos seres humanos que se deveriam comportar de forma ética.

“(…) embora a obra seja actual, a maior parte dos humanos hoje em dia não pensam, nem agem como realmente deveria ser, existe sempre algo em troca para se atingir os fins; hoje em dia as pessoas são egoístas, hipócritas, falsas, interesseiras, o que realmente é um problema, já não existe humanidade” (Sujeito 16).

### **Ética e o relacionamento com os outros**

A ética pode ser uma forma de estabelecer regras de comportamento das pessoas relativamente umas às outras, tão essencial e urgente, dado o facto de o homem ser um ser sociável por natureza:

“(…) mais importante do que a ética, será a atitude como encaramos os outros e assim já está em prática a própria ética, (...). Devemos agir como gostaríamos que agissem para conosco em qualquer situação” (Sujeito 4).

Outro aluno vai ao ponto de afirmar a indispensabilidade da ética para a vida em sociedade, tornando-se impossível e insuportável a sua inexistência:

“(…) Sem ética não é possível viver em sociedade (...)” (Sujeito 5).

Desse relacionamento com os outros, resulta a necessidade de associar a ética ao comportamento e ao respeito a ter em todos os momentos:

(…) a forma como nos comportamos em diversas situações e a educação para com os outros, penso que é importante os indivíduos terem estes conceitos presentes” (Sujeito 34).

A ética pode também apresentar-se como um apoio ou um suporte das atitudes éticas e morais, servindo-lhe de base e de reforço:

“Na ajuda e reflexão dos princípios morais” (Sujeito 56).

### **Ética e respeito pelos animais**

A alusão aos direitos dos animais como uma necessidade de repensar as atitudes humanas, a sua relação com o comportamento ético desejável, deve-se certamente ao acesso à informação e à tomada de consciência actuais relativamente a estes temas<sup>87</sup>:

“A tourada e a morte de animais para exploração de peles, carne, (...) é eticamente errada (...)” (Sujeito 6); “(...) ninguém consegue viver bem sem conhecer a ética e ser moral (...) só sendo moral e ético se poderá viver com dignidade e respeito próprio (...)” (Sujeito 36).

O mesmo aluno (Sujeito 36) refere ainda um acontecimento por ele vivenciado e que revela a pouca importância que as pessoas dão ao sofrimento dos animais (Anexo 6a).

### **Ética e desenvolvimento científico: poder e riscos da ciência**

O mesmo acesso à informação actual e às descobertas que podem ser consideradas como polémicas, é tido em conta nas afirmações seguintes. A evolução e o ritmo do desenvolvimento científico e certas descobertas polémicas podem considerar-se dilemas éticos determinantes e prementes do nosso tempo:

“(...) no mundo em que se vive hoje são muitas as descobertas a nível científico que mexem com a integridade do ser humano (...)” (Sujeito 7); “(...) há cada vez mais a discussão do que é eticamente correcto ou incorrecto. Existe(m) diversos exemplos do que é eticamente discutível. Tais como (...) clonagem, transplantes de órgão, produtos transgénicos...” (Sujeito 28); “Na época actual, a ética parece-me de extrema importância. (...) o caso da ciência no facto da clonagem humana (...) as questões éticas não seriam levantadas se fosse apenas para pesquisa de possíveis curas para uma grande parte das doenças que surgem sem se encontrar cura” (Sujeito 57).

Neste caso, faz-se referência a um tema da actualidade (a clonagem), revelando a importância do debate ético na resolução dos assuntos científicos.

---

<sup>87</sup> Também Singer nos apresenta assim o mesmo assunto: “Matar animais para a alimentação leva-nos a concebê-los como objectos que podemos utilizar a nosso bel-prazer. A sua vida pouco conta comparada com os nossos simples desejos. (...) Para promover as atitudes moralmente correctas de consideração pelos animais, incluindo os não autoconscientes, talvez seja melhor considerar como princípio elementar evitar matá-los para os comer” (2002, 2ª edição:153).

### **Ética, política e justiça**

Outro tema habitualmente associado à ética, é o da política e os seus reflexos na vida concreta de todas as pessoas:

“(...) cada vez mais se põe a ética de lado: exemplo disso são os políticos, que fazem promessas que não cumprem, pensando só no seu bem-estar (...)” (Sujeito 8).

À laia de conclusão, o mesmo aluno termina com um conselho ou uma reflexão, a propósito da melhor atitude a tomar:

“Se todos nós pensássemos um pouco de acordo com a ética, antes de agirmos (...) o mundo estaria melhor e havia mais respeito pelos outros” (Sujeito 8).

A justiça é um tema de meditação, vulgarmente associada à ética e à política, tão necessária e intemporal como todos os outros. Os sujeitos que se seguem apresentam como prioritária tal reflexão, e expressam os votos de efectiva aplicação de princípios éticos por parte das pessoas e das sociedades:

“(...) Numa sociedade como a nossa é necessário agirmos de forma correcta ou honesta (...) só assim podemos tornar a nossa sociedade mais justa para todos” (Sujeito 9); “(...) guerras que se dão entre países apenas para obterem mais poder e mais fortuna e se a ética moral, a ética boa o bom-senso se predominassem os chefes de estado viam as coisas de maneira diferente e resolviam as coisas mais humildemente sem pensar em poder e riqueza” (Sujeito 18); “ (...) Se existisse mais ética poderiam evitar-se guerras, misérias (...)” (Sujeito 15); “Hoje em dia existem poucas pessoas que dão importância à Ética, com muita pena minha. (...) ética é (...) o que está correctamente (...)” (Sujeito 16).

### **A imensa actualidade da Ética**

Muitos dos sujeitos inquiridos (16 deles) consideram que a ética, na actualidade, se reveste de uma grande importância, já que ela se torna a base e o alicerce, não só de qualquer sociedade, mas também de todos os comportamentos. A maior parte dos alunos aproveitou para reforçar a resposta com exemplos tirados da actualidade e dos problemas da época presente. A multiplicidade de respostas foi tanta, que a sua totalidade, acompanhada dos respectivos exemplos, se encontra no Anexo 7a. Aqui apenas apresentamos fragmentos de algumas delas:

“(...) se não houvesse uma ética a seguir, um modelo padronizado? (...) todos iríamos viver em guerra, e existiria um menor respeito entre as pessoas (...)” (Sujeito 11); “(...) é muito importante hoje em dia, a todos os níveis (...)” (Sujeito 17); “(...) sem ela a sociedade ficaria irreconhecível (...) não saberíamos distinguir o certo do errado, tudo não passava de uma simples acção (...)” (Sujeito 19); “(...) continua a ter um papel importante na época actual. Ainda discutimos o que é importante, obrigatório ou permissível fazer pensando em alguns problemas morais que dividem as pessoas (...)” (Sujeito 23); “(...) a ética actualmente é a base na nossa sociedade (...). (...) está em toda a parte, não apenas nas relações pessoais, como também no meio laboral, na política (...)” (Sujeito 24); “(...) sem ela os interesses próprios de cada indivíduo prevalecem em detrimento aos interesses de todos os outros, não existindo justiça nesse tipo de comportamento(...)” (Sujeito 25); “(...) cada vez mais é necessário estabelecer normas gerais do comportamento humano. Através dessas normas gerais do comportamento e pela definição de padrões morais, deixando (...) a liberdade de escolha, o homem poderá (...) seguir o caminho do Bem” (Sujeito 26).

Outros alunos consideram que existem problemas na época actual e que determinam uma recusa em aceitar a ética ou dão origem a uma deturpação dos seus principais aspectos. Todos eles concordam na incapacidade que tem a maior parte das pessoas (e também, as sociedades), para contornar esta questão, já que tal ausência de consciência ética resulta num oportunismo e numa falta de consciência e de respeito pelos outros que se alastra e prolifera, em vez do seu contrário (o dever ser, a procura do Bem):

“(...) as pessoas hoje em dia não têm muita ética; agem sem moral; sem qualquer humanismo (...)” (Sujeito 27); “(...) hoje temos uma grande variedade de caminhos que nós próprios escolhemos e nem sempre predomina o Bem (como é normalmente mais difícil para seguir). A Ética é indispensável em todos os tempos” (Sujeito 31).

A crise de valores da época actual pode ser o resultado de uma dificuldade de enquadramento dos sujeitos. A ética poderá ser a chave do encontro do homem consigo próprio:

“(...) Estas crises de valores mostram como o ser humano tem dificuldade em saber qual o seu papel no seu tempo de vida, como o passado que o trouxe até este tempo e qual o futuro da Humanidade. (...) é importante que a ética faça com que o homem se descubra a ele mesmo” (Sujeito 32).

Verificamos que houve uma multiplicidade de respostas e de exemplos apresentados na análise das respostas a esta questão. Na generalidade, a maior parte dos alunos considera a ética fundamental para estabelecer regras de vida, afirmando a sua presença

como importantíssima a todos os níveis, e reforçando que só através dela, o comportamento humano se pode reger.

### **5.3.2.2. As respostas à segunda questão**

Relativamente à segunda questão, obtivemos respostas que podemos diferenciar entre: aquelas que afirmam a concordância da relação entre a obra e a actualidade; as que não encontram qualquer correspondência entre ambas; e as que mantêm alguma ambivalência na resposta.

Mais uma vez, dada a multiplicidade das respostas obtidas e a vastidão e riqueza de que a análise das mesmas se pode revestir, optámos por apresentar os textos completos em anexo (Anexo 7b) Aqui apenas apresentamos fragmentos delas que analisamos e comentamos. É curioso o facto de grande parte dos alunos considerarem: que a correspondência entre a obra e os seus conceitos é muito actual; e de realçarem a ideia de que os seres humanos lucrariam muito mais em seguir tais princípios.

#### **5.3.2.2.1. É possível estabelecer correspondência entre a obra e a actualidade**

Do total dos respondentes (35 sujeitos) a esta questão, 26 deles responderam que existe efectivamente uma relação entre a ética de Kant e a actualidade<sup>88</sup>. Relativamente às razões justificativas para tal correspondência, elas podem ser várias, segundo os sujeitos inquiridos. Resolvemos, mais uma vez, agrupá-las em categorias, de acordo com os temas apresentados.

---

<sup>88</sup> Ou seja, a maioria dos inquiridos respondeu que sim.

### **O carácter imperfeito da natureza humana**

A imperfeição da natureza humana leva o homem a agir por interesse e não por princípios éticos. Como é referido na FMC, o homem tende a valorizar as suas inclinações sensíveis em detrimento do Dever.

“(...) os erros continuam sempre a ser os mesmos e a “imperfeição” da humanidade é cada vez Maior (...) cada vez mais improvável chegar ao Bem Supremo” (Sujeito 1); “(...) para conseguir os seus objectivos o ser humano (...) tem a tendência para passar um pouco ao lado do que a moral e a ética exige(m)” (Sujeito 7); “(...) Infelizmente (...) a maior parte de nós, espera sempre por algum interesse (Sujeito 10); “(...) muitas vezes nem respeitamos ninguém. Há falta de cidadania” (Sujeito 48); “Sim (...) é uma forma de despertar a razão humana para lutar contra (...) qualquer tirania exterior à razão” (Sujeito 49).

### **A intemporalidade dos conceitos apresentados**

Se os conceitos da obra são intemporais, então eles têm validade em qualquer época, porque é sempre da natureza humana que se trata. Tal ideia foi reforçada por muitos dos alunos inquiridos:

“(...) de acordo com a filosofia de Kant, se a moral é um bem supremo, então é intemporal, existem em qualquer época. Em qualquer parte onde exista a humanidade (...) são valores intrínsecos do homem, independentemente do meio social ou histórico” (Sujeito 4); “(...)Na sociedade actual os valores morais continuam a ser os mesmos de alguns séculos atrás, tais como: amor, amizade, dignidade, tolerância” (Sujeito 8); “(...) A moral é universal e imutável no tempo (...) continua a ser actual, ela é sempre o mesmo” (Sujeito 11); “(...) Moral e (...) ética são e serão sempre, temas muito actuais” (Sujeito 25); “(...)Hoje os direitos do homem continuam a ser defendidos. (...) ainda em muitos países assim não seja” (Sujeito 28); “(...) o princípio básico da moral e da ética manteve-se inalterado com o passar do tempo (...) o que era ético e moral na altura, continua a ser agora” (Sujeito 42); “(...) Apesar de haver um longo tempo entre a obra e a nossa sociedade actual, há várias semelhanças nos princípios éticos e morais (...)” (Sujeito 52); “(...) sem esses princípios universais, o homem que tanto tem de bom como maléfico, não conseguiria coexistir com os restantes da sua espécie” (Sujeito 26); “(...) se não houvesse moral e ética, no ser humano, era impossível, uma vivência digna entre ele” (Sujeito 33); “(...) Apesar da diferença das épocas, os conceitos fundamentados na obra são muito actuais e “encaixam-se” na nossa sociedade (...)” (Sujeito 53); “(...) a moral e a ética são conceitos universais, logo, intemporais. (...) Mesmo hoje existem pessoas que acreditam na humanidade e que têm esperanças que tudo vai melhorar no mundo (...)” (Sujeito 36); “(...) continuamos, nós, seres humanos, a desejar (...), o mundo da moral e da ética que Kant defendeu e acreditou ser possível. (...) Seria possível hoje, como o era na época de Kant, bastava apenas sermos pessoas” (Sujeito 5).

### **As características educacionais da obra (FMC)**

Para alguns alunos, a obra pode servir para ensinar as pessoas, para lhes dar formação ética, para as despertar. Mesmo que nada mude, mesmo que de nada sirvam tais apelos, ainda assim, a obra reveste-se dessa função educativa<sup>89</sup>:

“(...) Kant demonstra através de exemplos que não devemos fazer aos outros aquilo que não gostamos que nos façam a nós, e isso é primordial ainda nos dias de hoje. Esta obra ainda é considerada actual para a época presente” (Sujeito 17); “(...) A obra fala-nos de valores morais e éticos; (faz) referências a não usar os outros como meios para atingir os seus fins, em não fazer falsas promessas. Se transferirmos isto para os dias de agora vamos verificar que o mundo está cheio de falsas promessas (...)” (Sujeito 21).

### **A necessidade de repensar atitudes e de alterar comportamentos**

Mais uma vez se apresenta a ética como uma necessidade, urgente e inadiável. Este aluno revela ter apreendido bem os conceitos da obra, na medida em que distingue a “acção conforme com o dever” da “acção por dever”. Só a segunda é moral<sup>90</sup>.

“(...) Na época em que vivemos age-se sempre conforme o dever; (...) se faz alguma coisa há sempre alguma coisa atrás dessa; as pessoas hoje em dia não são sinceras, honestas no que fazem ou dizem. A obra “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” reflecte bem a época em que vivemos; faz compreender a humanidade e ver a realidade” (Sujeito 27).

#### **5.3.2.2.2. Não é possível estabelecer correspondência entre a obra e a actualidade**

Outros sujeitos afirmaram o contrário. Para estes alunos, não há qualquer comparação possível entre a filosofia de Kant e a actualidade, porque: tudo mudou; a época de Kant era a dos grandes idealismos e a nossa é a dos desencantos; consideram que não há correspondência possível entre aqueles conceitos e a nossa realidade. Ainda assim, da totalidade dos sujeitos inquiridos, só 4 deles é que afirmaram peremptoriamente a

---

<sup>89</sup> Tais votos foram também expressos por Kant na FMC: “*Uma Metafísica dos Costumes, é, pois, indispensavelmente necessária (...) porque os próprios costumes ficam sujeitos a toda a sorte de perversão enquanto lhes faltar aquele fio condutor e norma suprema (...)*” (1995a:16).

<sup>90</sup> Segundo as palavras de Kant na FMC: “(...) embora muitas das coisas que o *dever* ordena possam acontecer *em conformidade* com ele, é contudo ainda duvidoso que elas aconteçam verdadeiramente *por dever* e que tenham portanto valor moral” (1995a:39).

impossibilidade de aplicação da ética e dos conceitos da obra à nossa época. Mais uma vez, frisamos que as respostas completas se apresentam no Anexo 7b, pelo que aqui apenas apresentamos fragmentos das justificações encontradas.

### **A alienação da vida actual**

Se as pessoas vivem de uma forma completamente contrária à ética e ao dever ser, se o imediatismo e o consumismo as impedem de agir de outra forma, há uma oposição manifesta entre as ideias éticas e morais de Kant e a realidade vivida e presente:

“(...) actualmente vive-se numa sociedade capitalista consumista que assenta num pilar chamado exploração, (...) continuamos a fazer as mesmas coisas e a cometer os mesmos erros, porque é a única maneira de se vencer neste meio impuro e corrupto, salve-se quem puder é o termo utilizado, para quê pensar? (...)” (Sujeito 6); “(...) vive-se muito na superficialidade, na indiferença (...)” (Sujeito 56).

A idealidade da filosofia de Kant é apresentada em oposição à realidade concreta da sociedade, onde as coisas são completamente contrárias e em oposição a Kant e aos seus conceitos. Mais uma vez, os meios é que são considerados em detrimento dos fins.

Os interesses e as inclinações é que triunfam, embora tal não devesse ser:

“Na obra, tudo tem de ser correcto e feito de livre e espontânea vontade, mas na nossa época não (...) por vezes para atingirmos alguns objectivos ou metas temos de fazer coisas que parecem bem na sociedade” (Sujeito 9).

### **Os interesses empíricos como sendo mais importantes do que a moralidade**

Contrariamente ao desejado por Kant<sup>91</sup>, os interesses empíricos é que são tidos em conta na acção humana na maior parte dos casos. Assim o referem estes sujeitos:

“(...) cada um de nós preocupa-se apenas com o nosso próprio bem-estar e não com o dos outros. Os objectivos de cada um são apenas atingir todos os seus objectivos e sem olhar a meios. (...) Kant nesta obra explica que agimos livremente, tanto para ajudar os outros como para connosco próprios sem esperar nada em troca” (Sujeito 19); “(...) na época em que vivemos, a maioria das pessoas não utiliza as máximas para orientar a sua vida (...) *age de tal forma que a máxima da tua vontade possa valer simultaneamente como princípio de uma lei universal*: (...) esta e outras máximas não são respeitadas” (Sujeito 50).

---

<sup>91</sup> Acerca deste assunto da filosofia kantiana, o da valorização das inclinações sensíveis e dos interesses empíricos em detrimento da moralidade por parte dos seres humanos, ver notas 37, 85 e 86.

### **5.3.2.2.3. Pode haver uma certa viabilidade entre a obra e a actualidade, embora muito difícil de reconhecer**

Outras respostas foram marcadas pela ambiguidade, pela hesitação entre os aspectos afirmativos e os negativos. Entre a correspondência entre os conceitos da obra e a actualidade, estes sujeitos marcam reticências. Reconhecem na idealidade dos conceitos da obra uma certa importância, mas encontram neles a impossibilidade de serem concretizados.

Por vezes, é o receio de ser descoberto nas suas acções pouco éticas, que leva alguns sujeitos a agir moralmente, não em função de um ideal, mas de um resultado concreto:

“(...) cada vez se nota mais que as pessoas agem correctamente na maior parte das vezes com medo das repercussões que as suas acções possam ter” (Sujeito 57).

A impraticabilidade de uma ética tão formal na época actual parece ser um ponto fulcral:

“(...) a moral e a ética da obra seriam muito difíceis de aplicar nos dias de hoje. (...) na obra quando se praticam acções, elas são feitas de acordo com a moral, (...) hoje em dia ninguém pensa nisso” (Sujeito 15).

Outro aluno aponta a *imperfeição* da ética de Kant relativamente à actual: os direitos dos animais são hoje tidos em conta e nessa altura não eram. Neste caso, a *imperfeição* representa um progresso, uma tomada de consciência mais abrangente:

“Em relação aos animais e ao ambiente não serem considerados como fins em si, está completamente desactualizado” (Sujeito 3).

### **5.3.3. O terceiro momento: as questões posteriores ao estudo da obra**

Após a conclusão da leitura e do estudo da obra, e na maior parte dos casos, após o resultado do exame, foram colocadas mais duas questões aos mesmos alunos<sup>92</sup> que já

---

<sup>92</sup> Neste terceiro momento obtivemos 35 respostas. Voltamos a frisar que no primeiro momento tivemos 54 sujeitos e no segundo 42. Esta redução do número dos sujeitos deve-se, como já referimos, às

tinham respondido anteriormente. Pretendia-se auscultar em que medida o estudo da obra e da filosofia do autor poderiam ter contribuído para uma maior consciencialização das questões éticas por parte daqueles sujeitos. Afinal, era esse o nosso objectivo principal: o de apreender em que sentido podia o estudo da obra deste autor influenciar ou não o comportamento dos alunos<sup>93</sup>.

As questões foram as seguintes: “1- *Que contributos da obra “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” lhe parecem mais marcantes na actualidade?*” e “2- *Acha que o estudo da obra “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” pode ter alguns reflexos no seu comportamento ético e moral? Se sim, quais lhe parecem ser esses reflexos?*”

As respostas obtidas revelaram, na sua generalidade, um pleno domínio dos conceitos (que não existia ainda em grande parte das respostas anteriores) bem como uma apresentação mais completa da capacidade crítica e reflexiva. Nesta altura (em que os alunos responderam às últimas questões) a maior parte deles tinha já terminado com aproveitamento a unidade e, quer os conceitos, quer o teor da obra e da filosofia do autor, eram então conhecimentos recentes e adquiridos. Após a resposta a estas questões, todos estes alunos responderam também ao inquérito por questionário.

Devemos ainda referir que o número de alunos que responderam a esta questão foi menor relativamente às respostas anteriores (a totalidade dos alunos que responderam a este último conjunto de questões foi de 35 sujeitos). Devido às razões já apresentadas, nem todos os alunos que iniciaram a unidade a chegaram a terminar e, pela impossibilidade de os localizar, resultou a redução relativamente às respostas obtidas.

---

características dos alunos do Ensino Recorrente, que (por razões profissionais ou pessoais) não são constantes.

<sup>93</sup> Ou pelo menos, levá-los a reflectir acerca do assunto.

### 5.3.3.1. As respostas à primeira questão

Relativamente à primeira questão – acerca dos contributos da obra que os alunos podem considerar mais marcantes na actualidade - considerámos pertinentes alguns dos conceitos que os alunos assinalaram e que em seguida apresentamos. Como já havia sucedido com as respostas anteriores, dada a multiplicidade das respostas dadas e a riqueza do seu conteúdo, optámos por apresentar aqui apenas algumas delas, estando as restantes em Anexo (Anexo 7a).

A **intemporalidade** pode ser o assinalar desse paralelo entre a obra de Kant e a nossa época. Dessa forma, privilegia-se a relação dos conceitos e do conteúdo da obra com a actualidade. Assim se revela como o estudo de uma obra sobre ética e moral autónomas, escrita no século dezoito, pode ter aplicação e interesse numa realidade do século vinte e um, como a nossa.

“A obra permite conhecer a realidade de uma forma diferente (...) ensina-nos a traduzir na prática todos os ensinamentos do autor. Estes ensinamentos são intemporais e (...) continuam a ter um aspecto marcante na actualidade” (Sujeito 42).

É curiosa esta afirmação, pois ela vai de encontro aos nossos pressupostos iniciais. A época em que se vive não é assim tão diferente quando falamos em assuntos que são intemporais.

Grande parte dos alunos que responderam a esta questão, salienta como elementos comuns entre a obra e a nossa época, os **contributos de ordem moral**. Ao considerar estes contributos, também é apontada a sua intemporalidade (Sujeito 1 – Anexo 7a). São muitos os sujeitos que consideram marcantes e significativos os aspectos morais. Ao defini-los, cruzam-nos com a ética, a acção, a autonomia, a liberdade. Nestas afirmações encontramos a expressão de um apelo e de um desejo, por parte dos alunos respondentes, o de melhorar as pessoas e o mundo:

“(...) são os conteúdos de ordem Moral, (...) a sugestão de tratarmos os outros como fins e não como meios, a fórmula de que devemos agir de tal modo que a nossa acção possa ser praticada por todas as outras pessoas dando-nos (...) a liberdade de podermos escolher ser ou não seres morais (...)” (Sujeito 1); “(...) o respeito pelo próximo e a procura de algo para além do nosso conhecimento (...) a perfeição é o que todo o homem procura (...) Neste aspecto (...) a humanidade não evoluiu nada ao longo dos tempos” (Sujeito 4); “A boa vontade, a moral de cada um de nós, o agir segundo normas da sociedade (...)” (Sujeito 15); “Esta obra mostrou o caminho da ética e da moral, caminho esse que continuamos a seguir (...) não com o idealismo de Kant, mas hoje em dia a ética está presente em tudo. A ética está presente tanto no meio laboral de cada um de nós como em questões ecológicas. (...) o contributo mais marcante desta obra foi justamente a questão da ética (...)” (Sujeito 24); “É imprescindível na actualidade a existência da Ética e Moral (...) é a base principal para a criação de leis, que permitam ao homem viver/coexistir em sociedade” (Sujeito 26); “A obra de Kant parece (...) ser muito útil na época em que vivemos. (...) Sabendo os conceitos da obra, podemos mudar o nosso comportamento em relação aos outros, perceber o outro como um fim em si mesmo e não como um meio para realizar as nossas necessidades e desejos. Se todos nós fossemos legisladores da lei moral que é apresentada na obra, o nosso mundo seria um bocado melhor” (Sujeito 31); “A moral” (Sujeito 49); “As pessoas têm de ter moral do que fazem quanto aos seus actos (...)” (Sujeito 51); “O imperativo categórico. O conceito de moralidade intrínseca nos indivíduos” (Sujeito 46); “(...) hoje em dia as pessoas dão mais importância ao dinheiro, luxos, carreiras, do que em fazer o bem. (...) o estudo desta obra deveria ser obrigatório para todos (...) muitas pessoas não têm uma educação com princípios morais, não sabem o que é a Ética e não distinguem o bem do mal” (Sujeito 36); “O respeito por si e pelos outros. A consciência da dignidade do homem e o respeito por todo o ser humano. Saber usar bem a razão e o conhecimento, no sentido de ajudar a construir um mundo bom, humano e não a destruir o mundo, o ser humano” (Sujeito 56); “(...) os valores morais” (Sujeito 57); “(...) os valores éticos e morais que o homem precisa de ter em si para viver em sociedade e em paz consigo mesmo. Valores (...) que são fundamentais para contribuir para um bem-estar, tanto social, como principalmente familiar (...)” (Sujeito 52); “(...) são a lei moral, o imperativo categórico, a autonomia, a responsabilidade, a liberdade, entre outros. Kant mostra-nos a interligação entre estes conceitos tão importantes para a humanidade (seja na época em que a obra foi escrita como na actualidade), que tornaria a humanidade melhor e capaz de ver tudo unicamente como um fim, sem interesses, realizando-se o homem a si próprio” (Sujeito 53).

Curiosamente, estes sujeitos não revelam estranheza face à linguagem da obra ou à densidade dos conceitos. Eles até os consideram actuais e necessários, o que vem de encontro à nossa ideia inicial (a da associação dos conceitos de Kant à actualidade).

Um conceito comum às duas épocas, para outro aluno, foi o dos **Direitos humanos e justiça:**

“A obra foi escrita numa altura em que se davam os primeiros passos rumo aos Direitos do Homem (...) serviu de inspiração a várias entidades internacionais que zelam pelos direitos de liberdade e de igualdade” (Sujeito 3).

Nesse sentido, podemos considerar que os direitos humanos podem ser um elo de ligação entre as épocas, desde o seu aparecimento e o deslumbramento dos homens acerca deles (e também de Kant), até à nossa época, onde as múltiplas organizações se esforçam por os tornar efectivos, na prática. Nas duas situações encontramos o mesmo caminhar, a mesma intenção de ultrapassar obstáculos, de desbravar caminhos.

**A acção humana como sendo ética** prende-se com algumas das afirmações anteriores e é um conceito que surge em vários sujeitos, sendo referida a sua grande importância, seja em que época for. Estes sujeitos respondentes têm consciência de que a acção humana tem de ser ética para ser justa. Como afirmam alguns deles, a acção comum das pessoas tem quase sempre por base interesses e inclinações. Assim sendo, tal acção não é conforme a ética, mas interesseira.<sup>94</sup>

“(...) Todas as pessoas (...) agem sempre com alguma intenção, fazem alguma coisa pensando em segunda intenção (...) fazem uma acção conforme o dever” (Sujeito 27); “(...) Kant, (...) influenciou a problemática dos direitos humanos e ainda hoje essas influências estão patentes (...)” (Sujeito 32); “(...) existem conceitos marcantes na obra (...) a boa vontade das acções, autonomia das acções, a dignidade moral, respeito. Estes conceitos são importantes na actualidade” (Sujeito 34).

A proposta da obra FMC de pôr de parte os interesses empíricos e os impulsos sensíveis e de agir de tal forma que a norma da acção se possa considerar como universal, aparece para estes alunos, como um elemento que deveria fazer parte da época actual. Daqui decorre a temática: **valorização do dever em detrimento dos interesses sensíveis**<sup>95</sup>, como mais um elemento comum às duas épocas:

“(...) Parece-me bem actual esta ideia. (...) se o homem deixar de parte o mundo sensível, só assim ele é livre, autónomo e auto-suficiente. Só assim ele se pode realizar

---

<sup>94</sup> O eterno dilema entre uma acção que se estabelece em nome das inclinações e uma acção verdadeiramente moral, já foi tratado nas notas 37, 85 e 86.

<sup>95</sup> Todos estes temas se relacionam e interdependem uns dos outros. É muito difícil dissociá-los, já que uns dão origem aos outros. Os raciocínios dos alunos a este respeito, também se encontram mesclados destes múltiplos conceitos, como acontece na obra de Kant - FMC.

como pessoa (...)” (Sujeito 11); “Vivemos no mundo das aparências, (...) o que faz com que não se olhe a meios. E a obra (...) pode contribuir de uma forma positiva explicando de uma forma real e com exemplos as verdadeiras acções (...)” (Sujeito 17).

Esta afirmação prende-se com os diversos aspectos já focados. Nela encontramos a duplicidade humana (o homem como ser sensível e inteligível), sendo a parte sensível quase sempre a dominar, mas todos eles reconhecendo que deveria ser a inteligível.

Alguns outros sujeitos consideram que **uma postura moral e ética se pode aplicar na realidade actual**, desde que as pessoas a isso se proponham. Os alunos têm consciência da influência de Kant como inspiradora dos organismos internacionais para a paz, acreditam na necessidade de mais ética, são unânimes em afirmar a necessidade e actualidade dos conceitos da obra e dos valores positivos para a construção de um mundo melhor e mais justo:

“Toda a obra se reflecte na actualidade. Podemos arranjar diversos exemplos na sociedade de hoje” (Sujeito 21); “Esta obra está na base de muitas das ideologias das organizações mundiais de defesa dos direitos humanos (...)” (Sujeito 28); “(...)é uma obra de que podemos tirar uma lição e aplicá-la no quotidiano (...) a moralidade, a autonomia da vontade, são exemplos que podemos e devemos ter sempre presentes na nossa vida” (Sujeito 48); “Os contributos marcantes na actualidade são: a boa vontade das pessoas, a responsabilidade, a liberdade, a dignidade da pessoa humana” (Sujeito 20); “Visto que a ética e a moral são conceitos que estão descritos na obra, e são dois conceitos antigos e actuais (...) uma sociedade sem ética e moral não pode existir (...)” (Sujeito 8); “(...) a ideia que a obra consegue passar, para quê estudar a obra? (...) Na postura ética face aos outros, nos conhecimentos adquiridos, na tolerância face aos outros e na mudança dos comportamentos” (Sujeito 7); “Parece mais marcante na actualidade a noção de ética moral (...) o que deve ser correcto ou não fazer-se (...)” (Sujeito 12).

A articulação e oposição entre **fins e meios**<sup>96</sup>, tão presente na obra, é objecto de análise e de reflexão por parte dos alunos, que consideram que, também hoje, talvez mais do que nunca, é preciso repensar tais conceitos e pôr efectivamente em prática a noção da importância dos fins em detrimento dos meios:

---

<sup>96</sup> Para Kant, só os fins são válidos e devem ser considerados numa acção ética e moral. Conforme se apresenta inúmeras vezes a máxima da lei moral é a seguinte: “Age de tal maneira que uses a humanidade, tanto na tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca // simplesmente como meio” (1995a: 2002: 69). Acerca deste assunto, ver também a nota 77.

“(…) na actualidade dão muito valor numérico a muita coisa, principalmente a coisas ou pessoas que deveriam ser mais importantes (…)” (Sujeito 23); “A máxima de agir de tal forma tratando a humanidade sempre como um fim e nunca como um meio é um dos maiores contributos para a actualidade, pena é que na prática isso não acontece com todos nós” (Sujeito 5).

### **Os que não sabem ou não querem pronunciar-se**

Três dos sujeitos inquiridos referiram não saber justificar se havia ou não correspondência entre a ética de Kant e a da actualidade.

### **5.3.3.2. As respostas à segunda questão**

Esta é a última das questões colocadas. A sua pertinência reside na possibilidade (ou não) de alteração de comportamentos devido ao estudo da obra. Os resultados dividem-se entre os que consideram possível alterar o comportamento, devido ao contacto com a obra e a filosofia do autor, e os que declaram ser tal coisa impossível de concretizar, dada a idealidade dos conceitos. Outros alunos afirmam que a forma de agir que têm tido ao longo das suas vidas já se enquadra no modelo kantiano. Outros dizem que precisariam de mais tempo de análise e de mais contacto com uma filosofia desta natureza para que ela pudesse exercer alguma influência sobre eles (Anexo 7b).

### **É possível projectar os conhecimentos obtidos na obra no comportamento ético e moral**

São múltiplas as razões invocadas pelos alunos para justificar esta afirmação. Foram vinte<sup>97</sup> os alunos que consideraram afirmativa a resposta a esta pergunta, de uma forma clara e inequívoca. Tais respostas prendem-se com a possibilidade e viabilidade que estes alunos consideram existir nos conceitos kantianos:

“(…) a obra é um incentivo neste sentido (…) provocou alguns efeitos na minha mente e fez-me questionar certas atitudes minhas para com os outros (…)” (Sujeito 1);

---

<sup>97</sup> A totalidade dos sujeitos e das respostas obtidas encontra-se no anexo 7b.

“(…), sempre que aja (…) com uma intenção menos boa, há-de vir à memória a leitura desta obra e nessa altura hei-de pensar que na realidade a obra *afecta-me* (…)” (Sujeito 10); “(…) Em relação à boa vontade, à moral e forma de agir, esta obra fez-me pensar e repensar as minhas atitudes (…)” (Sujeito 15); “(…) o meu comportamento pode-se modificar um pouco depois de ler a obra. O estudo da obra “ensinou-me” (….) e fez-me ver bem como se deve agir (…)” (Sujeito 27); “(…) obrigou-me a pensar melhor na responsabilidade do Homem em relação ao mundo e a si próprio (…)” (Sujeito 29); “(…), marcou-me muito (….) fez-me ver a forma como agimos perante os outros e por nós mesmos (…). Influenciado por Kant (….) quando realizo uma acção não espontânea, criada pelo hábito quotidiano, questiono-me a mim mesmo o móbil que nos faz agir de tal forma. (….) Gostei muito desta obra!” (Sujeito 32); “Posso reflectir perante os pensamentos de Kant que sinto realmente que me mudam alguns aspectos éticos. (….) o livro mexeu nos meus comportamentos éticos” (Sujeito 37); “Sim! Permite apreender a realidade de uma maneira de uma forma diferente, pode ser extensível à responsabilidade perante a natureza e as questões ecológicas e ainda que não possa ser aplicado não deixa de ser importante” (Sujeito 7); “(…) penso mais quando tenho que agir (….) quando me confronto com o acto de dar esmola ou não, de ajudar os outros e porquê” (Sujeito 8); “(…) uma melhor compreensão de outras pessoas, o meu próprio comportamento e perceber a ética e a moral de outras pessoas” (Sujeito 20); “(…) é possível retirar dela alguns ensinamentos que se reflectem no meu comportamento ético e moral. Estes ensinamentos fazem com que no meu comportamento diário seja mais tolerante em relação aos outros” (Sujeito 42); “(…) a maneira de agir e de nos comportarmos perante os outros (….)” (Sujeito 48); “(…) mesmo que não consiga alterar o nosso comportamento, faz-nos pensar antes de agir” (Sujeito 50); “(…) tornámo-nos mais pessoas, somos mais dignos (….)” (Sujeito 51); “(…) depois de estudar esta obra, consigo ter mais noções do que é a ética e a moral (….)” (Sujeito 12); “(…) às vezes acontece que antes de fazer alguma coisa, o meu raciocínio põe-me a pensar se faço ou me comporto de maneira que a minha máxima se possa considerar lei universal. Nunca reparava nisso antes, mesmo sabendo as regras morais e éticas que toda a gente sabe (….)” (Sujeito 31); “(…) acho que a obra (….) poderá ter alguns reflexos no comportamento ético e moral (….) a respeitar os outros enquanto pessoas e ser mais tolerantes uns com os outros” (Sujeito 53).

Da leitura e da análise destas respostas, concluímos da possibilidade que têm a obra e os conceitos do autor, para levar as pessoas a reflectir e a meditar acerca dos seus comportamentos. Mesmo que, na prática, tais comportamentos não mudem, o facto de ter havido esse contacto com a obra e de os levar a pensar acerca da importância da ética e da moral, já é bastante significativo da importância de que os conceitos se revestem<sup>98</sup>. Estas respostas revelam também um certo idealismo, por parte dos alunos respondentes: a crença na possibilidade de acreditar no homem e nas suas

---

<sup>98</sup> Levar à reflexão acerca deste tema já é fundamental. A maioria dos sujeitos inquiridos refere a importância de tal facto. A atitude a ter perante as questões éticas é determinante e a espontaneidade destas respostas levam-nos a crer que estes sujeitos reflectem sobre o assunto.

determinações e também em si próprios. Alguns deles referem que o estudo da obra os levou a ser mais reflectidos, a repensar as suas atitudes e a corrigir eventuais aspectos menos positivos.

**Não é possível projectar os conhecimentos obtidos na obra no comportamento ético e moral**

Outros alunos (6 sujeitos) consideram que o comportamento não se muda de forma assim tão rápida, defendem que sempre se habituaram a uma forma de comportamento (que é a que mantêm) e afirmam que não é pelo estudo de um autor (e que pode durar, no máximo, apenas alguns meses) que o vão mudar:

“Não” (Sujeito 49); “(...) não vai ter reflexos alguns, visto ter uma ideia muito própria de ambos os conceitos” (Sujeito 57); “(...) Adquiri conhecimentos, conceitos novos, mas em nada alterou o meu comportamento” (Sujeito 11); “(...) a nossa maneira de ser não altera logo tão de repente quanto à leitura da obra” (Sujeito 33). Mas é o mesmo sujeito quem refere em seguida: “(...) apresenta (a obra) muitos pontos que no dia-a-dia podemos pôr em prática. Como a ética no trabalho, nas acções e a moralidade com que actuamos perante os que nos rodeiam” (Sujeito 33).

Alguns alunos consideram que a filosofia e os conceitos do autor não são aplicáveis na prática, pois pertencem a um mundo ideal que não tem existência concreta em parte alguma. Outros ainda, consideram que o comportamento que têm já é ético, que sempre o foi e que não existem diferenças entre o que aprenderam nos últimos tempos e essa realidade que sempre construíram:

“O estudo da obra (...) não vai mudar em nada o meu comportamento (...) mesmo antes de conhecer Kant, essa já era a minha filosofia de vida, embora não contasse no meu dicionário os termos técnicos do filósofo (...)” (Sujeito 4).

As reticências relativamente à resposta, levam a pensar que estes alunos podem considerar a hipótese de alterações, embora de forma muito remota. Por um lado, afirmam que não houve mudanças nos seus comportamentos, mas por outro, não rejeitam completamente tal eventualidade:

“Por enquanto não, continuo a comportar-me igualmente em relação à ética e moral (...) permite-me reflectir bastante em algumas acções” (Sujeito 34); “(...) não notei

nenhuma alteração no meu comportamento depois de ter estudado a obra (...) admito que possa ter acontecido” (Sujeito 54).

É de realçar que foram em muito menor número os alunos que responderam não ter tido a obra qualquer efeito sobre eles, do que aqueles que afirmaram o contrário. Tal facto, permite-nos, mais uma vez, concluir como pode a obra constituir uma base de reflexão para os comportamentos éticos e morais.

### **Os conceitos encontrados na obra já eram aplicados anteriormente**

Para outros alunos (9 sujeitos), a surpresa perante os conceitos da obra não foi assim tão grande, pois tais atitudes eram já por eles consideradas e vividas enquanto tais:

“(...) tenho um comportamento ético e moral adequado segundo (...) a minha consciência (racionalidade) (...) que a obra através dos seus exemplos e conceitos relembrou como a nossa maneira de agir é importante (...)” (Sujeito 17) “(...) a obra dá-nos uma lição das nossas atitudes (...) todos nós já sabemos distinguir o bem do mal (...)” (Sujeito 21); “(...) não terá grande influência no meu comportamento (...) as minhas acções são baseadas na Ética e Moral, pautando-me por uma conduta o mais eticamente e moralmente possível” (Sujeito 26); “(...) sinto que vivo com dignidade, moralidade e ética. (...) tenho a consciência da dualidade da minha existência e sei definir e escolher sempre o caminho da moral e da ética. A obra foi aliciante ao saber que há séculos que se pensa como eu, ou que eu penso e vivo como há séculos se quer viver” (Sujeito 5); “Reflexos sim, mas não muda a minha maneira de viver a vida (...) eu fui educada com princípios e moral (...) muito do que eu estudei da obra não é novidade para mim e assemelha-se bastante ao meu comportamento (...)” (Sujeito 36); “(...) veio sustentar o meu comportamento ético e moral” (Sujeito 46); “(...) só conforme os acontecimentos do dia-a-dia é que podemos deparar-nos com situações que talvez antes de lermos a obra fariamos de forma diferente” (Sujeito 23); “(...) apesar de ter tido uma educação em que prevaleceram esses valores éticos e morais, o estudo da obra veio fortalecer a minha consciência em relação a esses valores. (...) o estudo da obra, (...) veio (...) completar e aprofundar o meu comportamento ético e moral no seio da sociedade, como também no meio familiar e (...) ao nível pessoal” (Sujeito 52).

Da análise destas afirmações podemos retirar as seguintes conclusões: se estes alunos afirmam que a leitura e o estudo da obra (FMC) não os transformou, todos são unânimes em afirmar que já agiam assim anteriormente; encontramos em todos eles, a marca determinante da importância da moral e da ética; todos se consideram pessoas com ética, tendo sido educados com princípios morais; por tais razões, a maior parte deles, refere a reflexão e a tomada de consciência causadas pelo contacto com a obra e

com a filosofia do autor. Assim, não podemos considerar que estas respostas representam uma resposta negativa à questão formulada. Elas são uma tomada de consciência para este tipo de questões (como afirmam os sujeitos 23, 46 e 52, entre outros).

#### **Poderá haver influência, mas era preciso haver mais tempo para o verificar**

Torna-se compreensível esta atitude por parte dos alunos, embora só dois deles a tenham referido: se o estudo da obra e do seu autor foi recente, se o mesmo decorreu ao longo de um período de tempo relativamente curto (cerca de dois ou três meses) pode ser de esperar que os efeitos daí decorrentes não sejam imediatos. Das respostas obtidas, apresentamos fragmentos<sup>99</sup> que nos pareceram mais elucidativos das razões da resposta:

“(...) o estudo desta obra despertou o interesse pelo tema e pela Filosofia do autor, (...) seria necessário mais tempo e (...) a leitura de outras obras do mesmo autor para que isso se reflectisse no comportamento (...)” (Sujeito 24); “(...) Para que uma obra como esta tenha reflexos comportamentais ao nível ético e moral, têm de ser ensinados logo a partir da primária” (Sujeito 3).

#### **5.4. Aplicação do questionário e recolha dos dados**

O questionário foi aplicado em duas fases, sendo na segunda unicamente aplicado aos alunos da investigadora. No total (1ª e 2ª fases), foram recolhidos 76 questionários, os possíveis, dado o universo flutuante da investigação.

---

<sup>99</sup> Tal como nas respostas anteriores, a totalidade dos textos escritos pelos alunos encontra-se no Anexo 7b.

#### **5.4.1. Codificação e tratamento dos dados**

Os dados do inquérito relativamente às respostas fechadas foram tratados estatisticamente, através do programa SPSS, versão 10.0. e de acordo com um Protocolo, com o objectivo de resumir, clarificar, ordenar e analisar os dados.

O SPSS-*Win* é um programa que combina diferentes técnicas de cálculo estatístico com um ambiente de trabalho informático flexível. Tendo como recurso o programa informático SPSS e após a codificação dos questionários, introduzimos os dados relativos aos mesmos (N=76).

Aqui apresentamos as conclusões referentes a cada um dos itens, sendo as tabelas (em percentagens) apresentadas em Anexo (Anexo 8).

#### **A primeira parte do inquérito: os dados pessoais dos sujeitos inquiridos**

A **tabela 1 (Anexo 8<sup>100</sup>)**, refere-se aos **dados pessoais dos sujeitos inquiridos (sexo, idade e situação profissional)**. Da sua análise, relativamente ao sexo, verificamos que: há mais mulheres do que homens, mas a diferença não é muito significativa - 43 mulheres (56,6%) e 33 homens (43,4%).

Relativamente à idade, chegamos às seguintes conclusões: a maior parte dos respondentes pertence à faixa etária de: menos de 25 anos (64,5%: 49 sujeitos). O grupo seguinte de respondentes é constituído por pessoas entre os 26 e os 30 anos (22,4%: 17 sujeitos). O grupo de pessoas entre os 31 e os 35 anos é constituído apenas por um sujeito: 1,3%. Os elementos com mais de 36 anos também são em número reduzido (11,8%: 9 sujeitos).

---

<sup>100</sup> Todas as tabelas (da 1 à 15) que se referem aos dados relativos ao inquérito, encontram-se no Anexo 8.

Da análise feita à situação profissional, concluímos que: a percentagem mais elevada é constituída por trabalhadores estudantes (69,7%: 53 sujeitos). As referências às profissões por eles exercidas encontram-se na tabela 2, do Anexo 8. Nem todos os sujeitos que referiram ser trabalhadores estudantes indicaram a ocupação exercida. Desse facto, resultou o reduzido número de respostas relativamente ao total de trabalhadores estudantes. Na generalidade, cada profissão apresentada tem apenas um elemento a exercê-la. Em poucos casos, dois alunos referem desempenhar a mesma profissão (Restauração, Turismo, Construção Civil, Funcionário Público, Escriturária). Só duas profissões são referidas por três indivíduos que a exercem: Ensino e acção educativa e Comércio.

A percentagem dos estudantes a tempo inteiro é muito menor (25%:19 sujeitos). Pouco significativa é a percentagem daqueles que, tendo já trabalhado, se encontram de momento sem trabalho (3,9%: 3 sujeitos). Do universo dos sujeitos inquiridos (76), um deles não respondeu a este ponto da questão.

#### **A segunda parte do inquérito: o estudo da obra FMC**

A **tabela 3** dá-nos conta das **modalidades de contacto dos alunos com a Filosofia de Kant**. Podemos concluir que as mais significativas formas de contacto com a filosofia do autor foram as *aulas do Ensino Recorrente* (96,1%: 73 sujeitos) e o *professor de Filosofia* (72,4%: 55 sujeitos). Os que apontaram ter sido outra a forma de contacto com a filosofia de Kant, foram 5 sujeitos e as fontes indicadas foram as seguintes: “*Através de programas /documentários sobre Kant*” (1 sujeito), “*livros e Internet*” (1 sujeito), “*estudos em casa*” (1 sujeito), “*Pesquisa em Bibliotecas em Internet*” (1 sujeito) e “*leitura da obra*” (1 sujeito).

A **tabela 4** apresenta-nos as **modalidades de contacto dos alunos com a obra (FMC)**. Tal como no ponto anterior (no referente ao *contacto com a Filosofia do autor*) também aqui, foi *através de aulas do Ensino Recorrente* (94,7%: 72 sujeitos) e do *professor de Filosofia* (64,5%: 49 sujeitos) que os alunos contactaram com a obra. Aqueles que apontaram ter sido outra a forma de contacto com a obra (FMC), foram 4 sujeitos e as fontes indicadas foram as seguintes: “livros e Internet” (3 dos sujeitos) e “estudos em casa” (1 sujeito).

Acerca dos **motivos que levaram ao estudo da obra (FMC)**, encontramos as percentagens na **Tabela 5**. As razões prioritárias que levam os alunos ao estudo da obra são: *passar para a unidade seguinte* (75%:57 sujeitos), *fazer o 12<sup>a</sup> ano* (76,3%: 58 sujeitos) e o facto de se *tratar de uma obra de estudo obrigatório* (48,7%: 37 sujeitos). Menos relevantes são as *necessidades individuais* (7,9%: 6 sujeitos), a *curiosidade pessoal acerca dos temas em análise* (6,6%: 5 sujeitos) e a *troca de impressões com colegas* (5,3%: 4 sujeitos). Os sujeitos que responderam “outras” foram dois. Um deles referiu o seguinte “*o único exame que preciso de fazer para me candidatar à universidade é o de Filosofia. Esta obra enquadra-se no projecto de estudo deste ano*” e o outro afirmou “*A Filosofia é para mim uma paixão*”.

O ponto seguinte do inquérito pretendia auscultar se o **comportamento ético dos alunos poderia ser mudado através do estudo da obra**. As percentagens encontram-se na **Tabela 6**. Da sua análise, podemos concluir que: se foi maior o número de alunos que respondeu “não” a esta questão (55,3%, 42 sujeitos), a diferença entre esses e os que responderam “sim” (43,4%, 33 sujeitos) não é muito significativa. Dada a constatação da real dificuldade em medir comportamentos e da fraca probabilidade de se mudar um comportamento na idade adulta após o estudo de

uma obra, tendo tal estudo decorrido apenas durante um ou dois meses, podemos considerar como muito satisfatórias as respostas obtidas.

Os pontos seguintes do inquérito, respeitantes aos **motivos que determinaram a mudança de comportamento ético**, só eram preenchidos pelos alunos que tivessem respondido “sim” à questão anterior. Os resultados encontram-se na **Tabela 7**. Da sua análise, podemos concluir que: no ponto “concordo totalmente”, as percentagens não são muito elevadas, sendo a maior, com 13,2% (10 sujeitos) a afirmação *Em função dos conhecimentos que adquiri*; no ponto “Concordo”, encontramos as mais elevadas percentagens no item já referido, *Em função dos conhecimentos que adquiri* com 21,1% (16 sujeitos), *Em função do que estudei* com 22,4% (17 sujeitos), *em função do modo como os professores transmitem a matéria*, com 18,4% (14 sujeitos).

Podemos chegar à conclusão que os aspectos que mais contribuíram para influenciar os alunos, foram: a análise e o contacto com a obra e a filosofia do autor, e a forma de transmitir a matéria, por parte dos professores.

Relativamente ao último item “outros”, só um dos alunos inquiridos o assinalou, não tendo acrescentado qual seria o motivo a determinar a mudança.

A **Tabela 8** trata das **Considerações relativamente à clareza da linguagem utilizada na obra (FMC)**. Relativamente à análise desses dados, concluímos o seguinte: No ponto “concordo totalmente”, as percentagens mais elevadas, são as referentes aos pontos: *interessante*, com 23,7% (18 sujeitos) e *necessária*, com 19,7% (15 sujeitos). No ponto “Concordo”, encontramos as mais elevadas percentagens nos pontos: *interessante*, com 28,9% (22 sujeitos), *confusa*, com 25,0% (19 sujeitos), *pouco clara*, com 23,7% (18 sujeitos) e *necessária*, com 22,4% (17 sujeitos).

Os alunos discordam que a linguagem da obra seja  *muito clara* (38%: 29 sujeitos) mas curiosamente também discordam que ela seja *pouco clara* (27,6%: 21 sujeitos) e *pouco actual* (27,6%: 21 sujeitos).

Podemos concluir da multiplicidade e diversidade das respostas encontradas, parecendo muitas delas ser contraditórias: relativamente ao ponto “Discordo totalmente” encontramos a mesma percentagem (17, 1%: 13 sujeitos) em dois pontos diversos: *muito clara* e *pouco actual*.

Também nesta questão, relativamente ao último item “outros”, só um dos alunos inquiridos o assinalou, não tendo acrescentado qual seria o motivo a determinar a mudança.

Na **Tabela 9** encontramos a **lista dos conceitos considerados mais relevantes na obra (FMC)**. Da análise do ponto “Concordo totalmente”, podemos assinalar que, para os alunos, os conceitos considerados mais relevantes, são: *liberdade* (51,3%: 39 sujeitos), *lei moral* (47,4%: 36 sujeitos), *Imperativo Categórico* e *Ética e Moral* (40,8: 31 sujeitos). Destacamos a elevada percentagem da maior parte dos conceitos, o que nos leva a concluir que os alunos, de facto, os consideram importantes para a compreensão da obra. Daqueles que os alunos consideram discordar da importância, no item “Discordo” encontramos como mais significativo o conceito *Ideia de Deus* (15,8%: 12 sujeitos) e *Toda a mensagem da obra* (10,5%: 8 sujeitos). No item “Discordo totalmente” as percentagens são muito baixas, sendo as mais elevadas (6,6%: 5 sujeitos) as referentes aos conceitos: *Ideia de Deus*, *Imperativo Categórico* e *Lei Moral*.

Relativamente ao último item “outros”, só um dos alunos inquiridos o assinalou, não tendo acrescentado qual seria o motivo a determinar a mudança.

A **Tabela 10** apresenta-nos a **lista dos conceitos (ou antecedentes) que melhor podem contribuir para compreender a obra**. Da sua análise, destacamos os pontos seguintes: no item “Concordo totalmente”: *a ética e a moral de Kant são importantes ainda hoje* (47,4%: 36 sujeitos); *é necessário ter maturidade para os entender* (25,0%: 19 sujeitos); *os conceitos de Kant têm actualidade independentemente do que se estuda e conhecer os conceitos de Kant torna os seres humanos melhores* (22,4%: 17 sujeitos). No item “Concordo” encontramos uma maior percentagem nos pontos: *é necessário ter maturidade para os entender* (34,2%: 26 sujeitos), *os conceitos de Kant têm actualidade independentemente do que se estuda* (31,6%: 24 sujeitos) e *conhecer os conceitos de Kant torna os seres humanos melhores* (30,3%: 23 sujeitos).

Daqueles conceitos, cuja influência para a melhor compreensão da obra, os alunos discordam totalmente, as percentagens mais elevadas foram: *ter uma educação religiosa pode levar o aluno a perceber melhor os conteúdos* (19,7%: 15 sujeitos) e *a realidade actual não tem nada a ver com o universo de Kant* (17,1%: 13 sujeitos).

No item “Discordo”, as percentagens mais elevadas foram: *ter uma educação religiosa pode levar o aluno a perceber melhor os conteúdos* (31,6%: 24 sujeitos), *a obra de Kant tornou-me mais tolerante* (27,6%: 21 sujeitos) e *a realidade actual não tem nada a ver com o universo de Kant* (25,0%: 19 sujeitos).

Concluimos também que a percentagem mais elevada foi encontrada nos pontos relativos à concordância do que naqueles que se referem à discordância, o que nos leva a crer que os alunos consideram que a maior parte destes conceitos são importantes para a compreensão da obra.

Acerca do último item “outros”, também aqui só um dos alunos inquiridos o assinalou, não tendo acrescentado qual seria o motivo a determinar a mudança.

A **Tabela 11** trata da **Importância dada ao estudo da ética**. Da sua análise, destacamos os seguintes aspectos: no item “Concordo totalmente”: *no mundo actual a ética é fundamental* (42,1%: 32 sujeitos); *todas as leis devem ter em conta a ética* (36,8%: 28 sujeitos); *não se pode viver sem ética* (35,5%: 27 sujeitos).

No item “Concordo”: *quando se fala em ética fala-se também da relação com a natureza* (44,7%: 34 sujeitos), *todas as leis devem ter em conta a ética* (38,2%: 29 sujeitos); com 35,5%, correspondendo a 27 sujeitos os pontos: *a ética está relacionada com a dignidade, no mundo actual a ética é fundamental e não pode haver democracia sem ética*.

Destacamos ainda a elevada percentagem apresentada nos itens relativos à concordância.

Dos pontos referentes à ética de que os alunos discordam totalmente, a percentagem mais elevada foi: *a ética é dispensável* (39,5%: 30 sujeitos).

No item “Discordo”, as percentagens mais elevadas foram: *a ética é dispensável* (28,9%: 22 sujeitos); com (18,4%: 14 sujeitos): *a ética está relacionada com a felicidade e a ética diz respeito aos problemas ecológicos*.

Concluimos também que os alunos atribuem uma grande importância à ética e a relacionam com outros aspectos da vida actual.

Na **tabela 12**, apresentam-se as **Maiores dificuldades consideradas no estudo da obra FMC**. Com excepção do ponto relativo à forma como a obra está escrita, onde os alunos consideraram as maiores dificuldades (*muito difícil*: 19,7%, 15 sujeitos; *difícil*: 32,9%, 25 sujeitos; *de dificuldade média*: 31,6%, 24 sujeitos), nos outros pontos, as dificuldades encontradas no estudo da obra são de nível médio para a generalidade dos alunos: *conceitos gerais da obra* (46,1%: 35 sujeitos), *estrutura geral da obra* (43,4%: 33 sujeitos), *falta de actualidade dos assuntos* (39,5%: 30

sujeitos), *falta de adequação à realidade* (35,5%: 27 sujeitos) e *forma como está escrita* (31,6%: 24 sujeitos).

A **tabela 13** apresenta-nos a lista de percentagens da **maior actualidade dos conceitos tratados na obra**. Podemos considerar que grande parte dos conceitos desenvolvidos na obra é considerada pelos alunos como muito actual ou relativamente actual, sobretudo os seguintes: *dignidade da pessoa humana, liberdade e responsabilidade* (considerados como *muito actuais*, com 47,4 – 36 sujeitos, 51,3 – 39 sujeitos e 47,4% - 36 sujeitos, respectivamente) e *boa vontade, ética e Moral, ideia de Deus e dignidade da pessoa humana* (considerados como *actuais*, com 42,1 – 32 sujeitos, 39,5 – 30 sujeitos, 36,8 – 28 sujeitos, e 35,5% - 27 sujeitos, respectivamente).

Dos conceitos considerados *nada actuais*, temos a referir os seguintes: *universalidade da lei moral*, com 18,4% - 14 sujeitos, *imperativo categórico*, com 17,1% - 13 sujeitos e *ideia de Deus*, com 13,2% - 10 sujeitos.

A **tabela 14** apresenta-nos a **ordenação de prioridades relativamente aos efeitos da leitura e do trabalho com base na obra (FMC)**. Podemos verificar que: a 1ª escolha recaiu sobre os pontos “*Permite apreender a realidade de uma forma diferente*”, com o valor de 27,6% do total (21 respondentes) e “*Possibilita um maior desenvolvimento de raciocínio*”, com o valor de 25,0% do total (19 respondentes).

O valor mais baixo como 1ª escolha recai sobre a afirmação “*Tem implicações no estudo do Direito e da Legislação*”, com o valor de 3,9% do total (3 respondentes).

A 8ª escolha, o efeito menos escolhido, recai sobre a afirmação “*Apenas serve para passar para a unidade seguinte*”, com o valor de 44,7% do total (34 respondentes).

A 7ª escolha recai sobre “*Ainda que não possa ser aplicado não deixa de ser importante*”, com o valor de 26,3% do total (20 respondentes).

A **tabela 15** refere a **ordenação de prioridades relativamente ao impacto do estudo da obra (FMC)**. Podemos verificar que: a 1ª escolha recaiu sobre os pontos *“Atitude moral do dia-a-dia”*, com o valor de 18,4% do total (14 respondentes), *“Capacidade de raciocínio”*, com o valor de 14,5% do total (11 respondentes) e *“Mudança dos comportamentos”*, com o valor de 13,2 do total (10 respondentes).

O valor mais baixo como 1ª escolha recai sobre as afirmações *“Forma de perceber a realidade”*, *“Tolerância face aos outros”* e *“Capacidade de relacionamento com os outros”* com o valor de 2,6% do total (2 respondentes).

A 12ª escolha, o efeito menos escolhido, recai sobre as afirmações *“Desenvolvimento de competências”* com o valor de 18,4% do total (14 respondentes) e *“Mudança dos comportamentos”*, com o valor de 15,8 do total (12 respondentes).

#### **5.4.2. Análise da pergunta aberta do questionário (questão número 12)**

Como forma de conclusão do inquérito, pretendia-se que os alunos definissem a obra (FMC). Eram-lhes dadas três linhas para eles escrevessem o que quisessem, mas a maior parte deles ultrapassou largamente esse espaço. As respostas obtidas foram tantas e tão variadas que as apresentamos em anexo (Anexo 9), distribuídas pelas diversas categorias em que as agrupámos. De acordo com as respostas dadas pelos alunos e com as categorias enquadradas, a obra foi considerada como: *útil, possibilitadora de orientação na vida, difícil, importante, indispensável, fácil, desagradável, antiquada e ultrapassada, interessante, interessante mas difícil, impraticável, moral, actual e ideal.*

A análise que dessas respostas podemos fazer resulta na constatação da diversidade e oposição das mesmas, indo desde a mais completa consideração da obra como:

**Útil:**

“É muito útil para mudar os nossos comportamentos em relação aos outros” (Sujeito 50).

**Orientadora:**

“A “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” é uma obra que nos ensina as coisas da vida” (Sujeito 34); “Foi uma tentativa de formular uma máxima que fizesse as pessoas raciocinarem e fazerem a sua própria escolha sobre o que fazer” (Sujeito 49).

**Interessante:**

“A obra é interessante pois fala muito de temas que fazem reflectir acerca dos assuntos da nossa vida” (Sujeito 19); “Uma obra muito interessante e necessária” (Sujeito 27); “Uma obra muito interessante” (Sujeito 31).

**Importante:**

“Importante e actual. Profunda e humana” (Sujeito 7).

**Indispensável:**

“Diria que é indispensável a sua leitura” (Sujeito 16); “É uma obra que todas as pessoas deviam ler, é uma obra acessível e faz com que nós pensemos um pouco em tudo o que nos rodeia” (Sujeito 26).

**à sua inadequação na realidade actual:**

“Fundamental para o seu tempo. Hoje não” (Sujeito 14) “Difícil e pouco actual” (Sujeitos 11 e 13).

**e à impossibilidade de a estudar ou de reflectir sobre ela:**

“Obra pouco actual, que embora não permita aplicar no dia-a-dia as suas mensagens, não deixa de ser interessante mas confusa” (Sujeito 70); “Importante para o seu tempo. Hoje é preciso outra linguagem” (Sujeito 12).

Consideramos que esta diversidade e esta oposição das respostas é muito rica e muito densa. Tal facto resulta, sem dúvida, da complexidade do texto filosófico que permite múltiplas e diversas interpretações. Ela deriva também da complexidade do processo educativo e da especificidade de cada ser humano que aprende e interpreta (de forma pessoal, autónoma e única).

## **CAPÍTULO 6 – ANÁLISE DESCRITIVA E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS**

### **6.1. Descrição da análise e da consistência dos resultados**

Neste capítulo vamos apresentar os dados recolhidos através da aplicação dos instrumentos, explicitados no modelo anterior. Vamos também reflectir acerca dos resultados que obtivemos, quer através das respostas de índole qualitativa, quer através das respostas fechadas do inquérito e das quais fizemos um tratamento quantitativo. Vamos ainda pronunciar-nos acerca dos resultados às respostas fechadas do inquérito e que foram tratados de forma quantitativa.

No início do nosso estudo, pretendíamos verificar se eram ou não válidas as seguintes variáveis: as dependentes – se haveria ou não alteração do comportamento ético dos alunos após o estudo da obra, se os mesmos constatavam (ou não) a importância da ética na actualidade, a necessidade de comparar os temas da obra e os da actualidade; e a Variável independente – que consistia no estudo da obra (FMC).

Após a recolha dos dados, concluímos o seguinte: se a alteração de um comportamento ético pode ser difícil de verificar na realidade concreta e imediata, se era necessário haver mais tempo para o comprovar; relativamente à importância da ética e à comparação de algumas temáticas presentes na obra com a actualidade, a maior parte dos alunos inquiridos respondeu afirmativamente.

Se os resultados às respostas fechadas do inquérito revelaram em maior percentagem que o comportamento dos alunos não foi modificado pelo estudo da obra (FMC) – 55,3%, a diferença entre esses e aqueles que responderam que o comportamento foi afectado é razoavelmente pequena – 43,4%. Por outro lado, a importância que os alunos deram aos conceitos onde encontram uma maior actualidade (*Ética, Liberdade*)

revela a possibilidade de estabelecer a ponte entre os conceitos e a importância que podem atribuir ao estudo da obra.

Através das respostas qualitativas pudemos comprovar (pela riqueza e multiplicidade dos dados recolhidos) que houve efectivamente alguma influência e se essa não se repercutiu nos comportamentos, podemos encontrá-la nas opiniões e nas justificações dadas.

## **6.2 – Importância e limitações do estudo**

A importância deste estudo reside na possibilidade de reflectir dentro do campo das Ciências da Educação, podendo articular a Educação, a Filosofia e o ensino de adultos, ligando os conceitos da ética e da moral. Neste enquadramento entre a filosofia de um autor e a sua obra, as quais nos interpelam com uma linguagem de há dois séculos e a nossa actualidade, onde os mesmos conceitos se encontram sempre revestidos de importância, reside o interesse em comparar as respostas obtidas, e a partir delas, elaborar reflexões e repensar as práticas pedagógicas ao nível dos adultos<sup>101</sup>.

Foi muito importante a elaboração deste estudo e o percorrer de todos os momentos, auscultando e ouvindo, reflectindo e questionando. Porque a Filosofia se constrói na vida vivida e reflectida, também o trabalho do professor se desenvolve em análise e em pesquisa, confrontando e debatendo opiniões.

---

<sup>101</sup> A este respeito, citamos Carreira e Bastos: "(...) os educadores necessitam de se empenhar num projecto de educação, que promova o desenvolvimento equilibrado de todas as dimensões do ser humano, defendendo a dignidade inalienável da pessoa, como fundamento dos valores que integram um projecto educativo" (2003:53).

### **6.3 – Implicações do estudo**

Este estudo implica um redimensionar e um repensar da filosofia, do trabalho filosófico, mas também da educação de adultos e da apreensão e aplicação de conceitos que são intemporais. Também se revela da maior utilidade a apreensão feita acerca dos conceitos – ética e moral – e sua repercussão na época actual em todas as dimensões da vida humana.

### **6.4 – Sugestões para investigações futuras**

Tendo em conta as implicações desta problemática no comportamento de cada indivíduo, bem como a abrangência da ética e a sua imensa actualidade, este poderá ser um ponto de partida para investigações futuras. Dada a densidade dos assuntos tratados e a multiplicidade de questões e de respostas que poderíamos formular, este tema poderia ser desenvolvido e relacionado com muitos outros<sup>102</sup>.

### **6.5 – Considerações finais**

Temos a consciência das limitações de um estudo desta natureza: em primeiro lugar, porque as respostas obtidas foram as *daqueles* sujeitos que foram inquiridos e não as de outros, cada um deles sendo uma pessoa, uma individualidade, um todo subjectivo e resultante de um contexto individual e único. Em segundo lugar, o estudo permanecerá limitado e incompleto, porque: quaisquer que sejam as respostas que se possam obter às

---

<sup>102</sup> Por exemplo, poderíamos desenvolver melhor todos os aspectos que se prendem com a ética actual e que são preocupações de todos os seres humanos, como as questões ambientais, o desenvolvimento científico ou as questões acerca dos animais.

perguntas feitas, esbarram as mesmas com a natureza da Filosofia e das questões filosóficas; com a dimensão maior das perguntas em relação às respostas obtidas; e com a necessidade de, a partir de cada pergunta, se originar uma miríade de outras questões, multiplicadas e ampliadas à escala da necessidade humana de interrogar.

Terminamos com a ideia de incompletude, pois as conclusões a que chegámos são pequenas parcelas em meio de uma imensidão de possibilidades. Qualquer estudo no campo das Ciências Sociais, por mais aprofundado que seja, revela-nos sempre a necessidade de ir mais longe, de avançar mais um pouco, sabendo nós de antemão que qualquer avanço será sempre contextualizado no espaço e no tempo, condicionado por inúmeros factores, passível de se multiplicar e de se desenvolver por outras vias. Assim sucede também com este estudo, através do qual pudemos chegar a algumas conclusões, sempre poucas, perante a imensidão do que fica e ficará por saber e por investigar.

O ser humano, a Filosofia, a educação, a ética e a moral nunca estão completos, fazendo-se e refazendo-se com o decorrer do tempo, articulando-se e construindo-se num processo eterno de continuidade e de esperança. As conclusões a que chegámos podem levar-nos a tantas outras interrogações e possibilidades. As respostas que podemos dar em Filosofia e em Educação são sempre menores do que as questões que delas derivam. Essa condição enraíza na natureza humana e na sua insatisfação e inquietação.

## **BIBLIOGRAFIA**

- Aleixo, F., Cruz, J., (1997). *Kant – Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Mem Martins: Sebenta, Ensino Secundário.
- Arendt, H. (2000). *A vida do Espírito: Volumes I (Pensar) e II (Querer)*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Aristóteles (2004). *Ética a Nicómaco*. Lisboa: Quetzal Editores.
- Avanzini, G. (1996). *L'Education des Adultes*. Paris: Anthropos.
- Badiou, A. (1993). *L'Éthique – Essai sur la conscience du Mal*. Paris : Hatier.
- Barbosa, J. M.; Pinto, M. J. V.; Santos, L. R e Marques, A.S. (1980). *FILOSOFIA, 1º e 2º volumes*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.
- Bardin, L. (1995). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Blackburn, S. (1997). *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Gradiva.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Brito, J. H. S. de (1994). *Introdução à Fundamentação da Metafísica dos Costumes de I. Kant*. Porto: Contraponto.
- Café, C. A. (1999). *Entre o Prazer e o Dever – Variações em torno da moral Kantiana*. Portimão: livraria teorema II.
- Canário, R. (1999). *Educação de Adultos. Um Campo e uma Problemática*. Lisboa: Educa.

Carreira, T. (1996). *Identidade e Pertença: do individual ao colectivo*, in *Anais Universitários - Ciências Sociais e Humanas*. Universidade da Beira Interior. Covilhã, 7, 323-333.

Carreira, T. & Tomé, A. (1998). *Éducation au Portugal – Situation et perspectives*. Paris: L'Harmattan.

Carreira, T. & Bastos, A. P. (2003). *Socialização, Assertividade e Competências. Saberes Plurais para um Melhor Modelo de Professor*, in *Anais Universitários. Série de Ciências Sociais e Humanas*, 11 e 12, Saberes Plurais: povos e Culturas, 45-64.

Carreira, T. & André, J. (2000). *Transição do ensino "obrigatório" para o ensino "voluntário"*. In Universidade do Algarve - Área Departamental de Ciências da Educação e Psicologia. *Educação Indivíduo e Sociedade* (128). Faro: Editorial Minerva.

Comissão Europeia (1995). *Ensinar e Aprender rumo à sociedade Cognitiva – LIVRO BRANCO*. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias.

Comissão Nacional para o ano da Educação e Formação ao longo da vida. *Carta Magna. Educação e Formação ao Longo da Vida* (1998). Lisboa: Ministério da Educação e Ministério do Trabalho e da Solidariedade.

Conferência Europeia “*Educação e Formação de Adultos na Europa – As Competências-Chave para a Cidadania e a Empregabilidade, Textos e Comunicações*”. Évora, 25, 26 e 27 de Junho de 2000 (2001): Edição ANEFA.

*Conferência Internacional sobre Educação de Adultos (V)* (1997). Hamburgo: Confintea.

Cunha, P. d'O. (1996). *Ética e Educação*. Lisboa: Universidade Católica Editora.

Dekens, O. (2003). *Compreender Kant*. Porto: Porto Editora.

Deleuze, G. (2000). *A Filosofia Crítica de Kant*. Lisboa: Edições 70.

Diário da República, II Série (2001). *Colectânea de Legislação*. Lisboa: Anefa.

Diário da República, II Série (2002). *Colectânea de Legislação- Actualização*. Lisboa: Anefa.

Dupuy, M. (1987). *A Filosofia Alemã*. Lisboa: Edições 70.

*Ensinar e Aprender rumo à Sociedade Cognitiva - I Livro Branco* (1995). Bruxelas: Comissão Europeia.

Fernandes, M. (2004). *O "Princípio Responsabilidade" de Hans Jonas: em Busca dos Fundamentos Éticos da Educação Contemporânea*, in *Da Ética à Utopia em Educação*. Porto: Edições Afrontamento, 13-65.

Ferrari, J. (1971). *Kant ou l'invention de l'homme*. Paris: Éditions Seguers.

Ferreira, V. (1992). *Pensar*. Lisboa: Bertrand Editora.

Ferreira, V. (1983). *Conta-corrente 3*. Lisboa: Bertrand Editora.

Frankl, G. (2003). *Os Fundamentos da Moralidade*. Lisboa: Editorial Bizâncio.

Freire, P. (1993). *Política e Educação*. São Paulo: Cortez Editora.

Gonçalves, F.R. (2002). *C. D. Observação e Análise da Relação Educativa: Elementos Científicos, Pedagógicos e Didáticos*. Faro: Universidade do Algarve.

Instituto de Educação da Unesco (1998). *V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos, Hamburgo 1997: Declaração Final e Agenda para o Futuro*. Lisboa: Ministério da Educação/Secretaria de Estado da Educação e Inovação.

Jaspers, K. (1987). *Iniciação Filosófica*. Lisboa: Guimarães Editores.

- Kant, I. (1985a). *Crítica da Razão Pura*. Lisboa: Edições 70.
- Kant, I. (1985b). *Crítica da Razão Prática*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Kant, I. (1995a). *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Lisboa: Edições 70.
- Kant, I. (1995b). *A Paz Perpétua e outros opúsculos*. Lisboa: Edições 70.
- Kant, I. (1996, 8ª edição). *Reflexions sur l'Éducation*. Paris : Librairie Philosophique J. Vrin.
- Kant, I. (1997). *Leçons d'éthique*. Paris : Le livre de poche.
- Kant, I. (2003a). *Prolegómenos a toda a Metafísica Futura*. Lisboa: Edições 70.
- Kant, I. (2003b). *Sobre a Pedagogia*. Lisboa: Alexandria.
- Kant, I. (2004). *Metafísica dos Costumes, Parte I*: Lisboa: Edições 70.
- Kenny, A. (2003, 2ª edição). *História concisa da Filosofia ocidental*. Lisboa: Temas e Debates.
- Laia, J. (2004). *A Filosofia da Educação em Immanuel Kant*, in *Problemáticas Filosóficas da Educação*. Porto: Edições Afrontamento, 131-170.
- Lima, L. (org.) (1994). *Educação de Adultos – Fórum I*. Braga: Universidade do Minho – Unidade de Educação de Adultos.
- Lupasco, S. (1994). *O Homem e as suas Três Éticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Malglaiive, G. (1995). *Ensinar Adultos*. Porto: Porto Editora.
- Marnoto, I (coord.) (1989). *Didáctica da Filosofia – I*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Marques, R. (2000). *Breve História da Ética Ocidental*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.
- Melo, A. Lima, L. e Almeida, M. (2002). *Novas Políticas de Educação e Formação de Adultos – O Contexto Internacional e a Situação Portuguesa*. Lisboa: Edição ANEFA.
- Nietzsche, F. (1976, 3ª edição). *A genealogia da moral*. Lisboa: Guimarães e Cª Editores.
- Nogueira, A. I., (1996). *Para uma educação permanente à roda da vida*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Quivy, R. e van Campenhoudt, L. (1998, 2ª edição). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rachels, J. (2004). *Elementos de Filosofia Moral*. Lisboa: Gradiva.
- Reis, A. (1990). *Filosofia, 12º ano, 1º volume: Kant, Hegel, Kierkegaard*. Porto: Contraponto.
- Rosa, H. (2003). *Animais, Ambiente e Ética: aliança ou contradição?* in *Ética Ambiental: uma ética para o futuro*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 67-72.
- Santos, L. R. (apres.), (1988). *Filosofia*; Publicação Periódica da Sociedade Portuguesa de Filosofia, *O Ensino da Filosofia*, vol II, nºs 1 e 2, Primavera 88.
- Silvestre, C. (2003). *Educação/Formação de Adultos como dimensão dinamizadora do sistema educativo/formativo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Singer, P. (2002, 2ª Edição). *Ética Prática*. Lisboa: Gradiva.

- Singer, P. (2004). *Um só mundo: A ética da globalização*. Lisboa: Gradiva.
- Soromenho-Marques, V. (1994). *História e Política no Pensamento de Kant*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Tomé, A., Carreira, T. P. (1994). *Portugais et Luso-Français, Tome II, Enseignement et Langue d'Origine*. Paris : Éditions L'Harmattan.
- Tomé, A. (2001). *Sociologia da Educação - Escola et Mores*. Coleção "Educação e Ciências de Educação". Lisboa: Editorial Minerva.
- Tuckman, B. (1994, 4ª edição). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Tugendhat, E. (2003, 5ª edição). *Lições sobre Ética*. Petrópolis, Editora Vozes.
- Unesco (1981). *O Educador e a Abordagem Sistémica*. Lisboa: Estampa.
- Varandas, M (2003). *Simbiose Benevolente e Comunidade: fundamentos da Ética na Terra* in *Ética Ambiental: uma ética para o futuro*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 107-114.
- Weston, A. (2002). *Ética para o dia-a-dia*. Lisboa: Esquilo.

## **ANEXOS**

## ANEXO 1 – Guião da Entrevista aos Professores

**Tema: Formação de Adultos: Ética e Moral dos Costumes.**

**Interpretação a partir do estudo da obra “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” de I. Kant, nos alunos do Ensino Recorrente”.**

**Objectivo Geral:** Recolher informação sobre as experiências dos professores de Filosofia na Unidade 9 do Ensino

Recorrente: tratamento e análise da obra “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” de Immanuel Kant.

Blocos	Objectivos específicos	Tópicos orientadores	Tempo previsto	Observações
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Informar acerca do objectivo da entrevista e do contexto em que ela se insere.</li> <li>- Valorizar o contributo do entrevistado.</li> <li>- Garantir a confidencialidade da fonte de informação e o anonimato das respostas do discurso produzido.</li> <li>- Agradecer a colaboração e participação no estudo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Informar o entrevistado sobre os objectivos e finalidades do estudo e da entrevista, esclarecendo que trata de um estudo sobre as experiências profissionais relativamente a uma obra filosófica e não de um trabalho de avaliação da mesma.</li> <li>- Realçar o valor da colaboração, destacando a sua importância para a concretização dos objectivos do estudo;</li> <li>- Salientar o carácter restrito e confidencial do uso das informações a recolher, informando que a confidencialidade e o anonimato, serão garantidos pela omissão dos nomes dos entrevistados e de outras pessoas que venham a ser nomeadas ao longo da entrevista, assim como de outros elementos que o entrevistado queira que sejam omitidos.</li> <li>- Solicitar autorização para gravar a entrevista e sua posterior transcrição para suporte informático, cujo texto será facultado para leitura do entrevistado, para verificação da veracidade e da não deturpação do que pelo mesmo foi dito, com possibilidade de reformulação.</li> <li>- Garantir a protecção e não difusão dos registos, de modo que não se possa tornar identificável a pessoa em causa.</li> <li>- Agradecer antecipadamente a colaboração no estudo.</li> </ul>	<p>5 min.</p>	<p>Colocar-se à disposição do entrevistado para responder, com clareza, a questões ou esclarecer dúvidas que mesmo queira colocar.</p>

<p><b>BLOCO – 2</b></p> <p><b>Recolha de dados pessoais</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer dados pessoais do(a) entrevistado(a).</li> <li>- Conhecer a diversidade de contextos profissionais onde decorreu a experiência de tratamento da obra, quer no Ensino Secundário (12º ano) quer no Ensino Recorrente.</li> <li>- Compreender qual é o processo de Ensino-Aprendizagem que os professores utilizam com os alunos adultos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sexo.</li> <li>- Idade.</li> <li>- Tempo de serviço.</li> <li>- Tempo de experiência no Ensino Recorrente.</li> <li>- Tempo de experiência a leccionar a unidade 9 do Ensino Recorrente.</li> <li>- Experiência em leccionar o 12º ano da disciplina de Filosofia.</li> <li>- Técnicas pedagógicas específicas para alunos adultos.</li> <li>- Diferenças mais marcantes entre alunos adultos e alunos jovens.</li> <li>- Identificar eventuais mudanças na prática pedagógica no decurso da experiência profissional.</li> </ul>	<p>10 min.</p>	<p>Procurar que o entrevistado se sinta à vontade, num clima de confiança, para que possa descrever, reflectir, problematizar, analisar e clarificar as afirmações que produz.</p>
<p><b>BLOCO – 3</b></p> <p><b>Trabalho com base na obra “FMC”</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Diferenças na apreensão e análise da obra por parte dos alunos (jovens – Ensino Secundário) e (adultos Ensino Recorrente).</li> <li>- Dificuldades mais frequentes na análise e tratamento da obra.</li> <li>- Diferenciação dessas dificuldades entre os alunos jovens e adultos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Diferenças entre os alunos do Ensino Secundário e os do Ensino Recorrente.</li> <li>- Diferenças na análise relativa à obra.</li> <li>- Listagem de dificuldades encontradas.</li> <li>- Diferenças nas dificuldades presentes nos alunos do Ensino Secundário e nos do Ensino Recorrente.</li> <li>- De que forma reagem os alunos ao estudo e análise da obra.</li> </ul>	<p>15 min.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Evitando condicionar as reflexões e respostas do entrevistado;</li> <li>- Explorando os aspectos que o entrevistado considere pertinentes;</li> <li>- Esclarecendo e aprofundando conceitos do entrevistado e os motivos e intenções das opções tomadas.</li> </ul>

<p><b>BLOCO – 4</b></p> <p><b>Conceitos presentes na obra e sua apreensão</b></p>	<p>- Através da análise da experiência profissional, desenvolver os conceitos mais significativos no percurso da obra.</p> <p>- Dificuldades encontradas na exploração dos conceitos.</p>	<p>Como apreendem os alunos os conceitos de:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Lei Moral;</li> <li>- Liberdade;</li> <li>- Responsabilidade;</li> <li>- Autonomia;</li> <li>- Personalidade;</li> <li>- Universalidade;</li> <li>- Comportamento Ético;</li> <li>- Fenómeno e Númeno.</li> </ul> <p>Conceitos em que os alunos manifestem mais dificuldades.</p>	<p>20 min.</p>	<p>- Não restringindo nem espartilhando os temas, utilizando-os como tópicos de referência.</p>
<p><b>BLOCO – 5</b></p> <p><b>Mensagens e significados da obra</b></p>	<p>- Relação da Moral e da Ética kantiana com a actualidade.</p> <p>- Dimensão actual da Ética.</p> <p>- Mensagem principal presente na obra.</p> <p>- Mudanças de percepção provocadas pela leitura e análise da obra (em professores e alunos).</p>	<p>- Os alunos encontram (ou não) actualidade no estudo da obra;</p> <p>- Quais as opiniões mais comuns resultantes da análise e estudo da obra.</p> <p>- Como perspectivam os alunos a ética actual e como definem o comportamento moral.</p> <p>- Em que contextos/situações pode ela ser aplicada.</p> <p>- Como pode a obra e a filosofia de Kant ser definida pela generalidade dos alunos.</p> <p>- Que alterações – no comportamento, pensamento, modo de vida, relacionamento com os outros – podem resultar do estudo e trabalho com base na obra de Kant.</p> <p>- Que processos e competências podem ser adquiridos e desenvolvidos.</p>	<p>20 min.</p>	

## ANEXO 2 – Questionário aplicado aos Alunos

O presente questionário destina-se à validação de um modelo de análise referente a uma investigação sobre o efeito do estudo da obra de Immanuel Kant "Fundamentação da Metafísica dos Costumes" na moral e no comportamento ético dos alunos a realizar no âmbito do mestrado em Ciências da Educação - Educação e Formação de Adultos.

Destina-se a alunos dentro da formação de adultos que tenham estudado a obra, dado ser este o âmbito do tema em análise.

Como é de grande importância o seu contributo, agradeço que não deixe questões em branco. Responda sinceramente às questões, assegurando-se a confidencialidade da informação prestada.

Muito obrigada pela colaboração

Nota: Nas questões em que aparecem opções de resposta na forma de quadrados (□) assinale com uma cruz aquele que melhor se ajusta à sua resposta.

### I- Dados pessoais

#### 1. Sexo:

Feminino

Masculino

#### 2. Idade :

menos de 25 anos

entre 26 e 30 anos

entre 31 e 35 anos

mais de 36 anos

#### 3. Situação Profissional

É estudante a tempo inteiro

É trabalhador estudante

Já trabalhou, mas encontra-se temporariamente sem trabalho

Se trabalha, em que área exerce a sua profissão?

## II- Estudo da obra "Fundamentação da Metafísica dos Costumes"

### 1 - Formas de contacto com a Filosofia e a obra de Kant:

Nesta questão poderá responder a mais do que um item:

Modalidade de contacto com a Filosofia do autor	Sim	Não
1.1- Aulas do Ensino Recorrente		
1.2- Aulas do Ensino Diurno		
1.3- Através de amigos e colegas		
1.4- Através do professor de Filosofia		

1.5 - Outra. Qual? \_\_\_\_\_

Formas de contacto com a obra "Fundamentação da Metafísica dos Costumes"	Sim	Não
1.6- Aulas do Ensino Recorrente		
1.7- Aulas do Ensino Diurno		
1.8- Através de amigos e colegas		
1.9- Através do professor de Filosofia		

1.10- Outra. Qual? \_\_\_\_\_

**Nota: Nas questões seguintes pretende-se que assinale com uma cruz todas as opções dentro da escala proposta**

Sendo a legenda: 1 - concordo totalmente; 2- concordo; 3- concordo parcialmente; 4- discordo; 5- discordo totalmente

### 2. Motivos que levaram ao estudo da obra "Fundamentação da Metafísica dos Costumes":

	1	2	3	4	5
2.1- Para passar para a unidade seguinte					
2.2- Para fazer o 12º ano					
2.3- Necessidades individuais					
2.4- Por ser uma obra de estudo obrigatório					
2.5- Porque os conceitos nela implicados vão estar presentes no curso que pretendo seguir					
2.6- Necessidades determinadas pela progressão ao nível profissional					
2.7- Necessidade de actualização nas várias áreas do conhecimento					
2.8- Curiosidade pessoal acerca dos temas em análise					
2.9- Troca de impressões com colegas					

2.10- Outros.

Quais? \_\_\_\_\_

**3. Mudança do comportamento ético devido ao estudo da obra:**

Em função do estudo da obra, sente que mudou o seu comportamento ao nível da acção ética?

Sim

Não

Se o mudou, que motivos determinaram essa mudança de comportamento?

	1	2	3	4	5
3.1- O comportamento raramente pode ser alterado pela leitura de um filósofo					
3.2- Em função da experiência que adquiri					
3.3- Em função dos conhecimentos que adquiri					
3.4- Em função dos colegas com quem me relacionei					
3.5- Em função do que estudei					
3.6- Por condicionalismos na vida pessoal					
3.7- Em função do modo como os professores transmitem a matéria					

3.8- Outros, quais? \_\_\_\_\_

**4. Relativamente à linguagem utilizada na obra "Fundamentação da Metafísica dos Costumes", considera-a:**

	1	2	3	4	5
4.1- Muito clara					
4.2- Pouco clara					
4.3- Confusa					
4.4- Difícil					
4.5- Pouco actual					
4.6- Interessante					
4.7- Necessária					

4.8- Outra. Qual? \_\_\_\_\_

**5. Que conceitos considera mais relevantes no estudo da obra "Fundamentação da Metafísica dos Costumes"?**

	1	2	3	4	5
5.1- Ética formal					
5.2- Ética e Moral					
5.3- Ideia de Deus					
5.4- Imperativo Categórico					
5.5- Lei Moral					
5.6- Liberdade					
5.7- Tornar-se pessoa					
5.8- Toda a mensagem da obra					
5.9- Autonomia da vontade					
5.10- Responsabilidade					

5.11- Outros. Quais? \_\_\_\_\_

**6. Relativamente ao estudo dos conceitos da obra, considera que:**

	1	2	3	4	5
6.1- ter uma educação religiosa pode levar o aluno a perceber melhor os conteúdos					
6.2- é necessário ter maturidade para os entender					
6.3- a ética e a moral de Kant são importantes ainda hoje					
6.4- são relevantes para prosseguir estudos superiores					
6.5- os conceitos apreendidos na obra ajudam a viver melhor					
6.6- os conceitos de Kant ajudam a entender melhor os outros					
6.7- os conceitos de Kant têm actualidade independentemente do que se estuda					
6.8- a realidade actual não tem nada a ver com o universo de Kant					
6.9- a lei moral não pode ser aplicada na totalidade					
6.10- conhecer os conceitos de Kant torna os seres humanos melhores					
6.11- a obra de Kant tornou-me mais tolerante					
6.12- a lei moral torna-nos mais tolerantes					
6.13- Outra. Qual?					

**7. Relativamente ao tema da ética, considera que:**

	1	2	3	4	5
7.1- a ética é dispensável					
7.2- a ética está relacionada com a qualidade de vida					
7.3- a ética está relacionada com a dignidade					
7.4- a ética está relacionada com a felicidade					
7.5- todas as pessoas devem ter conhecimento da ética para viver melhor					
7.6- quando se fala em ética, fala-se na relação com os outros					
7.7- quando se fala em ética fala-se também da relação com a natureza					
7.8- não se pode viver sem ética					
7.9- no mundo actual a ética é fundamental					
7.10- a ética diz respeito ao melhor relacionamento que podemos ter com os outros					
7.11- a ética diz respeito aos problemas ecológicos					
7.12- a ética relaciona-se com a cidadania responsável					
7.13- não pode haver democracia sem ética					
7.14- todas as leis devem ter em conta a ética					

8. Que dificuldades considera maiores no estudo da obra "Fundamentação da Metafísica dos Costumes"?

Sendo a legenda: 1- muito difícil; 2- difícil; 3- de dificuldade média; 4- fácil; 5- muito fácil

	1	2	3	4	5
8.1- conceitos gerais da obra					
8.2- estrutura geral da obra					
8.3- falta de actualidade dos assuntos tratados					
8.4- falta de adequação à realidade					
8.5- forma como está escrita					

9. Dos conceitos desenvolvidos na obra, quais lhe parecem mais actuais?

Sendo a legenda: 1- muito actual; 2- actual; 3- relativamente actual; 4- nada actual; 5- completamente desactualizada:

	1	2	3	4	5
9.1- autonomia da vontade					
9.2- boa vontade					
9.3- dignidade da pessoa humana					
9.4- ética e Moral					
9.5- felicidade					
9.6- ideia de Deus					
9.7- imperativo Categórico					
9.8- lei Moral					
9.9- liberdade					
9.10- projecto de cada ser humano para se tornar pessoa					
9.11- responsabilidade					
9.12- universalidade da lei moral					

Nota: Ordene as seguintes afirmações por prioridades, sabendo que a primeira que escolher é aquela com que mais se identifica e assim sucessivamente até ao número 8:

#### 10. Efeitos da leitura e trabalho com base na obra "Fundamentação da Metafísica dos Costumes":

- permite apreender a realidade de uma forma diferente
- tem implicações no estudo do Direito e da Legislação
- possibilita um maior desenvolvimento de raciocínio
- apenas serve para passar para a unidade seguinte
- os saberes teóricos podem ser traduzidos na prática
- tem implicações nos direitos humanos
- pode ser extensível à responsabilidade perante a natureza e as questões ecológicas
- ainda que não possa ser aplicado não deixa de ser importante

Nota: Ordene de forma decrescente, da mais importante à menos importante, as afirmações:

#### 11. Impacto do estudo da obra para si:

- no desenvolvimento de competências
- na capacidade de raciocínio
- na atitude reflexiva
- na postura ética face aos outros
- na atitude moral do dia-a-dia
- nos conhecimentos adquiridos
- na maneira de viver em geral
- no comportamento diário
- na forma de perceber a realidade
- na tolerância face aos outros
- na mudança dos comportamentos
- na capacidade de relacionamento com os outros

12 - Se pudesse definir a obra "Fundamentação da Metafísica dos Costumes", o que diria?

---

---

---

Mais uma vez, agradeço a colaboração prestada.

**ANEXO 3 a:** Questões a aplicar aos alunos antes do estudo da obra “FMC”

Estas respostas destinam-se a um tratamento qualitativo de dados para um trabalho de Dissertação de Mestrado em Educação e Formação de Adultos. Não têm qualquer função de avaliação. Por favor, escreva tudo o que se lembrar acerca dos assuntos pedidos. Muito obrigada pela colaboração.

Questões:

1 – O que entende por ética? Dê exemplos.

2 – O que é para si a moral?

Nome –

Data –

**ANEXO 3 b: Questões a aplicar aos alunos durante o estudo da obra “FMC”**

Estas respostas destinam-se a um tratamento qualitativo de dados para um trabalho de Dissertação de Mestrado em Educação e Formação de Adultos. Não têm qualquer função de avaliação. Por favor, escreva tudo o que se lembrar acerca dos assuntos pedidos. Muito obrigada pela colaboração.

Questões:

1 – Qual lhe parece ser a importância da ética na época actual?

Dê exemplos e justifique bem a sua resposta.

2 – Acha possível estabelecer uma comparação entre a Ética da obra que está a estudar, a “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” e a moral e a ética da época em que vive? Porquê?

Nome –

Data –

**ANEXO 3 c: Questões a aplicar aos alunos após o estudo da obra “FMC”**

**Estas respostas destinam-se a um tratamento qualitativo de dados para um trabalho de Dissertação de Mestrado em Educação e Formação de Adultos. Não têm qualquer função de avaliação. Por favor, escreva tudo o que se lembrar acerca dos assuntos pedidos. Muito obrigada pela colaboração.**

Questões:

1 – Que contributos da obra “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” lhe parecem marcantes na actualidade?

2 – Acha que o estudo da obra “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” pode ter alguns reflexos no seu comportamento ético e moral?

Se sim, quais lhe parecem ser esses reflexos?

Nome –

Data –

**ANEXO 4: Relação entre os conceitos presentes na “FMC” e a problematização**

apresentada pelos professores entrevistados

<b>Conceitos presentes na obra FMC:</b>	<b>Problematização desenvolvida pelos professores a propósito dos conceitos:</b>
<b>Imperativo Categórico</b>	<p>“(…)estou-me a lembrar de um exemplo a propósito da terceira fórmula do imperativo categórico, a relação meio-fim que é (...) as mães de Bragança, o que é que essas mulheres são para os maridos? Elas para os maridos são o dinheiro, a empregada da limpeza, a escrava sexual...e por aí fora (...) são meios... e eles conseguem compreender o que é tratar um ser humano como meio. (...) na questão da escravatura, o ser humano é um meio (...) estou-me a lembrar agora do exemplo que li naquele livro da Laura Esquivel, o “Como água para chocolate”, aquela tradição da última filha não se poder casar para cuidar dos pais...” (SA).</p> <p>“(…) descobri uma maneira de explicar aos alunos (...) enquanto aluno tive muita dificuldade em compreender o que era o imperativo categórico, quando andava no 12º tinha muita dificuldade (...) só compreendi bem o imperativo categórico quando tive de preparar a obra de Kant para analisar” (SA).</p> <p>“(…) há um exemplo que eu dou para o imperativo categórico e que se passou comigo (...) estava eu no Pingo Doce e (...) havia três ou quatro caixas registadoras e só uma é que estava a funcionar. Eram aí umas seis horas da tarde e cheguei à caixa e estava uma fila bastante grande e atrás de mim estavam outras pessoas. Uma senhora que estava na ponta da fila já bastante longe da menina que estava na caixa, com uma voz muito minhoto, uma pronúncia bastante pronunciada disse “Ó menina, vamos ficar aqui até à hora do jantar, estão isto não pode ser, não vem outra pessoa para esta caixa?”. (...) comecei a rir (...) as pessoas começaram a achar piada à maneira como a senhora estava a protestar(...) ela estava a protestar mas não estava a tratar mal ninguém e ao mesmo tempo estava a conseguir chamar a atenção de toda a gente. Não demorou mais que uns minutos e apareceu outra funcionária para outra caixa e aquilo ficou um bocadinho mais aliviado. Aquela senhora mexeu comigo, o modo como ela falou, a frontalidade que teve para protestar. (...) ela era tão barbaqueira e disse-me “Você está a rir?” e eu continuei a rir e disse “Olhe, estou a rir porque a senhora consegue dizer a verdade”. E ela disse “Ó menino, tem de ser”.(...) ela não fez aquilo só porque naquele momento estava com pressa, ela fez aquilo que fez porque por princípio ela achava que o devia fazer, ela fez aquilo por imperativo categórico, usou o “tem de ser”. (...) por exemplo, vamos trabalhar, mas não nos apetece trabalhar, estamos com preguiça, mas tem de ser, e o tem de ser é uma expressão muito utilizada no senso comum e é talvez a expressão do senso comum na língua portuguesa que exprime o imperativo categórico” (SA).</p> <p>“o tem de ser, (...) é uma maneira que nos faz perceber bem o que é o imperativo categórico” (SA).</p> <p>“É muito mais fácil perceber o imperativo categórico de Kant se entendermos que esse imperativo categórico (...) nos está a dizer que se nós formos assim, nós podemos atingir uma plenitude e uma perfeição interior (...)” (SD).</p>
<b>Meios e Fins</b>	<p>“(…) Isto é simplesmente traçar o destino a uma pessoa tornando-a um meio para que outras pessoas atinjam um determinado fim. (...) a partir destes exemplos eles conseguem compreender alguma coisa (...) a essência (...) da obra, fica por apreender, mas há sempre coisas que é possível que fique e que possa, pelo menos a médio prazo, dar outra visão das coisas, uma visão (...) mais autêntica...” (SA).</p>

<p><b>Ser Pessoa</b></p>	<p><i>"E isto é uma coisa que eu pretendo muito trabalhar com os alunos: (...) procuro sempre fazer a relação(...) entre aquilo que o Kant nos diz relativamente ao ser pessoa, à nossa construção de uma pessoalidade que (...) implica a ultrapassagem da simples humanidade enquanto forma teórica, enquanto racionalidade, faço sempre a ligação, procuro sempre fazer a ligação disto com outras concepções mais actuais, como por exemplo, o Edgar Morin e o Piaget" (SD).</i></p> <p><i>"(...) há uma noção que me parece muito importante, é a noção do respeito pelo outro. O respeito pelo outro é qualquer coisa que quer na Fundamentação quer em qualquer outra obra de Kant, a mensagem de Kant nesse domínio (...) ainda hoje, marca muito os alunos" (SC).</i></p> <p><i>"(...) Quando se explora aquela ideia (...) de que é preciso respeitar o outro, que os nossos projectos de vida não podem ultrapassar, não podem (...) prejudicar (...) impedir o desenvolvimento do projecto de vida do próximo, é qualquer coisa que os acorda, que os faz despertar e com que eles têm (...) uma relação positiva. (...) eles acham que devem perfilhar e devem realmente tomar como referência nas suas próprias vidas (...)" (SC).</i></p> <p><i>" (...) é uma indicação que vem de uma forma já muito clara com a filosofia moral de Kant. Nós movimentamo-nos em três esferas, a esfera da animalidade que é a básica, a esfera da humanidade em termos relacionais é limitada, e a esfera da pessoalidade que é aquela onde nós de facto podemos ser criativos e plenos, alcançar a tal essência que nos estaria vedada de qualquer outra forma" (SD).</i></p> <p><i>"(...) vejo que eles se interessam e questionam muito o conceito de pessoa, o que é ser pessoa, o que é ser uma pessoa comum e o que é ser uma pessoa no sentido kantiano, o que é ser uma pessoa não qualificada no ponto de vista moral e o que é ser uma pessoa qualificada no ponto de vista moral. Como eu trabalho bastante esta ideia, suponho que isso lhes dê que pensar (...) que (...) os leve a fazer alguma reflexão crítica sobre esta questão" (SD).</i></p>
<p><b>Iluminismo</b></p>	<p><i>"(...) já os consegui sensibilizar o suficiente para a importância de Kant porque eles perceberam que Kant defende um mundo iluminista ou um mundo influenciado pelo iluminismo porque é polémico dizer se Kant é ou não iluminista...mas eles perceberam que a mensagem de Kant, (...) já conseguiram perceber que a mensagem de Kant foi muito importante para o mundo que temos hoje" (SA).</i></p>
<p><b>Paz Perpétua</b></p>	<p><i>"Falei-lhes da obra "A Paz Perpétua", disse-lhes que Kant foi o primeiro filósofo a imaginar um organismo internacional que controlasse a convivência dos estados, uma coisa que temos hoje" (SA).</i></p>
<p><b>Valores</b></p>	<p><i>" (...) Kant é um autor que nos faz compreender que na nossa actualidade, na nossa época, na nossa civilização, no nosso tempo não existe uma crise de valores... há algumas correntes de opinião, algumas ligadas à religião, outras não, que dizem que a nossa época está marcada por uma crise de valores, não há crise de valores absolutamente nenhuma, há uma mudança de valores" (SA).</i></p> <p><i>(...) ali tem de acontecer, eles fazem essa passagem dessa maneira. E então sim, dou os exemplos, pego essencialmente no que são os valores" (SB).</i></p> <p><i>" Levo-os quase sempre a pensar que a grande discussão sobre os valores é uma discussão actual, há valores, não há valores, os valores tradicionais perderam-se, temos valores novos, não temos, substituímos uns pelos outros, não substituímos coisa nenhuma (...) falo sempre um bocado sobre esta questão dos valores" (SD).</i></p> <p><i>" (...) as questões que o Kant coloca são questões que nós continuamos a colocar, o que é que eu devo fazer, o que é que eu devo esperar, que expectativas é que eu devo ter em relação ao que me rodeia e (...) o que é que eu posso conhecer (...) as grandes questões da filosofia de Kant continuam também a ser questões nossas e em relação à</i></p>

	<p>grande questão que (...) Kant coloca na problemática da Ética, o que é que eu devo fazer (...) leva os alunos a pensar por eles que a orientação para a vida e para os valores, que é tão discutida hoje também, é uma orientação que é fundamental para que a nossa existência seja uma existência com sentido e com sentido constantemente actualizado" (SD).</p>
<b>Justiça e Solidariedade</b>	<p>" Falar em justiça é falar de um valor do nosso tempo, falar em solidariedade é um valor do nosso tempo, falar na união, na fraternidade, são valores do nosso tempo... (...) podemos como que projectar a obra para esses valores, são valores da democracia, da igualdade, são os valores da nossa época, são os valores que estão a espalhar-se e que estão a vingar nas nossas sociedades, mesmo contra, usando a expressão do Cavaco Silva, mesmo contra as chamadas "forças do bloqueio"...que as existem (...), são forças económicas e forças políticas e forças religiosas também, mas mais as forças económicas e as forças políticas que dão cobertura a essas forças económicas(...)" (SA).</p> <p>" Ao nível da Ética, cada vez mais (...) se pensarmos que a Unesco tem um papel fundamental em convidar, cada vez mais países aderem a ter novamente Filosofia no currículo da formação geral" (SB).</p>
<b>Fenómeno e Númeno</b>	<p>"(...) este conceito (...): enquanto que lei moral, liberdade, responsabilidade, autonomia, personalidade, universalidade, comportamento ético são conceitos que chegaram aqui ao século vinte e um (...) e que se fala a todos os níveis, desde ciência, não fala só a Filosofia destes conceitos (...) da ética, da ciência (...) da responsabilidade da investigação científica, tudo isto implica, estes conceitos (...) até porque ele fala de fenómeno e númeno, é difícil passar a ideia de fenómeno que se tem do quotidiano (...) é uma coisa estranha que acontece, diferente, exacta (...) e númeno (...) eles percebem número, o que é isso?" (SB).</p> <p>" É bem interessante esta distinção, porque fenómeno e númeno (...), é importante porque determina toda a dualidade do pensamento kantiano (...) fica na dualidade (...) fenómeno e númeno, razão e instinto (...) tudo é visto em termos de, homem-animal (...) mas para eles é difícil entrar, fenómeno e númeno, querem sempre referências, não tem muito sentido (...) a tradução é péssima do alemão, só no alemão tem sentido fenómeno e númeno... porque fenómeno (...) perde muito na tradução" (SB).</p> <p>" Interessante o fenómeno e o númeno (...) na realidade na arte, no que vemos, que fenómeno e númeno vem da problemática de Platão, ainda hoje constitui sempre (...) o que é que na realidade existe realmente (...) e o que é que nós captamos dela. Isso é um tema actualíssimo (...)" (SB).</p> <p>" No outro dia estava a falar na distinção entre fenómeno e númeno, não é propriamente uma distinção que apareça perfeitamente definida na Fundamentação, será noutras obras,(...) há alturas em que temos realmente de trabalhar esses dois conceitos e torna-se um bocadinho difícil... ele pode ser integrado (...) na distinção da lei moral e de toda aquela análise, mas o trabalho desses dois conceitos (...) torna-se muito complicado" (SC).</p>
<b>Liberdade e Lei Moral</b>	<p>"O conceito de liberdade (...) do ponto de vista dos alunos do Alentejo, eles entendiam a liberdade como um conceito numa perspectiva unicamente de fuga (...) a liberdade para eles era qualquer coisa como isso, e a concepção kantiana (...) chocava-os imenso porque não viam (...)justificação... e a lei moral, o conceito de lei moral? (...) a liberdade estruturada a partir do funcionamento da lei moral que obriga cada um a orientar-se em função de um todo, também não fazia sentido, eles achavam que o egoísmo era qualquer coisa que fazia parte das gentes humanas, da existência do homem, o egoísmo, o individualismo, e não tinha (...) razão de ser, não, não...encontravam (...) um suporte na vida real que (...) justificasse a concepção da liberdade em Kant" (SC).</p> <p>"(...) entrevistei uma aluna três ou quatro anos depois de ter sido minha aluna, estava na ESE de Beja a fazer um curso de Comunicação e ela, rejeitando a moral kantiana, (...) quando eu lhe perguntava o que tinha significado a frequência da Filosofia para ela, ela respondia (...) que aqueles conceitos kantianos tinham sido a coisa mais difícil</p>

	<p>que ela encontrou em toda a experiência da vida escolar, na relação com a Filosofia e era uma excelente aluna, e explicava-me (...) porque é que tinha rejeitado aquelas concepções. (...) a verdade é que ficaram gravados na cabeça dela, (...) numa linguagem absolutamente linear, ela estruturou a presença toda da Fundamentação à medida que a ia rejeitando, depois fazendo a reportação dos conceitos kantianos em relação à obra. (...) ela via que tinha o conhecimento, só que entendia o vocabulário completamente diferente e eu acho que isto se trata de facto de uma postura cultural que resiste. Ela, a terminar a entrevista, disse uma coisa muito curiosa “não podemos ter ilusões realmente que a consciência das pessoas mude, mude facilmente em função de determinados valores racionais, por exemplo, a libertação da mulher é uma utopia. As mulheres não vão ser livres, o processo de libertação da mulher é qualquer coisa que não vai acontecer nunca. Só se fala disso é quando (...) a sociedade tiver necessidade de (...) integrar as mulheres porque a igualdade nunca vai acontecer em tempo nenhum”. (...) Isso é um ideal racional, (...) qualquer coisa que se racionaliza que a mulher e que o homem têm os mesmos direitos (...) podemos ter os mesmos deveres e direitos enquanto cidadãos, mas isso é uma utopia, não vai acontecer nunca” (SC).</p> <p>“(...) E as justificações que ela apresenta (...) são muito curiosas, porque o tal nível do egoísmo, o tal nível do individualismo não-de sobrepor-se sempre (...) os interesses individuais têm forte, muito superior àquilo que se pode imaginar, quando partimos de um ideal como o ideal kantiano: igualdade entre os seres humanos na base (...) do formalismo racional que percorre a obra toda e a Fundamentação em particular” (SC).</p> <p>“(...)A partir do momento em que eles percebem no cinto do carro a diferença entre as duas acções, vão perceber que o que conta é a intenção para definir se é lei moral ou não” (SB).</p> <p>“(...) aqui, a questão da liberdade (...) colocou-se muito a questão de saber se a liberdade seria liberdade de agir em conformidade com a razão ou se a liberdade é fazer o que nos apetece... regra geral, a ideia que eles têm é que eu sou mais livre quando faço o que me apetece, o que entra em contradição com aquilo que Kant diz nesta obra, os apetites, os interesses e as inclinações não são indicadores mas são justamente aquilo que escraviza o homem e que o torna mais próximo da animalidade que propriamente da humanidade... e isso para eles era difícil de encaixar, porque (...) ainda estavam numa perspectiva de senso comum, diziam, sou livre quando faço o que me apetece” (SE).</p>
<p><b>Dilemas Éticos</b></p>	<p>“pegar na questão da guerra do Iraque, pegar na situação política do nosso país, pegar em pequenos casos da justiça, pegar no caso Casa Pia ou no Caso Moderna (...) e a partir daqui analisar, aplicar os conceitos de Kant e analisar esses conteúdos segundo os conceitos que Kant apresenta...ou então outro tipo de exemplos” (SA).</p> <p>“ (...) procurei realmente tirar partido,(...) os acontecimentos de há dois anos, discussões (...) sobre o aborto e temas do aborto, (...) integrava-se muito na perspectiva do formalismo kantiano, na reflexão relativamente ao que é pessoa, se o embrião é pessoa, se não é pessoa, que consequências e por aí adiante, (...)toda essa análise que também tentei fazer com os outros, com os mais novos, despertou-os de alguma maneira (...) procurei fazer uma leitura sempre em paralelo com a realidade(...)” (SC).</p> <p>“(...) exemplos concretos relacionados com o mundo actual e com as questões éticas actuais, com as questões éticas ligadas às questões políticas, às questões do ambiente, ligadas à ciência, às questões sociais, da globalização” (SA).</p>
<p><b>Responsabilidade</b></p>	<p>“Responsabilidade, autonomia. A personalidade, a construção da personalidade, aquela ideia (...) da construção da pessoa, (...) na base de determinadas ideias e de todo aquele formalismo, (...) assustava-os muito, achavam que aquilo não era uma pessoa, era um autómato, era um ser mecânico, a imposição do dever, o desfasamento</p>

	<p><i>total em relação aos sentimentos, aos afectos (...) toda aquela componente kantiana que cristaliza o homem, um formalismo absoluto, para eles era perfeitamente castrador, era aterrador” (SC).</i></p> <p><i>“ (...) tomar as referências (...) do ideal kantiano, (...) penso que é importante, especialmente quando se trata de configurar a questão da libertação do homem da menoridade mental” (SC).</i></p>
<b>Dever</b>	<p><i>“ Tem de se discutir o dever, e os nossos deveres? Estamos a discutir a aplicação do dever à vida e a aplicação do dever às nossas vidas, como é que a gente aplica, o que é que é o dever? Temos deveres, temos obrigações, temos direitos, podemos ter direitos sem ter deveres?” (SD).</i></p>
<b>Relação entre Filosofia de Kant e a Filosofia do Direito</b>	<p><i>“(…) é toda, toda uma actualidade. (...) se pensarmos que num curso de Direito hoje numa universidade se estuda Kant (...) o direito kantiano é importante, é um marco a referir, se pensarmos que ao nível dos cursos de teatro, da preparação do actor (...) que têm Filosofia no currículo (...) no Brasil, Filosofia (...) é uma cadeira que faz parte de qualquer formação de actor. E no programa de Filosofia, é evidente que tem a ética do actor, estuda o Kant” (SB).</i></p> <p><i>“(…) uma das razões que me levava a escolher o texto era que (...) eu sabia, porque já tinha passado pela faculdade de Direito e que Kant e a filosofia analítica tem uma repercussão enorme de facto no Direito” (SC).</i></p> <p><i>“(…) e os meus filhos são os dois licenciados em Direito, (...) conheci muito bem as necessidades que representava (...)o conhecimento daquela obra e dos conceitos kantianos para Direito” (SC).</i></p> <p><i>“ No Direito, estudam Direito, depois poderão (...) integrar no estudo da filosofia do Direito, integram-se muito melhor na dinâmica da filosofia do direito... assim ficam com uma visão do mundo diferente daquela que é quotidiana, de todos os dias” (SC).</i></p>
<b>Deus, Alma e Liberdade: Ideias da razão</b>	<p><i>“Há uma grande excepção que é a questão de Deus: enquanto que para o Cristianismo, Deus é uma realidade (...) é uma entidade criadora, para Kant, pela primeira vez no pensamento filosófico cristão que vem desde a Idade Média, para Kant, Deus é apenas uma ideia da razão, uma ideia transcendental” (SB).</i></p> <p><i>“À qual aspiramos enquanto ideia, porque é uma ideia reguladora do comportamento moral. (...) ele diz, não posso provar a existência dele, isso é brilhante, ele levanta já esse problema, é muito importante, mas Deus é necessário não enquanto entidade mas Deus é necessário enquanto ideia, porque é uma ideia humana (...) é uma ideia que fundamenta tal como a ideia de imortalidade e a ideia de liberdade, porque fundamenta a, a moral” (SB).</i></p> <p><i>“(…) Sem Deus, sem a imortalidade e sem a liberdade não há moral” (SB).</i></p>

ANEXO 5a: Respostas dadas pelos alunos antes do estudo da obra: 1ª Questão –

definição de Ética

Categorias:	Questão 1: O que entende por Ética?
<p><b>Conceito inato ou princípios pessoais para agir</b></p>	<p><i>“A Ética tem a ver como cada pessoa (grupo) rege a sua maneira de intervir e/ou actuar, seja na vida pessoal ou profissional. É como que um conjunto de regras que as pessoas devem seguir para não ferir susceptibilidades, serem verdadeiras e profissionais, além de respeitadores. (...) Mas a ética também se estende a outras profissões e situações da sociedade (...)”</i> (Sujeito 15).</p> <p><i>“Ética é uma “norma” de comportamento de cada um de nós. Há muitas regras conhecidas que nós tentamos captar na escola (...). As pessoas bem educadas e com um nível de educação devem saber ou seja sabem umas regras básicas que nós necessitamos na nossa vida do dia-a-dia”</i> (Sujeito 31).</p> <p><i>“A ética (...) não se demonstra a níveis morais mas sim impondo uma maneira de viver com regras, submetidas por mim, para o efeito de melhorar a minha saúde ou mesmo o meu bem-estar. Não posso colocar objectivamente em relação à moral pois tem objectivos mais práticos do que morais, criando assim uma maneira de estar com a vida de boa vontade”</i> (Sujeito 37).</p> <p><i>“(...) a Ética (...) tem a ver com as acções do Homem. Algo que é eticamente errado, é uma ideia generalizada até porque nós podemos achar essa acção eticamente correcta. Ética tem a ver com o modo como agimos, de que maneira e sobretudo como pensamos”</i> (Sujeito 19).</p> <p><i>“(...) Todos nós agimos, pensamos e nos comportamos de maneiras diferentes e a ética é um conjunto composto pelas nossas acções que realizamos no dia-a-dia. Cada um tem a sua própria ética independentemente do nós acharmos correcta mas para outros ser completamente o oposto”</i> (Sujeito 11).</p> <p><i>“Ética é o carácter, o modo de ser, que os humanos adquirem ao longo da vida. A ética tem a ver com hábitos e costumes que resultam na nossa personalidade, nos nossos actos singulares, concretos, que pautam a nossa vida. (...)”</i> (Sujeito 55).</p>
<p><b>Conceito ligado ao exterior</b></p>	<p><i>“Entendo a Ética como sendo algo que nos rege. Algo que nos controla, permitindo que ao fazer algo não entraremos em conflito com as leis materiais a que todos estamos ligados”</i> (Sujeito 2).</p>
<p><b>Conjunto de princípios e de regras estabelecidas</b></p>	<p><i>“Ética (...) significa ter respeito pelas regras de “bom comportamento” que gerem determinado grupo ou sociedade, devendo para isso os indivíduos que dele fazem parte ter condutas que não prejudiquem os funcionamento do grupo, ou individual, de acordo com o que está estabelecido, como objectivo do bom funcionamento do mesmo, ou bem-estar individual de cada indivíduo”</i> (Sujeito 4).</p> <p><i>“Ética (...) assemelha-se a respeito, ao cumprimento de certas e determinadas normas e ter consciência que as devemos respeitar”</i> (Sujeito 6).</p> <p><i>“Ética (...) é um conjunto de regras e ideias, as quais são definidas por um certo conjunto de personalidades”</i> (Sujeito 28).</p> <p><i>“Ética é um conjunto de valores aplicados em determinados aspectos sociais, pelos quais todas as pessoas se regem. Esses valores podem variar por pessoa e por cultura. (...)”</i></p>

	<p><i>São sobretudo regras que o indivíduo aprende ao longo da vida” (Sujeito 29).</i></p> <p><i>“Ética é quando há uma certa compostura em relação ao dia-a-dia, no que fazemos, como agimos em certas e determinadas ocasiões (...)” (Sujeito 20).</i></p> <p><i>“(...) os valores que cada pessoa dá às ações que pratica (...)” (Sujeito 24).</i></p> <p><i>“Ética são alguns princípios universais que fazem com que cada pessoa faça ou não faça certas coisas no seu dia-a-dia ou certos trabalhos elaborados” (Sujeito 23).</i></p> <p><i>“Ética é quando há uma certa compostura em relação ao dia-a-dia, ao que fazemos, como agimos em certas e determinadas ocasiões (...)” (Sujeito 20).</i></p>
<b>Dicotomia entre o bem e o mal</b>	<p><i>“A ética é um conjunto de princípios morais pelos quais o indivíduo se rege na sua vida pessoal ou profissional. São os costumes, os deveres do Homem, a ética trata da ambivalência entre o bem e o mal” (Sujeito 3).</i></p> <p><i>“(...) Ética é aquilo que distinguimos o bem do mal, o comportamento correcto do incorrecto, será aquilo pelo qual regemos e nosso comportamento. (...) entendo por Ética, que esta é o fundamento para que o Homem fundamenta e legitima a sua conduta, na convivência entre as pessoas na sociedade” (Sujeito 35).</i></p> <p><i>“(...) um indivíduo que se aproveita das fraquezas de outro para atingir um fim. Quem diz fraquezas, pode também ser confiança (...) ao adquirirmos uma forte relação de confiança com um indivíduo, podemos tirar partido para alcançarmos algo, mesmo que se tenha de prejudicar alguém. Este exemplo mostra-nos que um indivíduo que não tenha em si estes valores, a falta de ética, torna-se numa pessoa má e sem escrúpulos. Por outro lado, podemos, através desses valores tornarmo-nos em pessoas que saibam praticar tais virtudes. Ao saber-se distinguir o mal do bem, pode-se praticar o bem e tornando-se assim numa pessoa em que as verdadeiras e mais profundas virtudes humanas sobressaiam” (Sujeito 52).</i></p>
<b>Interligação com a moral</b>	<p><i>“A ética é uma reflexão sobre a forma como o homem se relaciona com o mundo, sendo, ao contrário da moral (que se impõem como uma obrigação) uma escolha. (...) pode-se afirmar que a ética é a reflexão sobre o comportamento humano (Sujeito 43).</i></p> <p><i>“(...) Ao eleger um ou mais valores que nos servem de guia em todas as situações que a vida me impõe, devo encontrar uma ética coerente que responda às minhas exigências, pois não posso tomar decisões de ânimo leve” (Sujeito 50).</i></p> <p><i>“(...) entendo por ética que as pessoas têm de alcançar os seus valores e ser morais tendo consciência dos seus actos” (Sujeito 51).</i></p> <p><i>“(...) ética é agir de acordo com alguns princípios e valores morais (...) a ética e a moral em certos aspectos (...) interligam” (Sujeito 57).</i></p> <p><i>“(...) A ética é a ciência da moral” (Sujeito 55).</i></p>
<b>Comportamentos que devem ser seguidos</b>	<p><i>“A Ética é um comportamento e uma atitude de vida que cada indivíduo adota, quer na sua profissão, quer na sua vida pessoal” (Sujeito 7).</i></p> <p><i>“A Ética relaciona-se com os comportamentos que ao longo dos tempos vão sendo impostos pela sociedade” (Sujeito 9).</i></p>
	<p><i>“A palavra Ética é extremamente importante para uma sociedade, para se</i></p>

<b>O que está correcto</b>	<p><i>"sobreviver"/ viver nela.</i>  <i>Ética é o mesmo que saber o que está correcto" (Sujeito 10).</i></p> <p><i>"Ética é a conduta da via certa que todo o ser humano deve tomar. Valores que à partida são adquiridos como certos, que nos ajudam a viver em sociedade, só assim será possível viver em comunidade (...)" (Sujeito 25).</i></p>
<b>Princípios de conduta para todos</b>	<p><i>"A ética é como se fosse uma "conduta" que deve ser respeitada por todos. Esta pode englobar uma série de princípios que ao serem violados podem ser acusados de falta de ética, ou respeito, perante outras pessoas, atitudes..." (Sujeito 12).</i></p> <p><i>"A Ética é um comportamento que deve ser adoptado pelas pessoas (...)" (Sujeito 13).</i></p> <p><i>"A ética é o nosso comportamento em sociedade (...)" (Sujeito 14).</i>  <i>"Ética são as acções que praticamos no nosso dia-a-dia em função dos valores "impostos" pela sociedade!" (Sujeito 27).</i></p> <p><i>"Ética é alguns princípios universais que faz com que cada pessoa faça ou não (...) certas coisas no seu dia-a-dia ou certos trabalhos elaborados (...)" (Sujeito 23).</i></p> <p><i>"A Ética é a ciência dos costumes. Ela é igual para todos. A Ética nos dias de hoje é muitas vezes questionada. (...)" (Sujeito 36).</i></p> <p><i>"Comportamento social que respeita um determinado conjunto de regras" (Sujeito 46).</i></p>
<b>Modo de pensar simples do dia-a-dia</b>	<p><i>"(...) a Ética (...) tem a ver com as acções do Homem. Algo que é eticamente errado, é uma ideia generalizada até porque nós podemos achar essa acção eticamente correcta. Ética tem a ver com o modo como agimos, de que maneira e sobretudo como pensamos" (Sujeito 19).</i></p> <p><i>"Ética é uma ciência em que se poderá agir segundo o quotidiano, como por exemplo, o nosso dia-a-dia" (Sujeito 48).</i></p>
<b>Forma de persuadir os outros</b>	<p><i>"A ética de cada um de nós está bem presente em quase todos os actos do nosso dia-a-dia. (...)</i>  <i>A ética faz bastante falta quando queremos persuadir os outros, muitas vezes, convencendo-os com actos e palavras...</i>  <i>(...) nesta vida, para se conseguir algo é necessário muita ética, é tudo uma questão de ética" (Sujeito 21).</i></p>
<b>Valores sociais</b>	<p><i>"Aquilo que segundo determinada sociedade se encontra correcto. (...)</i>  <i>será ético ajudar uma pessoa mas se não será ético ajudar essa mesma pessoa a tirar partido próprio, ou seja, agir com uma pessoa apenas por interesse" (Sujeito 39).</i></p> <p><i>"(...) ética é o que regula os comportamentos do ser humano" (Sujeito 54).</i></p>
<b>Perspectiva pessoal de acção</b>	<p><i>"Ética é algo que seguimos, um modelo que para nós é o mais acertado, segundo a nossa perspectiva está perante o olhar da sociedade (...)" (Sujeito 34).</i></p> <p><i>"A ética (...) não se demonstra a níveis morais mas sim impondo uma maneira de viver com regras, submetidas por mim, para (...) melhorar a minha saúde ou (...) o meu bem-estar" (Sujeito 37).</i></p>

	<p><i>"(...) ética é o que poderemos designar como um "instrumento" que controla a nossa conduta, os nossos actos, os nossos deveres, etc.</i></p> <p><i>(...) trata-se de "julgar" os actos descritos no parágrafo anterior de forma a tentar induzir-nos a fazer o que será mais correcto, independentemente de ser bom ou mau, como que uma lei a ser cumprida pela nossa moralidade" (Sujeito 38).</i></p>
<b>Boa conduta</b>	<p><i>"Por Ética, entendo que seja tudo o que esteja de acordo com todos os parâmetros do bem comum. Tudo o que seja de boa conduta. É ético ajudarmos um animal que esteja magoado à beira da estrada, não é ético passarmos por ele e fingirmos que não o vemos" (Sujeito 44).</i></p> <p><i>"(...) ética é um conjunto criado pelo homem a fim de "avaliar" as atitudes das pessoas com quem convivemos em sociedade. Para que não haja conflitos, somos obrigados a cumprir normas e somos julgados se não agimos segundo os valores formados pela sociedade. A Ética surge para que possamos respeitar os outros e ser respeitados" (Sujeito 53).</i></p> <p><i>"Ética é o carácter, o modo de ser, que os humanos adquirem ao longo da vida. A ética tem a ver com hábitos e costumes que resultam na nossa personalidade, nos nossos actos singulares, concretos, que pautam a nossa vida" (Sujeito 55).</i></p> <p><i>"Ética é o respeito pelo próximo (...)" (Sujeito 49).</i></p>
<b>Relatividade</b>	<p><i>"Ética é uma palavra que é dita em vários contextos" (Sujeito 16).</i></p> <p><i>"Ética é uma coisa relativa, ou seja, a ética depende muito da maneira de ver de cada um. O que para uns fazer uma certa coisa é bom, para outros é má. A ética também tem a ver com o conjunto de costumes de cada um, a educação de cada um. A ética também tem a ver com uma série de acções ao nível humano e não só. A ética é também uma maneira de avaliar o que está certo e o que está errado" (Sujeito 18).</i></p> <p><i>"Ética é o respeito pelo próximo" (Sujeito 49).</i></p>

ANEXO 5b: Respostas dadas pelos alunos antes do estudo da obra: 1ª Questão –

exemplo de comportamentos éticos

A Ética e as situações comuns:	Respostas dadas pelos alunos:
A ética no comportamento do dia-a-dia:	<p><i>"(...) a noção mais concreta do que é a ética e do seu próprio uso no nosso dia-a-dia; (...) as crianças sabem que não devem bater uns nos outros (...) quando o fazem é quase sempre à margem do olhar daqueles que são responsáveis pelas crianças"</i> (Sujeito 1).</p> <p><i>(...) "não passar por cima de ninguém"; "Ter consciência" (Sujeito 4).</i></p> <p><i>"Exemplos de ética: não mastigar de boca cheia; não interromper alguém quando este está a falar com outro; não discutir/ou mencionar nomes "feios"/menos próprios a alguém ou em praça pública, entre outros. Estes exemplos, eticamente não são bonitos mas é o que se passa na nossa sociedade (...)" (Sujeito 10).</i></p> <p><i>"(...) através das regras da ética nós sabemos o que devemos dizer ao encontrar alguém, sabemos agradecer da maneira correcta, sabemos comportar-nos nos restaurantes, entre as outras pessoas e assim por diante..." (Sujeito 31).</i></p> <p><i>"(...) Quando (...) nos recusamos a agir de uma determinada maneira, porque a achamos incorrecta" (Sujeito 32).</i></p> <p><i>"(...) Exemplo de ética: na maneira como nos comportamos à mesa com muitos talheres, e sem saber utilizá-los e não perdemos a ética" (Sujeito 20).</i></p> <p><i>"(...) Nas funções que desempenhamos precisamos de ter ética, na maneira como os resolvemos. Necessitamos de um pouco de ética no modo como falamos com a sociedade em geral, tendo um comportamento ético quando nos dirigimos a cada geração e classe social" (Sujeito 21).</i></p> <p><i>"(...) todo o tipo de comportamento, que vai para além do ser e saber ser humano e racional" (Sujeito 22).</i></p> <p><i>"(...) não vou sair para a rua sem roupa. Outro exemplo é a educação, uma pessoa tenta sempre (...) respeitar a educação que lhe foi dada (...) o cumprimentar uma pessoa quando a vimos pela primeira vez ou durante a manhã" (Sujeito 34).</i></p> <p><i>"Ética é o respeito pelo próximo: respeitar a fila numa repartição de Finanças; votar. Ética política, ética médica, agir mediante actos aceites pelo grupo" (Sujeito 49).</i></p> <p><i>"(...) não é eticamente correcto julgarmos as pessoas por características físicas ou mesmo psicológicas (como opções acerca de determinado assunto do qual discordamos) e também não é correcto generalizarmos a um grupo ou a alguém as características de alguém sem as conhecermos (preconceitos e estereótipos)" (Sujeito 53).</i></p>
A Ética como o comportamento desejável e politicamente correcto:	<p><i>"(...) é eticamente correcto tratar todas as pessoas de forma igual sem preconceitos racistas e sem discriminá-las" (Sujeito 14).</i></p> <p><i>"É ético ajudarmos um animal que esteja magoado à beira da estrada, não é ético passarmos por ele e fingirmos que não o vemos" (Sujeito 44).</i></p>

<p><b>A Ética na relação com os Valores:</b></p>	<p><i>"(...) esses valores vão dar ordem às coisas, permitem (que) os vários indivíduos tomem as suas atitudes sem colidirem com a dos outros" (Sujeito 25).</i></p> <p><i>"(...) um indivíduo que se aproveita das fraquezas de outro para atingir um fim. (...) pode também ser confiança (...) ao adquirirmos uma forte relação de confiança com um indivíduo, podemos tirar partido para alcançarmos algo, mesmo que se tenha de prejudicar alguém. (...) um indivíduo que não tenha em si estes valores (...) torna-se numa pessoa má e sem escrúpulos. (...) podemos, através desses valores tornarmo-nos em pessoas que saibam praticar tais virtudes. Ao saber-se distinguir o mal do bem, pode-se praticar o bem e tornando-se (...) numa pessoa em que as verdadeiras e mais profundas virtudes humanas sobressaiam" (Sujeito 52).</i></p>
<p><b>A Ética e o avanço científico:</b></p>	<p><i>"(...) a clonagem, há quem seja a favor desta, enquanto outros dizem-se contra. Dizem (...) que não é eticamente correcto. Principalmente a clonagem humana. (...) segundo eles não é correcto a existência de uma ou mais pessoas que sejam a cópia de outra pessoa, ou mais directamente criada a partir desta mesma (...)" (Sujeito 28).</i></p> <p><i>"(...) estamos a estudar uma lesão cerebral no ser humano, é falta de ética provocar essa lesão numa pessoa, seria mais correcto analisar alguém que já sofresse dessa lesão" (Sujeito 45).</i></p> <p><i>"(...) também na ciência, no seu avanço em relação à Biologia reprodutiva, são levantadas muitas questões éticas devido ao problema da manipulação da vida, por não se saber ao certo até onde a liberdade científica poderá e deverá ir" (Sujeito 57).</i></p>
<p><b>Ética e Educação:</b></p>	<p><i>"(...) Denota-se (...) na educação pessoal e cultural de cada indivíduo (...) a educação religiosa e social, respeitando as regras dessa educação, ao interagir com outras pessoas, ao longo da sua vida (...), a capacidade de se socializar de maneira amigável, sem conflitos, adaptando-se ao meio" (Sujeito 29).</i></p>
<p><b>A Ética profissional ou como um código deontológico:</b></p>	<p><i>"Os advogados eticamente não podem revelar informações acerca do seu cliente, o médico não pode revelar informações ou detalhes pessoais acerca do seu paciente" (Sujeito 3).</i></p> <p><i>"É uma questão de Ética (...) sigilo profissional" (Sujeito 9).</i></p> <p><i>"(...)no (...) trabalho, como é o caso dos médicos, em que estes assumem a responsabilidade de não divulgar informações que só dizem respeito aos seus doentes, sob pena de serem acusados de falta de ética" (Sujeito 13).</i></p> <p><i>"(...) um médico está "obrigado" a possuir uma certa conduta, de acordo com a ética médica, não devendo (...) mentir ao doente sobre o seu real estado de saúde, ou dizendo a terceiros o que se passa com determinado doente, quebrando o sigilo profissional" (Sujeito 54).</i></p> <p><i>"Como exemplos, poderei dar a ética profissional, a ética desportiva, a ética social e a ética familiar" (Sujeito 35).</i></p> <p><i>"(...) existe a ética jornalística, que (...) em Portugal penso que não é muito cumprida. Podemos dar o exemplo do processo Casa Pia.</i>  <i>(...) Vi (...) um programa que dizia que os jornalistas quando entrevistavam alguém quase "metiam" o microfone na boca da pessoa, principalmente quando são casos mediáticos em que estão presentes muitos jornalistas. Isto é falta de ética. Não respeitam o entrevistado" (Sujeito 15).</i></p> <p><i>"(...) um médico que tem uma paciente doente e esta pede-lhe que lhe acabe com o</i></p>

	<p><i>sofrimento, ele devido à ética que serão valores, e leis que ele aprendeu como médico, (...) não vai provocar a eutanásia. Outro exemplo na contabilidade os trabalhadores por conta própria (empresários em nome individual) que têm um café para não pagarem impostos e IVA ao darem papéis ao contabilista é ético o contabilista não enganar o Estado” (Sujeito 16).</i></p> <p><i>“(...) a existência da ética na advocacia e na polícia ou outras forças de segurança. É essencial a sua existência para o bom funcionamento dessas instituições (...) devido à complexidade das mesmas e dos assuntos que tratam, se não existisse ética seria o caos, saindo tudo e todos prejudicados” (Sujeito 26).</i></p> <p><i>No local de trabalho, dever-se-á seguir a ética estabelecida. (...) não aceitar ofertas de fornecedores, por forma a não criar situações de favorecimentos” (Sujeito 46).</i></p> <p><i>“(...)respeitar a fila numa repartição de Finanças; votar. Ética política, ética médica, agir mediante actos aceites pelo grupo” (Sujeito 49).</i></p>
<p><b>A Ética e o pagamento dos impostos:</b></p>	<p><i>“(...) o pagamento dos impostos, sabemos que é a maneira de contribuirmos para o melhoramento da sociedade, é como uma lei para o cidadão pagar (...) como a maior parte das vezes estamos descontentes com o rumo que o nosso dinheiro tem, e só temos vontade de não os pagar; mas por ética muitas pessoas mesmo descontentes pagam” (Sujeito 27).</i></p>

<p><b>Exemplos do que é a falta de Ética:</b></p>	<p><i>“(...) estamos a estudar uma lesão cerebral no ser humano, é falta de ética provocar essa lesão numa pessoa, seria mais correcto analisar alguém que já sofresse dessa lesão” (Sujeito 45).</i></p> <p><i>(...) não é eticamente correcto julgarmos as pessoas por características físicas ou mesmo psicológicas (como opções acerca de determinado assunto do qual discordamos) e também não é correcto generalizarmos a um grupo ou a alguém as características de alguém sem as conhecermos (preconceitos e estereótipos)” (Sujeito 53).</i></p> <p><i>“(...) será ético ajudar uma pessoa mas se não será ético ajudar essa mesma pessoa a tirar partido próprio (...), agir com uma pessoa apenas por interesse” (Sujeito 39).</i></p> <p><i>“Há muitas coisas eticamente incorrectas que se passam na nossa sociedade, como roubar, matar, violar, o senso comum muitas vezes aparece eticamente errado visto que práticas alimentares, crenças religiosas nos nossos dias levam a crimes bárbaros, sendo eticamente errados aos olhos de muitas pessoas com consciência” (Sujeito 6).</i></p> <p><i>“(...) matar uma criança não é uma coisa ética (...) um padre que nunca reze, é uma coisa pouco ética” (Sujeito 18).</i></p>
---------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

ANEXO 5c: Respostas dadas pelos alunos antes do estudo da obra: - 2ª Questão:

definição de Moral

Categorias presentes nas definições de moral:	Respostas dadas pelos alunos:
<p><b>Moral como uma construção ou uma conquista pessoal:</b></p>	<p><i>“A moral diz respeito a cada um de nós. Todos temos em nós próprios algo que nos diga se aquilo que fazemos é correcto, se nos vai beneficiar ou prejudicar, ao mesmo tempo que nos mostra se não estamos a entrar em conflito com outros interesses de outros indivíduos”</i> (Sujeito 2).</p> <p><i>“A moral varia de indivíduo para indivíduo visto que cada pessoa tem os seus ideais e valores, a moral baseia-se no respeito, no senso comum”</i> (Sujeito 6).</p> <p><i>“Atingir os nossos objectivos através do nosso esforço e dedicação”</i> (Sujeito 9).</p> <p><i>“(…) a moral, são as acções que praticamos, mas de acordo com a nossa própria razão. Acho que a moral é individual, cada um tem a sua noção (certo ou errado) do bem, daí as acções serem ou não moralmente correctas. A moral é as nossas próprias leis”</i> (Sujeito 27).</p> <p><i>“Moral entende-se como uma escolha individual, sobre a qual cada um de nós aplica sobre os costumes sociais. Ou seja, o indivíduo aplica os seus próprios valores pessoais aos valores sociais. Fazendo a sua própria escolha. O Homem não se pode reger apenas por valores sociais, mas tomando decisões sobre esses mesmos valores”</i> (Sujeito 30).</p> <p><i>“A moral (...) é algo que eu já tinha captado desde (a) nascença. A moral já existe em cada um de nós, só que nem todos conseguem viver com as “regras” da moral. Viver com moral para mim é ficar honesta comigo própria, não fazer as coisas que fazem mal aos outros, viver de um modo sincero, evitando cometer os erros. Deve haver uma harmonia entre o nosso corpo e a nossa alma, por exemplo, uma pessoa bonita por fora deve manter uma beleza interior, ou seja, viver em harmonia com os outros, passar uma vida isenta de pecados graves... tentar escolher um caminho mais justo e honesto mesmo se fosse mais complicado”</i> (Sujeito 31).</p> <p><i>“A moral para mim estabelece uma racionalidade de ideias, as quais relatam o que eu penso e como pretendo agir consoante os problemas abrangidos pela vida, ou seja, a moral é o lado escondido de cada sujeito sobre a sua maneira de pensar em relação a tudo e todos, mostra-nos assim um caminho para evolução”</i> (Sujeito 37).</p> <p><i>“(…) a moral trata-se de um conjunto de princípios, normas ou juízos, instituídos em nós próprios, que nos fazem agir como nós próprios, ou seja, de pessoa para pessoa existem inúmeros princípios morais que nos fazem agir uns diferentes dos outros”</i> (Sujeito 38).</p> <p><i>“É o comportamento que uma pessoa tem perante outra”</i> (Sujeito 39).</p> <p><i>“Conceito individual de comportamento social e pessoal. Todos nascemos com moral, temos noção do certo e do errado, do bem e do mal. Durante a vida, só temos de seguir o que a moral (interior) nos transmite. Há quem a siga e há quem não a siga, o que também nos atribui a nossa</i></p>

	<p><i>individualização e sociabilização” (Sujeito 46).</i></p> <p><i>“A moral é a “droga” do espírito do conceito de boa acção, tendo em conta que é despoletada invisível e inconscientemente pela autonomia da vontade. Livre de qualquer factor condicionante em termos empíricos, ela só responde aos apelos da palavra “liberdade”. Pois só a invencível, maravilhosa e poderosa “liberdade” nos conduzirá à consciência cristalina, que cada um de nós carrega inconscientemente, se pensássemos uma única vez por dia que a nossa liberdade acaba onde começa a do próximo” (Sujeito 47).</i></p>
<p><b>Moral como a dicotomia entre o Bem e o Mal:</b></p>	<p><i>“É como uma teoria do bem e do mal, que depende dos nossos costumes e opiniões, crenças, etc. Reagimos às pessoas e à sociedade, isto é, a nossa atitude vai obedecer à nossa definição de moral, pois será a sua doutrina de vida. O dever moral prevalece sobre outros, pois a nossa consciência assim o dita. (...) a moral segue as regras da ética (...) a moral de cada indivíduo respeita a sua própria ética de vida. Agimos desinteressadamente, sem respeitar as leis do que para os outros é bom ou mau. O que importa é a nossa moral e agimos conforme essa lei, seja qual for o resultado da nossa acção” (Sujeito 5).</i></p> <p><i>“A moral é a conotação que cada pessoa dá a determinada acção (se agiu bem ou mal), são estes conceitos que cada pessoa desenvolve que rege a vida de cada um” (Sujeito 24).</i></p> <p><i>“Moral é uma escolha entre o bem e o mal, em que se tenta separar o que devemos e não devemos fazer, executando o mais positivo” (Sujeito 29).</i></p> <p><i>“(...) A consciência moral permite-nos distinguir o bem do mal e seguindo os princípios morais permite-nos fazer o bem. A moral varia de pessoa para pessoa a há muitas que não têm moral. Como por exemplo: os criminosos” (Sujeito 36).</i></p>
<p><b>Comportamento correcto transmitido ou imposto do exterior:</b></p>	<p><i>“(...) é o produto de um conjunto de informações exteriores que o indivíduo recebe, como educação, que lhe é transmitido pela sociedade onde vive e que conjuntamente com as informações recebidas geneticamente, irá condicionar o seu comportamento. A moral é o “comportamento correcto” que todos esperam que o indivíduo tenha mediante determinada situação, porque é o que é socialmente considerado correcto. (...) diz-se que “agiu com moral” ou “não tens moral para falar...” (Sujeito 4).</i></p> <p><i>“A moral (...) é algo que nos é ensinado logo de criança, ou seja são regras básicas que nos são inculcadas para não ultrapassarmos a barreira do outro indivíduo, isto é, cada indivíduo defende algo e nós temos que saber que quando a nossa liberdade termina é sinal que a liberdade da outra pessoa começa e cada pessoa tem um ponto de vista do que é a moral” (Sujeito 7).</i></p> <p><i>“A moral é o que normalmente é designado como o bom comportamento, do ponto de vista da maior parte das pessoas e principalmente do ponto de vista que desde a Antiguidade nos foi inculcado pela Igreja. Como tal a moral é algo que nos é “dado” na infância, consoante a educação de cada um de nós e que nos é dada pelos nossos pais e avós e outras pessoas que nos rodeiam; com o passar do tempo é algo que além do que nos foi ensinado é também alterado pela nossa maneira de ser e das nossas experiências. Sendo que desde há muitos anos atrás, principalmente antigamente, se costumava dizer, “defender ou praticar a moral e os bons costumes”, o que hoje em dia já não abrange os mesmos pontos de vista” (Sujeito 8).</i></p>

	<p><i>“A Moral são valores impostos pela sociedade, ou família, e quando alguém não segue estes valores, são criticados pelo resto da sociedade e alguém diz a célebre frase “não tem moral nenhuma” (Sujeito 16).</i></p> <p><i>“A moral são os valores que me são ensinados pelos nossos pais, sociedade, religião, etc. A moral é algo que temos dentro de nós e que nos condiciona, nos faz agir de determinada forma. A moral está relacionada com a nossa consciência. Com a forma como estamos em sociedade e como nos relacionamos com os outros” (Sujeito 17).</i></p> <p><i>“(…) a moral é algo que diferencia conforme a sociedade em que cada um vive. As coisas ou atitudes morais ou imorais dependem de cada sociedade. Existem certas atitudes que devido à moral muitas pessoas preferem esconder ou até mesmo ignorar, fingir que não as sentem para não violar essa moral imposta pela sociedade” (Sujeito 23).</i></p> <p><i>“(…) um conjunto de normas, deveres, princípios que vigoram na sociedade e que são, ou deveriam ser, aceites pelos membros constituintes dessa mesma sociedade. A moral é claramente marcada por obrigações, proibições por que devemos pautar o nosso dia-a-dia, a nossa vivência em sociedade” (Sujeito 35).</i></p> <p><i>“A moral (…) é um princípio segundo o qual devemos agir, respeitando a lei” (Sujeito 48).</i></p> <p><i>“A moral é as normas estipuladas, padrões instituídos pelos códigos sociais ou morais que resulta do bem-estar ou mal estar de todos no grupo. É um conjunto de crenças de uma comunidade sobre o modo como se deve viver a vida, o que se deve fazer, o que é bom e incorrecto, sob o ponto de vista social” (Sujeito 49).</i></p>
<p><b>A Moral como a confiança:</b></p>	<p><i>“Moral é uma palavra muito relativa, pelo qual o seu significado pode apresentar muitas hipóteses. Pode-se dar o exemplo de moral como se alguém se sente que a vida lhe corre às mil maravilhas, que tente ajudar toda a gente, que não erra sucessivamente, pode-se então dizer que tem a moral elevada para dizer certas coisas ou para agir de certas maneiras. (…) imaginemos alguma que se sente em baixo, sem vontade para fazer nada, então diz-se que tem a moral em baixo. Moral pode-se dizer que é o nosso pensamento, que nos afecta pela positiva como pela negativa, afecta-nos principalmente na nossa maneira de agir e de estar” (Sujeito 11).</i></p> <p><i>“A moral é “atribuída” a pessoas que dominam determinados assuntos e têm confiança na sua sabedoria e ou capacidade. Ex: um jogador de futebol quando está muito motivado, diz-se que “está cheio de moral”. Ex: Eu estou a estudar Kant, não tenho moral para dizer que percebo mais de Kant que a professora. Ex: Quando uma pessoa está muito confiante diz-se que tem o moral elevado, já o contrário afirma-se que tem o moral em baixo. (…) também tem a ver com bom senso, educação, exemplo quando afirmamos que um determinado acto de uma pessoa foi uma imoralidade.” (Sujeito 15).</i></p> <p><i>“A moral (…) é uma coisa que o ser humano precisa para se reforçar, para ficar mais seguro de si e usa a moral em casos desfavorecidos e sente-se mais seguro, com mais fé quando a emprega. Um exemplo é o caso de uma equipa de futebol que perde sempre mas o treinador diz sempre que vão ganhar por 10-0. O</i></p>

	<p><i>treinador neste caso é um treinador cheio de moral, porque embora saiba que vai perder diz sempre que vai dar 10-0. Como este exemplo há muitos. Por isso a moral é no fundo uma maneira de nos auto-superiorizarmos a nós próprios ou a outras coisas encarando a coisa com mais naturalidade e frieza. Para acabar digo que é preciso ter moral para ter escrito isto” (Sujeito 18).</i></p> <p><i>“(…) a moral poderá ter dois significados. Primeiro, poderá ser a ciência do Espírito, isto é, o contrário a tudo o que corresponde ao sensível. Em segundo, pode significar um acto bom ou “bem visto” perante a sociedade e contrário assim, com actos imorais (que serão os mesmos bons ou mesmo maus recusados talvez político e religiosamente)” (Sujeito 32).</i></p> <p><i>Moral é saber estar, saber comportar-se nas diversas situações, distinguindo o comportamento que se tem em família, com os amigos, na escola, no trabalho, ... enfim, no decorrer das várias etapas da vida, temos de ter sempre a nossa moral em ordem.</i></p> <p><i>Há que levantar a moral aos amigos (principalmente), quando eles estão mais em baixo; neste caso, é a moral a agir como sentimento.</i></p> <p><i>A moral é o que falta a muitas pessoas por aí...(Sujeito 21).</i></p>
<p><b>Moral Educação:</b></p>	<p><i>“A moral constitui um conjunto de princípios que foram adquiridos ao longo da juventude. A moral é como se de uma peça fundamental se tratasse para as pessoas, ou seja, as pessoas sem moral são aquelas que não têm princípios, carácter, acabando por serem rotuladas de más pessoas, que não se regem por qualquer princípio de vida, contrariando as ditas “normais” com princípios, moral, costumes. A moral é um dos valores que mais alto se eleva nos Homens acabando por ser um travão para muitas atitudes, comportamentos” (Sujeito 12).</i></p> <p><i>“A moral define-se como sendo um conjunto de princípios e atitudes perante a vida, que vão sendo assimilados pelos indivíduos durante a sua formação e educação. Pode-se dizer que uma pessoa sem moral, é aquela que não demonstra um bom carácter e atitude perante as situações com que se vai deparando na sua vida” (Sujeito 13).</i></p> <p><i>“A moral faz parte da educação de cada um de nós. Precisamos de moral no modo como lidamos com os problemas no dia-a-dia, no modo como nos dirigimos aos outros... A moral é a educação e cultura que cada um de nós tem e na maneira como a aplica na vida em sociedade” (Sujeito 21).</i></p> <p><i>“(…) moral é tudo aquilo que nós consideramos correcto, é moral” (Sujeito 44).</i></p> <p><i>“A moral é o que leva o ser humano a agir de boa vontade e correctamente” (Sujeito 45).</i></p> <p><i>“A moral (...) é como que um conjunto de princípios e normas comportamentais que tendem a “guiar” as relações entre indivíduos numa sociedade, procurando alcançar a harmonia entre eles, de um modo consciente e livre, garantindo assim uma certa ordem social.</i></p> <p><i>(...) a moral estabelece deveres, leis e normas que os membros de uma sociedade são obrigados a ter em conta nas suas acções” (Sujeito 43).</i></p>
<p><b>Moral e religião:</b></p>	<p><i>“A moral tem um carácter religioso, que também transmite valores correctos para a comunhão dos seres humanos” (Sujeito 25).</i></p> <p><i>“A moral é a união de vários princípios, estes princípios poderão vir de várias fontes.</i></p>

	<i>Estas fontes podem ser a Religião, sociedade, educação e experiência” (Sujeito 28).</i>
<b>Moral como a ciência dos costumes:</b>	<p><i>“Moral é a ciência dos costumes ou dos deveres; é o conjunto das nossas faculdades morais; é de acordo com a moral que o ser humano desempenha os bons costumes” (Sujeito 33).</i></p> <p><i>“A moral é (um) conjunto de normas e opiniões éticas de um indivíduo que se segue(m) por serem consideradas normais perante a sociedade.” (Sujeito 34).</i></p> <p><i>“A moral para mim é sermos pessoas, sabermos e termos consciência dos nossos actos e atitudes. Nós somos seres humanos e temos os nossos comportamentos que devemos ultrapassar” (Sujeito 51).</i></p> <p><i>“A moral gere o comportamento, o que devemos fazer, seguindo normas e códigos que orientam a nossa vida. A moral consiste num princípio de querer ser um ser sociável e pertencer a uma sociedade, seguindo normas e códigos. Os nossos costumes, princípios são regulados pela moral, assim como o modo de agir, sentir e proceder para com os outros. A moral tem a ver com o espírito” (Sujeito 55).</i></p> <p><i>“(…) a moral é algo que diferencia conforme a sociedade em que cada um vive. As coisas ou atitudes morais ou imorais dependem de cada sociedade. (…) certas atitudes (…) devido à moral, muitas pessoas preferem esconder ou até mesmo ignorar, fingir que não as sentem para não violar essa moral imposta pela sociedade” (Sujeito 23).</i></p>
<b>Moral como forma de consciência</b>	<i>“(…) desde que a pessoa aja correctamente, não para ficar bem perante os outros, mas sim consigo própria, está a agir moralmente (…)” (Sujeito 57).</i>

**ANEXO 6a:** Respostas dadas pelos alunos durante o estudo da obra: a 1ª Questão

**QUESTÃO 1:** “Qual lhe parece ser a importância da ética na época actual?”

Dê exemplos e justifique bem a sua resposta.”

**RESPOSTAS OBTIDAS POR TEMAS:**

TEMAS PRESENTES NAS RESPOSTAS:	RESPOSTAS DADAS PELOS ALUNOS À PRIMEIRA QUESTÃO:
Ética como inexistente	<p>“Qual ética? Aquele esquecido e amaldiçoado tesouro que entrou há muito em corrosão por chuvas ácidas caídas de céus desesperados, sendo transformado em limalhas dispersas em fusão sobre o calor da fornalha de um ferreiro ao serviço do mal, forjando a espada, destruidora da pura, inocente e frágil vida humana?” (Sujeito 47).</p> <p>“(…) Kant dizia também que se agia de duas maneiras, uma era para o “bem” para o próximo sem futuras retribuições, e o agir “mal”, fazendo o bem ao próximo como futuros retribuições.</p> <p>Hoje em dia (…) já quase todas as pessoas agem em (função de) favores (…) futuros (…).</p> <p>(…) a ética de Kant e a ética actual torna-se diferente neste aspecto mudando muito as coisas” (Sujeito 37).</p> <p>“(…) A obra defende a moral e a ética no bom sentido, (…) fala-nos de acções puras, de acções feitas sem segundas intenções, (…) fala-nos dum viver em sociedade em que cada um tem de fazer o bem para a sociedade atingir o melhor de si e o que vemos na sociedade (…) é o contrário (…) as pessoas já não confiam umas nas outras, já não há respeito pelos seres humanos, as acções feitas raramente são feitas sem ter um objectivo por (de)trás” (Sujeito 18).</p>
Não sabem	<p>“Não sei” (Sujeito 48).</p> <p>“Não sei” (Sujeito 29).</p>
Ética e os princípios que sejam uniformes para todos	<p>“(…) Na época em que vivemos, cada vez mais as pessoas são egoístas, não têm preocupação com o outro, penso que cada vez mais temos que ter em atenção a ética de modo a criar um ambiente social melhor (…)” (Sujeito 50).</p> <p>“(…) Torna-se difícil manter a ética quando não se tem condições para praticá-la. (…) não há qualquer desculpa que justifique a falta de ética” (Sujeito 46).</p> <p>“(…) é possível (…) na época em que foi escrita a obra não existia(m) os problemas que existem hoje em dia como a economia a violência (…). Hoje em dia a ética é aplicada e falada em tudo, deixou de ser um idealismo como era na época de Kant, talvez porque todos nós sabemos que a sociedade nunca irá funcionar de uma forma completa, pois todos os seres são diferentes entre si, todos têm personalidades diferentes, medos, distúrbios, anseios e valores diferentes, cada ser é único e por isso cada um tem uma consciência diferente dos outros e age de forma diferente que pode não ir de encontro aos valores universais da sociedade” (Sujeito 24).</p>
Ética e Valores	<p>“(…) O homem tem os seus valores que devem ser orientados por cada um em si próprio. Cada pessoa tem as suas regras, leis e condutas a que tem de obedecer” (Sujeito 51).</p> <p>“É muito importante a ética na época em que estamos (…). Ex: os comportamentos nas escolas perante alunos e professores. O desemprego devido às novas tecnologias” (Sujeito 49).</p>

	<p><i>"A ética possui uma grande importância no nosso dia-a-dia. Seja em que época for, seremos sempre obrigados a fazer juízos de valores e a distinguir o bem do mal em variadas acções que cometemos na nossa vida"</i> (Sujeito 42).</p>
<b>Ética e discriminação</b>	<p><i>"Acho que a ética é muito importante na época actual, uma vez que nos ajuda a relacionarmo-nos uns com os outros, a convivermos em sociedade, respeitando-nos mutuamente – o que vai ser importante, por sua vez, para nós próprios, conscientemente, para agirmos segundo a lei moral.</i></p> <p><i>É muito importante, por exemplo, para uma pessoa, o facto de ser discriminada por determinada característica física estereotipada (...)"</i> (Sujeito 53).</p>
<b>Ética e oportunismo</b>	<p><i>"(...) ainda acontecem situações "aberrantes" e que nos deixam completamente perplexos como por exemplo a guerra no Iraque, feita e iniciada por pessoas, governantes, que vivem num mundo moderno onde a ética devia ser aplicada, primariamente pelos governantes destas mesmas sociedades actuais"</i> (Sujeito 1).</p> <p><i>"(...) O poder económico e político influencia muitas vezes a noção de ética. (...) nos países árabes a mulher é um ser sem direitos porque quem faz as leis são os homens é do seu interesse que assim seja. (...), o fazer o bem é influenciado pelos interesses próprios"</i> (Sujeito 29).</p> <p><i>"(...) a ética deve ser encarada como um meio de acção para responder aos contras presentes na sociedade"</i> (Sujeito 6).</p> <p><i>"(...) Infelizmente muitos usam para uso próprio, não a usam de acordo com o dever, mas apenas para agradar aos outros; ou para saírem vencedores de mais um conflito que ganharam usando falsas promessas. No mundo de hoje há poucas pessoas que usam a ética de acordo com o seu valor moral, pois a maioria usa-a de acordo com os objectivos que visam atingir. Há seres humanos que usam outros seres como coisas, como meros objectos apenas para conseguirem algo, o que é péssimo para a sociedade; pois as leis vão perder o seu valor e qualquer dia não haverá justiça, pois já não há leis, já não há ética nem moral"</i> (Sujeito 21).</p> <p><i>"(...) se não agirmos de acordo com a ética, podemos "ganhar" alguma posição numa corrida e por exemplo num emprego, mas também podemos perder um emprego para alguém que não tenha qualquer noção de ética e que faça qualquer coisa, mesmo que para isso "pise" alguém, para atingir um objectivo"</i> (Sujeito 54).</p> <p><i>"A ética é importante na época actual, e será sempre importante em qualquer época futura, (...) Numa altura em que somos bombardeados por notícias de todo o tipo de terrorismo (físico, psicológico) onde os direitos humanos são constantemente postos em causa (...) deveríamos dar mais valor à ética kantiana. Exemplo: Políticos que mentem na tentativa de chegar ao poder.</i></p> <p><i>No mercado de trabalho beneficia-se o amigo e não o mais bem preparado para o desempenho das funções. Países em que crianças são exploradas no mercado de trabalho. Escravidão (...)"</i> (Sujeito 3).</p> <p><i>"(...) em parte sim. (...) alguns dos princípios são muito parecidos simplesmente é quase impossível pôr em prática da forma como Kant expõe os seus princípios. Na época em que vivemos é muito raro fazermos algo sem segundas intenções e sem usar um meio para atingir aquele fim"</i> (Sujeito 23).</p> <p><i>"Na obra (...) estão mencionados vários valores, a moral, o dever, a dignidade, a lei Moral, Necessidade, Felicidade; são valores que se vão perdendo ao longo do tempo a(s) suas verdadeiras definições, embora a obra seja actual, a maior parte dos humanos hoje em dia não pensam, nem agem como realmente deveria ser, existe sempre algo em troca para se atingir os fins; hoje em dia as pessoas são egoístas, hipócritas, falsas, interesseiras, o que realmente é um problema, já não existe humanidade"</i> (Sujeito 16).</p>
<b>Ética e eutanásia</b>	<p><i>"(...) a ética que parte de uma atitude do dever "poderia agir assim, mas não devo, portanto farei assim ou assim": Exemplos desta situação são a eutanásia em que o médico está entre este grande dilema que é o de poder ou dever pôr fim ou não à vida da pessoa que já pouco vive, a menos que esteja ligada às máquinas"</i> (Sujeito 1).</p>

<p><b>Ética e o relacionamento com os outros</b></p>	<p><i>"(...)daí ser uma atitude mental e extremamente necessário no convívio que todos necessariamente (têm) que manter em sociedade."</i> (Sujeito 1);  <i>"A ética "obriga-nos" a respeitar os outros, exige-nos que sejamos desta ou daquela forma, porque é o que está certo, é o que deve ser feito (...)"</i> (Sujeito 4).</p> <p><i>"(...) com a ética existem os princípios de cada indivíduo, que tem opção de os seguir ou não (...). A capacidade de o homem saber viver naturalmente com ética é indispensável"</i> (Sujeito 5).</p>
<p><b>Ética e respeito pelos animais</b></p>	<p><i>"(...) todos nós deveríamos ter conhecimento destas cruéis torturas, muitas pessoas fecham os olhos, tapam os ouvidos e continuam a comer o seu belo bife. (...) qualquer tipo de exploração animal é eticamente errada, visto que existem muitas alternativas para evitar a morte e o abuso em massa"</i> (Sujeito 6).</p> <p><i>"A Ética na actualidade é importante e fundamental. (...) só sendo moral e ético se poderá viver com dignidade e respeito próprio. (...) actualmente a clonagem, as armas nucleares, o respeito pelos animais (...). No outro dia, encontrei um gato que tinha sido atropelado mas que estava ainda vivo; por essa estrada passam imensos carros e peões, mas ninguém foi capaz de pegar no animal e levar para o veterinário; se eu não o tivesse levado, provavelmente teria morrido no passeio. Isto só prova que as pessoas são egoístas e não respeitam os animais. (...) a ética em relação aos animais em Portugal quase não existe"</i> (Sujeito 36).</p>
<p><b>Ética e o desenvolvimento científico: o poder e os riscos da ciência</b></p>	<p><i>"A ética na época actual é muito importante (...) é o exemplo da clonagem humana, que move muito dinheiro e cientistas importantes, e esses cientistas para se manterem nas luzes da ribalta têm de estar sempre a investigar cada vez mais, o que os leva muitas vezes a "ferir" o ser humano com alguns comportamentos menos éticos"</i> (Sujeito 7).</p> <p><i>"Na época actual a ética é da maior importância (...) nesta sociedade"</i> (Sujeito 28).</p>
<p><b>Ética e justiça</b></p>	<p><i>"A ética é importante na época actual como em qualquer outra época (...)"</i> (Sujeito 9).</p> <p><i>"A importância da Ética na época actual é muito grande (...) vivemos numa grande sociedade e (...) a ética tem de ser uma coisa que predomina em cada um (...) todos nós fazemos parte duma sociedade comum e se a ética de cada um de nós for bastante diferente (...) sociedade não evolui (...)"</i> (Sujeito 18).</p> <p><i>"A ética actualmente é como que a "lei" que regula o respeito que as pessoas têm umas pelas outras, como tal é bastante importante. Ex: os jornalistas quando escrevem artigos e estão a escrevê-los influenciados por alguma coisa, estão a ter falta de ética, ou seja, um jornalista que seja claramente apoiante de um clube de futebol e ao escrever um artigo se deixe influenciar pelo coração em detrimento da razão, demonstra falta de ética (...)"</i> (Sujeito 15).</p> <p><i>" (...) ética é (...) o que está correctamente, como exemplo estamos numa fila para entregar o IRS está uma pessoa idosa, ou uma senhora grávida, eticamente e como civismo deveriam ter prioridade e serem os primeiros da fila, é claro que hoje em dia raramente acontece"</i> (Sujeito 16).</p>
<p><b>A imensa actualidade da Ética</b></p>	<p><i>"(...) a importância da ética na época actual é fundamental. Mas não parece para todos os jovens da minha idade"</i> (Sujeito 10).</p> <p><i>"A ética é extremamente importante na época actual. (...) A ética guia-nos a agir em conformidade com a lei. A agir de boa vontade e moralmente"</i> (Sujeito 11).</p> <p><i>"(...). Como exemplos temos: ceder o lugar a uma pessoa idosa ou com dificuldades de locomoção no autocarro ou num consultório médico. Ou simplesmente o facto de no nosso trabalho não fazermos todos os possíveis para ajudar alguém"</i> (Sujeito 17).</p>

*"A ética na época actual é muito importante (...) Ética (...) é aquilo que pensamos, distinguir o certo do errado e saber o que se está a fazer, se é eticamente correcto ou não. Cada indivíduo tem a sua ética (...) o que um pode considerar eticamente correcto o outro pode considerar eticamente errado. Estas diferenças dependem da sociedade em que estamos inseridos" (Sujeito 19).*

*"A Ética é importante na época actual tendo em conta as consequências que podem ou não vir dela (...) é necessário que todo o ser humano tenha a noção do princípio moral de Bem do qual a Ética tem que passar.*

*(...) como exemplo, a escolha de um partido político na votação em que o fundamental é averiguar (...) qual a sua ética e não determinados factores como a maioria da popularidade, o seu aspecto físico (...) ou também um meio para chegarmos apenas aos nossos objectivos" (Sujeito 22).*

*"(...) Discutimos se é permissível ou não uma mulher fazer um aborto, se a pena de morte é certa ou errada ou até que ponto se aceita o uso de animais em experiências científicas" (Sujeito 23).*

*"(...) a ética actualmente é a base na nossa sociedade (...) não é tratada como uma questão teórica é posta em prática pelos próprios actos que praticamos todos os dias. Actualmente a ética está em toda a parte, não apenas nas relações pessoais, como também no meio laboral, na política, em tudo. A consciência de que as nossas acções podem afectar negativamente a vida das outras pessoas deve estar sempre presente em cada um de nós, e desta forma devemos agir conforme a nossa consciência, em todos os aspectos da nossa vida, tanto a nível pessoal como no meio laboral e principalmente conosco próprios.*

*A ideia de que a ética rege a nossa sociedade advém (...) do progresso e da melhoria dos padrões de vida (...) é necessário que existam valores morais para que possamos viver em sociedade.*

*Um bom exemplo é a ética profissional que existe em todas as profissões, com vista a melhorar a convivência e a vida de todos" (Sujeito 24).*

*"A ética tem uma importância fundamental para a vivência em sociedade (...). Na época actual existe a tendência de relevar os valores correctos, em virtude de se viver num período em que a concorrência é bastante grande, até a nível das pessoas, existe muitas das vezes um atropelo dos direitos do próximo. O grande mal da nossa sociedade: muitas das vezes para tratarmos dos nossos assuntos e para que sejam resolvidos, temos de (...) recorrer a outras pessoas nossas conhecidas, afim dos assuntos serem tratados, não devia ser assim, (...) todos nós temos de ter os mesmos direitos, não seria necessário estar a pedir favores, visto que não são favores são direitos de todos nós, esta dependência está institucionalizada. Esperemos que vá mudando!" (Sujeito 25).*

*"A ética na actualidade é bastante importante (...) a Ética profissional que (...) se refere ao homem (...) numa determinada situação profissional, impõe-lhe normas gerais, que têm por objectivo dirigir o homem para a prática do Bem (...) para a prática dos seus deveres, assegurando à instituição para que trabalhe um funcionamento eficiente, condigno e honroso. Através do seu comportamento ético, o homem confere prestígio à instituição que representa, o que cada vez mais é necessário" (Sujeito 26).*

*"(...) actualmente a ética tem (...) bastante importância (...) faz com que as pessoas reflectam sobre as acções que as movem, o que na nossa sociedade actual tem demasiada importância, já que a mesma demonstra crise de valores (...)" (Sujeito 32).*

*"O ser humano desde sempre, tem vivido em função dos costumes que lhe são impostos, sendo a partir destes que delimita uma finalidade para cada função que desempenha. (...) o acto de quase sempre haver uma finalidade não quer dizer que o homem tenha sempre de ganhar algo, perante aquilo que desempenhou (...) muitos dos actos não são premeditados, mas sim desempenhados por Boa Vontade. A ética (...) faz com que haja um respeito, uma atitude cuidada e de bom senso (...)"*

*"(...) a ética a nível de uma profissão como a do médico, este tem que apresentar respeito perante os doentes e os colegas, tem de haver bom senso nas decisões e a aparência*

*outras devem seguir a ética” (Sujeito 33).*

*“A Ética é importante nos dias de hoje (...) é necessário que cada indivíduo tenha presente a noção de ética, de forma a que a vida em sociedade seja mais fácil e moral. (...) a forma como nos comportamos em diversas situações e a educação para com os outros (...) é importante os indivíduos terem estes conceitos presentes” (Sujeito 34).*

*“(...) existe uma pequena diferença entre as ideias da obra, a moral e a ética embora elas sejam estudadas e compreendidas na época em que vivemos. Através da obra, Kant representa um conjunto de normas e regras para cada um ser humano, sobre o que se pode ou não fazer de modo a atingir o que se deseja. Permite estabelecer o valor moral das nossas acções e a ideia de ética só seja atingida quando nos libertamos das inclinações e dos interesses particulares.*

*A moral (...) é um sistema de regras para todos os seres em si mesmos. Para segui-las temos que considerar o outro como pessoa como um fim em si mesmo e não como um meio de que nos possa servir para atingir os nossos alvos. (...) as ideias de moralidade são mais fáceis para entender (já as conhecemos) do que seguir as regras da obra, que precisam de concordância entre as acções, as inclinações e a lei moral. Mas ao mesmo tempo são mais difíceis para agir (...) independente das nossas inclinações.*

*(...) cada vez nós afastamo-nos mais da moralidade, da religião, da ética. A vida hoje é muito desencaminhada. (...) nem sempre podemos agir de acordo com a Lei Moral. (...) pelo menos, temos as condutas estabelecidas e quem quer ser autónomo e realizar a sua dimensão como pessoa só tem de se afastar dos conhecimentos sensíveis. E é (...) isso que pretendem ensinar as ideias da obra, da moral e da ética e que tem em comum” (Sujeito 31).*

*“A ética na actualidade é fundamental para o homem se enquadrar na sociedade, agindo conforme os princípios máximos da moralidade, para que seja visto como uma pessoa justa, honesta e com princípios morais.*

*Apesar de hoje em dia haver vários obstáculos para agir conforme estes princípios, tais como o consumismo, a ambição e o desejo a qualquer custo de riqueza. Felizmente há pessoas que são identificadas como modelos para a sociedade, pessoas (...) que lutam pela paz, pelo fim da pobreza e fome no mundo. A nível individual, podemos indicar o falecido Papa João Paulo II como uma pessoa que lutou e tentou dar voz ao mundo e a todos esses problemas da humanidade.*

*A nível colectivo, a ONU é a organização que tenta controlar e apaziguar todos esses aspectos negativos da humanidade. Organização essa que se orienta fundamentalmente por esses princípios éticos e morais” (Sujeito 52).*

ANEXO 6b: Respostas dadas pelos alunos durante o estudo da obra: a 2ª Questão

Respostas dadas à segunda questão do segundo conjunto de questões (aplicadas ao longo do estudo da obra FMC): “Acha possível estabelecer uma comparação entre a obra que está a estudar, a “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” e a moral e a ética da época em que vive? Porquê?”

Quadro a – É possível comparar a obra (FMC) com a época actual:

Lista de sujeitos respondentes:	Sim. É possível comparar a obra (FMC) com a época actual:	Justificação da resposta dada:
(Sujeito 1).	“Sim”.	“(…) a situação continua, a génese humana continua a estar impregnada de atitudes egoístas e pouco altruístas (...) é muito difícil para nós pormos o bem acima de tudo e fazermos as coisas sem interesse egoísta (...) continua a haver um grande dilema entre o “como devo agir?” (...) é perfeitamente possível estabelecer tal paralelo(...) os erros continuam sempre a ser os mesmos e a “imperfeição” da humanidade é cada vez maior (...) cada vez mais improvável chegar ao Bem Supremo”.
(Sujeito 4).	“Acho que é possível estabelecer essa comparação”.	“(…) de acordo com a filosofia de Kant, se a moral é um bem supremo (...) é intemporal, existem em qualquer época. Em qualquer parte onde exista a humanidade, porque são valores intrínsecos do homem, independentemente do meio social ou histórico”.
(Sujeito 7).	“Sim”.	“(…) tudo o que está descrito na obra “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” aplica-se na perfeição na nossa actualidade (...) o ser humano da actualidade tem a tendência para passar um pouco ao lado do que a moral e a ética exige(m), como é o caso da amizade, o amor, a piedade, etc. (...) aparece-nos o problema de promessas sem fundamento, podemos dar o exemplo dos políticos, que na altura que precisam prometem tudo, mas depois quando chega a hora automaticamente dão-lhes amnésias profundas”.
(Sujeito 8).	“Sim, acho possível”.	“(…) os vários exemplos descritos na obra ainda hoje podem ser utilizados para explicar a moral e a ética; (...) na época em que vivemos continua a ser errado enganar os outros para nosso proveito, utilizarmos os outros como um meio e não como um fim, como se de uma coisa se tratasse. Na sociedade actual os valores morais continuam a ser os mesmos de alguns séculos atrás, tais como: amor, amizade, dignidade, tolerância.... Mas ainda hoje se continua a “violar” a liberdade e os direitos das outras pessoas; talvez agora vivamos num mundo em que apesar de haver mais conhecimento e de nos ser inculcado a moral e a ética, logo em pequenos, estes dois conceitos principalmente a ética, estejam um pouco em “desuso” (...) cada vez mais, parece que nos esquecemos nos outros e os utilizamos para nosso proveito (...) é o que mais se tem notado na nossa sociedade, exemplo disso são os políticos, que nos utilizam como um meio, e não como um fim, para seu próprio proveito”.
(Sujeito 10).	“Sim, é possível estabelecer uma comparação entre a	“(…) as pessoas desta época agem, sempre, pelo menos 90% da população, por conforme o dever. Estes não olham a meios para atingir fins. Só conseguem agir pelo seu próprio

	<i>obra e a época em que vivo”.</i>	<i>bem-estar financeiro/lucrativo e não no sentido de ajudar, bem fazer, aos outros voluntariamente, sem estar à espera de alguma coisa, dinheiro, ou de um bem em troca. Infelizmente (...) a maior parte de nós, espera sempre por algum interesse. (...) desde muito nova oiço que o trabalho não é o gozo de aquecer, mas sim de receber!”</i>
(Sujeito 11).	“Sim”.	“(…) A moral é universal e imutável no tempo (...) continua a ser actual (...)”.
(Sujeito 17).	“A obra <i>“Fundamentação da Metafísica dos Costumes”</i> , no meu ponto de vista enquadra-se na Moral e na Ética da época em que vivemos”.	“(…) porque nos ensina e faz compreender a forma como agimos. Na obra, Kant demonstra através de exemplos que não devemos fazer aos outros aquilo que não gostamos que nos façam a nós, e isso é primordial ainda nos dias de hoje. Esta obra ainda é considerada actual para a época presente”.
(Sujeito 21).	“Sim, podemos estabelecer uma comparação entre a obra e a actualidade”.	“(…) A obra fala-nos de valores morais e éticos; tem referências a não usar os outros como meios para atingir os seus fins, em não fazer falsas promessas. Se transferirmos isto para os dias de agora vamos verificar que o mundo está cheio de falsas promessas; basta ligar a TV, o rádio ou ler um jornal e apenas vimos, ouvimos ou lemos a campanha política. E o que é a campanha política além de falsas promessas?”
(Sujeito 22).	“É bem possível estabelecer uma comparação entre a obra a estudar e a moral e a ética da época em que vivo (...)”.	“(…) tendo em conta a noção de perfeição, a avaliação moral e ética de Kant que nos expõe como um princípio de razão, um princípio de acção da qual o homem desconhece, ou que por vezes não sabe reconhecer por e simplesmente porque não faz parte dos seus costumes do dia a dia. Daí esta obra se chamar <i>Metafísica dos Costumes</i> e ter tudo explícito como forma de fundamentação para que daí possamos retirar conclusões do dever, da veracidade da realidade humana”.
(Sujeito 25).	“Sim”.	“(…) visto que a nossa vivência em sociedade necessita destes valores, para ser uma sociedade mais justa, têm que existir regras que nos orientem, mas também temos que ter valores morais nossos que nos levem a agir no bom sentido, tem que existir vontade boa em cada um de nós. A obra reporta-se a uma época, em que surgiu a consciência que todo o ser humano tem os mesmos direitos e deveres (...) Com o iluminismo deu-se uma grande mudança cultural, comportamental de valores, foi com origem nestas mudanças que a nossa sociedade é hoje uma sociedade com os mesmos valores morais e éticos que naquela época. Moral e a ética são e serão sempre, temas muito actuais”.
(Sujeito 26).	“Sim, é possível estabelecer uma comparação entre a obra e a época em que vivemos”.	“(…) sem a Ética, que estabelece os princípios e os valores e sem a moral que (...) estabelece as normas de comportamento e deveres, o mundo tal como hoje o conhecemos, não existiria, uma vez que sem esses princípios universais, o homem que tanto tem de bom como maléfico, não conseguiria coexistir com os restantes da sua espécie”.
(Sujeito 27).	“Acho. A obra que estou a estudar fala precisamente no que não acontece no dia a dia na época em que vivo”.	“Na época em que vivemos age-se sempre conforme o dever; pois se faz alguma coisa há sempre alguma coisa atrás dessa; as pessoas hoje em dia não são sinceras, honestas no que fazem ou dizem. A obra <i>“Fundamentação da Metafísica dos Costumes”</i> reflecte bem a época em que vivemos; faz compreender a humanidade e ver a realidade”.

(Sujeito 28).	"Sim, acho que é possível estabelecer uma comparação".	" (...) apesar dos valores desta época serem um pouco diferentes dos valores da época de Kant. As questões e interrogações da época em parte são as mesmas. Kant viveu na época da revolução francesa, época em que os direitos do homem estavam na base da mudança da sociedade. Hoje os direitos do homem continuam a ser defendidos. Embora ainda em muitos países assim não seja".
(Sujeito 32).	"(...) eu penso que de facto se pode fazer uma ligação entre a obra e a época actual, no que refere aos Direitos Humanos, mais principalmente à moral".	"Sendo que na obra "Fundamentação da Metafísica dos Costumes" está patente de forma intensa a problemática dos direitos humanos (...) Actualmente o homem tem a mesma incapacidade de se inserir no mundo moral, em que o capitalismo se intromete no caminho de acesso à moral. Daí que o homem ignore ainda e não queira ultrapassar essa ignorância, por "amor" ao materialismo, no que respeita a um assunto que só devia que estar mais avançado, que é o próprio direito do homem, que a meu ver, não refere só ao homem em si, mas ao seu verdadeiro papel como tutor e responsável pelo planeta".
(Sujeito 33).	"Sim, pode-se estabelecer uma comparação".	"(...) a obra "Fundamentação da Metafísica dos Costumes", apesar de ter sido escrita em 1797, perante a Revolução Francesa, e uma religião pouco divulgada (o Pietismo), abrange de tal forma uma finalidade que continua actualizada ao longo dos tempos, vindo a ser utilizada no dia a dia do homem. (...) se não houvesse moral e ética, no ser humano, era impossível, uma vivência digna entre ele".
(Sujeito 34).	"Sim, penso que a obra de Kant tenha uma certa actualidade".	"(...) a obra fala-nos da ética e da moral segundo a visão de Kant, embora a sociedade actual não tenha muitos pontos em comum com a visão de Kant".
(Sujeito 54).	"É possível estabelecer uma comparação entre a obra "Fundamentação da Metafísica dos Costumes" e a moral e a ética actual".	"(...) na referida obra, Kant distingue as acções em: "Por dever" e "conforme ao dever". Hoje em dia (...) cada vez mais os seres humanos têm algumas atitudes apenas porque a isso são obrigados".
(Sujeito 53).	"Sim, acho que é possível estabelecer uma comparação entre a "Fundamentação da Metafísica dos Costumes" e a moral e a ética da nossa sociedade".	"(...) Apesar da diferença das épocas, os conceitos fundamentados na obra são muito actuais e "encaixam-se" na nossa sociedade. A moral e a ética são muito importantes para o desenvolvimento e a realização da nossa vida, apesar de cada vez mais se verificar um distanciamento entre o agir moralmente e a realidade ("quase" imposta pela sociedade para se atingir o sucesso, por exemplo, profissionalmente)".
(Sujeito 51).	"Sim".	"(...) os tempos mudam, a evolução da ciência, os novos progressos na medicina. Cada vez mais há métodos de melhorar as capacidades das pessoas. Cada vez existem melhores condições de vida, mas teremos de ajudar os mais necessitados".
(Sujeito 48).	"Sim".	"(...) se todos agissemos por lei, então seríamos uma sociedade respeitada, em que muitas vezes nem respeitamos ninguém. Há falta de cidadania".
(Sujeito 49).	"Sim".	"(...) é uma forma de despertar a razão humana para lutar contra os preconceitos, contra a tradição, contra a superstição, contra qualquer tirania exterior à razão.

		<i>Vivem-se actualmente os apetites associados à sensibilidade, como os desejos, apetites e inclinações que Kant desvaloriza e critica”.</i>
(Sujeito 46).	“Sim”.	<i>“(…) a época actual não usufrui do poder que a moral e a ética provocam em termos sociais. Os indivíduos seriam bem mais felizes se seguissem a filosofia apresentada na “Fundamentação da Metafísica dos Costumes”.</i>
(Sujeito 36).	“Sim”.	<i>“(…) a moral e a ética são conceitos universais, logo, intemporais. O que Kant entendia com a Moral e a ética assemelha-se muito com o significado actual desses dois conceitos. A filosofia de Kant era idealista devido à época em que ele vivia, mas se ele vivesse nesta época, provavelmente seria mais realista e menos sonhador. Mesmo hoje existem pessoas que acreditam na humanidade e que têm esperanças que tudo vai melhorar no mundo. (...) se todos nos esforçarmos ao máximo de fazer o bem, mesmo se não atingimos a perfeição, não faz mal (...) ao menos pode-se dizer que tentamos e isso é que é importante”.</i>
(Sujeito 42).	“É possível estabelecer uma comparação”.	<i>“(…) o princípio básico da moral e da ética manteve-se inalterado com o passar do tempo (...) com certas nuances, o que era ético e moral na altura, continua a ser agora”.</i>
(Sujeito 5).	“Sim”.	<i>“(…) no fundo, passem séculos, anos ou dias, continuamos, nós, seres humanos, a desejar (mesmo que não tenhamos coragem de o aceitar), o mundo da moral e da ética que Kant defendeu e acreditou ser possível. Seria possível hoje, como o era na época de Kant, bastava apenas sermos pessoas”.</i>
(Sujeito 52).	“Sim”.	<i>“(…) todos os princípios morais e éticos que a obra apresenta são os mesmos (...) que (...) na actualidade nos servem de exemplo. (...) As (...) barreiras que o homem tinha para conseguir agir com moralidade, são exactamente as mesmas que a nossa sociedade actual tem e que cada vez mais evita ao homem (...) agir com moralidade; são (...) os interesses monetários, a inveja, a ambição (...). Apesar de haver um longo tempo entre a obra e a nossa sociedade actual, há várias semelhanças nos princípios éticos e morais, como também nos obstáculos materiais em que o homem se confronta hoje em dia”.</i>

Total de alunos que responderam que sim: 26.

**Quadro b – Não é possível comparar a obra (FMC) com a época actual:**

Lista de sujeitos respondentes:	Não é possível comparar a obra (FMC) com a época actual:	Justificação da resposta dada:
(Sujeito 6).	"Não".	<i>"Pelo que tive oportunidade de ler a filosofia de Kant é demasiado perfeita, as pessoas não têm estas ideias que a meu ver são positivas, actualmente vive-se numa sociedade capitalista consumista que assenta num pilar chamado exploração, exploração de crianças, animais, mulheres, todos nós sabemos que é praticamente e eticamente incorrecto, mas continuamos a fazer as mesmas coisas e a cometer os mesmos erros, porque é a única maneira de se vencer neste meio impuro e corrupto, salve-se quem puder é o termo utilizado, para quê pensar? Quando estamos alienados em frente a uma TV vendo desgraças e pensando que a tragédia nunca nos irá bater à porta".</i>
(Sujeito 9).	<i>"Acho que não é possível fazer uma comparação entre a obra que estamos a estudar e a ética e moral da nossa época".</i>	<i>"(...) isto porque são muito diferentes. Na obra, tudo tem de ser correcto e feito de livre e espontânea vontade (...) na nossa época não (...) por vezes para atingirmos alguns objectivos ou metas temos de fazer coisas que parecem bem na sociedade".</i>
(Sujeito 19).	"Não".	<i>"Na época em que vivemos (...) na generalidade cada um de nós preocupa-se apenas com o nosso próprio bem-estar e não com o dos outros. Os objectivos de cada um são apenas atingir todos os seus objectivos e sem olhar a meios. Enquanto que Kant nesta obra explica que agimos livremente, tanto para ajudar os outros como para connosco próprios sem esperar nada em troca".</i>
(Sujeito 50).	"Não".	<i>" (...) na época em que vivemos, a maioria das pessoas não utiliza as máximas para orientar a sua vida, ou seja, "age de tal forma que a máxima da tua vontade possa valer simultaneamente como princípio de uma lei universal": Geralmente esta e outras máximas não são respeitadas".</i>
(Sujeito 56)	"Não".	<i>"(...) a moral e a ética não vão tanto ao fundo da questão, pois vive-se muito na superficialidade, na indiferença. (...) Hoje (...) faço assim, porque tenho de cumprir estas leis e não como necessidade interior. Tudo quanto mais fácil for, melhor. O que é mais cómodo. Há muita coisa boa, muitas iniciativas, mas é pouco para a época em que vivemos".</i>

Total de alunos que responderam que não: 5.

**ANEXO 7a: Respostas dadas pelos alunos após o estudo da obra: a 1ª Questão**

As respostas dadas à primeira questão “Que contributos da obra “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” lhe parecem mais marcantes na actualidade?”	
Contributos considerados mais marcantes:	Respostas dadas pelos alunos à questão proposta:
Contributos de ordem moral:	<p>“(…) a fórmula de que devemos agir de tal modo que a nossa acção possa ser praticada por todas as outras pessoas dando-nos assim a liberdade de podermos escolher ser ou não seres morais. Estas são as vertentes que eu considero aplicáveis nos dias de hoje e que dá um toque especial à obra que estudei, porque a posso considerar intemporal, tendo em conta que foi escrita há aproximadamente 200 anos” (Sujeito 1).</p> <p>“(…)que nos possa dar a explicação e objectivo da nossa existência e para o qual devemos lutar, tendo em vista a perfeição. (...) que a perfeição é o que todo o homem procura mas, como grande parte não estuda Kant, ou não prestou atenção nas aulas, acaba por se dispersar nos objectivos a atingir” (Sujeito 4).</p> <p>“(…) Não agir só segundo as regras da sociedade mas também agir de maneira própria e racional” (Sujeito 15).</p> <p>“(…) o contributo mais marcante desta obra foi justamente a questão da ética, Kant iniciou uma linha de pensamento que está presente até hoje nas nossas vidas (...) mais desenvolvida e aplicada a outras áreas, mas ainda marca a nossa vida” (Sujeito 24).</p> <p>“(…)Os conceitos ajudam a compreender melhor os outros e aumenta a capacidade do nosso raciocínio. Kant não nos dá aquilo que podemos encontrar nos vulgares tratados de conduta, mas representa um conjunto de enunciados sobre o que se pode ou não fazer, de modo a atingir o que se deseja (...)” (Sujeito 31).</p> <p>“A moral” (Sujeito 49).</p> <p>“(…)Os contributos (...) são os de comparar a evolução desde o século em que viveu Kant e podermos confrontar com esta época onde a tecnologia e as ciências estão cada vez mais próximas de nós e temos cada vez mais acesso a elas” (Sujeito 51).</p> <p>“Apesar de ser um pouco desactualizada, acho que os contributos da obra são importantes na actualidade (...) hoje em dia as pessoas dão mais importância ao dinheiro, luxos, carreiras, do que em fazer o bem. (...) o estudo desta obra deveria ser obrigatório para todos (...) muitas pessoas não têm uma educação com princípios morais, não sabem o que é a Ética e não distinguem o bem do mal” (Sujeito 36).</p>
Direitos humanos e justiça:	<p>“(…) assenta precisamente no comportamento das pessoas, de forma a tornar mais justa e digna a relação com terceiros. Foi também importante na medida em que serviu de inspiração a várias entidades internacionais que zelam pelos direitos de liberdade e de igualdade” (Sujeito 3).</p>
A acção humana como sendo ética:	<p>“(…), o que me parece mais marcante na actualidade para que esta obra tenha contribuído, é o facto de agir. Agir, porque no quotidiano, a maior parte das acções são feitas com alguma intenção</p>

	<p>(de dinheiro ou outra remuneração).          (...) para mim (que também não sou diferente dessa maior parte das pessoas) ajo segundo uma intenção seja ela boa ou menos boa.          (...) também acredito que se não tivermos nenhuma intenção maldosa por detrás da acção, seja muito gratificante” (Sujeito 10).</p> <p>“(…) é a forma como as pessoas agem no seu dia-a-dia (...)” (Sujeito 27).</p> <p>“É certo que Kant, com a sua obra, além de outros filósofos iluministas, influenciou a problemática dos direitos humanos e ainda hoje essas influências estão patentes. Quando o homem se questiona a si mesmo se age correctamente ou não para com os outros, se as suas acções podem visar positivamente os outros, se utiliza ou não o próximo como meio para obter algo, todas estas interrogações e muitas mais não só se punham na época de Kant, como se põem no mundo contemporâneo” (Sujeito 32).</p> <p>“(…) existem conceitos marcantes na obra (...) a boa vontade das acções, autonomia das acções, a dignidade moral, respeito. Estes conceitos são importantes na actualidade” (Sujeito 34).</p> <p>“(…) Posso colocá-la com resposta a muitas questões, como por exemplo: de onde veio a vontade de ajudar o próximo? Como sabemos nós que o conhecimento parte através da pura verdade e pura acção? Estas questões revelam-se entendidas depois de ler esta obra” (Sujeito 37).</p>
<p><b>A valorização do dever em detrimento dos interesses sensíveis:</b></p>	<p>“O facto do ser humano ascender à razão apenas se deixar os seus conhecimentos empíricos de parte e tudo o que é sensível.          Parece-me bem actual esta ideia. (...) se o homem deixar de parte o mundo sensível, só assim ele é livre, autónomo e auto-suficiente. Só assim ele se pode realizar como pessoa e através da razão adquirir o verdadeiro conhecimento” (Sujeito 11).</p> <p>“Vivemos no mundo das aparências, com um grande individualismo, e uma grande vontade de “vencer”, o que faz com que não se olhe a meios.          E a obra “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” pode contribuir de uma forma positiva explicando de uma forma real e com exemplos as verdadeiras acções.          E demonstra que o importante é o que temos cá dentro e que devemos agir segundo aquilo que a nossa consciência nos pede” (Sujeito 17).</p>
<p><b>A aplicação das máximas da lei moral na actualidade:</b></p>	<p>“(…) Ao utilizarmos as máximas, podemos analisar quantas vezes essas máximas ficam em descrédito; por exemplo, não se deve fazer falsas promessas para que as pessoas possam sempre confiar em nós – e o que fazem os políticos na sua campanha além de falsas promessas?          Não devemos fazer uma boa acção para obtermos um reconhecimento, mas porque gostamos de a fazer e isso faz com que nos sintamos bem connosco próprios, mas quantas pessoas, principalmente as chamadas “vips” e “jet set”, apenas têm uma acção digna de ser chamada boa, apenas para ficarem (ainda mais) bem vistos aos olhos do povo.          A este tipo de pessoas é que lhes deveria ter sido ensinados os conceitos de moral e ética... (...) como estamos a ser socializados até ao momento da nossa morte, pode ser que muitas pessoas nunca venham a aprender estes e outros conceitos” (Sujeito 21).</p> <p>“(…) Embora dificilmente seja cumprido o que a obra nos diz, na totalidade, luta-se para que seja possível um dia cumprir por inteiro” (Sujeito 28).</p> <p>“Todos (...) é uma obra de que podemos tirar uma lição e aplicá-la no quotidiano (...) a moralidade, a autonomia da vontade, são exemplos que podemos e devemos ter sempre presentes na nossa vida” (Sujeito 48).</p>

	<p><i>"(...)apesar de (...) hoje em dia estes valores se estarem a perder (...) o estudo desta obra pode ajudar a contribuir para que estes valores voltem a ser parte da sociedade e da vida de cada um"</i> (Sujeito 8).</p> <p><i>"(...) a ideia que a obra consegue passar (...) o impacto da obra é maior. Na postura ética face aos outros, nos conhecimentos adquiridos, na tolerância face aos outros e na mudança dos comportamentos"</i> (Sujeito 7).</p> <p><i>" (...) Actualmente existe uma grande falta de noção do que realmente é a ética e no que consiste (...) através desta obra consegue-se ter uma ideia bastante concreta do que consiste a ética, em termos morais"</i> (Sujeito 12).</p> <p><i>"É difícil o homem alguma vez se adequar aos contributos da obra (...) pois esta engloba a moral, a lei moral, a ética com que agimos e é extremamente difícil para o homem cumprir essa lei"</i> (Sujeito 33).</p>
<p><b>Fins e meios:</b></p>	<p><i>"(...) na actualidade dão muito valor numérico a muita coisa (...) a coisas ou pessoas que deveriam ser mais importantes e na obra fala-se disso (...) não é moral atingir um fim através de um meio nem dar preços aos fins"</i> (Sujeito 23).</p> <p><i>"(...)Quando Kant afirmou que o valor dos seres humanos está acima de qualquer preço, tinha um juízo objectivo sobre o lugar dos seres humanos na ordem das coisas. Isso significa que temos o dever estrito de beneficiência relativamente às outras pessoas, temos de lutar para promover a moral e a ética (...)"</i> (Sujeito 5).</p> <p><i>"O respeito por si e pelos outros. A consciência da dignidade do homem e o respeito por todo o ser humano. Saber usar bem a razão e o conhecimento, no sentido de ajudar a construir um mundo bom, humano e não a destruir o mundo, o ser humano"</i> (Sujeito 56).</p>
<p><b>Valores éticos e morais:</b></p>	<p><i>"(...) os valores éticos e morais que o homem precisa de ter em si para viver em sociedade e em paz consigo mesmo. Valores (...) que são fundamentais para contribuir para um bem-estar, tanto social, como principalmente familiar. (...) os valores éticos e morais são a chave para que o Homem se realize a nível pessoal ou individual e também ao nível colectivo ou em sociedade. Apesar de hoje em dia haver cada vez mais barreiras que limitam o homem a praticar tais valores, como (...): o consumismo, a ambição, a riqueza e o vício. (...) apesar desses fracassos, o Homem está consciente desses valores e só falta haver mais coragem para praticá-los em livre consciência e vontade, sem quaisquer interesses"</i> (Sujeito 52).</p> <p><i>"Na obra (...), Kant mostra-nos muitos aspectos da acção humana que podem ser vistos como contributos para a melhoria da humanidade em si. (...), os contributos mais marcantes são a lei moral, o imperativo categórico, a autonomia, a responsabilidade, a liberdade, entre outros. Kant mostra-nos a interligação entre estes conceitos tão importantes para a humanidade (seja na época em que a obra foi escrita como na actualidade), que tornaria a humanidade melhor e capaz de ver tudo unicamente como um fim, sem interesses, realizando-se o homem a si próprio"</i> (Sujeito 53).</p>
<p><b>Os que não sabem ou não querem pronunciar-se:</b></p>	<p><i>"Não sei"</i> (Sujeito 29).</p> <p><i>"Não sei"</i> (Sujeito 50).</p> <p><i>"Não sei responder"</i> (Sujeito 54).</p>

ANEXO 7b: Respostas dadas pelos alunos após o estudo da obra: a 2ª Questão

As respostas dadas à segunda questão "Acha que o estudo da obra "Fundamentação da Metafísica dos Costumes" pode ter alguns reflexos no seu comportamento ético e moral? Se sim, quais lhe parecem ser esses reflexos?"		
Sim.	Não.	A Ética e a Moral já eram conhecidas e aplicadas antes do estudo da obra. Precisava de mais tempo para confirmar a existência (ou não) de mudanças.
<p>"Sim (...) a obra é um incentivo neste sentido, e eu posso dizer que provocou alguns efeitos na minha mente e fez-me questionar certas atitudes minhas para com os outros, pode-se dizer que a fórmula de Kant: "Age de tal modo que a tua acção se possa transformar em lei universal" ajuda-nos a julgarmo-nos a nós próprios, às nossas atitudes e vontades (...) sinto que a obra tem influência no meu comportamento ético e moral" (Sujeito 1).</p> <p>"Acredito que sim! (...) sempre que aja, futuramente, com uma intenção menos boa, há-de vir à memória a leitura desta obra e nessa altura hei-de pensar que na realidade a obra "afectame". Poderá "afectar-me" não nas acções ou quem sabe mesmo nelas, mas mesmo que não afecte nas minhas acções há-de afectar e alertar na minha consciência" (Sujeito 10).</p> <p>"Sim. Em relação à boa vontade, à moral e forma de agir, esta obra fez-me pensar e repensar as minhas atitudes. Faz-nos ver que muitas vezes agimos por interesse, ou seja, para levarmos a nossa consciência e não por dever" (Sujeito 15).</p> <p>"Sim, podem ter alguns reflexos. (...) o meu comportamento pode-se modificar um pouco depois de ler a obra. O estudo da obra "ensinou-me" bastante, e fez-me ver bem como se deve agir. Antes de fazer algumas coisa penso sempre se estou a fazer bem, ou até mesmo antes de fazer procuro ir fazer bem sem qualquer intenção, só mesmo sem querer" (Sujeito 27).</p> <p>"Sim, alguma reflexão prévia antes de tomar determinadas atitudes ou mesmo antes de algumas acções" (Sujeito 28).</p>	<p>"O estudo da obra em questão não vai mudar em nada o meu comportamento (...) mesmo antes de conhecer Kant, essa já era a minha filosofia de vida, embora não contasse no meu dicionário os termos técnicos do filósofo. (...) gostei de saber que houve um homem que dedicou a sua vida a uma causa tão nobre, que é a procura da essência e do objectivo final da humanidade. Resta saber se lá chegaremos algum dia, ou se porventura nos tornaremos todos membros do clube dos alunos que não prestaram atenção às aulas de Kant" (Sujeito 4).</p> <p>"Não. Adquiri conhecimentos, conceitos novos, mas em nada alterou o meu comportamento" (Sujeito 11).</p> <p>"Por enquanto, não, continuo a comportar-me igualmente em relação à ética e moral, no entanto permite-me reflectir bastante em algumas acções" (Sujeito 34).</p> <p>"(...) não notei nenhuma</p>	<p>"(...) tenho um comportamento ético e moral adequado segundo com a minha consciência (racionalidade), (...) claro que a obra através dos seus exemplos e conceitos relembrou como a nossa maneira de agir é importante, e como é fácil acabar por tomar uma atitude que acaba por estar errada" (Sujeito 17).</p> <p>"(...) esta obra dá-nos umas luzes do nosso comportamento no dia-a-dia (...) a obra dá-nos uma lição das nossas atitudes, mas todos nós já sabemos distinguir o bem do mal. E tal como se diz na 3ª secção, ao fazermos uma má vontade, já sabemos o que vamos fazer, pois a nossa consciência diz-nos o que é uma boa vontade" (Sujeito 21).</p> <p>"Por certo não terá grande influência no meu comportamento, uma vez que as minhas acções são baseadas na Ética e Moral, pautando-me por uma conduta o mais eticamente e moralmente possível" (Sujeito 26).</p> <p>"Não (...) sinto que vivo com dignidade, moralidade e ética. (...) tenho a consciência da dualidade da minha existência e sei definir e escolher sempre o</p>

"A leitura desta obra teve alguns reflexos pois obrigou-me a pensar melhor na responsabilidade do Homem em relação ao mundo e a si próprio. O que queremos ser e o que queremos que o mundo seja tem que ser influenciado por uma ética e moral dirigida para o bem" (Sujeito 29).

"Esta obra (e embora eu no princípio do estudo da mesma não estivesse muito convicto), marcou-me muito, pois fez-me ver a forma como agimos perante os outros e por nós mesmos, de maneira mais introspectiva e racional. Influenciado por Kant, actualmente quando realizo uma acção não espontânea, criada pelo hábito quotidiano, questiono-me a mim mesmo o móbil que nos faz agir de tal forma. Se ele existir e se estou a agir mais correctamente ou não para com os outros. Através desta obra é fácil observar porque Kant influenciou as revoluções liberais e a problemática dos direitos do homem. Gostei muito desta obra!" (Sujeito 32).

"Posso reflectir perante os pensamentos de Kant que sinto realmente que me mudam alguns aspectos éticos. (...) sinto vontade de ajudar o próximo sem entender porquê. Foi nesse aspecto que o livro mexeu nos meus comportamentos éticos" (Sujeito 37).

"Sim! Permite apreender a realidade de uma maneira de uma forma diferente, pode ser extensível à responsabilidade perante a natureza e as questões ecológicas e ainda que não possa ser aplicado não deixa de ser importante" (Sujeito 7).

"Sim, porque com a apreensão dos conhecimentos adquiridos nesta obra, penso mais quando tenho que agir, ou seja, nas acções que praticamos no dia-a-dia. Principalmente quando me confronto com o acto de dar esmola ou não, de ajudar os outros e porquê" (Sujeito 8).

"Sim, uma melhor compreensão de outras pessoas, o meu próprio comportamento e perceber a ética e a moral de outras pessoas" (Sujeito 20).

"Sem dúvida que sim. Embora considere a obra confusa, é possível retirar dela alguns ensinamentos que se reflectem no meu comportamento ético e moral. Estes ensinamentos fazem com que no meu comportamento diário seja mais tolerante em relação aos outros" (Sujeito 42).

alteração no meu comportamento depois de ter estudado a obra, mas admito que possa ter acontecido" (Sujeito 54).

"Directamente penso que não, porque a nossa maneira de ser não altera logo tão de repente quanto à leitura da obra; mas que apresenta muitos pontos que no dia-a-dia podemos pôr em prática. Como a ética no trabalho, nas acções e a moralidade com que actuamos perante os que nos rodeiam (...)" (Sujeito 33).

"Acho que não vai ter reflexos alguns, visto ter uma ideia muito própria de ambos os conceitos" (Sujeito 57).

caminho da moral e da ética. A obra foi aliciante ao saber que há séculos que se pensa como eu, ou que eu penso e vivo como há séculos se quer viver. Viver e não sobreviver; por isso não mudou o meu comportamento, mas sim com toda a certeza enriqueceu o meu conhecimento interior e validou as minhas crenças" (Sujeito 5).

"Reflexos sim, mas não muda a minha maneira de viver a vida (...) eu fui educada com princípios e moral, logo, muito do que eu estudei da obra não é novidade para mim e assemelha-se bastante ao meu comportamento. (...) quando Kant enuncia as duas máximas "Trata o próximo como um fim e não como um meio" e "Age segundo uma máxima que possa ser universal". A minha máxima é "Não faças aos outros aquilo que não gostas que te façam a ti" o que se assemelha com a primeira máxima que referi de Kant" (Sujeito 36).

"(...) veio sustentar o meu comportamento ético e moral" (Sujeito 46).

"Talvez, não sei, só conforme os acontecimentos do dia-a-dia é que podemos deparar-nos com situações que talvez antes de lermos a obra fariamos de forma diferente" (Sujeito 23).

"(...) creio que o estudo desta obra despertou o interesse pelo tema e pela Filosofia do autor, mas acho que seria necessário mais tempo e também a leitura de outras obras do mesmo autor para que isso se reflectisse no comportamento. Mas com certeza que o estudo desta

*"(...) sim, a maneira de agir e de nos comportarmos perante os outros e com as diversas situações que nos possam surgir" (Sujeito 48).*

*"Sim, porque nos faz agir de modo diferente, e mesmo que não consiga alterar o nosso comportamento, faz-nos pensar antes de agir" (Sujeito 50).*

*"Sim, tornámo-nos mais pessoas, somos mais dignos. Nós teremos mais capacidades de superar os nossos actos. Quando os homens pensam em guerra, têm de pensar e reflectir, porque não se devem fazer guerras, é desleal, a paz tem de ser assegurada no mundo, por toda a parte onde nós estamos. Nós todos queremos saber se o homem é capaz de ter os seus juízos de valor dignos e que todos os homens se liguem e não destruam a natureza e os valores que todos nós cultivamos como forma do bem/de bem" (Sujeito 51).*

*"(...) depois de estudar esta obra, consigo ter mais noções do que é a ética e a moral. Acredito que possa influenciar de alguma maneira a minha maneira de pensar e de agir, perante a realidade actual e perante as outras pessoas" (Sujeito 12).*

*"Sim. No fundo, eu sei qual deve ser o meu comportamento ético e moral. (...) a verdade é que por vezes nos deixamos ir ao sabor da corrente. Em cada momento da nossa vida, é bom lembrar. Nos dias de hoje tenho pensado concretamente no respeito pelo outro. Porque nesta sociedade vive-se numa competição, em tudo é possível estar acima do outro para salvar a minha imagem" (Sujeito 56).*

*"(...) a obra foi um pouco confusa por causa da sua linguagem. (...) mesmo assim sendo achei-a muito interessante e indispensável para o nosso comportamento diário. Através da obra, conheci umas ideias que me podem ser muito úteis, tais como as acções por dever, percepção dos outros e a liberdade da vontade. Até às vezes acontece que antes de fazer alguma coisa, o meu raciocínio põe-me a pensar se faço ou me comporto de maneira que a minha máxima se possa considerar lei universal. Nunca reparava nisso antes, mesmos sabendo as regras morais e éticas*

*obra nos faz pensar diariamente sobre as nossas acções e principalmente desperta o interesse de continuar a ler outras obras de Kant" (Sujeito 24).*

*"O ser humano tenta sempre evoluir de forma a tornar-se mais digno. Apesar de ainda não ter totalmente definidos os meus ideais, há alguns que já estão demasiadamente vincados e é difícil libertarmo-nos deles. Existem também vários conceitos da obra que, apesar de eu ser capaz de os perceber e até de certa forma os analisar a partir do exterior e friamente sou capaz de os achar justos, mas pessoalmente não os faria. Porque é normal valorizarmos mais aquilo que nos rodeia. Para que uma obra como esta tenha reflexos comportamentais ao nível ético e moral, têm de ser ensinados logo a partir da primária" (Sujeito 3).*

que toda a gente sabe.

(...) acho que a obra não pode ser estudada se causar quaisquer efeitos (...) acabei por captar as ideias e conhecimentos que eram desconhecidos para mim antes de conhecer a obra de Kant" (Sujeito 31).

"(...) sim, apesar de ter tido uma educação em que prevaleceram esses valores éticos e morais, o estudo da obra veio fortalecer a minha consciência em relação a esses valores. No mundo complicado em que nós vivemos, com tantos obstáculos e diferentes caminhos, é importante que nós tenhamos valores dignos e honestos para nós próprios e para com os outros. O estudo da obra veio fazer sobressair esses valores e quem sabe, aplicá-los com maior frequência e livre vontade, como também no aspecto familiar, a educação e a transmissão desses valores para os nossos filhos seja fundamental.

(...) o estudo da obra (...) veio (...) completar e aprofundar o meu comportamento ético e moral no seio da sociedade, como também no meio familiar e por fim, ao nível pessoal" (Sujeito 52).

"Sim, acho que a obra(...) poderá ter alguns reflexos no comportamento ético e moral de quem a lê, estudo ou fala acerca da mensagem transmitida pela obra. (...) a obra fez com que as pessoas ponderem acerca da sua maneira de estar e de agir em relação às outras pessoas, a não ver os outros somente como "utensílios" para se conseguir alcançar o que se deseja; a respeitar os outros enquanto pessoas e ser mais tolerantes uns com os outros" (Sujeito 53).

**ANEXO 8: Dados referentes aos resultados do Inquérito por questionário aplicados aos alunos: as Tabelas**

**Tabela 1 – Dados pessoais dos sujeitos inquiridos:**

	<b>Sexo</b> %	<b>Idade</b> %	<b>Situação Profissional</b> %
<b>Feminino</b>	56,6		
<b>Masculino</b>	43,4		
<b>Menos de 25 anos</b>		64,5	
<b>Entre 26 e 30 anos</b>		22,4	
<b>Entre 31 e 35 anos</b>		1,3	
<b>Mais de 36 anos</b>		11,8	
<b>Estudante a tempo inteiro</b>			25,0
<b>Trabalhador estudante</b>			69,7
<b>Já trabalhou, mas encontra-se temporariamente sem trabalho.</b>			3,9
<b>Não respondeu</b>			1,3

**Tabela 2: Profissões exercidas pelos alunos que responderam ao inquérito:**

<b>Profissões exercidas pelos alunos:</b>	<b>Número de casos encontrados:</b>
Promoções, Publicidade	1
Restauração	2
Imobiliária	1
Turismo	2
Construção Civil	2
Informática	1
Ensino e acção educativa	3
Impressão digital e consumíveis de publicidade	1
Seguros	1
Funcionário Público	2
Atendimento C.T.T.	1
Secretariado	1
Área de Hotelaria	1
Técnica de laboratório	1
Ação Social	1
Comércio	3
Militar da GNR	1
Técnica de Saúde	1
Contabilidade	1
Escriturária	2
Venda de automóveis usados	1
Operador de mangas – Aeroporto	1
Gerente de Tabacaria e papelaria	1
Lojista	1
Área administrativa de empresa na área de promoção imobiliária	1
Área comercial	1

**Tabela 3 – Modalidades de contacto com a Filosofia de Kant:**

	<b>Sim %</b>	<b>Não %</b>	<b>Não respondeu %</b>
<b>Através de aulas do Ensino Recorrente</b>	96,1	2,6	1,3
<b>Através de aulas do Ensino Diurno</b>	13,2	17,1	69,7
<b>Através de amigos e colegas</b>	18,4	11,8	69,7
<b>Através do professor de Filosofia</b>	72,4	1,3	26,3
<b>Outra</b>	6,6	_____	93,4

**Tabela 4 – Modalidade de contacto com a obra (FMC):**

	<b>Sim %</b>	<b>Não %</b>	<b>Não respondeu %</b>
<b>Através de aulas do Ensino Recorrente</b>	94,7	1,3	3,9
<b>Através de aulas do Ensino Diurno</b>	6,6	17,1	23,7
<b>Através de amigos e colegas</b>	14,5	14,5	71,1
<b>Através do professor de Filosofia</b>	64,5	1,3	34,2
<b>Outra</b>	5,3	_____	93,4

**Tabela 5 – Motivos que levaram ao estudo da obra (FMC):**

<b>Motivos que levaram ao estudo da obra:</b>	<b>Concordo totalmente: %</b>	<b>Concordo: %</b>	<b>Concordo parcialmente: %</b>	<b>Discordo: %</b>	<b>Discordo totalmente: %</b>
passar para a unidade seguinte	75	14,5	7,9	1,3	1,3
fazer o 12º ano	76,3	17,1	3,9	2,6	0
necessidades individuais	7,9	19,7	30,3	21,1	15,8
Por ser uma obra de estudo obrigatório	48,7	23,7	15,8	5,3	2,6
os conceitos vão estar presentes no curso a seguir	9,2	9,2	22,4	21,1	34,2
Necessidades determinadas pela progressão ao nível profissional	11,8	9,2	25,0	27,6	22,4
Necessidade de actualização nas várias áreas do conhecimento	10,5	25,0	38,2	17,1	7,9
Curiosidade pessoal acerca dos temas em análise	6,6	26,3	35,5	18,4	7,9
Troca de impressões com colegas	5,3	18,4	23,7	31,6	14,5
Outros	2,6	_____	_____	_____	_____

**Tabela 6 – Mudança de comportamento ético dos alunos devido ao estudo da obra:**

Sim %	Não %	Não respondeu %
43,4	55,3	1,3

**Tabela 7 – Motivos que determinaram a mudança de comportamento ético:**

Motivos que levaram à mudança de comportamento:	Concordo totalmente: %	Concordo: %	Concordo parcialmente: %	Discordo: %	Discordo totalmente: %
O comportamento raramente pode ser alterado pela leitura de um filósofo	1,3	5,3	13,3	23,7	11,8
Em função da experiência que adquiri	7,9	17,1	15,8	3,9	1,3
Em função dos conhecimentos que adquiri	13,2	21,1	10,5	1,3	_____
Em função dos colegas com quem me relacionei	2,6	10,5	10,5	13,2	5,3
Em função do que estudei	7,9	22,4	11,8	1,3	_____
Por condicionalismos na vida pessoal	3,9	13,2	18,4	5,3	2,6
Em função do modo como os professores transmitem a matéria	11,8	18,4	6,6	2,6	2,6
Outros	_____	_____	1,3	_____	_____

**Tabela 8 – Considerações relativamente à clareza da linguagem utilizada na obra (FMC):**

A linguagem da obra é:	Concordo totalmente: %	Concordo: %	Concordo parcialmente: %	Discordo: %	Discordo totalmente: %
Muito clara	6,6	10,5	19,7	38,2	17,1
Pouco clara	14,5	23,7	22,4	27,6	3,9
Confusa	13,2	25,0	26,3	22,4	5,3
Difícil	15,8	18,4	30,3	21,1	6,6
Pouco actual	6,6	14,5	26,3	27,6	17,1
Interessante	23,7	28,9	26,3	15,8	2,6
Necessária	19,7	22,4	34,2	10,5	2,6
Outra	1,3	1,3	_____	_____	_____

**Tabela 9** – Lista dos conceitos considerados mais relevantes na obra (FMC):

<b>Conceitos mais relevantes:</b>	<b>Concordo totalmente: %</b>	<b>Concordo: %</b>	<b>Concordo parcialmente: %</b>	<b>Discordo: %</b>	<b>Discordo totalmente: %</b>
<b>Ética formal</b>	14,5	35,5	35,5	7,9	—
<b>Ética e Moral</b>	40,8	38,2	17,1	1,3	—
<b>Ideia de Deus</b>	7,9	25,0	38,2	15,8	6,6
<b>Imperativo Categórico</b>	40,8	21,1	25,0	1,3	6,6
<b>Lei Moral</b>	47,4	28,9	15,8	1,3	6,6
<b>Liberdade</b>	51,3	26,3	11,8	3,9	1,3
<b>Tornar-se pessoa</b>	39,5	27,6	17,1	6,6	2,6
<b>Toda a mensagem da obra</b>	26,3	28,9	27,6	10,5	1,3
<b>Autonomia da vontade</b>	39,5	27,6	22,4	6,6	—
<b>Responsabilidade</b>	38,2	27,6	21,1	5,3	2,6
<b>Outros</b>	1,3	—	—	—	—

**Tabela 10** – Importância dada aos conceitos da obra para a sua melhor compreensão:

<b>Importância dos conceitos:</b>	<b>Concordo totalmente: %</b>	<b>Concordo: %</b>	<b>Concordo parcialmente: %</b>	<b>Discordo: %</b>	<b>Discordo totalmente: %</b>
ter uma educação religiosa pode levar o aluno a perceber melhor os conteúdos	5,3	10,5	31,6	31,6	19,7
é necessário ter maturidade para os entender	25,0	34,2	25,0	9,2	6,6
a ética e a moral de Kant são importantes ainda hoje	47,4	22,4	25,0	2,6	2,6
são relevantes para prosseguir estudos superiores	21,1	27,6	28,9	14,5	5,3
os conceitos apreendidos na obra ajudam a viver melhor	15,8	25,0	38,2	18,4	2,6
os conceitos de Kant ajudam a entender melhor os outros	14,5	26,3	42,1	10,5	3,9
os conceitos de Kant têm actualidade independentemente do que se estuda	22,4	31,6	26,3	17,1	1,3
a realidade actual não tem nada a ver com o universo de Kant	9,2	13,2	34,2	25,0	17,1
a lei moral não pode ser aplicada na totalidade	19,7	23,7	30,3	21,1	3,9
conhecer os conceitos de Kant torna os seres humanos melhores	22,4	30,3	27,6	15,8	2,6
a obra de Kant tornou-me mais tolerante	9,2	18,4	34,2	27,6	9,2
a lei moral torna-nos mais tolerantes	17,1	25,0	36,8	13,2	6,6
Outra	1,3	—	—	—	1,3

**Tabela 11 – Importância dada ao estudo da ética:**

<b>Importância da Ética:</b>	<b>Concordo totalmente: %</b>	<b>Concordo: %</b>	<b>Concordo parcialmente: %</b>	<b>Discordo: %</b>	<b>Discordo totalmente: %</b>
a ética é dispensável	11,8	7,9	11,8	28,9	39,5
a ética está relacionada com a qualidade de vida	17,1	23,7	36,8	15,8	6,6
a ética está relacionada com a dignidade	31,6	35,5	28,9	3,9	—
a ética está relacionada com a felicidade	19,7	19,7	34,2	18,4	5,3
todas as pessoas devem ter conhecimento da ética para viver melhor	28,9	32,9	31,6	1,3	5,3
quando se fala em ética, fala-se na relação com os outros	30,3	28,9	30,3	6,6	2,6
quando se fala em ética fala-se também da relação com a natureza	22,4	44,7	22,4	5,3	2,6
não se pode viver sem ética	35,5	22,4	28,9	7,9	3,9
no mundo actual a ética é fundamental	42,1	35,5	17,1	3,9	—
a ética diz respeito ao melhor relacionamento que podemos ter com os outros	31,6	25,0	34,2	6,6	1,3
a ética diz respeito aos problemas ecológicos	15,8	17,1	42,1	18,4	5,3
a ética relaciona-se com a cidadania responsável	23,7	32,9	35,5	6,6	—
não pode haver democracia sem ética	32,9	35,5	21,1	5,3	1,3
todas as leis devem ter em conta a ética	36,8	38,2	22,4	1,3	—

**Tabela 12 – Maiores dificuldades consideradas no estudo da obra FMC:**

<b>Dificuldades encontradas:</b>	<b>Muito difícil: %</b>	<b>Difícil: %</b>	<b>Dificuldade média: %</b>	<b>Fácil: %</b>	<b>Muito fácil: %</b>
conceitos gerais da obra	11,8	22,4	46,1	14,5	3,9
estrutura geral da obra	7,9	34,2	43,4	10,5	2,6
falta de actualidade dos assuntos	6,6	21,1	39,5	25,0	5,3
falta de adequação à realidade	9,2	19,7	35,5	25,0	7,9
forma como está escrita	19,7	32,9	31,6	14,5	-----

**Tabela 13 – Maior actualidade dos conceitos tratados na obra:**

<b>Conceitos tratados na obra:</b>	<b>Muito actual: %</b>	<b>Actual: %</b>	<b>Relativamente actual: %</b>	<b>Nada actual: %</b>	<b>Completamente desactualizada: %</b>
autonomia da vontade	27,6	27,6	35,5	7,9	1,3
boa vontade	28,9	42,1	19,7	9,2	-----
dignidade da pessoa humana	47,4	35,5	11,8	5,3	-----
ética e Moral	30,3	39,5	25,0	5,3	-----
felicidade	35,5	31,6	21,1	6,6	3,9
ideia de Deus	11,8	36,8	31,6	13,2	5,3
imperativo Categórico	13,2	27,6	31,6	17,1	9,2
lei Moral	23,7	28,9	30,3	15,8	-----
liberdade	51,3	19,7	17,1	11,8	-----
projecto de cada ser humano para se tornar pessoa	23,7	34,2	28,9	11,8	-----
responsabilidade	47,4	28,9	17,1	5,3	-----
universalidade da lei moral	18,4	28,9	31,6	18,4	1,3

**Tabela 14 – Ordenação de prioridades relativamente aos efeitos da leitura e do trabalho com base na obra (FMC) nos alunos:**

<b>Afirmações:</b>	<b>1ª</b>	<b>2ª</b>	<b>3ª</b>	<b>4ª</b>	<b>5ª</b>	<b>6ª</b>	<b>7ª</b>	<b>8ª</b>
	<b>escolha</b>	<b>escolha</b>	<b>escolha</b>	<b>escolha</b>	<b>escolha</b>	<b>escolha</b>	<b>escolha</b>	<b>escolha</b>
	<b>N</b> <b>%</b>	<b>N</b> <b>%</b>	<b>N</b> <b>%</b>	<b>N</b> <b>%</b>	<b>N</b> <b>%</b>	<b>N</b> <b>%</b>	<b>N</b> <b>%</b>	<b>N</b> <b>%</b>
<b>Permite apreender a realidade de uma forma diferente</b>	27,6	14,5	11,8	7,9	15,8	11,8	9,2	1,3
<b>Tem implicações no estudo do Direito e da Legislação</b>	3,9	9,2	6,6	14,5	14,5	11,8	19,7	19,7
<b>Possibilita um maior desenvolvimento de raciocínio</b>	25,0	15,8	14,5	13,2	11,8	10,5	7,9	1,3
<b>Apenas serve para passar para a unidade seguinte</b>	9,2	7,9	3,9	7,9	6,6	13,2	6,6	44,7
<b>Os saberes teóricos podem ser traduzidos na prática</b>	7,9	15,8	21,1	18,4	13,2	7,9	11,8	3,9
<b>Tem implicações nos direitos humanos</b>	15,8	19,7	23,7	14,5	9,2	10,5	2,6	2,6
<b>Pode ser extensível à responsabilidade perante a natureza e as questões ecológicas</b>	5,3	13,2	9,2	13,2	17,1	15,8	15,8	10,5
<b>Ainda que não possa ser aplicado não deixa de ser importante</b>	5,3	5,3	9,2	10,5	10,5	18,4	26,3	13,2

**Tabela 15 – Ordenação de prioridades relativamente ao impacto do estudo da obra (FMC) nos alunos:**

Impacto do estudo da obra em:	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	9ª	10ª	11ª	12ª
	escolha	escolha	escolha	escolha	escolha	escolha	escolha	escolha	escolha	escolha	escolha	escolha
	N %	N %	N %	N %	N %	N %	N %	N %	N %	N %	N %	N %
Desenvolvimento de competências	11,8	1,3	3,9	6,6	5,3	6,6	10,5	10,5	3,9	9,2	10,5	18,4
Capacidade de raciocínio	14,5	5,3	2,6	6,6	3,9	11,8	7,9	7,9	13,2	9,2	6,6	9,2
Atitude reflexiva	5,3	9,2	6,6	3,9	13,2	9,2	11,8	5,3	6,6	11,8	7,9	7,9
Postura ética face aos outros	9,2	19,7	10,5	9,2	6,6	6,6	6,6	7,9	3,9	9,2	5,3	3,9
Atitude moral do dia-a-dia	18,4	15,8	9,2	10,5	10,5	2,6	2,6	5,3	5,3	3,9	10,5	3,9
Conhecimentos adquiridos	11,8	9,2	10,5	6,6	9,2	6,6	6,6	2,6	7,9	6,6	11,8	6,6
Mancira de viver em geral	5,3	2,6	13,2	13,2	6,6	11,8	11,8	3,9	7,9	10,5	6,6	2,6
Comportamento diário	3,9	13,2	7,9	14,5	6,6	3,9	3,9	9,2	7,9	14,5	7,9	3,9
Forma de perceber a realidade	2,6	7,9	11,8	9,2	9,2	7,9	5,3	9,2	12,2	6,6	11,8	3,9
Tolerância face aos outros	2,6	5,3	9,2	10,5	10,5	7,9	11,8	14,5	5,3	9,2	5,3	5,3
Mudança dos comportamentos	13,2	5,3	5,3	7,9	5,3	7,9	14,5	5,3	6,6	5,3	5,3	15,8
Capacidade de relacionamento com os outros	2,6	3,9	9,2	3,9	9,2	15,8	5,3	14,5	13,2	2,6	6,6	9,2

**ANEXO 9: Categorias encontradas nas respostas obtidas à questão aberta do questionário (a questão nº 12)**

**Análise das respostas obtidas à questão 12 do inquérito: “Se pudesse definir a obra “Fundamentação da Metafísica dos Costumes”, o que diria?”**

Categorias encontradas. A obra é considerada como:	Respostas dos sujeitos inquiridos:
Útil:	<p>“Foi bom aprender, tudo o que se aprende é bom para nós, ou seja, para o nosso raciocínio” (Sujeito 1).</p> <p>“Foi uma obra que nos ajudou a compreender Kant, a sua forma de pensar” (Sujeito 2).</p> <p>“Uma obra bem estruturada” (Sujeito 41).</p> <p>“Pura, vai ao cerne do pensamento” (Sujeito 42).</p> <p>“É muito útil para mudar os nossos comportamentos em relação aos outros” (Sujeito 50).</p>
Possibilita a orientação na vida:	<p>“Um pouco difícil, mas gostei um bocadinho, deu para falar um pouco da nossa relação do dia-a-dia, com a maneira de ver o mundo, a ideia que cada um tem daquilo que vamos aprendendo” (Sujeito 3).</p> <p>“Ótima para termos a certeza do que devemos fazer ou agir de maneira a termos uma vida mais responsável e pacífica” (Sujeito 5).</p> <p>“Sério esforço por compreender racionalmente valores subjectivos que regem o comportamento humano” (Sujeito 15).</p> <p>“É uma obra que nos faz reflectir sobre a nossa vida e os nossos comportamentos” (Sujeito 17).</p> <p>“Leis formais que deram origem a uma melhor compreensão de conceitos para estabelecer leis de direito Internacional” (Sujeito 30).</p> <p>“A “Fundamentação da Metafísica dos Costumes” é uma obra que nos ensina as coisas da vida” (Sujeito 34).</p> <p>“Foi uma tentativa de formular uma máxima que fizesse as pessoas raciocinarem e fazerem a sua própria escolha sobre o que fazer” (Sujeito 49).</p> <p>“É uma obra com algum interesse, mas que na minha filosofia não se adapta a 100%, pois para mim um dever nunca poderia levar à minha realização pessoal. Para mim, a moral é muito mais do que um dever, mas se calhar, a noção de dever para Kant não é igual à minha. Para mim, a moral é uma lei universal sim, mas tem que fazer parte da essência do ser humano, ou seja, eu faço isto porque é o que a minha essência me pede, para ser livre e feliz perante todos os homens, tem que partir de uma realização pessoal, realização essa que só pode ser válida, se não for em prejuízo de ninguém nem de nada. Não sei se me fiz entender, espero que sim. Um dever para mim é algo que me aprisiona. Se a minha essência me pedir para eu</p>

	<p>viver de acordo com as leis universais, então eu estou verdadeiramente a viver de acordo com as leis universais" (Sujeito 57).</p> <p>"Guia prático para o desenvolvimento moral e cultural da raça humana" (Sujeito 75).</p>
<b>Difícil:</b>	"Teórica e difícil" (Sujeito 10).
<b>Importante:</b>	"Importante e actual. Profunda e humana" (Sujeito 7).
<b>Indispensável:</b>	<p>"Diria que é indispensável a sua leitura" (Sujeito 16).</p> <p>"É uma obra que todas as pessoas deviam ler, é uma obra acessível e faz com que nós pensemos um pouco em tudo o que nos rodeia" (Sujeito 26).</p> <p>"Talvez uma forma de manual de instruções para o que se deveria utilizar da nossa moral no dia-a-dia – manual do utilizador moral" (Sujeito 28).</p> <p>"Deve ser lida por todos os alunos do 12º ano" (Sujeito 43).</p> <p>"Se a pudesse definir possivelmente diria que esta deveria ser um ponto de passagem obrigatório em todos os estabelecimentos de ensino e em todos os cursos, pois ajuda e muito na construção pessoal de cada um de nós. Abre-nos novos horizontes e novas maneiras de ver o mundo" (Sujeito 44).</p> <p>"Uma obra que vale a pena ler" (Sujeito 45).</p>
<b>Fácil:</b>	"É uma obra de leitura fácil" (Sujeito 23).
<b>Desagradável:</b>	"Não gostei da obra" (Sujeito 18).
<b>Antiquada e ultrapassada:</b>	<p>"Pouco actual e desconhecida" (Sujeito 6).</p> <p>"Confusa e pouco actual" (Sujeito 8).</p> <p>"Difícil e confusa" (Sujeito 9).</p> <p>"Difícil e pouco actual" (Sujeito 11).</p> <p>"Importante para o seu tempo. Hoje é preciso outra linguagem" (Sujeito 12).</p> <p>"Difícil e pouco actual" (Sujeito 13).</p> <p>"Fundamental para o seu tempo. Hoje não" (Sujeito 14).</p>
<b>Interessante:</b>	<p>"A obra é interessante pois fala muito de temas que fazem reflectir acerca dos assuntos da nossa vida" (Sujeito 19).</p> <p>"É acessível, mas para se perceber é preciso estudar e compreender" (Sujeito 20).</p> <p>"Diria que é algo muito inteligente, objectiva e de grande competência em virtude da data da sua escrita sendo muito útil hoje e para sempre" (Sujeito 22).</p>

	<p><i>"É uma obra de difícil apreensão, mas de conteúdo actual" (Sujeito 24).</i></p> <p><i>"É interessante, mas um pouco complexa" (Sujeito 25).</i></p> <p><i>"Uma obra muito interessante e necessária" (Sujeito 27).</i></p> <p><i>"Uma obra muito interessante" (Sujeito 31).</i></p>
<b>Interessante mas difícil:</b>	<p><i>"A obra é interessante, contém conceitos importantes para o desenvolvimento pessoal e poderá ajudar-me no quotidiano" (Sujeito 32).</i></p> <p><i>"É uma obra de cariz importante, pois trata da Ética e da moral que fazem parte da vida de todos e é fundamental conhecer" (Sujeito 59).</i></p> <p><i>"Defino a obra como muito complicada, mas vale a pena!" (Sujeito 60).</i></p> <p><i>"A obra revela ter bastante interesse em termos de pensamento, raciocínio intelectual e auto-avaliação pessoal" (Sujeito 61).</i></p> <p><i>"Achei uma obra muito interessante, só é pena ser pouco tempo. É uma obra que mostra o caminho do idealismo" (Sujeito 54).</i></p> <p><i>"É muito importante, dá-nos uma ideia de como agir, do que é correcto ou não, é um estudo interessante" (Sujeito 55).</i></p> <p><i>"É uma obra interessante, bastante reflexiva, com excelente conteúdo, mas com termos e relacionamento entre eles de difícil compreensão" (Sujeito 66).</i></p>
<b>Impraticável:</b>	<p><i>"Obra pouco actual, que embora não permita aplicar no dia-a-dia as suas mensagens, não deixa de ser interessante mas confusa" (Sujeito 70).</i></p> <p><i>"É uma obra bastante interessante mas muito complicada ao nível da linguagem, de expressões e de teorias" (Sujeito 36).</i></p> <p><i>"Achei a obra bastante acessível, com algumas dificuldades mas ultrapassáveis, mas num contexto geral é uma avaliação positiva" (Sujeito 38).</i></p> <p><i>"Diria que é uma unidade muito interessante, mas difícil e muito confusa" (Sujeito 46).</i></p> <p><i>"É interessante, mas para estudá-la exige bastante de nós" (Sujeito 48).</i></p>
<b>Moral:</b>	<p><i>"Uma tentativa frustrada de ultrapassar o empirismo ético e moral. Bem construída na teoria, totalmente impraticável na prática" (Sujeito 29).</i></p> <p><i>"A obra é baseada em princípios que realizados promoveriam a paz em todo o mundo – mas nos dias de hoje esses princípios são impossíveis de pôr em prática a 100%" (Sujeito 51).</i></p> <p><i>"Moralidade que engloba experiência, razão e sobretudo universalidade" (Sujeito 35).</i></p> <p><i>"É uma forma de percebermos como a questão da moral influencia toda a nossa vivência" (Sujeito 37).</i></p> <p><i>"A maneira possível de um melhor relacionamento entre pessoas" (Sujeito 39).</i></p>

	<p><i>"É uma obra a ter em consideração para formação da moral humana" (Sujeito 40).</i></p> <p><i>"É importante para o relacionamento com os outros" (Sujeito 47).</i></p> <p><i>"Que a Ética e a Moral, apesar de serem máximas universais, dependem somente do raciocínio individual do homem" (Sujeito 52).</i></p>
<b>Actual:</b>	<p><i>"Um alerta: Chama-nos a atenção para determinados aspectos que ignoramos frequentemente" (Sujeito 53).</i></p> <p><i>"Gostei muito da obra, na sua maior parte é actual, é pena a classe política em geral, ser demasiado "técnica" e não humanitária" (Sujeito 56).</i></p> <p><i>"Diria que a obra se resume numa tentativa de consciencialização de comportamentos entre os indivíduos" (Sujeito 58).</i></p> <p><i>"Penso que a obra se poderá definir num meio que nos fará agir de forma mais sensata e acertada para as diversas situações que nos poderão surgir na vida, ou seja, agir da melhor forma em conformidade com as várias naturezas das situações" (Sujeito 71).</i></p> <p><i>"A Fundamentação da Metafísica dos Costumes é necessária para fundamentar racionalmente, justificar e legitimar a nossa conduta moral" (Sujeito 67).</i></p> <p><i>"Uma obra que evidencia a postura ética e a boa vontade do ser humano" (Sujeito 73).</i></p> <p><i>"É uma obra actual, que retrata a realidade de hoje em dia com a nossa forma de agir. A Lei moral é da máxima importância" (Sujeito 62).</i></p> <p><i>"Definiria como uma obra que abre os olhos do homem da sociedade actual em relação aos seus actos morais" (Sujeito 63).</i></p> <p><i>"É uma obra interessante que deve ser ensinada à sociedade em geral, principalmente às pessoas que só fazem as coisas por interesse e que não têm muito sentido de responsabilidade, dignidade e respeito pelos outros. Muitas vezes encontramos neste meio as pessoas da alta sociedade e dos bairros mais pobres. É na média sociedade que mais se encontram as pessoas que mais respeitam a lei moral e a ética sem nenhum interesse em vista. Nos bairros pobres não existe moral nem ética. Na alta sociedade só existem interesses" (Sujeito 64).</i></p> <p><i>"Diria que é uma obra muito actual, que toda a humanidade deveria ter conhecimento do conteúdo nela estudado, para que houvesse maior tolerância entre as pessoas e melhor relacionamento, conseqüentemente" (Sujeito 74).</i></p> <p><i>"É uma obra, para além de ser relativamente antiga, está completamente actual em relação à nossa sociedade" (Sujeito 76).</i></p>
<b>Ideal</b>	<p><i>"É uma obra que nos mostra que é possível acreditar que poderia existir uma lei moral universal que valesse para todas as pessoas, em todas as sociedades e em todos os tempos. Dar-lhe-ia o título: A realidade de sonho" (Sujeito 72).</i></p>

